




Coleção
Documentos

18

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



O ARQUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: FRAGMENTOS HISTÓRICOS E FOTOGRÁFICOS

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
LUIZ HENRIQUE TORRES**

O ARQUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: FRAGMENTOS HISTÓRICOS E FOTOGRÁFICOS





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

1º TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO – ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves
Luiz Henrique Torres

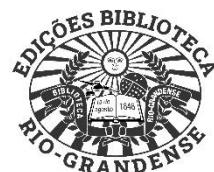
O ARQUIVO MONTENEGRO E A GUERRA DO PARAGUAI: FRAGMENTOS HISTÓRICOS E FOTOGRÁFICOS



- 18 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: fragmentos históricos e fotográficos

Autores: Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres

Coleção Documentos, 18

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Batalha e vitória de Campo Grande – Pedro Américo

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Abril de 2020

ISBN – 978-65-87216-00-3

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Luiz Henrique Torres é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras – História da Literatura (FURG). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou 86 livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

A publicação das *Efemérides* muito virá auxiliar-me no desempenho do compromisso que tomei perante o país. Dará a conhecer, em resumo, o que será o meu livro sobre o Paraguai, provocará a discussão, donde far-se-á a luz sobre muitos casos ainda obscuros e atrairá para o meu arquivo os dados que me faltam.

... há seis anos estudo esta questão com meticoloso cuidado e pretendo dentro de um prazo mais ou menos longo publicar o resultado de minhas investigações a respeito desse obscuro e confuso período histórico que, conquanto recente, é muito pouco conhecido nos quatro países que se viram envolvidos na luta provocada pelo marechal Solano Lopez.

José Arthur Montenegro

ÍNDICE

O ESCRITOR JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO, 11

ESTUDOS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI, 40

OS CARTÕES FOTOGRÁFICOS, 88

**O ESCRITOR JOSÉ ARTHUR
MONTENEGRO**

José Arthur Montenegro (1864-1901) teve uma múltipla atuação profissional. Começou como marítimo e, muito jovem, entre os quatorze e os dezesseis anos, estudou pilotagem, navegando pela costa brasileira. Viria a sair de sua província natal, o Ceará, promovendo uma mudança geográfica drástica em sua existência, ao mudar-se para o extremo-meridional do Brasil, cursando a Escola Militar, no Rio Grande do Sul, entre os dezessete e os vinte anos. Permaneceu no sul, servindo no exército até completar cinco lustros de existência. Daí em diante, deixou o serviço militar, vindo a atuar como amanuense e arquivista em empresa férrea que ligava a capital rio-grandense à fronteira. Aos trinta e três retornou ao Ceará, secretariando outra entidade ferroviária, mas aí permaneceu pouco tempo, retornando ao Rio Grande do Sul, obtendo ocupação novamente no ramo ferroviário. Fixando residência novamente na cidade gaúcha do Rio Grande, exerceu funções vinculadas à empresa encarregada da reestruturação viária citadina até o seu falecimento.

Ao lado de todas essas atividades que garantiram a existência individual e familiar, Montenegro desempenhou uma outra carreira. Esta não lhe rendia o vil metal que permitia o sustento, mas expressava sua verdadeira vocação. Notadamente a partir da segunda metade dos anos 1880, ele exerceu uma ativa vida intelectual, dedicando-se a pesquisar e escrever sobre assuntos variados relativos a diversas áreas do conhecimento humano, como a história, a geografia, a literatura e o jornalismo. Tal ação foi tão marcante que Arthur Montenegro contou com a aceitação e o reconhecimento junto a diversas

entidades científicas e culturais de sua época, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional.

Conciliando os encargos profissionais com a índole intelectual, Montenegro não poupou esforços para promover pesquisas, empreendendo incansável labuta na busca de documentação que corroborasse com a execução de seus trabalhos. Suas profissões não lhe trouxeram riqueza, mas sua vocação permitiu-lhe amealhar um enorme cabedal de saber. Estudou temas variados, mas seu assunto predileto era a Guerra do Paraguai, promovendo indeléveis investigações acerca de tal conflito. Tendo em vista os poucos recursos, os altos custos de edição e a prematura morte, não chegou a atingir seu intento de publicar uma volumosa obra sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Mesmo assim, conseguiu editar vários de seus trabalhos no formato de livro, seja como autor, tradutor, introdutor e/ou anotador; e também na condição de artigos jornalísticos que se espalharam por periódicos, mormente sul-rio-grandenses e cearenses.

Sua especialidade era a História Militar, demonstrando amplo conhecimento da temática, desde os tempos mais remotos, até os contemporâneos. Nesse sentido, estudou amplamente a Guerra do Paraguai, sobre a qual deve ter ouvido comentários desde a infância e juventude, vindo a buscar cada vez maior quantidade de informações, a partir da investigação histórica, fosse por meio da observação de documentos, fosse através de uma verdadeira rede de comunicações que estabeleceu, correspondendo-se com militares e estudiosos de várias partes do Brasil e do mundo. Sua formação e

ação militar também contribuíam para um melhor entendimento das questões em estudo. Além do conflito promovido entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, promoveu pesquisas a respeito de outros confrontos praticamente coetâneos a esta, como a guerra franco-prussiana e, um pouco mais tardio, o enfrentamento entre Chile, Peru e Bolívia. Também realizou estudos biográficos, literários e geográficos, estes no contexto rio-grandense-do-sul, brasileiro e americano.

As próprias vivências de José Arthur Montenegro, na conjuntura nacional e regional, tiveram significativas propensões militares. Ele mesmo passou por ações castrenses, notadamente na vigília da fronteira sul-rio-grandense, observando de perto as agitações revolucionárias uruguaias. No ano final de sua carreira no exército, conviveu com a proclamação da República, promovida a partir de um golpe militar, demarcando a partir de então uma decisiva participação da caserna nos destinos do país. Também observou os principais movimentos contestatórios que se rebelaram contra o modelo autoritário que plasmou os primeiros anos da nova forma de governo. Viu de longe as repercussões da Revolta da Armada, da qual vários participantes viriam a atuar no Brasil meridional, primeiro em Santa Catarina, depois no Rio Grande do Sul, aproximando-o das suas repercussões. No estado sulino, que adotou como lar, conviveu muito proximamente com a Revolução Federalista, guerra civil que combateu a ditadura castilhista. Ele chegou a enfatizar que não teve participação direta em tal confronto, mas inevitavelmente esteve próximo de suas consequências, mormente no que tange à beligerância como solução final para as diferenças políticas e ideológicas:

Coube-me a sorte de não mais pertencer ao exército quando se travou essa luta de irmãos contra irmãos; não tomei, portanto, parte alguma nos acontecimentos e, confesso, fugia até de ler nos jornais essas notícias que ainda hoje me enchem a alma de profunda tristeza.

E como me repugna tratar dessa guerra desastrosa de que foi teatro o Rio Grande do Sul, de que, mau grado meu, só incidentalmente tratei, prefiro que de mim se forme o mais desfavorável juízo como *rabiscador de crônica*, a entrar em discussão sobre tão pungente assunto.¹

Tantos convívios com questões militares podem ter sido um dos fatores que justificariam as predileções dos estudos de Montenegro. O Rio Grande do Sul foi uma das unidades brasileiras que mais contribuiu com contingentes e lideranças para os vários enfrentamentos bélicos nos quais o Brasil se envolveu, chegando o escritor a conviver com alguns dos veteranos da Guerra do Paraguai, fosse pessoalmente, fosse por meio de missivas, sistema que possibilitou contatos que ultrapassaram a fronteira do regional. Em uma República consolidada com os militares no poder, a busca por investigações a respeito do meio castrense avultava em importância, não é para menos que os dois primeiros presidentes, os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, tiveram participação na Guerra do Paraguai.

Além dessas inspirações de natureza bélica e militar, J. Arthur Montenegro encontrou um ambiente bastante propício na cidade do Rio Grande,

¹ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 113-114.

na qual exerceu boa parte de sua vida profissional. Como principal porto sul-rio-grandense, tal comuna cresceu a partir das lides mercantis, servindo como ponto de recepção de importações e escoadouro da produção pecuário-charqueadora gaúcha. Por décadas, a comunidade rio-grandina reivindicou renovações nas instalações portuárias, melhores condições de acesso marítimo e aprimoramento do sistema de transportes, de modo a estimular ainda mais o comércio. As empresas em que Montenegro trabalhou estavam diretamente ligadas a tais anseios. A partir do desenvolvimento econômico, a cidade do Rio Grande teve também uma evolução demográfica e um incremento cultural, criando uma conjuntura favorável às atividades intelectuais.

Desde 1846, a localidade portuária tinha um Gabinete de Leitura, precursor em termos rio-grandenses-do-sul, o qual viria a transformar-se, no final dos anos 1870, na Biblioteca Rio-Grandense, detentora de um acervo considerável no contexto brasileiro e consolidando sua ação cultural nas décadas finais dos Oitocentos. Nesta mesma época, a cidade do Rio Grande tinha uma imprensa à altura da praticada nas mais importantes cidades brasileiras de então, circulando de três a quatro periódicos diários, além de semanários voltados à caricatura, à literatura e a segmentos socioeconômicos e culturais específicos. Havia também a Livraria Americana que, além de suas funções editoriais, exercia também um papel cultural significativo, irradiando a importância da leitura e reunindo em torno de si vários representantes da intelectualidade. Entre eles estava Alfredo Ferreira Rodrigues, funcionário da livraria e historiador, que dedicou sua vida à pesquisa da Revolução Farroupilha.

Montenegro conviveu com tal ambiente, compartilhou ideias com essa intelectualidade e privou do companheirismo de Ferreira, com o qual interagiu sobre as formas de “fazer história” e amealhar documentos.

A ação no campo intelectual e cultural exercida por José Arthur Montenegro consolidou-se quando de sua morada no Rio Grande do Sul, coincidindo tal época com o apogeu de suas pesquisas e de seus escritos. Alguns biógrafos que se dedicaram a estudar os homens e mulheres de letras no contexto nacional e/ou regional não deixaram de destacar o papel de Montenegro. Tais estudos têm seus alcances e limites, vários acertos, mas alguns erros, entretanto as informações por eles trazidas constituem relevantes fragmentos que, somados entre si, servem para a formação de um mosaico explicativo acerca da biografia e da produção cultural do escritor.

Um dos mais importantes estudiosos nesse campo foi o baiano Augusto Victorino Alves Sacramento Blake que, além de biógrafo, atuou como médico, historiador e poeta. Sua mais importante e volumosa produção é o *Dicionário bibliográfico brasileiro*, obra de referência no campo do estudo de escritores. Sacramento Blake fazia parte do grupo de intelectuais com os quais Montenegro desenvolvia profícua correspondência e tal aproximação ficava evidenciada no detalhamento da biografia escrita pelo escritor baiano, mormente quanto às obras publicadas e os planos editoriais de Arthur Montenegro. Apesar disso, Blake lançou o ano de 1854, como o de nascimento do biografado, informação

que induziu a vários erros em estudos que se seguiram. Ainda assim, a riqueza de detalhes é a marca registrada do verbete².

00000

José Arthur Montenegro – Filho de Antônio Thiago de Mello e dona Maria Hermelinda Montenegro de Mello, nasceu em Uruburetama, atual estado do Ceará, a 20 de fevereiro de 1854. Viajou pelas costas do Brasil de 1878 a 1880, estudando pilotagem com seu tio político José M. de Amorim Bezerra e, deixando a carreira marítima, em 1881, entrou para o exército, matriculando-se na escola militar, onde fez o curso de preparatórios. Desligado da escola em fins de 1884, em consequência de perseguições políticas, e não podendo continuar seus estudos, apesar de esforços que para isso fez, resolveu-se, em 1889, a deixar o exército, sendo logo nomeado auxiliar de 1^a classe da comissão fiscal da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, cargo que ainda exerce. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e da de Lisboa, do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, do Instituto Geográfico Argentino, do Ateneu de Buenos Aires, do Centro Literário do Ceará, da Academia Cearense e da Associação Guerreiros do Paraguai. Dedicando-se

² BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.

com ardor a estudos de nossa história e geografia, empreendeu quase simultaneamente uma série de obras, das quais algumas se acham publicadas e outras em via de publicação. Eis as obras que escreveu:

- *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, oito volumes, sendo seis de texto, dois de anexos ou documentos justificativos, e mais um atlas com 75 mapas do teatro da guerra, cartas de batalhas, combates, perfis de fortificações, etc. Os seis primeiros se ocupam: o 1º, da origem da guerra; o 2º, da campanha de Mato Grosso; o 3º, da campanha do Rio Grande e Corrientes; o 4º, do cerco do Quadrilátero; o 5º, da campanha de Pikiciry; o 6º, da campanha da Cordilheira. Quanto aos mapas que são organizados e desenhados pelo próprio autor, de acordo com os membros da comissão de engenheiros, foram por mim e pelo conselheiro Alencar Araripe examinados no Instituto Histórico em agosto de 1894, quando o autor esteve nesta capital a chamado do governo, para consultar os documentos existentes nos arquivos públicos, relativos ao assunto. É ilustrada com fotografias, representando as principais batalhas de terra e mar (cópia de Vitor Meireles, Pedro Américo, De Martini e outros) e com cerca de dois mil retratos de oficiais dos quatro exércitos beligerantes, ministros, diplomatas, etc. Iniciada em 1888, tem sido interrompida muitas vezes em consequência de faltarem ao autor os dados necessários; hoje, porém, graças ao auxílio generoso de muitos particulares e do interesse manifestado pelos governos do Brasil, República Argentina e Paraguai, acha-se o autor de posse de todos os elementos necessários à execução do plano de sua

obra (aliás bastante adiantada), e pensa em terminá-la em 1897 ou 1898. Este livro de que o Brasil tanto carece, honra seu autor.

- *Campanhas do Uruguai e Paraguai, Efemérides*, também extraídas da obra sobre a *Guerra da Tríplice Aliança* – “Faltando-me ainda muitos dados sobre esta última, diz o autor, dados que só poderei ir obtendo com vagar e muito esforço, além de muitos retratos de vultos eminentes de que não posso prescindir, pois até agora só obtive 986, estou resolvido a não sacrificar a obra apressando-me a publicá-la sem *esclarecer minuciosamente todos os sucessos*, para o que estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que ao entregá-la ao público possa dizer: *eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania*. A publicação das *Efemérides* muito virá auxiliar-me no desempenho do compromisso que tomei perante o país. Dará a conhecer, em resumo, o que será o meu livro sobre o Paraguai, provocará a discussão, donde far-se-á a luz sobre muitos casos ainda obscuros e atrairá para o meu arquivo os dados que me faltam. Para que essas duas obras não sofram a demora havida na impressão das *Monografias*, resolvi publicá-las à minha custa, para o que já lavrei contrato com a casa Strauch & C. (2.000 exemplares) e de cinco meses para as *Efemérides* (6.000 exemplares)”.

- *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul* – Este trabalho foi iniciado em 1889, em uma das interrupções que sofreu a obra acima e tem sido continuado sempre que se repete essa circunstância. Dele foram publicados vários trechos, salientando-se a *Monografia do Rio Ibicuí*, estampada pelo *Eco do Sul* de 10 de outubro de 1893 e transcrita pelo *Jornal do Comércio* em seu

número de 17 de janeiro de 1894, a qual lhe abriu as portas da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Conquanto muito adiantado, o *Dicionário* só poderá ser terminado depois de cessar completamente a guerra civil que há anos flagela o estado e for definitivamente feita a divisão administrativa-judiciária que tem sido mudada três vezes após a proclamação da República, segundo diz o autor.

- *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881* – Desta obra têm sido publicados vários trechos na imprensa diária, nomeadamente a parte do capítulo 5º, relativa à Batalha Naval de Iquique, no *Diário do Rio Grande* de 30 de maio, 3, 4 e 5 de junho de 1893, transcrita no *Almanaque popular* do Rio Grande do Sul, de 1894, páginas 153-159. Depois de concluída foi esta obra submetida à apreciação do contra-almirante D. Luiz Uribe y Orsego, atual comandante da Escola Naval de Valparaíso, e posteriormente as do coronel peruano d. Juan A. Arona.

- *Memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lesserre*. Rio Grande, 1893, in-8º - 1ª edição (setembro) 2ª edição (dezembro). É a versão do manuscrito original anotado pelo tradutor. É o histórico dos sofrimentos por que passaram cerca de 4.500 senhoras e crianças das principais famílias do Paraguai, condenadas pelo presidente Solano Lopez ao degredo perpétuo no deserto de Iguatemi, ao mesmo tempo em que seus pais irmãos e maridos eram barbaramente assassinados em S. Fernando, em 1868, sob pretexto de arderem conspirações contra o governo. Estas desgraçadas vítimas, em cujo número se achava Mme. Lesserre, depois de terem percorrido 3.615 quilômetros em 665 dias de penosa marcha, de 22 de

fevereiro de 1868 a 29 de dezembro de 1869, foram salvas pela arrojada expedição do tenente-coronel brasileiro Antônio José de Moura. Somente quatrocentas e poucas conseguiram reaver a liberdade; as demais pereceram de fome e maus tratos. Em meu poder existe um interessante mapa organizado por Montenegro, no qual vem traçado o itinerário seguido por essas infelizes vítimas do maior tirano dos tempos modernos.

- *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*. Rio Grande, 1895, 59 páginas. In-8º - Este livro, extraído em parte do *Dicionário geográfico*, do operoso autor, foi escrito para lhe servir de título à sua admissão na Academia Cearense e demonstra um estudo acurado e paciente. É dividido em quatro partes: 1ª. Bacia do Ibicuí; 2ª. Notícias sobre oitenta e nove tributários deste rio; 3ª. Arroio Taim, em que se trata das causas físicas que determinaram seu soterramento e dos limites dos campos neutrais em 1782; 4ª. Coordenadas geográficas e altitudes. Uma folha do Rio Grande, dando notícia desta obra, assim se exprime: "Para fazer-se uma ideia da importância desta última parte, que como dissemos, é a melhor, basta saber-se que o ilustre conselheiro Homem de Mello, nos seus *Subsídios para a carta física do Brasil*, que tanta nomeada lhe deram, apresenta apenas cento e poucas posições geográficas tratando de todo o Brasil; enquanto o Sr. Montenegro descreve precisamente 208, referindo-se tão só a este Estado".
- *Guerra do Paraguai. Monografias históricas por Juan Silvano Godoi*, com um apêndice contendo o capítulo VIII do livro de Benjamin Mossé sobre a campanha do Paraguai e o depoimento do general d. Francisco Isidoro Resquin.

Rio Grande, 1895, 130 páginas in-4º – O tradutor ajuntou ao texto 182 notas elucidativas, o capítulo “D. Pedro II” da obra de B. Massé, de Paris, 1889, e o depoimento de Resquin, prestado no conselho de guerra, quando este general caiu prisioneiro no Aquidabã. É o primeiro trabalho histórico de pena paraguaia sobre aquela campanha.

- *Viagem pitoresca pelos Rios Paraná, Paraguai, S. Lourenço e Arinos por B. Bossi* – Foi vertida para o idioma vernáculo em 1884 e anotada e publicada em fevereiro, março e abril de 1894 no *Eco do Sul*, do Rio Grande do Sul.
- *Cristóvão Colombo e o descobrimento da América*. História da geografia do Novo Continente e dos progressos da astronomia náutica nos séculos 15º e 16º por Alexandre Humboldt – Foi traduzida em 1884-1885 e publicada em 1893-1894 na *Atualidade*, do mesmo estado.

00000

Outro biógrafo que destacou a atuação de Montenegro foi o seu conterrâneo Guilherme Studart, médico, historiador e diplomata, que dedicou sua obra ao contexto regional, com o *Dicionário biobibliográfico cearense*. Studart também fazia parte do grupo de intelectuais que mantinha contato com Arthur Montenegro, tanto que lançou o nome deste para a Academia Cearense, obtendo êxito em sua sugestão. Além de apontar 1864, como o ano em que J. A.

Montenegro nasceu, Studart também trouxe uma abordagem bastante detalhada a respeito do biografado³:

◆◆◆◆◆

José Arthur Montenegro – Nasceu em Arraial, Uruburetama, a 29 de fevereiro de 1864, sendo seus genitores Antônio Thiago de Mello e D^a. Maria Hermelinda Montenegro de Mello.

Órfão desde a idade de 12 anos principiou a sua carreira em Pernambuco, no comércio, sentindo, porém, vocação para a vida marítima, viajou até 1880 pela costa do Brasil, estudando pilotagem com seu tio político José M. de Amorim.

Faltando-lhe recursos para prosseguir nos estudos da Escola Naval, resolveu entrar para o exército a 6 de janeiro de 1881, no Rio Grande do Sul, e matriculou-se na Escola Militar de Porto Alegre, então dirigida pelo general José Simeão de Oliveira, sendo desligado dela em 1884, por questões políticas de seus companheiros, com os quais tornou-se solidário, não mais conseguindo ali voltar.

³ STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.

Como militar, serviu no 17º de infantaria, no caráter de simples oficial inferior, e tomou parte na expedição de Blumenau, em Santa Catarina (1884), sendo ferido em combate.

Fez parte também da divisão de observação estabelecida na fronteira do Rio Grande, no Caverá, por ocasião da revolução oriental do general Arredondo, que terminou pela batalha do Quebracho, em 1885, e das forças que guarneциam a fronteira de Jaguarão, quando rompeu a cólera-morbo no Estado Oriental em 1887.

Voltando ao Rio Grande, foi empregado junto ao comando da fronteira e guarnição, de cujos chefes mereceu sempre a estima e a confiança.

Desgostoso, abandonou a carreira a 16 de julho de 1889, sendo a 17 nomeado amanuense e depois arquivista da Estrada de Ferro Porto Alegre a Uruguaiana, sob a chefia do Dr. Ayrosa Galvão. O Dr. Piquet Carneiro, sucessor do Dr. Ayrosa, nomeou-o secretário.

Em 1897, retirou-se para a terra natal, sendo aproveitados seus serviços como secretário da Estrada de Ferro de Baturité para cuja direção fora também removido o dito Dr. Piquet.

Já então lhe minava as forças a terrível enfermidade, tísica laríngea, a que veio a sucumbir. Arrendada a estrada a uma empresa incorporada pelo engenheiro baiano Alfredo Novis, voltou ele ao Rio Grande do Sul.

Aí foi encarregado de arrecadar o material pertencente à Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, cujos trabalhos haviam parado como medida de

economia e, posteriormente, ocupou o secretariado da Southern Brazilian Rio Grande do Sul, cargo em que esteve até o seu falecimento ocorrido a 3 de abril de 1901.

Fazia parte das seguintes sociedades científicas e literárias: Academia Cearense, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Sociedade de Geografia de Lisboa, Instituto de Coimbra, Institutos Geográfico Histórico da Bahia e Arqueológico Pernambucano, Instituto Geográfico Argentino, Ateneu de Buenos Aires, Centro Literário do Ceará, Associação dos Guerreiros do Paraguai, de Buenos Aires e Associação dos Homens de Letras de Caracas (Venezuela).

É de alto valor o arquivo de documentos históricos que deixou; oxalá o governo federal faça dele aquisição, salvando do olvido ou talvez da destruição largo e precioso cabedal para a verdade da nossa história.

– O Sr. general José Ignácio Garmendia, oficial argentino, autor de notáveis trabalhos históricos, assim se expressou sobre os méritos de Montenegro:

“La muerte del ilustre escriptor Arthur Montenegro enluta las letras brasileras; em su noble pluma existia el acendrado patriotismo, y la mas recta imparcialidad; es por eso que su verdad era leida com respeto y siempre tuve el major agrado em cultivar su relacion”.

Em sessão de 26 de abril, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro rendeu significativa homenagem à sua memória como se vê da respectiva ata, publicada no *Jornal do Comércio*, da qual reproduzo as linhas seguintes:

“O Sr. presidente (marquês de Paranaguá) pede que a Sociedade insira em seus anais a perda lamentável de José Arthur Montenegro, assíduo cultor das letras, e com especialidade da história pátria, a cuja indefectível atividade muito deve o Brasil.

Entre os trabalhos desse distinto brasileiro, figura a *História da guerra do Paraguai*, em oito volumes, dos quais seis de texto e dois de anexos ou documentos justificativos, e um atlas com 75 mapas do teatro da guerra, cartas de batalhas e perfis de fortificações. Esta obra é ilustrada com fotografias, representando as principais batalhas de terra e mar e com cerca de 2.000 retratos dos oficiais dos quatro exércitos, ministros, diplomatas, etc., etc. é o trabalho mais notável e completo sobre esse assunto, e seria o maior serviço prestado à história pátria a sua publicação, pois está inédito, de par com muitos outros do mesmo autor. É uma perda sensível, irreparável para o Brasil, a morte de tão distinto filho”.

Uma feição característica do espírito desse distinto patrício era o empenho em que vivia de estabelecer relações entre os homens de letras brasileiros e os dos outros países sul-americanos. Eu próprio dou testemunho desse patriótico e elevado interesse.

Montenegro, espírito muito operoso e de vocação extraordinária para os estudos históricos, deixou larga cópia de trabalhos, que lhe conservarão o nome. Alguns deles foram publicados, outros, infelizmente, ficaram inéditos.

É a seguinte a resenha dos seus trabalhos dados a lume:

- *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1893).

- *Memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*, Rio Grande, 1893, 1^a edição (setembro), 2^a edição (dezembro). Vertidas do manuscrito original e anotadas pelo tradutor.

É a história dos sofrimentos por que passaram cerca de 4.500 senhoras e crianças das principais famílias do Paraguai, condenadas pelo presidente Solano Lopez a degredo perpétuo no deserto de Iguatemi, em consequência de terem seus maridos, pais e irmãos tomado parte na pretendida revolução de S. Fernando em 1868, os quais foram todos fuzilados.

Estas desgraçadas vítimas do feroz ditador, em cujo número contava-se a autora das *Memórias*, foram salvas pela arrojada expedição do tenente-coronel Antônio José de Moura.

- *Monografias históricas* por D. Juan Silvano de Godoi, Rio Grande, 1895.

Foi o primeiro trabalho saído de pena paraguaia sobre a Guerra da Tríplice Aliança.

O tradutor juntou ao texto 156 notas elucidativas e acrescentou, como documento justificativo, o capítulo 8º da obra de Benjamin Mossé, *D. Pedro II*, Paris, 1889, e o depoimento do general Firmino Isidoro Resquin, chefe do Estado Maior do marechal Lopez, prestado ao Conselho de Guerra, em 1870, quando caiu prisioneiro em Aquidabã.

- *Viagem pitoresca pelos Rios Paraguai, Paraná, São Lourenço e Arinos* por B. Bossi. Vertida para o idioma vernáculo, em 1884, e anotada e publicada em 1893, no *Eco do Sul*, Rio Grande.
- *Cristóvão Colombo e o descobrimento da América*. História da Geografia do Novo continente e dos processos da astronomia náutica do século XV e XVI por Alexandre Humboldt. Traduzida em 1884-1885 e publicada em 1893-1894 na *Atualidade* (Rio Grande).
- *Efemérides da Campanha do Paraguai*, publicada no *Diário do Rio Grande*.
- *Visconde de Taunay*, escorço biográfico publicado na *Revista da Academia Cearense*, ano de 1899.
- *O Uruguai*, poema de José Basílio da Gama, edição feita às expensas da Biblioteca Pública de Pelotas para comemorar o 4º centenário do descobrimento do Brasil e prefaciado e anotado por ele, 1900, Echenique Irmãos & Cia. editores, Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.

- *Fragmentos históricos. Homens e fatos da Guerra do Paraguai*, 1ª série, Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense (R. Strauch) 1900, 114 pp., com um prólogo por R. de Farias Brito.

Além desses, José Arthur Montenegro compôs e escreveu os seguintes trabalhos, ainda inéditos, entre os quais sobressai o primeiro citado, incontestavelmente sua obra capital:

- *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai*. Compõe-se de seis volumes de texto, dois de anexos ou documentos justificativos (inéditos) e um atlas com 75 mapas parciais do teatro da guerra, cartas de batalhas, combates, perfis de fortificações, etc.etc.

O texto é assim dividido:

1º volume – Origem da guerra.

2º volume – Campanha de Mato Grosso.

3º volume – Campanha do Rio Grande e Corrientes

4º volume – Cerco do Quadrilátero.

5º volume – Campanha do Pikiricy.

6º volume – Campanha da Cordilheira.

Seria ilustrada com fototipias representando as principais batalhas de terra e mar (cópias de quadros de Vitor Meireles, Pedro Américo, De Martini), e

com cerca de dois mil retratos de oficiais dos quatro exércitos beligerantes, diplomas, etc.

Iniciada em 1888, tinha sido interrompida muitas vezes, em consequência de faltarem ao autor dados necessários; afinal, graças ao auxílio generoso de muitos particulares dos quatro países limítrofes e dos governos do Brasil e República Argentina, achava-se o autor de posse de todos os documentos para a pronta execução de sua importantíssima obra.

O conselheiro João Nepomuceno Torres, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia propôs que essa associação fizesse um apelo aos demais Institutos da República para que auxiliassem a viúva de Arthur Montenegro na impressão da *História da Guerra do Paraguai*, não sei se a proposta teve andamento.

- *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*. Este trabalho foi iniciado em 1889, durante uma das muitas interrupções que sofreu a sua obra *Guerra da Tríplice Aliança* e continuada sempre que se repetia esta circunstância.

Da dita obra já foram publicados diversos trechos, salientando-se a *Monografia do Rio Ibicuí*, estampada no *Eco do Sul* de 10 de outubro de 1893 e transcrita no *Jornal do Comércio*, em seu número de 17 de janeiro de 1894.

Essa monografia sob o título *Bacia do Ibicuí* e mais outras sob os títulos *Arroio Taim*, *Coordenadas Geográficas*, *Altitudes* foram enfeixadas num volume com o título *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul* e serviram-lhe

como título de admissão a um dos lugares de sócios correspondentes da Academia Cearense.

- *Dicionário das madeiras do Brasil*. Serviu de base a este trabalho o Ensaio de índice geral das madeiras do Brasil dos engenheiros André e José Rebouças. O autor acumulava elementos para terminá-la após a publicação da sua obra sobre a Guerra do Paraguai.

- *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana 1879-1881*. Desta obra tem sido publicados vários trechos na imprensa diária, nomeadamente a parte relativa à "batalha naval de Iquique" no *Diário do Rio Grande*, de 30 de maio e 3, 4 e 5 de junho de 1893, transcrita no *Almanaque popular do Rio Grande do Sul*, 1894 (pp. 153-159).

Depois de concluída foi esta obra submetida à apreciação do contra-almirante D. Luiz Uribe e Orrego, que foi comandante da Escola Naval de Valparaíso e posteriormente à do coronel D. Juan A. Arona.

- *As ilhas do Brasil*, estudo geográfico.

- *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*.

- Um princípio de tradução das *Memórias do general von Versen*, na parte referente à Guerra do Paraguai.

Em 1904, a Câmara Municipal de Arraial mandou por, com grande solenidade no seu salão nobre o retrato de José Arthur Montenegro. A notícia

circunstaciada dessa justa homenagem dos seus conterrâneos se encontra na *Revista da Academia Cearense*, correspondente àquele ano.

◊◊◊◊◊

O estudioso da formação histórica e literária rio-grandense-do-sul, Guilhermino Cesar também se referiu a Arthur Montenegro no seu clássico livro *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Cesar realizou uma breve apreciação acerca da obra e do acervo deixado por Montenegro, além de, citando o biógrafo/bibliógrafo brasileiro J. F. Velho Sobrinho,⁴ destacar alguns traços da biografia do escritor cearense de nascimento e gaúcho por adoção:

◊◊◊◊◊

O cearense J. Arthur Montenegro, que viveu muitos anos no Rio Grande, foi um historiador modesto, singularmente operoso. Deixou bibliografia numerosa, através da qual ressalta a sua preferência por assuntos ligados à Guerra do Paraguai. Traduziu obras diversas, de grande importância para o estudo daquele conflito externo, mas não esqueceu a história rio-grandense, para a qual quis compor livros de referência, no empenho de facilitar o trabalho de outros pesquisadores.

O seu livro mais pessoal intitula-se *Fragmentos históricos*, coletânea de retratos de heróis e chefes brasileiros que pelejaram contra Solano Lopez.

⁴ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 384-385.

Prefaciando-o, Farias Brito assim se manifesta sobre o autor, seu conterrâneo: “Independente de toda e qualquer impugnação nota-se nos trabalhos do Sr. Arthur Montenegro pronunciada tendência (e isso mesmo é o que constitui uma das feições características do seu método) para averiguar, para entrar no exame dos menores detalhes, para deixar tudo fora de dúvidas, de modo a dar às suas narrações um grau tal de certeza que a gente ao lê-las não possa deixar de ficar convencido”.

Eis aí o traço principal do incansável polígrafo. Ele possuía, como poucos, a paixão da pesquisa; se isso lhe desviou a inteligência para muitos rumos, impedindo-o de concentrar-se num só tema (o que sacrificou a unidade em benefício da variedade), o escrúpulo do seu labor lhe dá um lugar eminente na reduzida família dos pesquisadores autênticos. O seu arquivo, religiosamente guardado na Biblioteca Rio-Grandense, onde o consultamos, é mina quase inexplorada. Existem ali peças de altíssimo valor, trabalhos inéditos que precisam vir a lume.

[Segundo J. F. Velho Sobrinho, no seu *Dicionário biobibliográfico brasileiro*.]

José Arthur Montenegro nasceu em Uruburetama, Ceará, a 29 de fevereiro de 1864 e faleceu em Porto Alegre, a 3 de abril de 1901. Em 1881, depois de estudar pilotagem na costa do Brasil, matriculou-se na Escola Militar de Porto Alegre, de que se desligou em 1884. Serviu, como oficial inferior, em Santa Catarina e Jaguarão. Deixou em 1889 a carreira militar. Empregou-se na Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana. Voltou ao Ceará e foi secretário da Estrada de

Ferro de Baturité; fixando-se de novo no Rio Grande, exerceu as mesmas funções na Southern Brazilian. Pertenceu a muitas instituições de cultura, do país e do exterior. Escreveu: *Memórias de Madame Dorotéia Duprat de Lasserre* (traduzido do original e anotado), Rio Grande, 1893; *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército*, 1893; *Monografias históricas por D. Juan Silvano de Godói* (tradução e notas), acrescido de *D. Pedro II*, de Benjamin Mossé (Paris, 1889), Rio Grande, 1895; *Viagem pitoresca pelos Rios Paraguai, Paraná, São Lourenço e Arinos*, por B. Bossi – tradução e anotações, in: *Eco do Sul*, Rio Grande, 1893; Cristóvão Colombo e o descobrimento da América – *História da geografia do Novo Continente e dos processos da astronomia náutica dos séculos XV e XVI*, por Alexandre Humboldt, tradução, in: *Atualidade*, Rio Grande; *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*, publicadas no *Diário do Rio Grande* e na *República de Fortaleza*; *Bibliografia da campanha do Paraguai*, in: *Diário do Rio Grande*; *Visconde de Taunay*, esboço biográfico, in: *Revista da Academia Cearense*, 1899; *O Uruguai*, poema de José Basílio da Gama, ed. da Biblioteca Pública de Pelotas, comemorativa do 4º centenário do descobrimento do Brasil (prefácio e anotações), Pelotas: Echenique Irmãos & Cia.; *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai* (1ª série), Rio Grande, Tip. da Liv. Rio-Grandense, 1900 (com prefácio de R. de Farias Brito); *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1895; *Projeto de estatutos do Instituto Histórico-Geográfico Rio-Grandense*. Rio Grande, 1894. Deixou inéditos: *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai* – 6 volumes; *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*, de que foram publicados alguns

trechos; *Dicionário das madeiras do Brasil*; *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1878-1881*; *As ilhas do Brasil*, estudo geográfico; *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*; iniciou a tradução das *Memórias do general von Versen*, na parte referente à Guerra do Paraguai.

00000

Dois biógrafos que trataram do contexto relacionado aos escritores sul-rio-grandenses, Pedro Villas-Bôas, com *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores* e Ari Martins, com *Escritores do Rio Grande do Sul*, não deixaram de abrir espaço para descrever a atuação de José Arthur Montenegro. O primeiro⁵ dedicou-lhe um pequeno verbete e, o segundo⁶ também, com uma maior descrição, detalhando inclusive os trabalhos de Montenegro em periódicos, ainda que de modo incompleto:

00000

MONTENEGRO, José Arthur – Arraial, Ceará, 29 de fevereiro de 1854 – Porto Alegre, 4 de abril de 1921. Militar. Funcionário da Cia. Estrada de Ferro Porto Alegre – Uruguaiana. Membro da Academia de Letras do Ceará e do Instituto

⁵ VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: *A Nação*, Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 325.

⁶ MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 375-376.

Histórico e Geográfico Brasileiro. Historiador, crítico e ensaísta. Bib.: *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, 1^a ed. 1895, 60 páginas, Livraria Rio-Grandense, Rio Grande; *Monografias históricas – Guerra do Paraguai* de Juan Godoi, versão e notas, 1^a ed. 1895, 129 páginas, Livraria Americana, Rio Grande; *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai*, 1^a ed. 1900, 114 páginas, Livraria Rio-Grandense, Rio Grande; *Resumo das Ordenanças sobre exercícios e evoluções dos corpos de infantaria: parte aplicável à Guarda Nacional*, 1^a ed. 1891, 286 páginas, Oficinas da Livraria Americana, Rio Grande. (VILLAS-BÔAS)

#####

MONTENEGRO, J(osé) Arthur – Arraial, município de Uruburetama, CE, 29 fev. 1854; Rio Grande, RS, 10 abr. 1901. F.: Antônio Tiago de Melo e Maria Hermelinda Montenegro de Melo. – Est. na Escola de Guerra, Porto Alegre, curso preparatório, 1881-1884. Auxiliar de comércio, PE, 1866. Prático de pilotagem da marinha mercante, 1878-1880. Praça do exército em Porto Alegre e Rio Grande, 1881-1889. Funcionário da Estrada de Ferro Porto Alegre – Uruguaiana, 1889-1897, secretário da Estrada de Ferro de Baturité, CE, 1898; e da Southern-Brazilian, RS, 1899-1901. Historiador e geógrafo. Membro do IHGB; da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; da Academia Cearense de Letras; e do Centro Literário do Ceará. **Bibliografia:** *Guarda Nacional. Resumo da Ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército*, Rio Grande,

Livraria Americana, 1893; *Memórias de Mme. Doroteia Duprat de Lasserre*, tradução anotada, id., *ibid.*, 1893 (duas edições, uma em setembro e outra em dezembro desse ano); *Guerra do Paraguai: monografias históricas*, de Don Juan Silvano de Godoi, tradução anotada *ibid.*; 1895; *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, *ibid.*, 1900; Monografia do Rio Ibicuí, *Eco do Sul*, Rio Grande, 10 out. 1891; Batalha de Tuiuti, *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1892; Combate de Iataí-Cará, *ibid.*, 1892; O Forte de Nova Coimbra, *ibid.*, 1893; Efemérides das campanhas do Uruguai e do Paraguai, *A República*, Fortaleza; História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana (1879-1881), excertos, *Diário do Rio Grande*, Rio Grande, 30 maio, 3, 4 e 5 jun. 1893; Bibliografia da Guerra do Paraguai, *ibid.*; Cristóvão Colombo e o descobrimento da América, de Alexandre Humboldt, traduziu, jornal *Atualidade*, Rio Grande, 1893-1894; Batalha do Avaí, episódios, *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, Rio Grande 1894; Uma bala histórica, *ibid.*, 1896; O gênio inventivo de Lopez (Guerra do Paraguai), *Almanaque popular Brasileiro*, Pelotas, 1898; Floriano Peixoto, perfil, *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1898; O marquês de Tamandaré, id. *ibid.*, 1899; Visconde de Taunay, biografia, *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1899; O comissariado durante a Revolução, *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1904; A epopeia paraguaia (carta ao Dr. Pedro Osório), *ibid.*, 1905; Inéditas: *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai*, 6 volumes; *As ilhas do Brasil*, estudo geográfico; *Dicionário histórico-geográfico do Rio Grande do Sul*, esboço; *Dicionário das madeiras do Brasil*;

Bibliografia do Rio Grande do Sul nos anos dos séculos XVIII e XIX, inacabada.
(MARTINS)

◆◆◆◆◆

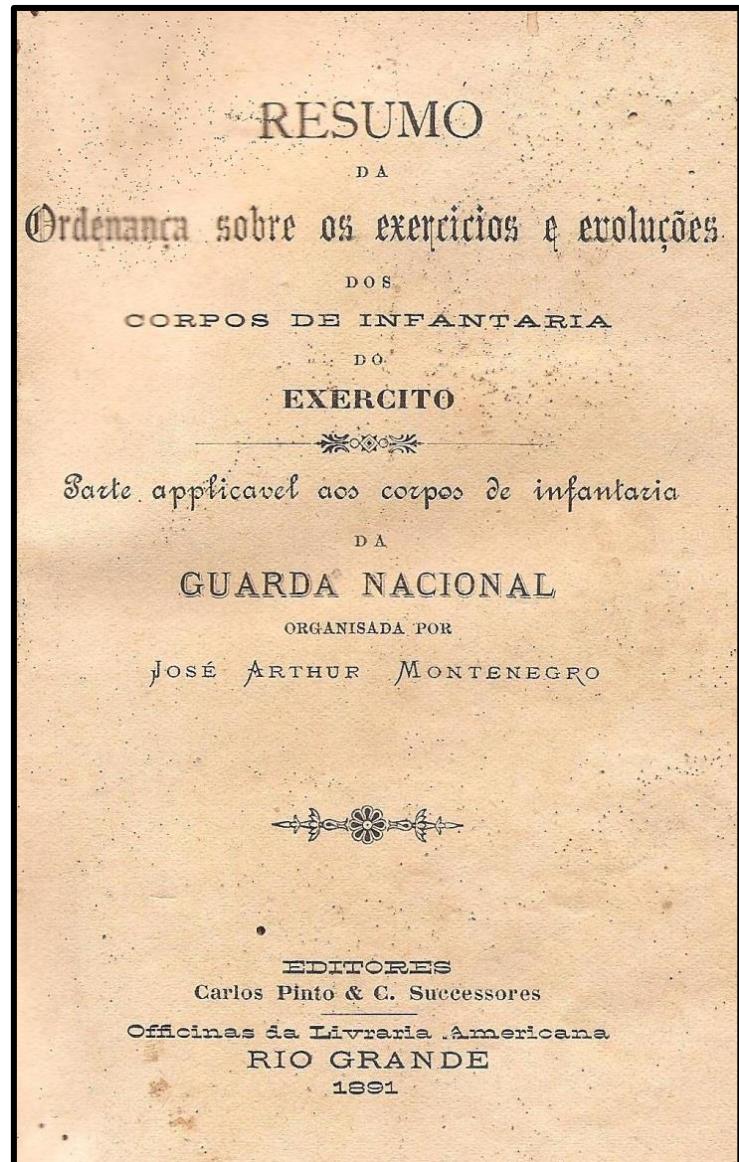
A construção da carreira intelectual de Montenegro, demarcada nas impressões de seus biógrafos, teve, assim, importante ponto de inflexão a partir da conjuntura que encontrou no sul do Brasil, onde sua ação como pesquisador e escritor viria a deslanchar. Aí idealizou, delineou e manuscreveu as obras de sua vida, *Efemérides da campanha do Uruguai e Paraguai* e *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai*, as quais não chegou a conseguir publicar. Mas, além dos tantos livros de sua autoria e/ou organização e dos diversos artigos de sua lavra, Montenegro colecionou um acervo bibliográfico e documental inigualável sobre a Guerra do Paraguai. Tais fontes ficaram sob a guarda da Biblioteca Rio-Grandense, reunidas no Arquivo José Arthur Montenegro. Alguns de seus estudos sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e uma amostragem das fotografias por ele amealhadas constituem o fulcro desta publicação.

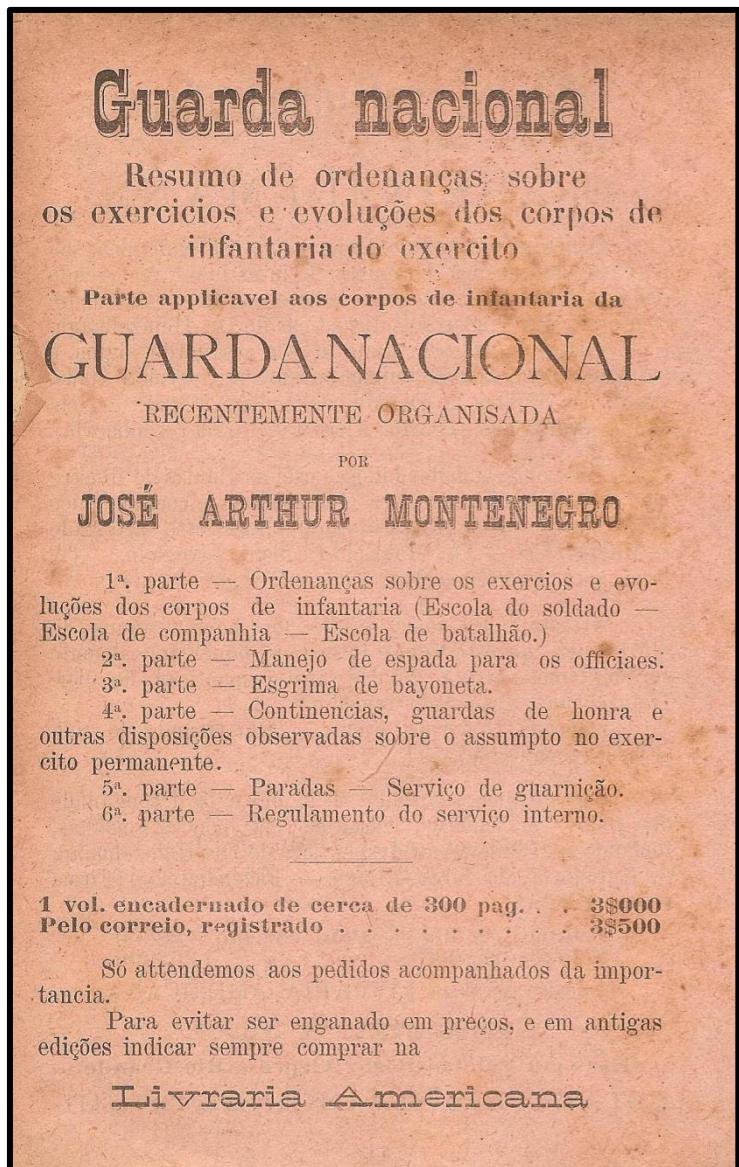
ESTUDOS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

O primeiro livro publicado por José Arthur Montenegro, na condição de organizador, foi *Resumo da Ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria – parte aplicável aos corpos de infantaria da Guarda Nacional*⁷. Era uma edição de 1891, da Livraria Americana, epicentro cultural da cidade do Rio Grande e lugar de encontro de vários intelectuais e mesmo de interação entre autores e leitores. Seu formato era reduzido, com dimensões de aproximadamente 15 X 10 cm. Tratava-se de uma publicação eminentemente técnica, que não chegava a tratar da Guerra do Paraguai, mas trazia duas preferências de Montenegro, os estudos de natureza militar e o levantamento documental. Além disso, abordava questões voltadas à reordenação de ordem castrense, fundamento em construção desde a época imperial. O livro era um manual de procedimentos e sua organização caracterizou-se pela compilação e ordenação dos textos, levando em conta um intento de cunho pedagógico e instrutivo. Em seguida aparecem trechos da parte de abertura da edição:

◆◆◆◆◆

⁷ MONTENEGRO, José Arthur (org.). *Resumo da Ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria – parte aplicável aos corpos de infantaria da Guarda Nacional*. Rio Grande: Livraria Americana, 1891.





Propaganda da Livraria Americana anunciando o livro de J. Arthur Montenegro

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1895. Rio Grande: Livraria Americana, 1894.

ORGANIZAÇÃO TÁTICA DA INFANTARIA

O decreto n. 1121 de 5 de dezembro de 1890⁸, dando nova organização à Guarda Nacional da Capital Federal – de acordo com o decreto n. 10015 de 18 de agosto de 1888⁹, que reorganizou as forças arregimentadas do exército permanente – lançou, como logicamente se comprehende, as bases para a organização geral das milícias dos estados.

Sendo princípio adotado pela arte que toda a força armada de uma nação tenha organização uniforme, visto como as manobras consignadas na ordenança de cada arma são baseadas em frações de determinado número de homens, julgamos necessário dar aqui a organização tática detalhada do batalhão de infantaria, não só para servir de guia a quem estudar este compêndio, como para facilitar o trabalho “Conselhos de Revisão”, na distribuição do pessoal pelos corpos da arma.

Segundo o citado decreto, os corpos de infantaria terão, além do estado maior e menor, 4 companhias, assim compostas:

- Estado maior – 1 comandante (tenente-coronel); 1 fiscal (major); 1 ajudante (capitão); 1 secretário (tenente); 1 quartel-mestre (tenente); 1 cirurgião (capitão).
- Estado menor – 1 sargento-ajudante; 1 sargento quartel-mestre; mestre de música; 16 músicos; 1 corneta-mor (com a graduação de sargento)¹⁰.

⁸ Veja-se o *Diário Oficial* de 6 de dezembro de 1890.

⁹ Ordem do dia do exército n. 2208 de 3 de setembro de 1888.

¹⁰ Na infantaria de linha, os corneta-mor e o mestre de música trazem as divisas no braço direito.

- Companhia – 1 capitão; 2 tenentes; 3 alferes; 1 1º sargento; 6 2º sargentos; 1 furriel; 12 cabos de esquadra; 1 armeiro; 96 soldados; 4 cornetas; 4 tambores.

A companhia, ou unidade tática e administrativa decompõe-se em três pelotões, cada pelotão em duas seções, cada seção em duas esquadras e cada esquadra em um cabo e oito soldados. (...)

Do alistamento e classificação dos guardas nacionais e da promoção

Em cada distrito de paz haverá um conselho para alistamento de voluntários e classificação dos guardas nacionais no serviço ativo ou na reserva, composto de três oficiais da Guarda Nacional, sendo um presidente, do juiz de paz do distrito ou de seu substituto legal e de um médico.

Em cada região haverá um conselho de revisão, composto do comandante da brigada de infantaria como presidente, dos comandantes dos batalhões da mesma arma, um capitão de cavalaria, um dito de artilharia de campanha, um dito de artilharia de posição e um juiz substituto.

Em caso de rebelião ou guerra externa, os cidadãos de 21 aos 60 anos serão alistados de conformidade com a lei n. 602 de 19 de setembro de 1850.

O conselho de alistamento organizará duas listas de cidadãos prontos para o serviço ativo e uma dos que devem servir na reserva, e as enviará ao conselho de revisão.

O conselho de revisão, recebendo as listas enviadas pelos conselhos de alistamento, organizará as listas seguintes: três dos cidadãos que devem servir

no batalhão da reserva, uma dos que devem servir na cavalaria, uma dos que devem servir na artilharia de campanha, uma dos que devem servir na artilharia de posição, atendendo-se ao número de guardas a dar e à colocação dos batalhões de infantaria.

Para os efeitos do alistamento, os conselhos se entenderão quando precisem com as autoridades policiais e civis, a fim de lhes fornecerem os respectivos dados que sirvam de fundamento ao mesmo alistamento.

A promoção dos postos de cabo, inferiores e oficiais será gradual e sucessiva até o posto de major inclusivamente.

Os postos de cabo serão preenchidos por guardas que saibam ler, escrever e calcular corretamente.

Os postos de furriel e 2º sargentos serão preenchidos pelos cabos ou furriéis que apresentarem as aptidões para esse posto.

Os postos de 1º sargento serão preenchidos pelos 2º que, a juízo do comandante da companhia ou bateria, apresentarem capacidade de comando.

Os postos de sargento ajudante e quartel-mestre serão preenchidos pelos 1º sargentos.

Os postos de alferes ou tenentes serão preenchidos pelos cidadãos cuja capacidade moral, intelectual e ativa os torne dignos desse posto, tendo preferência para os de artilharia os engenheiros civis e geógrafos e outros

titulares pela Escola Politécnica; para os de cavalaria, os que mostrarem aptidão para a arte de equitação.

Os postos de tenentes ou 1º tenentes, capitães e maiores serão preenchidos metade por antiguidade e metade por merecimento; e os de tenente-coronel e de coronel por escolha do governo.

Os cabos, os 2º e 1º sargentos serão promovidos pelos respectivos comandantes, por proposta de seu capitão, e os sargentos-ajudantes e quartel-mestre por proposta de seu chefe.

Os tenentes, capitães e maiores serão promovidos pelo governo federal, sob proposta do general comandante.

◆◆◆◆◆

Outro livro organizado por Montenegro foi *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lassere*, publicado em 1893 e constituindo uma brochura com dimensões de 23,5 X 17,5 cm, na qual Arthur Montenegro atuou realizando a tradução e elaborando a introdução e as notas. Seguindo sua prática usual de resgate de documentos históricos, o tradutor/introdutor trouxe a público o relato de uma narradora que representava um grupo de senhoras degredadas por Solano Lopez, que teriam passado por amplas dificuldades até serem resgatadas por militares brasileiros. Uma

tiragem saiu pela Tipografia Trocadero¹¹, prestadora de serviços gráficos na cidade do Rio Grande, e, nas páginas de abertura, os editores afirmavam que aquela constituía uma obra “sobremaneira interessante por tratar de um assunto posto à margem pelos historiadores”, daí a opção por publicá-la “como um documento altamente característico do que era o governo e o povo paraguaio durante a ditadura militar do marechal Solano Lopez”. Já outra edição foi publicada mais uma vez sob o selo editorial da prestigiosa Livraria Americana¹², com a qual o autor tinha significativa afinidade. A obra tinha o sentido de trazer a lume os “malefícios” da “ditadura” do líder paraguaio e foi assim apresentada por José Arthur Montenegro:

◆◆◆◆

PROÊMIO

Não é fora de propósito lançar à publicidade mais uma página interessante sobre a história da ominosa ditadura do marechal Solano Lopez, cujo desfecho repercutiu tão dolorosamente na América do Sul e mui particularmente no Brasil.

¹¹ MONTENEGRO, José Arthur (org.). *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lassere*. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1893.

¹² MONTENEGRO, José Arthur (org.). *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lassere*. Rio Grande: Livraria Americana, 1893. Quase duas décadas depois da morte de Montenegro, este livro foi apresentado em várias partes no periódico *Tudo*, dedicado às “artes, letras, ciências, história, comércio, vida social, etc.” – TUDO. Rio Grande, 15 out. 1919, a. 1, n. 5. até TUDO. Rio Grande, 20 jun. 1920, a. 2, n. 6.

GUERRA DO PARAGUAY

MEMORIAS

DE

M^{ME} DOROTHÉA DUPRAT DE LASSEUR

VERSÃO E NOTAS

DE

J. ARTHUR MONTENEGRO

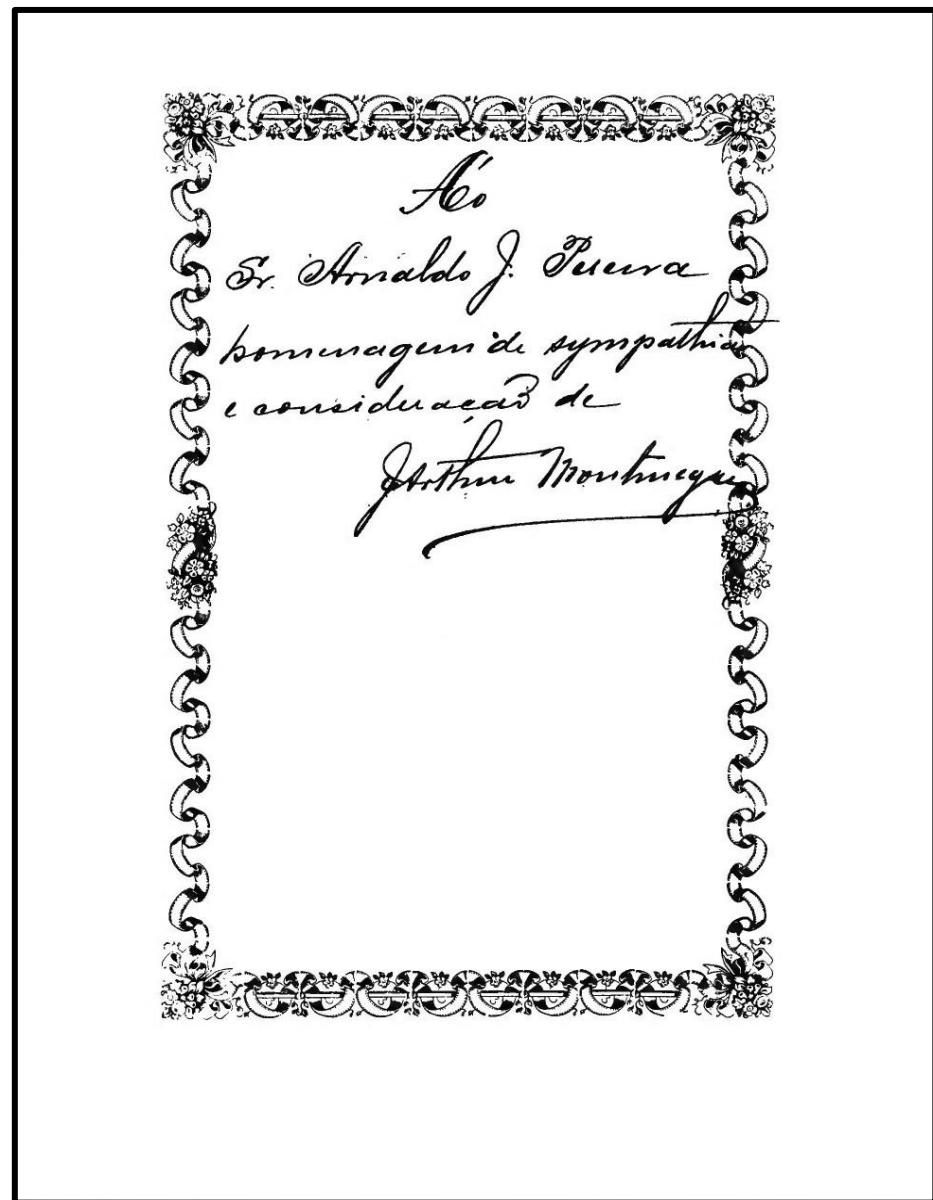
3 Membro correspondente do Instituto Geographico-Archeologico de Pernambuco



RIO GRANDE DO SUL

Editores: Reis, Bastos & C. -- Typ. TROCADERO

1893



PROEMIO

Não é fóra de propósito lançar á publicidade mais uma pagina interessante sobre a historia da ominosa dictadura do marechal Solano Lopez, cujo desfecho repercutiu tão dolorosamente na America do Sul e mui particularmente no Brazil.

Madame Duprat de Lasserre, nestas *memorias*, descreve os assombrosos martyrios porque passaram milhares de delicadas senhoras da melhor sociedade, *designadas* pelo monstro paraguayo para morrer de fome lá nos inhospitos desertos do Igatemi.

Os penosos sofrimentos de Mme. Lasserre e de suas desgraçadas companheiras, foi uma consequencia natural dos acontecimentos de S. Fernando em 1868.

O marechal Solano Lopez, cuidadosamente relacionará todos os individuos que directa ou indirectamente concorrem para a declaração da guerra, isto é, que ajudaram a execução dos planos politicos por elle proprio elaborados. Quando julgou impossivel o triumpho, quando a victoria escapou definitivamente á suas satanicas combinações, quando viu seu immenso poder desmoronar ante os canhões vindadores do Brazil, então os individuos que figuravam na *página negra* foram inexoravelmente condenados a sepultar-se tambem com os escombros da nacionalidade, inteira que devia extinguir-se no ultimo reducto, com o ultimo soldado nos confins do deserto.

—VII—

viado de Aguirre, presidente uruguayo, para assignar a aliança com o Paraguay contra o Brazil, foi preso tambem como conspirador, submettido a tortura e fuzilado em 27 de Setembro de 1868.

O coronel oriental Francisco Laguna, que ao declarar-se a guerra fôra offerecer sua espada em defesa de Lopez ; o Dr. Rodrigo Larreta, secretario da legação uruguaya, e o antigo consul dessa nacionalidade Antonio Niu Reys— foram fuzilados pelo mesmo crime, aquelles a 22 e este a 26 de Agosto.

Os generaes Robles—o invasor do Corrientes, Barrios—o heroe de Matto Grosso, Bruguez, Saturnino Bedoya, ministro e cunhado de Lopez, José Borges, ministro das relações exteriores, Venancio e Benigno Lopez, irmãos do dictador, o bispo Palacios—sen *alter ego* nos negocios politicos, o coronel Martinez, e *milhares* de cidadãos de todas as classes foram lanceados em S. Fernando e durante a retirada desse lugar. Sua propria mãe e irmãs, milagrosamente salvas pelo exercito brasileiro em Cerro Corá, já tinham sido condenadas a pena ultima depois de serem espaldeiradas pelos juizes por ordem de seu proprio filho !

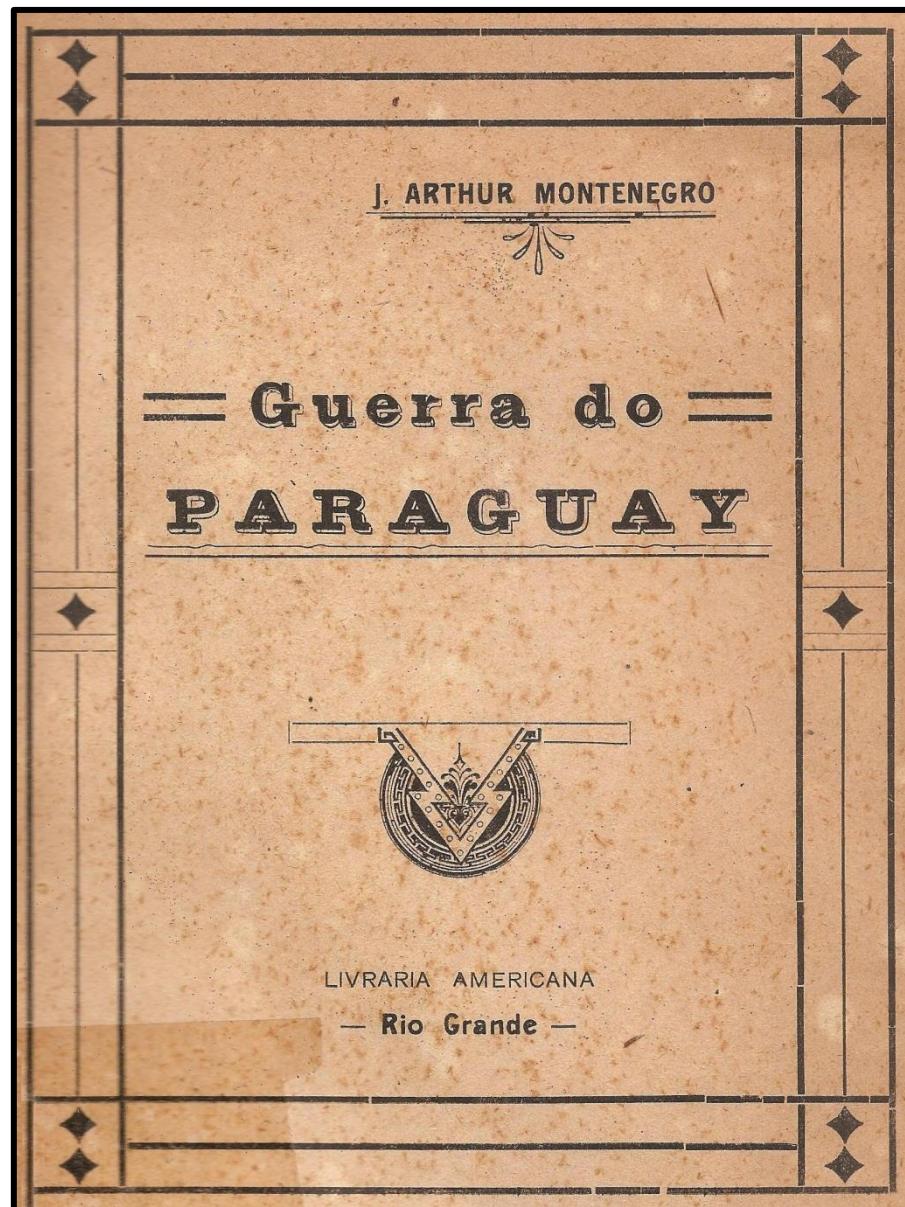
O coronel paraguaio Mathias Goiburú, aprisionado em Aquidaban, declarou que o numero dos victimados sob pretexto de conspirações elevou-se a mais de quatro mil e quinhentas pessoas !

Em quanto os cidadãos eram assim arrastados para o suppicio, suas familias marchavam para as cordilheiras onde deviam encontrar uma morte mil vezes mais horrorosa:—a fome!

Madame Duprat de Lasserre nos transmitte nestas *Memorias* o historico dos soffrimentos inauditos dessa porção de viuvas e orphãos salvos pelo exercito brasileiro nos lobre-gos desertos do Espadin.

Outubro—1893.

J. Arthur Montenegro.



Guerra do Paraguay

MEMORIAS

— DE —

Mme. DOROTHÉA DUPRAT DE LASSERRE

BIBLIOTHECA RIO GRANDESE

66452

Nº da obra:

Volumes:

Exemplar:

VERSÃO E NOTAS

— DE —

J. ARTHUR MONTENEGRO



LIVRARIA AMERICANA

— RIO GRANDE —

Guerra do Paraguay

J. ARTHUR MONTENEGRO

Proemio

Não é fóra de propósito lançar á publicidade mais uma pagina interessante sobre a historia da ominosa dictadura do marechal Solano Lopez, cujo desfecho repercutiu tão dolorosamente na America do Sul e mui particularmente no Brasil.

Madame Duprat de Lasserre, nessas *memorias*, descreve os assombrosos martyrios por que passaram milhares de delicadas senhoras da melhor sociedade, *designadas* pelo monstro paraguayo para morrer de fome lá nos inhospitos desertos do Igatemi.

Os penosos sofrimentos de madame Lasserre e de suas desgraçadas companheiras, foram uma consequencia natural dos acontecimentos de S. Fernando, em 1868.

O marechal Solano Lopez, cuidadosamente relacionará todos os individuos que directa ou indirectamente concorreram para a declaração da guerra, isto é, que ajudaram a execução dos planos politicos por elle proprio elaborados. Quando julgou impossivel o triunfo, quando a victoria escapou definitivamente ás suas satanicas combinações, quando vio o seu immenso poder desmoronar-se ante os canhões vingadores do Brasil, então os individuos que figuravam na *pagina negra* foram inexoravelmente condenados a sepultar-se tambem com os escombros da nacionalidade inteira que devia extinguir-se no ultimo reducto, com o ultimo soldado nos confins do deserto . . .

A conferencia do Yataity-Corá, malogrando a derradeira esperança do dictador em conservar o mando supremo, foi o marco millario de todos

os horrores que seguiram-se á lento desmoronar do immenso poder militar que ameaçára avassallar toda a America do Sul.

Então teve começo a realização do tenebroso plano de vingança.

Senhoras da mais alta categoria social, a par de simples burguezas, ministros, generaes, officiaes superiores, subalternos, funcionários civis de todas as graduações, artistas, negociantes, lavradores, operarios — foram arrastados ao acampamento de S. Fernando, submettidos a conselho de guerra, sob pretexto de urdirem conspirações contra o governo e fuzilados *pelas costas* como réos de alta traição ou mortos nos *cepodes laço* e na tortura a mais cruelmente selvagem.

Mais tarde os estrangeiros residentes no Paraguai seguiram o mesmo caminho, sem excepção de um só, condenados a desapparecer da face da terra para melhor ficar esquecida a historia dos crimes hediondos da dictadura de Lopez.

Então ninguem escapou á accão desses pseudo-tribunaes denominados *Comissões de inquérito*; os proprios juizes de hoje eram condenados amanhã como cumplices dos conspiradores.

Quem não estava com as armas na mão defendendo o tyranno, foi arrastado á presençā desses implacáveis algozes escolhidos para a instauração do *grande processo nacional*.

Esses juizes, que obravam sob a ameaça do fuzil sempre prompto a funcionar, recebiam de ante mão a sentença, isto é, o genero de morte que devia ser applicado a cada réo; e, pela tortura, arrancavam da vítima novas denuncias contra individuos

préviamente designados como aconteceu com o infeliz consul de Portugal, Leite Pereira, o qual, denunciando como conspiradora a jovem e heroica D. Dolores Recalde, no ultimo instante, ao expirar, declarou ser falsa a acusação que lhe fôra arrancada momentos antes, quando lhe despedavam os membros apertados em um torno!

Dolores Recalde foi lanceada momentos depois, apesar da solene declaração do moribundo.

O Dr. Carreras, principal instigador desta guerra, enviado de Aguirre, presidente uruguayo, para assinar a aliança com o Paraguai contra o Brasil, foi preso também como conspirador, submetido à tortura e fuzilado em 27 de Setembro de 1868.

O coronel oriental Francisco Lagona, que ao declarar-se a guerra fôra oferecer sua espada em defesa de Lopez; o Dr. Rodrigo Larreta, secretário da legação uruguaya, e o antigo consul dessa nacionalidade Antônio Niu Reys—foram fuzilados pelo mesmo crime, aquelles a 22 e este a 26 de Agosto.

Os generais Robles — o invasor de Corrientes, Barrios — o herói de Matto Grosso, Bruguez, Saturnino Bedoya, ministro e cunhado de Lopez, José Borges, ministro das relações

exteriores, Venancio e Benigno Lopez, irmãos do ditador, o bispo Palacios — seu *alter ego* nos negócios políticos, — o coronel Martinez, e *milhares* de cidadãos de todas as classes foram lanceados em S. Fernando e durante a retirada desse lugar. Sua própria mãe e irmãs, milagrosamente salvas pelo exército brasileiro em Cerro Corá, já tinham sido condenadas à pena ultima depois de serem espaldeiradas pelos juízes por ordem de seu próprio filho!

O coronel paraguayo Mathias Goiburu, aprisionado em Aquidabán, declarou que o numero dos victimados sob pretexto de conspirações elevou-se à mais de quatro mil e quinhentas pessoas!

Enquanto os cidadãos eram assim arrastados para o suprício, suas famílias marchavam para as cordilheiras onde deviam encontrar uma morte mil vezes mais horrorosa: — a fome!

Madame Duprat de Lasserre nos transmite nestas *Memorias* o histórico dos sofrimentos inauditos dessa porção de viúvas e orphãos salvos pelo exército brasileiro nos lobregos desertos do Espadim.

Outubro—1893.

J. Arthur Montenegro.

MEMORIAS

Em 25 de Dezembro de 1869, as senhoras desterradas e condenadas por Lopez a morrer de fome, foram salvas pelo exército brasileiro.

Eu sou uma delas: vivo, escravo, porém ainda não me cabe na mente como é que ainda posso falar das crueldades e sofrimentos de que fomos vítimas.

Deus ainda nos dá momentos de vida para poder demonstrar nossa gratidão pelos benefícios que recebemos de um santo sacerdote.

Elle, talvez guiado por Deus, nos arrebatava do fero inimigo escondendo-nos nos mais remotos lugares.

Darei uma idéa dessa horrível tragédia na qual o ponto final de todos os actores foi perecerem em horríveis tormentos.

Meu destino era também receber uma morte cruel, sofrendo uma longa agonia, dobradamente dolorosa, porque teria de ver desaparecer minha pobre e velha mãe: salvei-a, graças ao Todo Poderoso.

Madame Duprat de Lasserre, nestas *memórias*, descreve os assombrosos martírios por que passaram milhares de delicadas senhoras da melhor sociedade, *designadas* pelo monstro paraguaio para morrer de fome lá nos inóspitos deserto do Iguatemi.

Os penosos sofrimentos de madame Lasserre e de suas desgraçadas companheiras foram uma consequência natural dos acontecimentos de S. Fernando, em 1868.

O marechal Solano Lopez, cuidadosamente, relacionara todos os indivíduos que direta ou indiretamente concorreram para a declaração da guerra, isto é, que ajudaram a execução dos planos políticos por ele próprio elaborados. Quando julgou impossível o triunfo, quando a vitória escapou definitivamente às suas satânicas combinações, quando viu o seu imenso poder desmoronar-se ante os canhões vingadores do Brasil, então os indivíduos que figuravam na *página negra* foram inexoravelmente condenados a sepultar-se também com os escombros da nacionalidade inteira que devia extinguir-se no último reduto, com o último soldado nos confins do deserto.

A conferência de Iatai-Corá, malogrando a derradeira esperança do ditador em conservar o mando supremo, foi o marco miliário de todos os horrores que se seguiram ao lento desmoronar do imenso poder militar que ameaçara avassalar toda a América do Sul.

Então teve começo a realização do tenebroso plano de vingança.

Senhoras da mais alta categoria social, a par de simples burguesas, ministros, generais, oficiais superiores, subalternos, funcionários civis de todas as graduações, artistas, negociantes, lavradores, operários – foram arrastados ao acampamento de S. Fernando, submetidos a conselho de guerra, sob pretexto de urdirem conspirações contra o governo e fuzilados *pelas costas* como réus de alta traição ou mortos nos *cepos de laço* e na tortura a mais cruelmente selvagem.

Mais tarde, os estrangeiros residentes no Paraguai seguram o mesmo caminho, sem exceção de um só, condenados a desaparecer da face da terra para melhor ficar esquecida a história dos crimes hediondos da ditadura de Lopez.

Então ninguém escapou à ação desses pseudo-tribunais denominados *Comissões de inquérito*; os próprios juízes de hoje eram condenados amanhã, como cúmplices dos conspiradores.

Quem não estava com as armas na mão, defendendo o tirano, foi arrastado à presença desses implacáveis algozes escolhidos para a instauração do *grande processo nacional*.

Esses juízes, que obravam sob a ameaça do fuzil sempre pronto a funcionar, recebiam de antemão a sentença, isto é, o gênero de morte que devia ser aplicado ao réu; e, pela tortura, arrancavam da vítima novas denúncias contra indivíduos previamente designados, como aconteceu com o infeliz cônsul de Portugal, Leite Pereira, o qual, denunciando como conspiradora a

jovem e heroica D. Dolores Recalde, no último instante, ao expirar, declarou ser falsa a acusação que lhe fora arrancada momentos antes, quando lhe despedaçavam os membros apertados em um torno!

Dolores Recalde foi lanceada momentos depois, apesar da solene declaração do moribundo.

O Dr. Carreras, principal instigador desta guerra, enviado de Aguirre, presidente uruguai, para assinar a aliança com o Paraguai contra o Brasil, foi preso também como conspirador, submetido à tortura e fuzilado em 27 de setembro de 1868.

O coronel oriental Francisco Laguna, que ao se declarar a guerra fora oferecer sua espada em defesa de Lopez; o Dr. Rodrigo Larreta, secretário da legação uruguaia, e o antigo cônsul dessa nacionalidade, Antonio Niu Reys – foram fuzilados pelo mesmo crime, aqueles a 22 e este a 26 de agosto.

Os generais Robles – o invasor de Corrientes, Barrios – o *herói* de Mato Grosso, Bruguez, Saturnino Bedoya, ministro e cunhado de Lopez, José Borges, ministro das relações exteriores, Venâncio e Benigno Lopez, irmãos do ditador, o bispo Palácios – seu *alter ego* nos negócios políticos – o coronel Martinez, e *milhares* de cidadãos de todas as classes foram lanceados em S. Fernando e durante a retirada desse lugar. Sua própria mãe e irmãs, milagrosamente salvas pelo exército brasileiro em Cerro Corá, já tinham sido condenadas à pena última, depois de serem espaldeiradas pelos juízes, por ordem de seu próprio filho!

O coronel paraguaio Mathias Goiburu, aprisionado em Aquidabã, declarou que o número dos vitimados sob pretexto de conspirações elevou-se a mais de quatro mil e quintas pessoas!

Enquanto os cidadãos eram assim arrastados para o suplício, suas famílias marchavam para as cordilheiras, onde deviam encontrar uma morte mil vezes mais horrorosa: – a fome!

Madame Duprat de Lassere nos transmite nestas *Memórias* o histórico dos sofrimentos inauditos dessa porção de viúvas e órfãos, salvos pelo exército brasileiro nos lóbregos desertos do Espadin.

Outubro – 1893.

J. Arthur Montenegro

00000

Tal livro organizado por Artur Montenegro foi repassado às redações dos jornais da cidade onde ele fora editado. Nesse quadro, os periódicos diários riograndinos, *Diário do Rio Grande*, *Eco do Sul* e *Artista* publicaram notas divulgando tal recepção, tecendo breve comentário e elogiando o organizador. O *Diário*, inclusive, destacou que tal trabalho já fora anteriormente publicado junto à imprensa:

00000

DIÁRIO DO RIO GRANDE – Guerra do Paraguai¹³

Acabam de ser publicadas em volume, depois de o terem sido pela imprensa, as memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lasserre, publicação interessantíssima sobre a Guerra do Paraguai.

Foram vertidas do espanhol para português pelo inteligente e laborioso cidadão J. Arthur Montenegro, que lhe adicionou algumas notas importantes.

Recomendando o apreciável trabalho do Sr. Montenegro, agradecemos-lhes o exemplar que nos enviou.

ECO DO SUL – “Memórias”¹⁴

O incansável e inteligente cavalheiro, Sr. José Arthur Montenegro nos ofereceu um volume relativo a acontecimentos da Guerra do Paraguai, intitulado – *Memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lasserre*, as quais foram traduzidas e anotadas por S. S.

As referidas memórias versam sobre o absolutismo bárbaro do ex-ditador Solano Lopez, perseguindo e sacrificando centenares de pessoas, nacionais e estrangeiros, de ambos os sexos e de várias idades, em seu país, em holocausto ao desespero que o ralava por antever perdida em 1865 a campanha nefasta que movera ao Brasil.

¹³ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 17 nov. 1893, a. 46, n. 12691, p. 2.

¹⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 nov. 1893, a. 40, n. 245, p. 2.

Parece incrível que no organismo de um homem destes últimos anos se abrigasse uma alma danada como a de Lopez.

A leitura do referido livro é interessante desde as primeiras linhas.

Agradecemos a lembrança do Sr. Montenegro.

ARTISTA – História do Paraguai¹⁵

O Sr. Arthur Montenegro enviou-nos uma brochura contendo as memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lasserre, vertida para o português e anotado por S. S.

É uma publicação útil, cuja leitura recomendamos aos leitores.

Ao Sr. Montenegro agradecemos a gentileza da oferta.

◆◆◆◆◆

Também contou com a organização, tradução e anotação de J. Arthur Montenegro o livro *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan*

¹⁵ ARTISTA. Rio Grande, 16 nov. 1893, a. 31, n. 254, p. 3.

*Silvano Godoi*¹⁶. Mais uma vez era a Livraria Americana a empresa que, em 1895, editava a obra, cujas dimensões eram de 21 X 15 cm. Mantendo a prática da transcrição documental, Montenegro trazia ao público uma versão paraguaia para os eventos, sem deixar de “refutar algumas acusações” nela presentes, por meio do acréscimo de “notas elucidativas”. Antes da edição impressa, o próprio organizador apresentava as “monografias históricas” por meio da imprensa:

◆◆◆◆◆

HISTÓRIA – REFUTAÇÃO NECESSÁRIA¹⁷

Escreve-nos o Sr. J. Arthur Montenegro:

- Ilmo. Sr. Redator

Pelo último paquete chegado do Rio da Prata, recebi uma interessante obra recentemente publicada em Buenos Aires pelo ilustrado escritor paraguaio D. Juan Silvano de Godoi, versando sobre a guerra que o Brasil, aliado às Repúblicas Argentina e do Uruguai, sustentou durante cinco anos contra o tenaz governo de sua pátria.

Essa obra vem de um jato lançar muita luz sobre os acontecimentos político-militares daquela tremenda luta; muitas particularidades do mais alto alcance histórico. Vem inesperadamente desfazer opiniões de vários escritores até hoje acatadas e confirmar a de outros tidas como absurdas e fantásticas:

¹⁶ MONTENEGRO, José Arthur (org.). *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano Godoi*. Rio Grande: Livraria Americana, 1895.

¹⁷ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 31 maio 1893, a. 45, n. 12.557, p. 1.

uma verdadeira revolução no modo de encarar certos fatos misteriosos dessa luta lendária. Ela tem sobretudo o mérito de ter saído de uma pena paraguaia, de ser a *primeira publicação vinda de tal origem* e por consequência insuspeita sob muitos pontos de vista.

Como sabeis, há seis anos estudo esta questão com meticuloso cuidado e pretendo dentro de um prazo mais ou menos longo publicar o resultado de minhas investigações a respeito desse obscuro e confuso período histórico que, conquanto recente, é muito pouco conhecido nos quatro países que se viram envolvidos na luta provocada pelo marechal Solano Lopez. Essa circunstância aliada aos muitos dados fidedignos e documentos inéditos que tenho conseguido obter, generosamente cedidos por particulares¹⁸, que permitem bem apreciar certos acontecimentos, obrigam-me a não deixar sem ligeiros reparos algumas proposições emitidas pelo ilustre escritor paraguaio em sua interessante *Monografias históricas*, que muito de perto dizem respeito à nossa pátria.

¹⁸ Não posso deixar de aproveitar a ocasião que se me oferece para declarar que meu modesto empreendimento muito e muito deve à generosa e delicada animação e patriótico interesse dos Exmos. Srs. visconde de Taunay, visconde de Maracaju, barão de Rio Apa, almirante Firmino F. Rodrigues Chaves, contra-almirante Eusébio de Paiva Legey, senador Francisco M. da Cunha Júnior, tenente-general D. Bartolomeu Mitre, general D. Ignacio Garmendia, Dr. Fernando Lobo, almirante Custódio José de Mello, conselheiro Joaquim M. Nascentes de Azambuja, marquês de Tamandaré, Dr. Juan A. Alsina, Dr. Milton Gonzales, Dr. Roustan e outros, muitos dos quais têm posto seus arquivos particulares à minha disposição.

Sobre os sucessos de Mato Grosso, o Exmo. Coronel Generoso Ponce, vice-governador do Estado, tem me fornecido um sem número de documentos inéditos do mais alto valor e que até hoje não foram consultados

Peço-vos, pois, hospitalidade nas colunas do vosso conceituado jornal para por elas tratar do assunto que me parece de palpante interesse.

Vos envio junto a esta a tradução da primeira parte da citada obra: minhas observações a respeito corresponderão ao número das respectivas anotações que serão publicadas depois de cada capítulo.

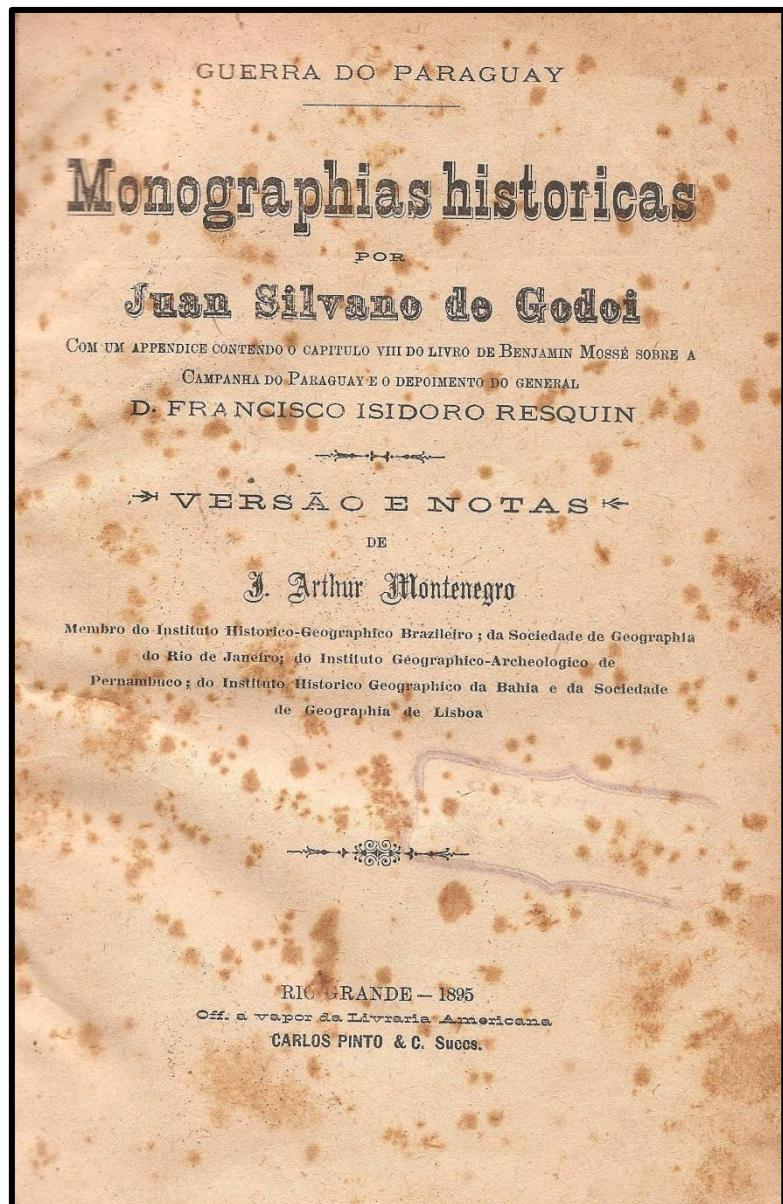
Confessando-me sumamente grato, subscrevo-me com toda consideração e apreço.

Vosso admºr. e crº. e obº.

J. Arthur Montenegro

◆◆◆◆◆

As *Monografias históricas* traziam na folha de rosto a presença de Montenegro como responsável por “versão e notas”. O autor de tais monografias, Juan Silvano de Godoi, residiu e estudou na Argentina, onde manteve próximo contato com a intelectualidade bonaerense. Quando da escritura das “*Monografias*”, ainda morava na Argentina, voltando ao Paraguai poucos anos depois. Godoi atuou como escritor e bibliotecário. Foram inclusos à obra como anexos, na qualidade de “documentos justificativos” às notas do organizador, um capítulo escrito pelo estudioso francês Benjamin Mossé acerca do imperador D. Pedro II e um depoimento do general paraguaio Francisco Isidoro Resquin, que participara da Guerra da Tríplice Aliança. J. Arthur Montenegro também assinava uma breve nota introdutória na abertura do livro:



Sobre a lucta de 1864 a 1870, em que se viram envolvidos quatro povos da America do Sul, é este o primeiro trabalho historico que sae de uma pena paraguaya.

Esta circunstancia, alliada ao desejo de tornal-o conhecido no paiz, levou-me a verter para o idioma vernaculo as *Monographias* que de perto se relacionam com os successos politicos e militares da epoca.

Procurei refutar algumas accusações do autor, accrescentando notas elucidativas á narração que faz sobre as operações militares realisadas pelos alliedos.

Em appendice, juntei um trecho do interessant livro de Benjamin Mossé, *D. Pedro II*, no qual resumidamente historia com notavel precisão e imparcialidade todos os successos dessa tremenda guerra, e o depoimento do general Isidoro Resquin, chefe de estado maior do marechal Solano Lopez, como documentos insuspeitos e justificativos do que avanço em defesa de minha patria.

J. Arthur Montenegro

◆◆◆◆◆

Sobre a luta de 1864 a 1870, em que se viram envolvidos quatro povos da América do Sul, é este o primeiro trabalho histórico que sai de uma pena paraguaia.

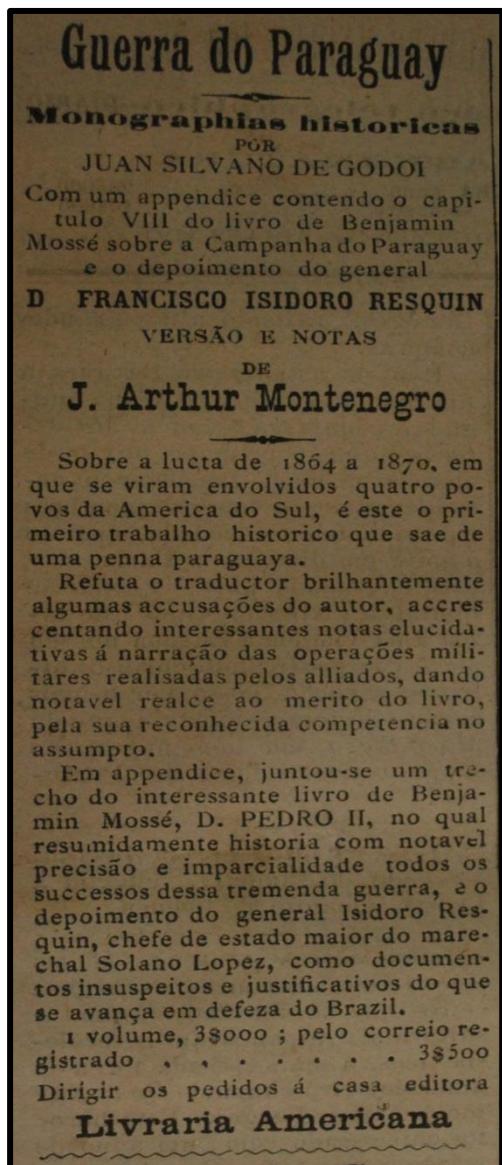
Esta circunstância, aliada ao desejo de torná-lo conhecido no país, levou-me a verter para o idioma vernáculo as *Monografias* que de perto se relacionam com os sucessos políticos e militares da época.

Procurei refutar algumas acusações do autor, acrescentando notas elucidativas à narração que faz sobre as operações militares realizadas pelos aliados.

Em apêndice, juntei um trecho do interessante livro de Benjamin Mossé, *D. Pedro II*, no qual resumidamente historia com notável precisão e imparcialidade todos os sucessos dessa tremenda guerra, e o depoimento do general Isidoro Resquin, chefe do estado maior do marechal Solano Lopez, como documentos insuspeitos e justificativos do que avanço em defesa de minha pátria.

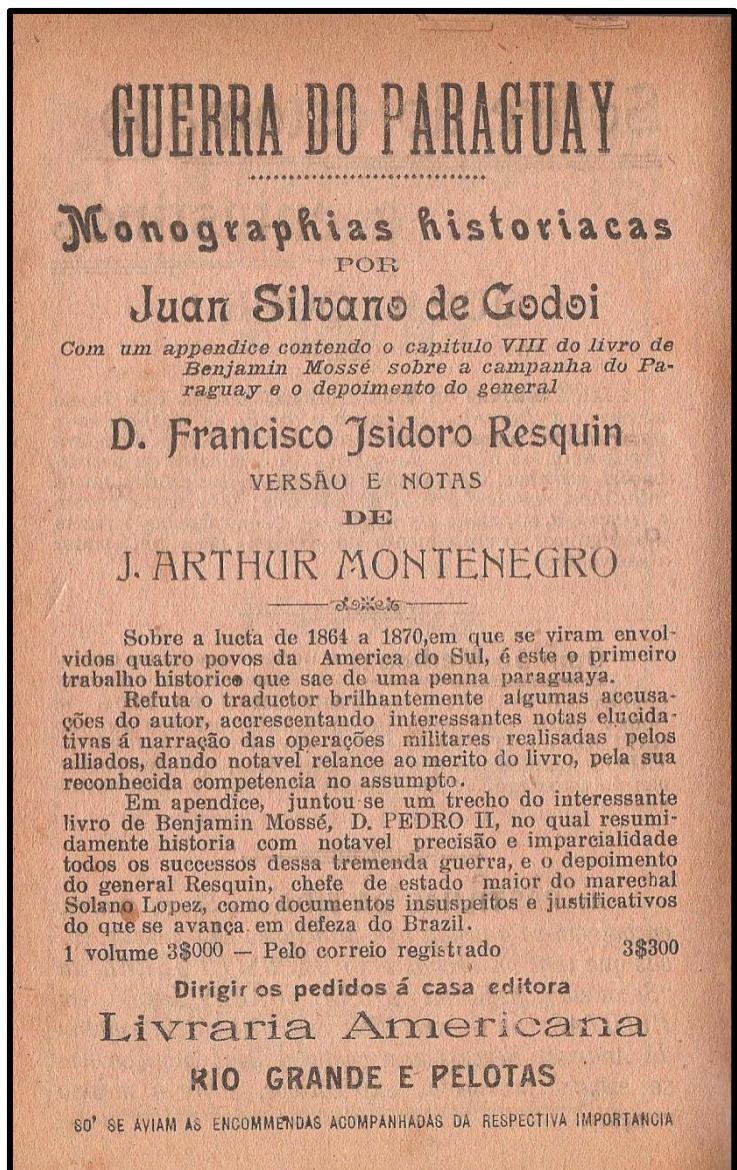
J. Arthur Montenegro

◆◆◆◆◆



Propaganda da Livraria Americana anunciando o livro de J. Arthur Montenegro

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 18 set. 1895, a. 47, n. 13249, p. 2



Propaganda da Livraria Americana anunciando o livro de J. Arthur Montenegro

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1916. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1915.

Em 1900, pela Livraria Rio-Grandense, também da cidade do Rio Grande, Arthur Montenegro lançou de sua lavra o livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*¹⁹. Com dimensões de 22 X 12,5 cm, a publicação era composta por artigos independentes escritos por Montenegro, alguns deles já publicados anteriormente por meio da imprensa periódica. A obra trazia uma apresentação escrita pelo estudioso cearense Raimundo de Farias Brito que muito elogiava a “verdade histórica” como característica essencial dos escritos de J. Arthur Montenegro. O livro é composto por dezoito textos, muitos deles de caráter biográfico, outros acerca de movimentos bélicos, quase todos centrados em torno da Guerra da Tríplice Aliança, visando essencialmente a demonstrar o “valor” dos militares brasileiros, bem como antagonizar o inimigo. Aparecia ainda um anexo, no qual o autor travava uma querela com um indivíduo que, por meio da imprensa, retratara um de seus escritos e cuja temática essencial era a História Militar.

Montenegro não chegou a redigir uma introdução para o seu *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*, mas o prefaciador, R. de Farias Brito, sintetizava o sentido do livro:

¹⁹ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900.



Abrangendo em suas investigações apenas um período da nossa história, pois todos os seus quadros giram em torno da Guerra do Paraguai, principal objeto de suas lucubrações, vê-se que o seu objetivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a dedução dos destinos da civilização brasileira, mas apenas arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram e, sobretudo, fazendo justiça aos que soubiram morrer pela causa da pátria.

Dentre os vários artigos que compõem o livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*, pode ser destacado um. Em meio a maior parte dos textos que valorizava os “feitos” brasileiros na guerra, um deles, intitulado “Morte de um espartano”, buscava demarcar que a bravura também poderia ser uma característica atribuída aos soldados paraguaios. Tal perspectiva vinha bastante ao encontro da versão estabelecida pelo Brasil em relação à Guerra do Paraguai desde o seu início, quer seja, discursivamente localizando o adversário não no povo paraguaio e sim na “ditadura” de Lopez, abrindo a possibilidade de um elogio, no que seria um caso de demonstração de coragem de um soldado guarani.

00000

MORTE DE UM ESPARTANO

As bandas marciais do 2º corpo do exército já tocavam os hinos da vitória.

O barão de Porto Alegre, à frente daqueles paisanos que acabavam de receber o batismo de fogo, conquistara à baioneta o forte de Curuzu no memorável dia 3 de setembro de 1865.

Gonçalves Fontes perseguia os fugitivos paraguaios na direção de Curupaiti; Albino de Carvalho reorganizava os corpos que debandaram durante aquela carga admirável, sem exemplo em tropas bisonhas, que nos deu a posse de respeitável entrincheiramento artilhado em 13 bocas de fogo e garnecido por 3.500 homens.

Um esforço mais, e o quadrilátero ficaria flanqueado; mas o cansaço das tropas, o número de feridos e a ignorância da topografia daquele intrincado terreno obrigaram o velho soldado de Moron a limitar o feito do dia à tomada do forte avançado da grande fortaleza paraguaia.

Ainda assim foi uma ação digna do soldado brasileiro.

Cumpriram bem os seus deveres os que ali se bateram...

*
* * *

O coronel Astrogildo da Costa, superior de dia, multiplicava-se em assombrosa atividade, providenciando na remoção dos feridos para bordo dos

navios da esquadra e auxiliando aos comandantes das divisões e brigadas no restabelecimento da ordem tática dos corpos, após aquele combate à arma branca que nos deu não pouca glória.

Entrava em forma o 2º corpo de caçadores a cavalo, que combatera a pé, armado à infantaria; Agostinho Piquet ordenava a brigada em coluna cerrada de batalhões, obedecendo à ordem do comando em chefe que mandara cessar a perseguição e entrar em formatura todos os corpos para a revista geral.

Nesse momento se divisou um grupo de paraguaios que passava dentro da mata, fugindo na direção de Curupaiti.

Astrogildo, a todo galope, aproxima-se da brigada Piquet e ordena que a 6ª companhia do corpo de caçadores estendesse em linha de atiradores com a frente para a mata e fuzilasse o grupo inimigo.

O capitão Julião José Tavares, cumprindo a ordem, estendeu a sua companhia na perpendicular do flanco direito da coluna e rompeu cerrado fogo contra aqueles retardatários que passavam correndo na esperança de alcançar a trincheira do outro forte.

De repente alentado paraguai surge da macega que crescia à esquerda de Curuzu: corria em campo aberto, entre a mata e os atiradores na direção do rio para umas palhoças situadas no ângulo da retaguarda de Curuzu: – um grupo de cerca de 60 brasileiros perseguiu o paraguaios aos gritos:

– Não atira...

- Pega à unha...
- Cerca... não mata.

Julião Tavares fez suspender o fogo de sua companhia para deixar passar o perseguido e os perseguidores, pois estes procuravam tomar os lados para meter em círculo o fugitivo que voava para as palhoças em medonhas cabriolas...

O valente paraguaio, naquela carreira vertiginosa, aproximou-se de um montículo de areia que se erguia no meio do campo; contornando-o, desapareceu no momento mesmo em que o grupo de brasileiros, completando o cerco, alcançou o local em que misteriosamente sumiu-se o corpulento guarani.

Todos estacaram perplexos ante a súbita desaparição do homem de *chiripa* e camisa vermelha: – cautelosamente avançavam para o montículo no intuito de agarrá-lo no *fojo* em que o julgavam metido.

Súbito, horrível detonação estrugiu no espaço: imensa coluna de fumo e areia ergueu-se violentamente do solo, atirando em todos os sentidos os corpos despedaçados do grupo de brasileiros.

Uma hecatombe!

O paraguaio vendo-se perdido e não quis ficar prisioneiro, embora compreendesse que não queriam tirar a vida, pois nada mais fácil a tantos perseguidos que derrubá-lo a tiro, preferiu morrer dando a morte aos inimigos da pátria.

Havia atrás do montículo, habilmente disfarçada com galhos de árvores, a entrada de um *polvarin* abobadado, onde se guardava 1.500 libras de pólvora: – penetrar nesse depósito, puxar o isqueiro, chegar a mecha ao explosivo, voar tudo num turbilhão espantoso – foi a obra de alguns segundos.

O solo fendera-se em diversos sentidos; grossos angicos, seculares lapachos, foram arrancados pela raiz e atirados à grande distância.

Dos sessenta brasileiros foram apenas encontrados alguns braços, algumas pernas, longe do lugar do sinistro; a cabeça de um soldado foi cair a bordo do *Princesa de Joinville*, fundeado a cerca de milha e meia em linha reta!

Dias depois, bandos de urubus denunciavam a presença de carne humana no cimo das árvores alterosas que circundavam o forte de Curuzu.

E assim morreu um bravo, digno dos heróis da antiga Esparta.

00000

Os próximos dois textos foram publicados por Montenegro junto à imprensa periódica, constituindo uma brevíssima amostragem que representa suas obras que não chegaram a ser publicadas no formato de livro. Os artigos vêm ao encontro da preferência do autor pelos estudos de natureza militar em relação à Guerra do Paraguai, pois um tecia considerações sobre uma fortificação e o outro descrevia uma cena do enfrentamento bélico.

O FORTE DE NOVA COIMBRA (Excerto da *História da Guerra do Paraguai*)²⁰

O forte de Nova Coimbra, que tem representado tão importante papel, notável pelo assédio regular sustentado bizarramente contra os espanhóis comandados por D. Lazaro de Rivera, em setembro de 1801, parece ter-se tornado ponto estratégico de grande importância para a defesa fluvial da província de Mato Grosso.

Foi construído em 1775, pelo capitão Mathias Ribeiro da Costa, durante a administração do capitão-general Luiz de Albuquerque, em represália ao procedimento hostil dos espanhóis, que tinham fortificado S. José e ocupado outros portos da raia fluvial para inquietarem o comércio dos bandeirantes em nossas fronteiras e dominarem a navegação interior.

Consistia a fortificação numa estacada de madeira, revestida pelo exterior de uma camada de areia em talude natural, como, aliás, eram nessa época quase todas as nossas fortificações interiores, em que a ciência do engenheiro militar só era rigorosamente aplicada na defesa dos portos marítimos.

Conhecida mais tarde a importância estratégica da posição, depois de 1801, foi mandada reconstruir pelo capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, levantando-se muralhas de alvenaria garnecidas pela melhor artilharia existente no arsenal da capitania, ao mesmo tempo que era elevada à

²⁰ MONTENEGRO, José Arthur. O forte de Nova Coimbra. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1893*. Rio Grande: Livraria Americana, 1892. p. 215-216.

categoria de presídio militar para dar maior impulso ao desbravamento da zona circunvizinha e aldeamento dos selvagens.

Essa fortificação, que seria a última palavra da engenharia militar no século XVIII, oferece péssimas condições defensivas, atenta a disposição do terreno em que está edificada: formando um polígono irregular de baterias asseteadas no prolongamento do rio, assenta na encosta de uma montanha de quatro a cinco quilômetros de circunferência, em cuja elevação foi construída uma cortina, que fecha o polígono pela retaguarda, tendo a bateria paralela à margem do rio quarenta pés de altitude sobre o nível das mais altas enchentes.

O forte é dominado por duas eminências a cavaleiro: uma o *Morro da Patrulha*, na margem direita, e na retaguarda da cortina, domina as baterias da frente e dos flancos; a outra, o *Morro da Marinha*, na margem esquerda fronteira ao forte, *desenfia* perfeitamente os flancos e a cortina da retaguarda, completando o cruzamento de fogos contra a guarnição encerrada no recinto, que se vê completamente descoberta, desde que sejam essas alturas ocupadas pelo inimigo.

Dois baluartes nos ângulos da margem, ligados por uma cortina com dez canhoneiras em duas baterias, oferecem, pela reentrância que formam, um perfeito cruzamento de fogos sobre o rio, que nesse ponto tem cerca de trezentos metros de largura. A partir da margem para a retaguarda, seguem os contornos da fortificação, diminuindo de altura à proporção que o terreno se eleva, sendo fechado por um simples parapeito de cinco pés de altura. Foram abertos na encosta da montanha uma sucessão de degraus e esplanadas para facilitar-se a

evolução dos defensores no recinto fortificado. Somente ficam em nível natural as baterias da margem; as cortinas e o parapeito, acompanhando a elevação do terreno, deixam o interior completamente descoberto e facilmente dominado, sem fossos exteriores que dificultem uma escalada e sem a precisa solidez para resistência a um prolongado bombardeio.

O forte intercepta perfeitamente a passagem do rio, detendo mesmo uma coluna invasora, resistindo vantajosamente a um prolongado assédio, se as alturas forem convenientemente ocupadas e artilhadas e uma prévia derrubada nas matas vizinhas estabelecer diversas linhas de abatises para dificultar a aproximação da praça, como fez em 1858 o nobre e heroico barão de Melgaço, por ocasião da questão da livre navegação do Rio Paraguai.

Pequena guarnição, porém, encerrada no estreito recinto da praça, não podia, como não pode, deter a marcha do invasor, servindo apenas de pequeno tropeço à marcha de um inimigo audaz e bem comandado.

José Arthur Montenegro (Rio Grande)

#####

CAMPANHA DE MATO GROSSO: ASSALTO E TOMADA DO ENTRINCHEIRAMENTO DE BAIENDE (II Volume da *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai* – inédito)²¹

O coronel Moraes Camisão, antes de encetar a retirada do território paraguaio, quis mostrar que essa operação ia ser levada a efeito, não por temor ao inimigo, que tantas vezes bateu, mas sim forçado pela má situação em que se colocara e, sobretudo, pela absoluta e irremediável falta de víveres e munições.

Assim, resolveu forçar o inimigo a aceitar combate em qualquer terreno em que o encontrasse ou mesmo atacá-lo em seus entrincheiramentos, certo de que a vitória, coroando seus esforços, ficaria colorida com um feito brilhante a melindrosa operação que iam empreender, atentas às condições peculiares de sua situação, e, quebrando o entusiasmo com que os paraguaios encarassem a retirada, impunha respeitoso silêncio aos seus desafetos pessoais.

Neste pressuposto mandou reconhecer a posição ocupada pela coluna paraguaia na madrugada de 3 de maio, a fim de combinar o plano de ataque conforme o resultado dessa operação preliminar.

Os paraguaios estavam então fortificados em uma excelente posição, meia légua ao norte do campo brasileiro, no lugar denominado Baiende²², cobrindo a estrada que se dirige para a vila da *Concepcion*.

²¹ MONTENEGRO, José Arthur. Campanha de Mato Grosso: assalto e tomada do entrincheiramento de Baiende. In: *Almanaque popular brasileiro para 1894*. Rio Grande: Livraria Universal, 1893. p. 90-93..

²² Nosso ilustre amigo, o Exmo. Visconde de Taunay, que foi membro da comissão de engenheiros e secretário militar dessa expedição, e que em sua imortal *Retrait de Laguna* perpetuou esse feito heroico, considerado superior ao dos dez mil gregos de Xenofonte, dignou-

Um espaldão cingido de pequeno fosso protegia uma bateria de seis canhões, flanqueados à pequena distância por dois cerrados que se estendiam paralelamente à estrada. Quatro regimentos de cavalaria, um batalhão de infantaria e de artilheiros necessários ao manejo dos canhões, na força total de 3.150 homens, – completavam as dificuldades que tinha a superar a pequena coluna de infantaria brasileira.

O coronel Moraes Camisão ordenou ao major Thomaz Gonçalves e ao capitão Pedro Rufino, comandantes, este do corpo de caçadores e aquele do 21º de infantaria, que pela madrugada de 5, avançassem pelos flancos do entrincheiramento, procurando surpreendê-lo com um vigoroso ataque à baioneta. Ele devia avançar um pouco mais tarde, com as reservas para apoiar o movimento ofensivo de sua vanguarda e prevenir qualquer incidente fortuito que por ventura se desse.

A operação, contudo, não pode ser realizada no dia designado, porque medonho furacão desabou às 9 horas da noite de 4 para 5, inundando de tal forma a planície que no dia seguinte foi impossível mover com a coluna.

... “– Avalanches de chuva transformaram para logo o terreno em pântano lamaçento. Estes fenômenos terríveis não são raros no Paraguai, mas não víramos ainda outro semelhante. Os relâmpagos que se cruzavam incessantes, o raio que caía de todos os lados, o vento furioso que arrebatava tendas e barracas,

se de aprovar a designação geográfica que demos a este entrincheiramento, de acordo com as informações que colhemos de naturais do país, dizendo adotá-lo na 4ª edição da sua obra que brevemente sairá à luz em Paris.

formavam um caos ao horror do qual se misturavam a espaços os tiros de espingarda das nossas sentinelas contra inimigos diabólicos que ainda assim não cessavam de inquietar-nos; noite interminável em que tudo era para nós imagem de destruição, à mercê de todas as cóleras da natureza, sem abrigo nem refúgio, os soldados quase nus, escorrendo água, mergulhados ate a cintura em torrentes tão rápidas que podiam carregá-los e, ainda assim, ocupados em subtrair os cartuchos à umidade; a manhã encontrou-nos nesta posição²³".

O terreno ficou alagado. Em muitos pontos da extensa planície, vasto lodaçal cobria o barrento solo transformado em charcos visguentos e escorregadios. A marcha das tropas e o arrastar dos canhões tornar-se-iam sobremodo fatigantes e difíceis mesmo, se fossem tentados através desses longos e intermináveis banhados.

Entretanto, às 3 horas da madrugada do dia 6, partiram os dois corpos designados para o ataque às posições paraguaias. Meia hora depois o 17º batalhão, às ordens do tenente-coronel Eneias Galvão, protegendo uma peça de artilharia, seguiu como reserva para apoiar de perto a operação. O coronel Camisão, com o seu estado-maior, com o 20º, sob comando do capitão Ferreira Paiva, e os três canhões restantes, avançou depois para a colina fronteira ao campo paraguaio, com o propósito de empenhar no ataque toda a sua coluna, caso o exigisse a resistência oposta pelos contrários.

²³ Taunay – *Retrait de Laguna*, pág. 86.

Ainda escuro e no meio do maior silêncio, o 21º e os caçadores aproximaram-se do entrincheiramento. No longo trajeto que fizeram, não encontraram uma só vedeta ou sentinelas avançada que desse sinal de sua aproximação. O 21º chegou a tomar posição na contra-escarpa do fosso sem ser pressentido!

A artilharia paraguaia, com os animais de tiro atrelados, estava colocada para o lado donde desembocava esse corpo; sua guarnição dormia a poucos passos de distância...

O major Thomaz Gonçalves, aí chegando, compreendeu o perigo a que estava exposto, se o inimigo, despertando, abrisse os fogos. Não havia um momento a perder; sua voz ecoou no silêncio da noite: *Cruzar baionetas! Carregar!* E o valente batalhão atirou-se como um só homem contra a trincheira.

A confusão que se seguiu foi indescritível. Os animais de tiro tiveram apenas o tempo necessário para arrancar os canhões de mãos dos poucos instantes que, mais ágeis, tinham trepado o talude do fosso. Essas peças desapareceram rapidamente no turbilhão de homens e cavalos que redemoinhavam no estreito espaço limitado pelas trincheiras e ranchos.

Os caçadores no flanco oposto secundavam energicamente a carga iniciada pelo 21º; os índios auxiliares, aproveitando, com a sagacidade que lhes é própria, esse momento de confusão, avançaram pela frente e, debandando em pequenos grupos, matavam a cacete e à baioneta a quantos encontravam. Os

paraguaios, atacados vigorosa e simultaneamente por todos os lados, ficaram completamente derrotadas e procuraram na fuga furtar-se à impetuosidade das cargas sucessivas dos brasileiros e ríjas cacetadas dos índios auxiliares que não davam quartel. Ao grito *Los bárbaros*, dado pelos primeiros que foram surpreendidos, a debandada foi geral e toda formatura impossível, apesar dos esforços que faziam os oficiais para organizar a resistência.

Quando a luta teve princípio, o astro do dia estava ainda envolvido nas brumas da noite; tênue crepúsculo despontava no cimo da gigantesca cadeia do Amambai, iluminando frouxamente essa cena grandiosamente lúgubre – na qual, combatendo um contra cinco, esse punhado de brasileiros parecia recitar a derradeira estrofe de um hino de glória, dando o último arranço ofensivo contra os inimigos de sua pátria!...

O primeiro combate foi assim ferido na semiobscuridade de uma madrugada tropical.

No campo paraguaio tudo era confusão: homens, mulheres, cavalos, carretas, carros de munições e de bagagem atropelavam-se, esmagavam-se uns contra os outros. Gritos medonhos partiam de todos os lados e toda essa massa infernal via-se envolvida por um círculo de baionetas que brilhavam ao fulvo relâmpago das cerradas e sucessivas descargas de fuzilaria que a dizimava.

Uma só companhia ou esquadrão paraguaio não pode entrar em forma para resistir à impetuosidade do ataque, protegendo a retirada da tropa. Naquela

meia obscuridade, viam-se por toda parte vultos correrem em todas as direções, fuzilando-se mutuamente e possuídos de um pânico difícil de imaginar-se.

O dia rompeu, enfim: as cristas azuladas da cordilheira tomaram então a cor avermelhada do astro-rei. A bandeira auriverde, destacando-se repentinamente do fundo pardacento da colina, parecia um sorriso da pátria num raio de esperança. A bateria protegida pelo 20º formado em coluna de ataque no declive do terreno, o estado-maior ocupando o cimo do cerro, o 17º, 21º e os caçadores retirando do campo paraguaio, que estava coberto de cadáveres, alastrado de barracas caídas, de carros quebrados, de ranchos em chamas e destroços de todo o gênero – tudo isso, surgindo quase repentinamente das trevas, foi saudado por mil e seiscentas vozes, num prolongado *Viva o Brasil!* cujo eco reboou por muito tempo nas canhadas da cordilheira.

Os clarins paraguaios, porém, soaram ao longe, como que protestando contra esse brado de vitória.

Uma nuvem de cavalaria, puxando a bateria de suas peças, surgiu repentinamente pela estrada da *Isla Guazú*. Tomou posição e abriu os fogos contra os corpos que marchavam para a colina: a cavalaria, em duas alas, ganhando distância para a direita e para a esquerda da frente de batalha dos brasileiros, partiu a todo galope contra os dois quadrados que, flanqueados, protegendo-se mutuamente, a deteve a vinte passos de distância sob seus fogos cruzados. Enquanto esses mamelucos de nova espécie redoppiavam diabolicamente, recuando para desembaraçar a frente de sua artilharia, esta, já preparada, cobriu o campo de metralha e foguetes.

Os quadrados do 17º, 21º e caçadores desfizeram-se em grandes divisões, mandando para a frente uma cadeia de atiradores; a artilharia tomou posição para bater a paraguaia e a coluna inteira, eletrizada pelo entusiasmo, entrou em linha atacando os contrários. Dois canhões paraguaios foram desmontados aos primeiros tiros; um carro de munições fez medonha explosão, introduzindo na cavalaria um pânico extraordinário e a tal ponto que os cavaleiros não podiam sujeitar os animais bravios em que montavam e que disparavam em todas as direções; aumentava a confusão o estourar das granadas que os perseguiu por mais de meia légua.

Contavam-se mais de duzentos cadáveres paraguaios. O acampamento inteiro, as obras de sapa destruídas, dois canhões desmontados e um carro de munições fazendo explosão qual mina gigantesca – tais foram as consequências desse ataque ousado, cujos louros aureolavam a fronte do inditoso chefe brasileiro.

Dez ou doze mortes, alguns feridos deram uma vitória, senão decisiva, pelo menos transcendente para o momento em que a coluna principiava a retirada, sancionando ainda a superioridade desse punhado de infantes, atirados aos confins do país, os quais deixaram gravados no granito da história nomes que o Brasil jamais esquecerá.

Rio Grande.

J. Arthur Montenegro

OS CARTÕES FOTOGRÁFICOS

As fotografias constituíram um dos acervos aos quais José Arthur Montenegro concedeu redobrada atenção. O registro fotográfico é um documento que possibilita visualizar o fenótipo dos personagens que estão preservados na documentação oficial e também daqueles que deixaram poucos rastros de sua passagem. A observação visual estabelece outra perspectiva com a fonte e seus contextos: sejam os cenários de combates ou os personagens envolvidos nos conflitos.

O surgimento da fotografia consistiu num somatório de descobertas e invenções que se estenderam por mais de dois milênios, mas, que se tornou um “produto” em 1839, com o daguerriótipo. Desde a década de 1840, mas, especialmente na década de 1850, ocorre a difusão de estúdios fotográficos ou de fotógrafos ambulantes nas principais cidades do planeta. O contexto mais amplo do desenvolvimento de uma linguagem fotográfica é a Revolução Industrial. Nesta direção às técnicas fotográficas se configuraram no mais “moderno recurso da época de difusão do conhecimento, na medida em que registrava, a partir de imagens cristalizadas, a memória individual e local, transformando-a assim, em um documento histórico”²⁴.

As técnicas ainda estavam em desenvolvimento e as dificuldades na obtenção das imagens ainda eram grandes em relação aos custos, tempo de exposição e métodos de revelação. Mas, certamente, a Guerra do Paraguai foi um dos eventos que levou à acentuada ampliação e popularização do uso do registro

²⁴ BURATTO, M. O diálogo entre a materialidade, o imaginário e os viajantes no cinema. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 27, 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM, p. 5.

fotográfico. A ideia era preservar a imagem do combatente que poderia nunca mais regressar aos seus familiares. A fotografia, neste contexto da guerra, era utilizada como preservação da memória visual do retratado. Transcendendo ao tempo de suas motivações, as fotografias mostraram serem memórias visuais de longa duração temporal, que possibilitam investigações dos processos históricos e de elementos do cotidiano.

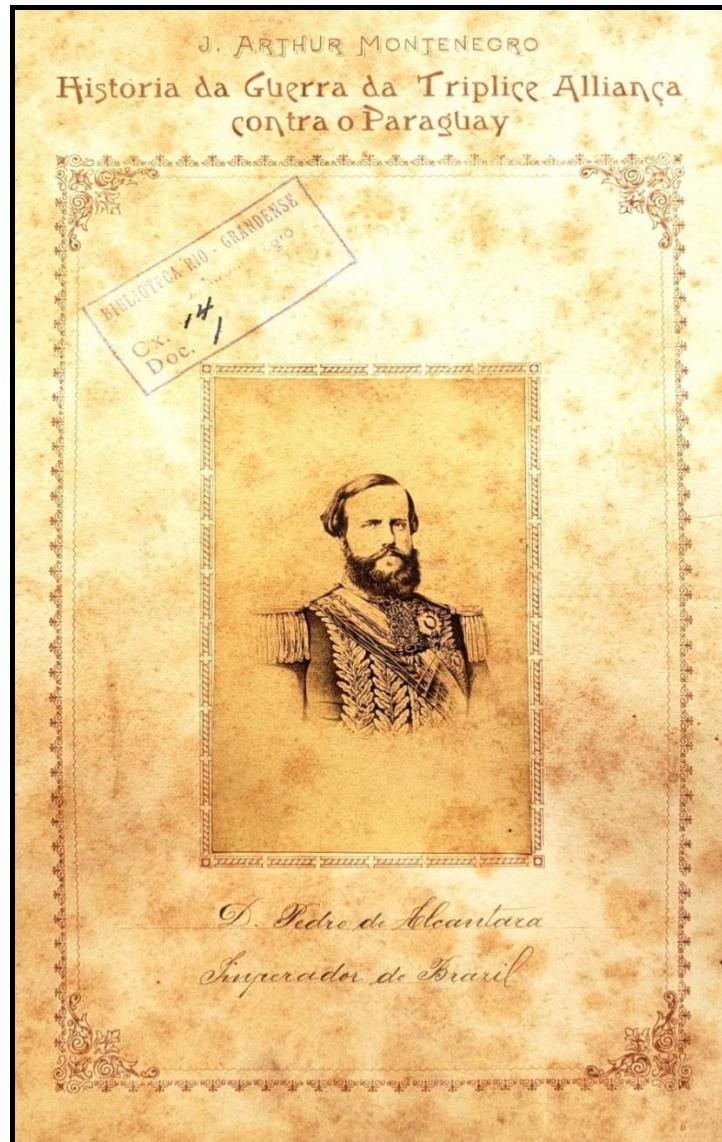
Com o seu uso como fonte histórica a fotografia deixou definitivamente de ser um mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o *status* de documento, uma matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da história, de acontecimentos e de grupos sociais²⁵.

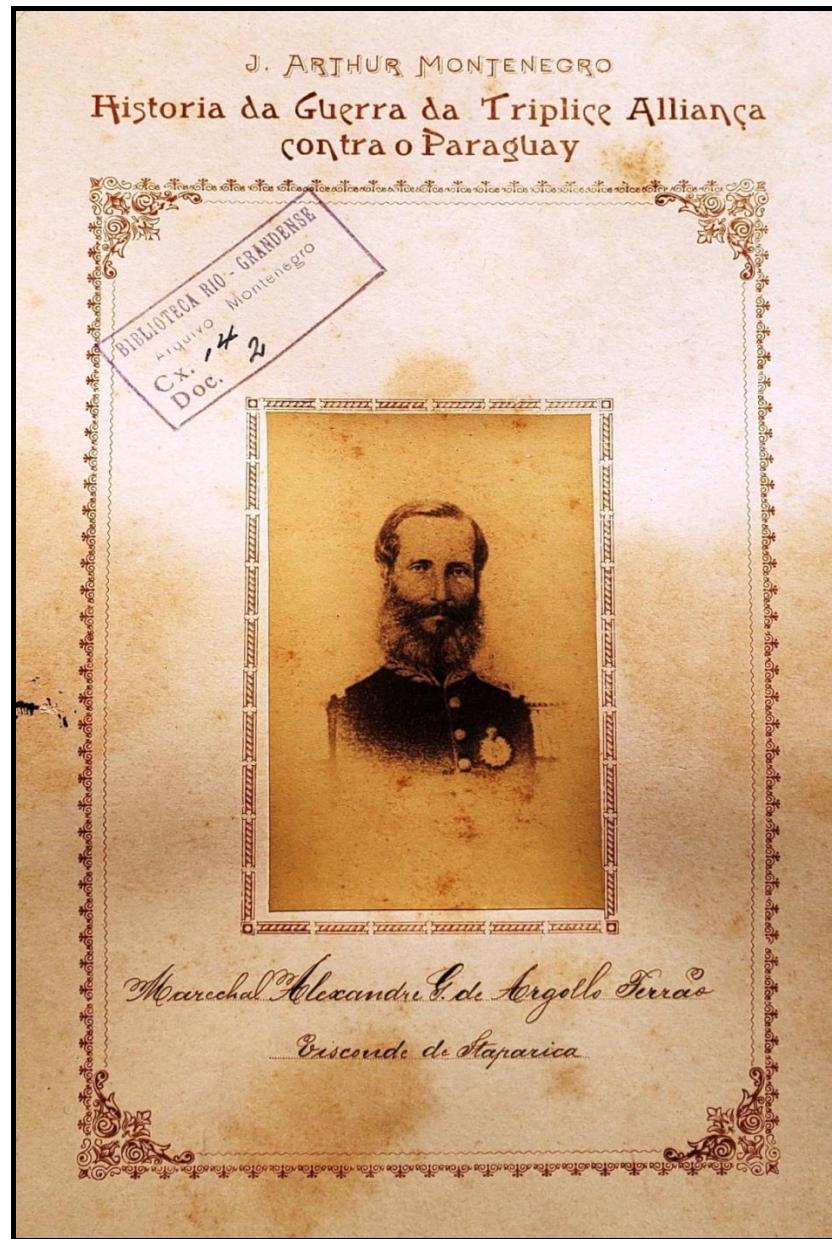
A busca do registro fotográfico fez com que Montenegro mantivesse uma rede de contatos para obter imagens de combatentes, seja com os sobreviventes ou com os seus familiares/amigos. Desta forma montou um arquivo com centenas de fotografias e uma parte destas, ele fixou em cartões para uma valorização do personagem. Mandou imprimir estes cartões no formato de 20cm x 16cm os quais eram constituídos por dizeres na parte superior (J. Arthur Montenegro – História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai), uma borda, a parte central reservada para ser colada a fotografia do personagem e, abaixo, a identificação do retratado em caneta nanquim. O resultado foi –

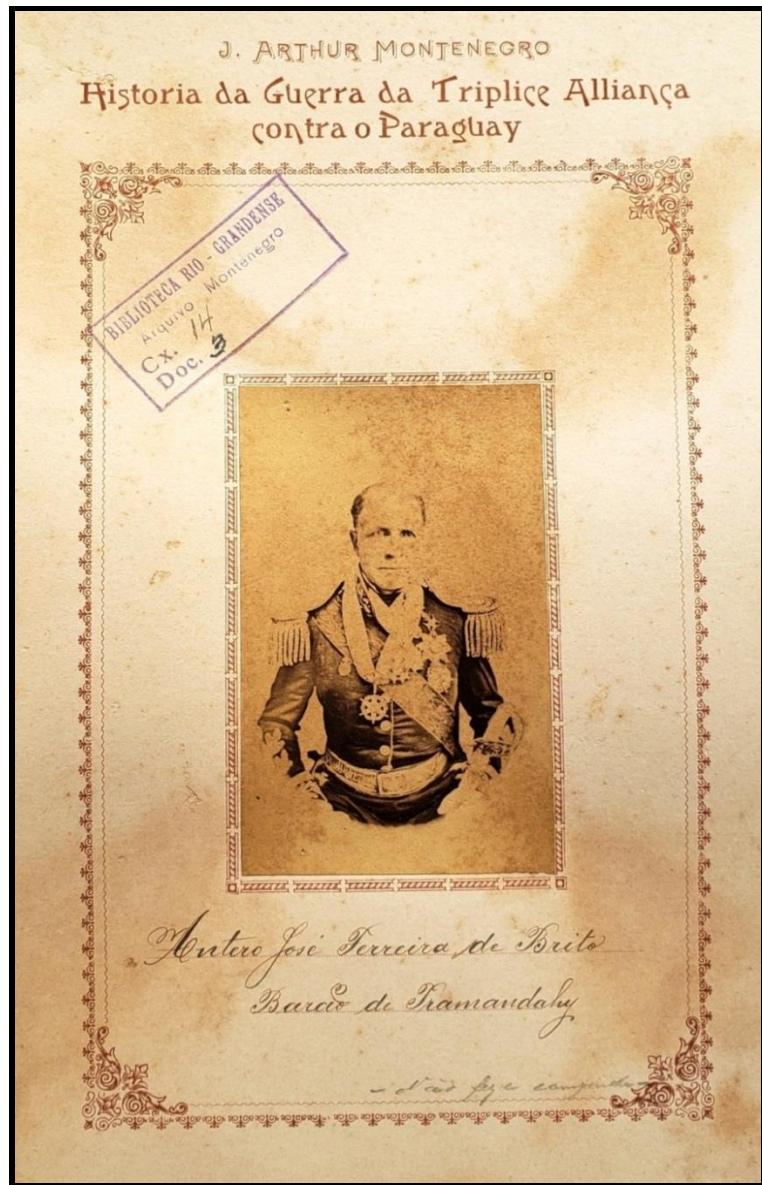
²⁵ FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Como tratar coleções de fotografias*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 11.

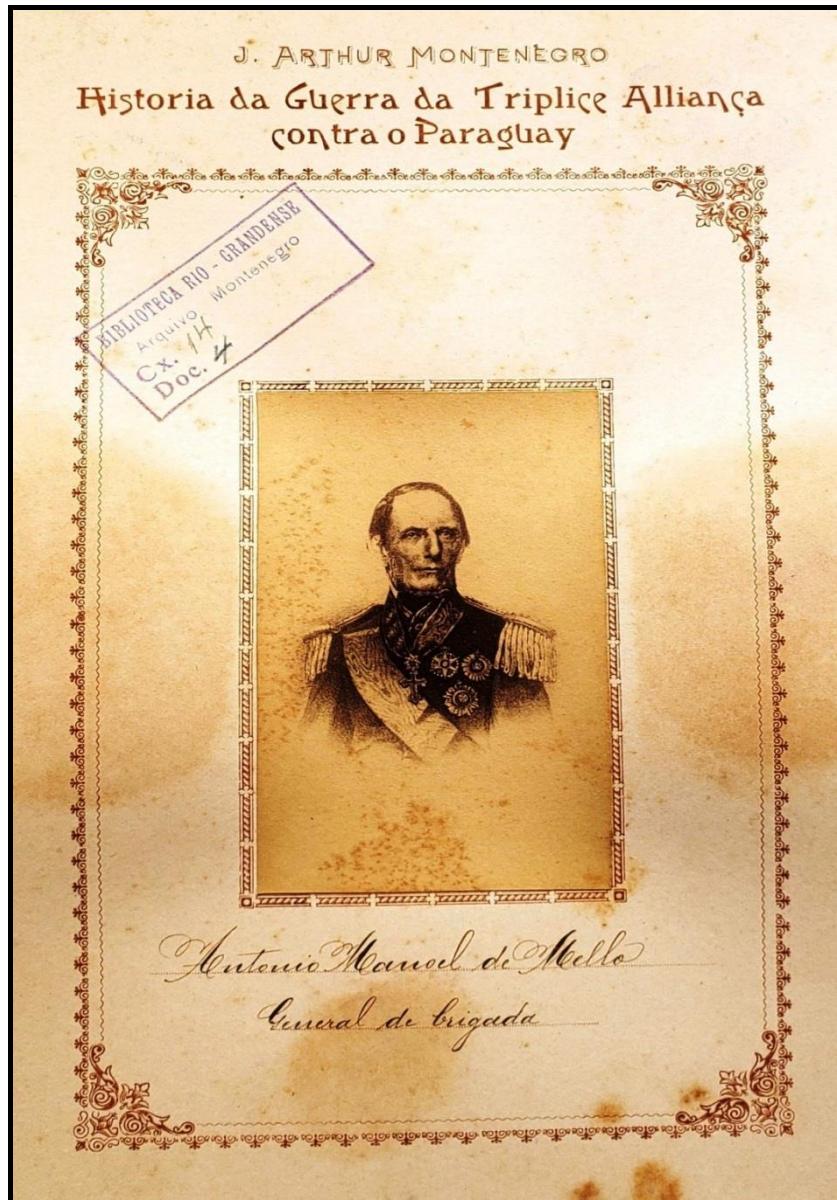
esteticamente – uma bela coleção de cartões que facilitam a visualização de personagens que participaram direta ou indiretamente desta Guerra.

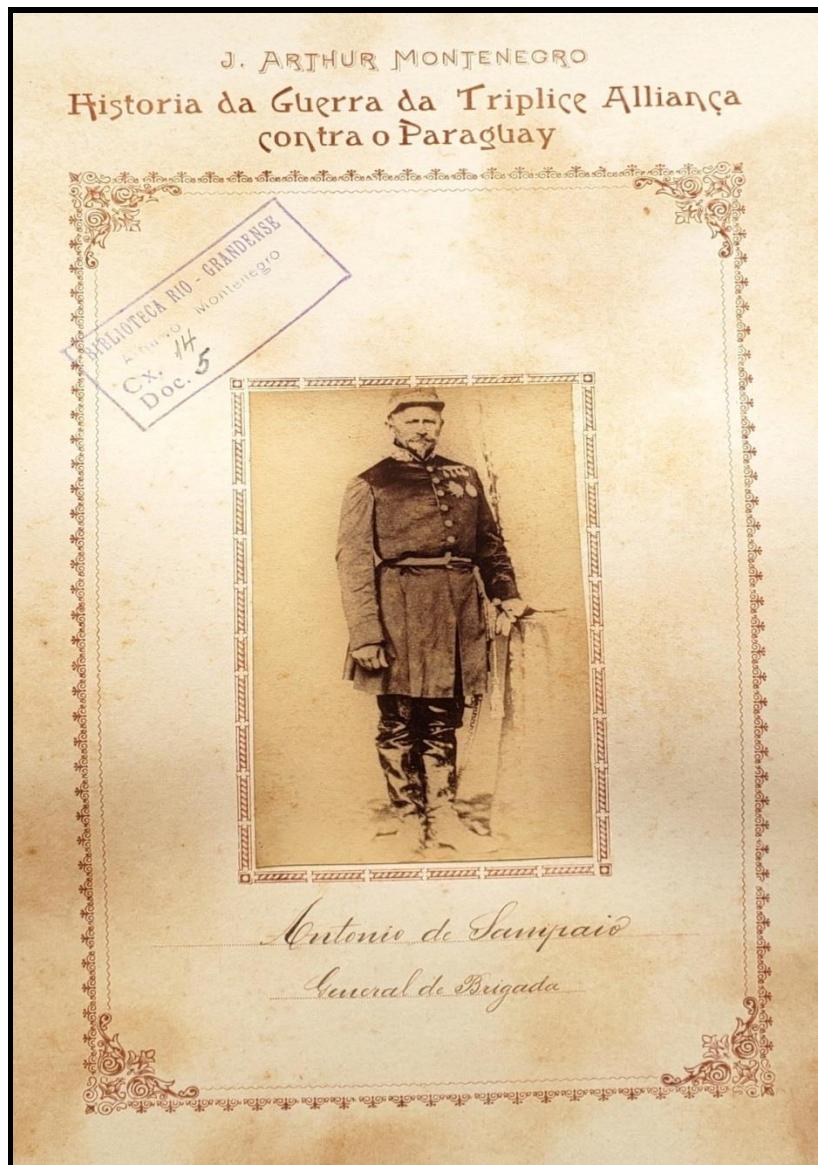
A seguir, serão reproduzidos uma parte dos cartões que constituem o Arquivo Montenegro do acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

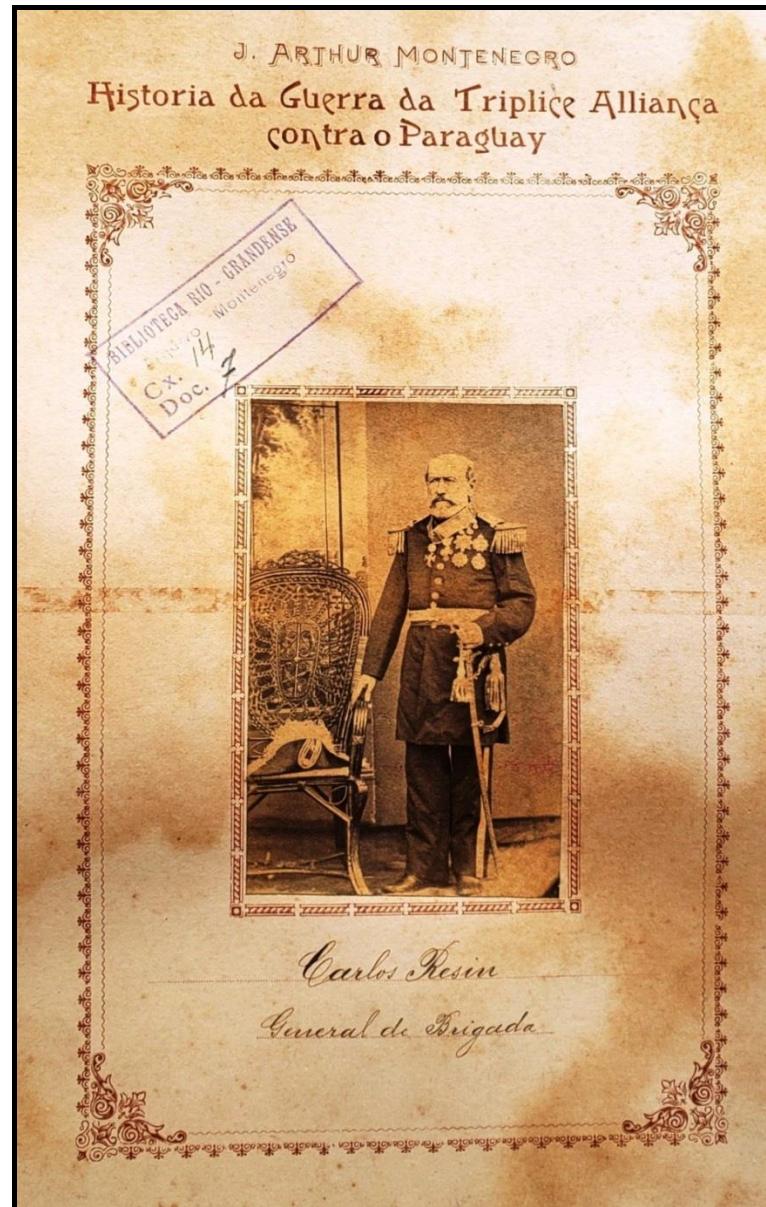




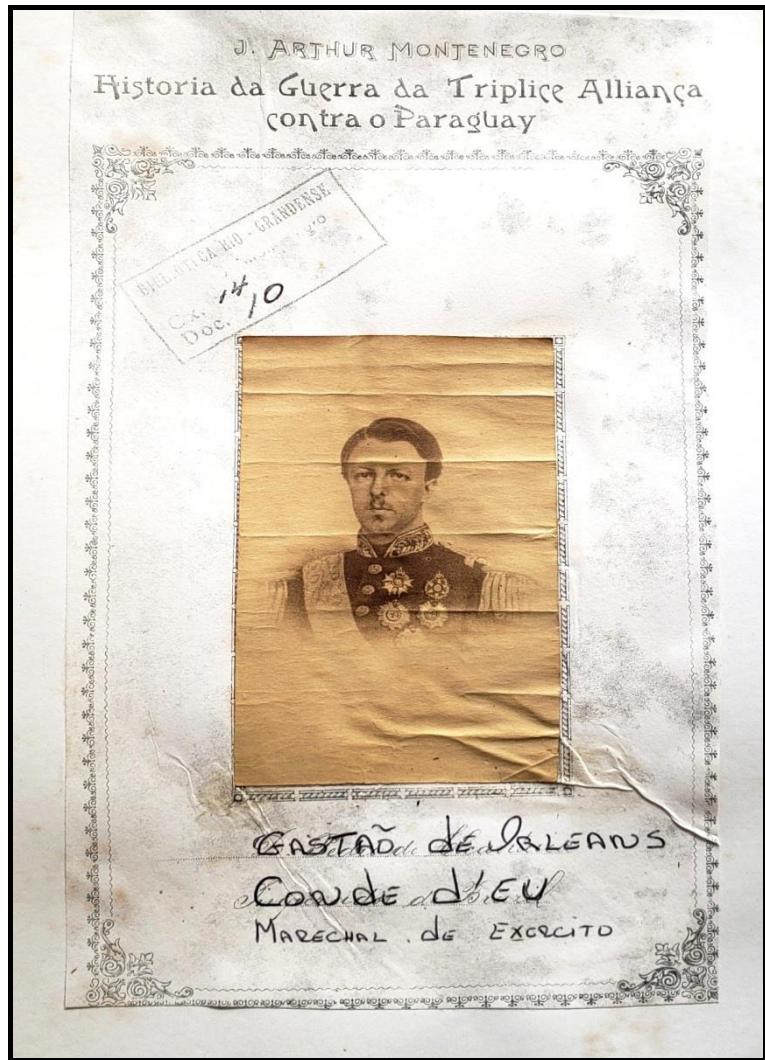


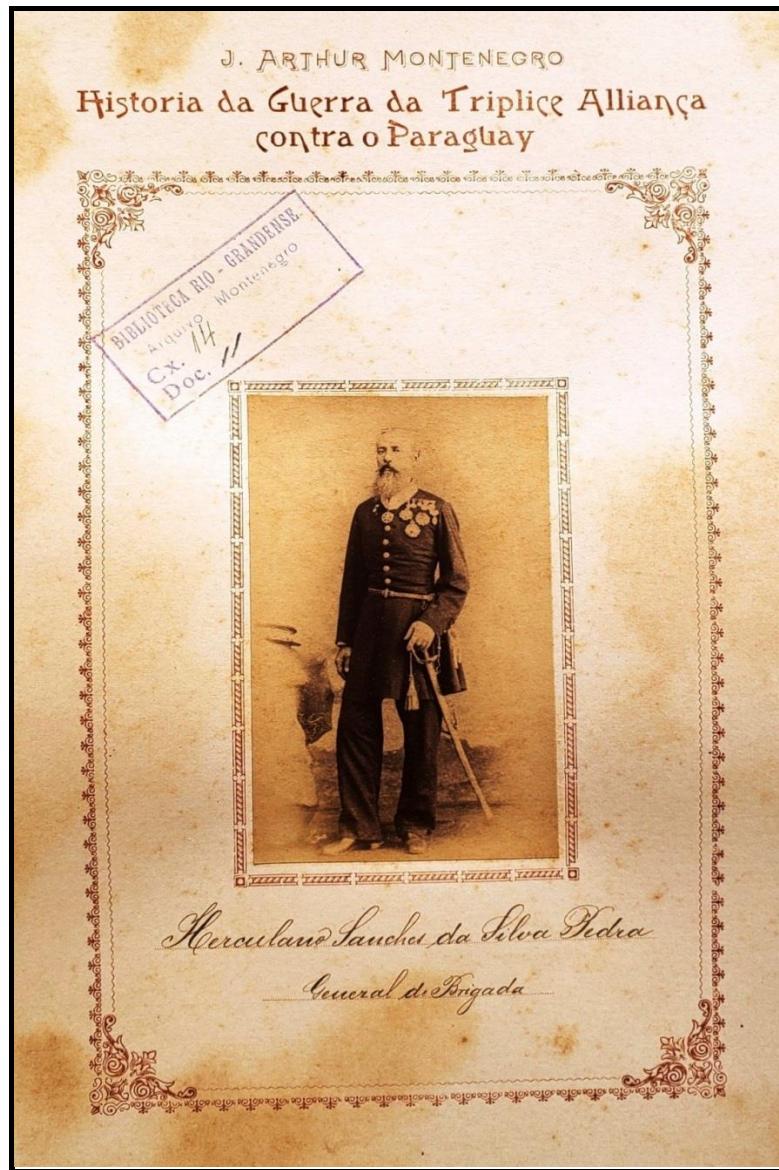


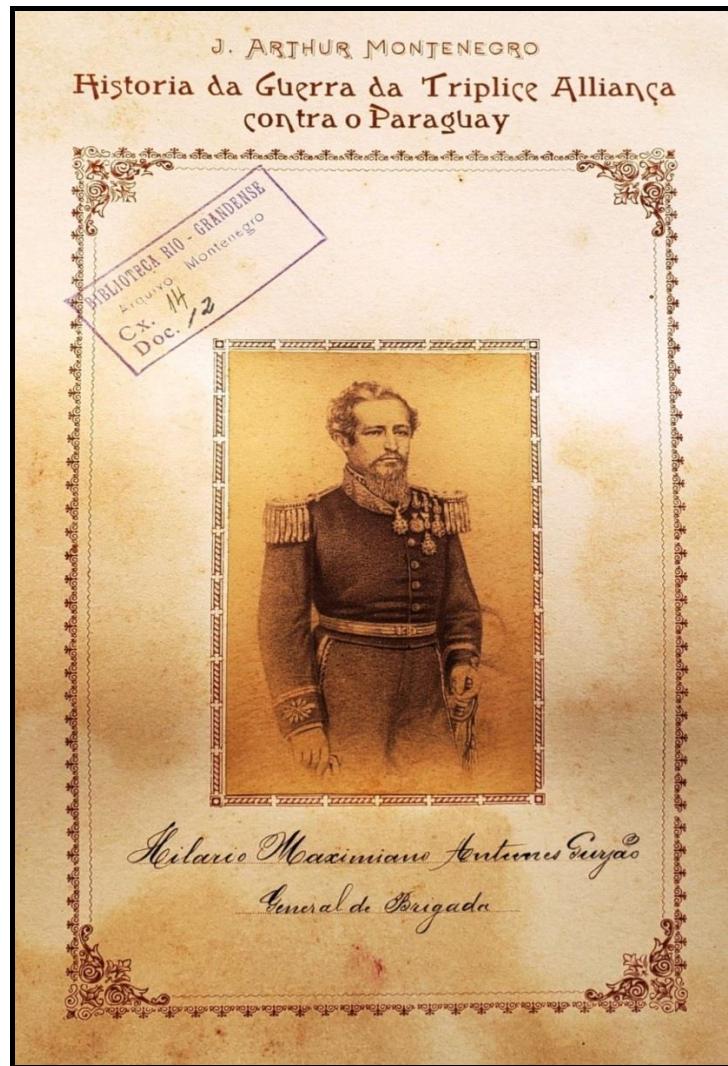


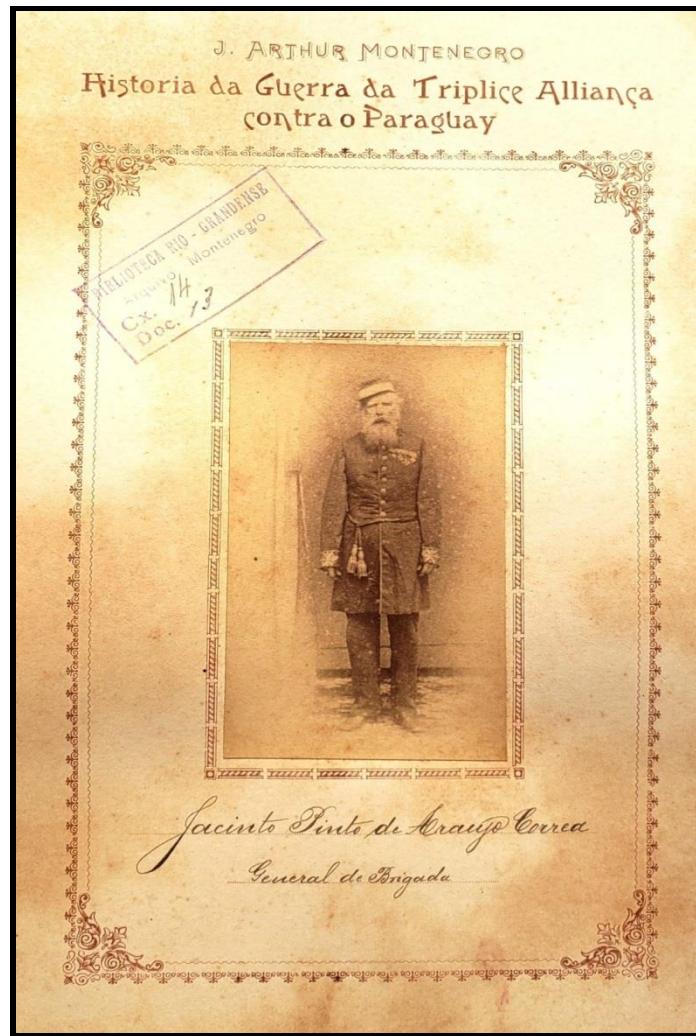


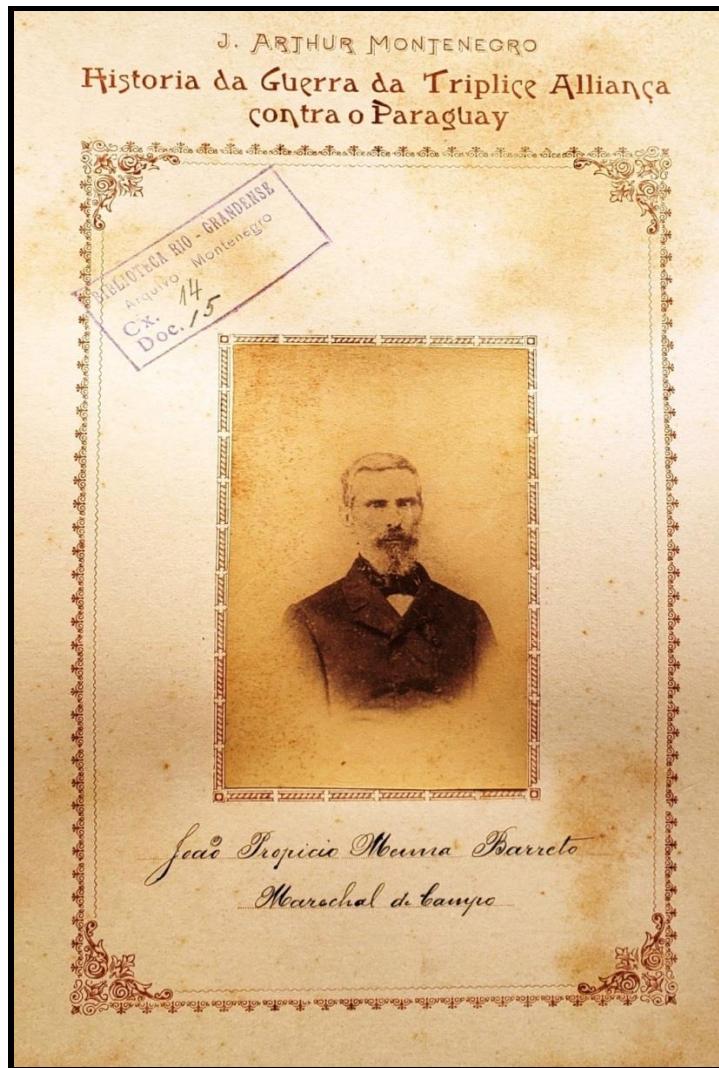




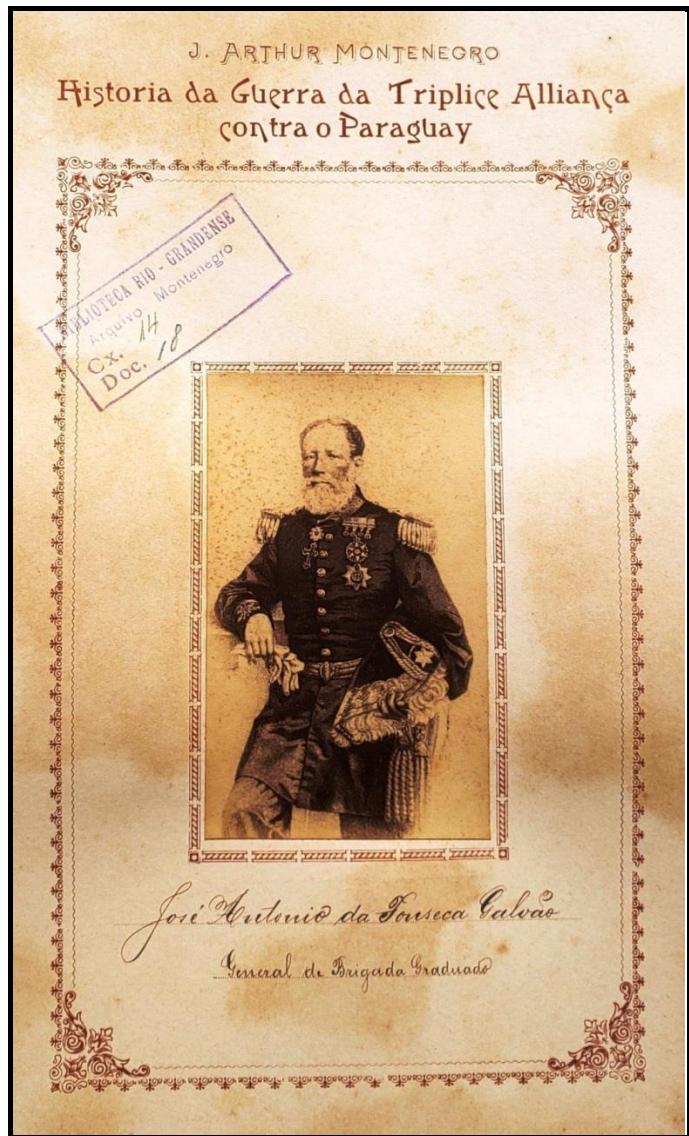


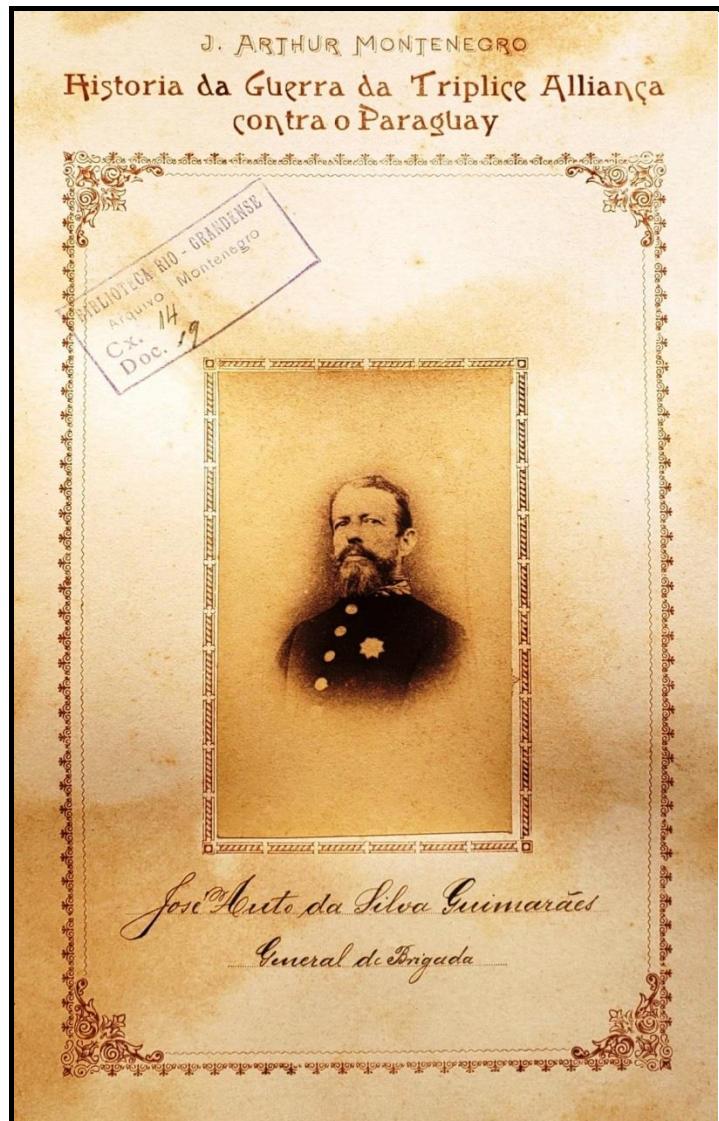


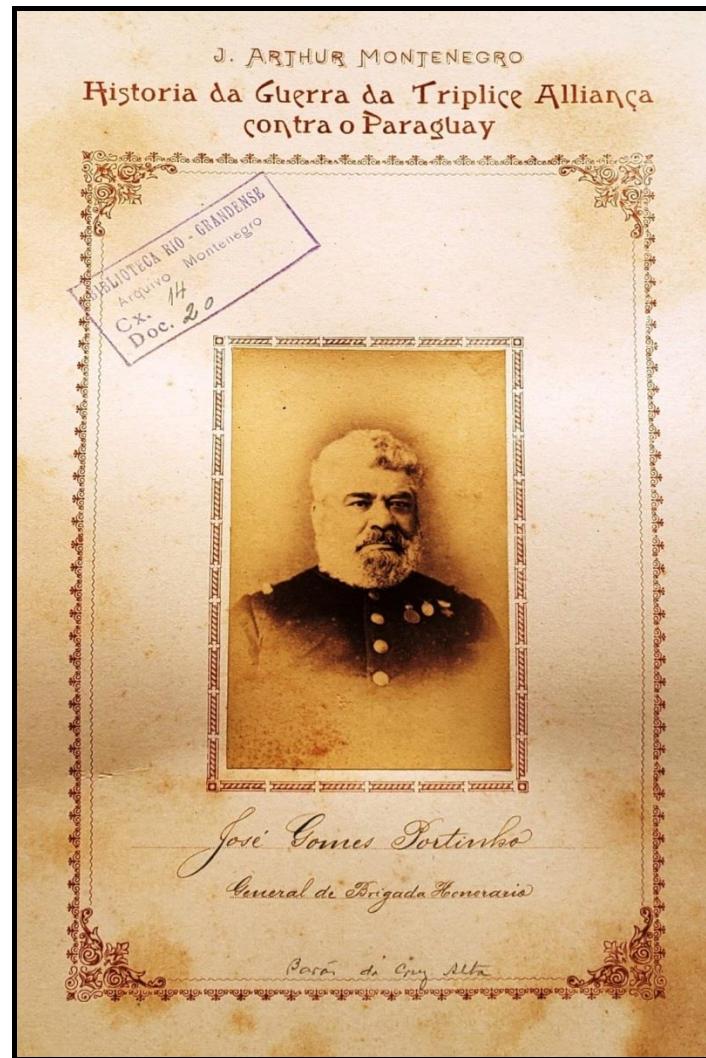


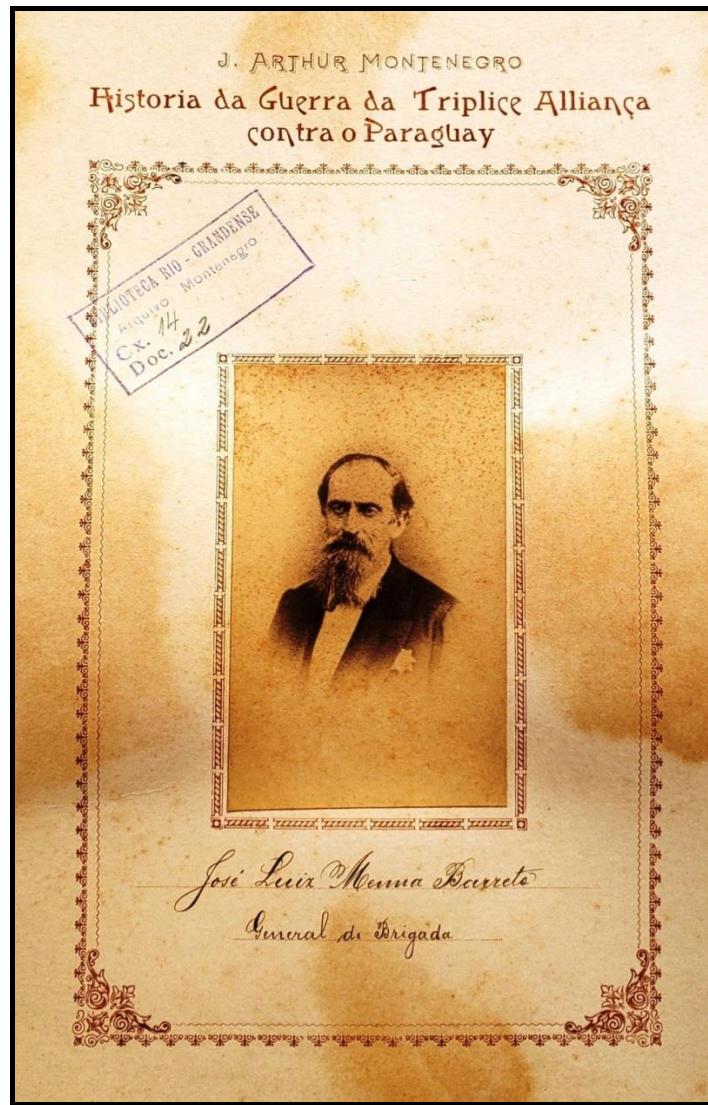


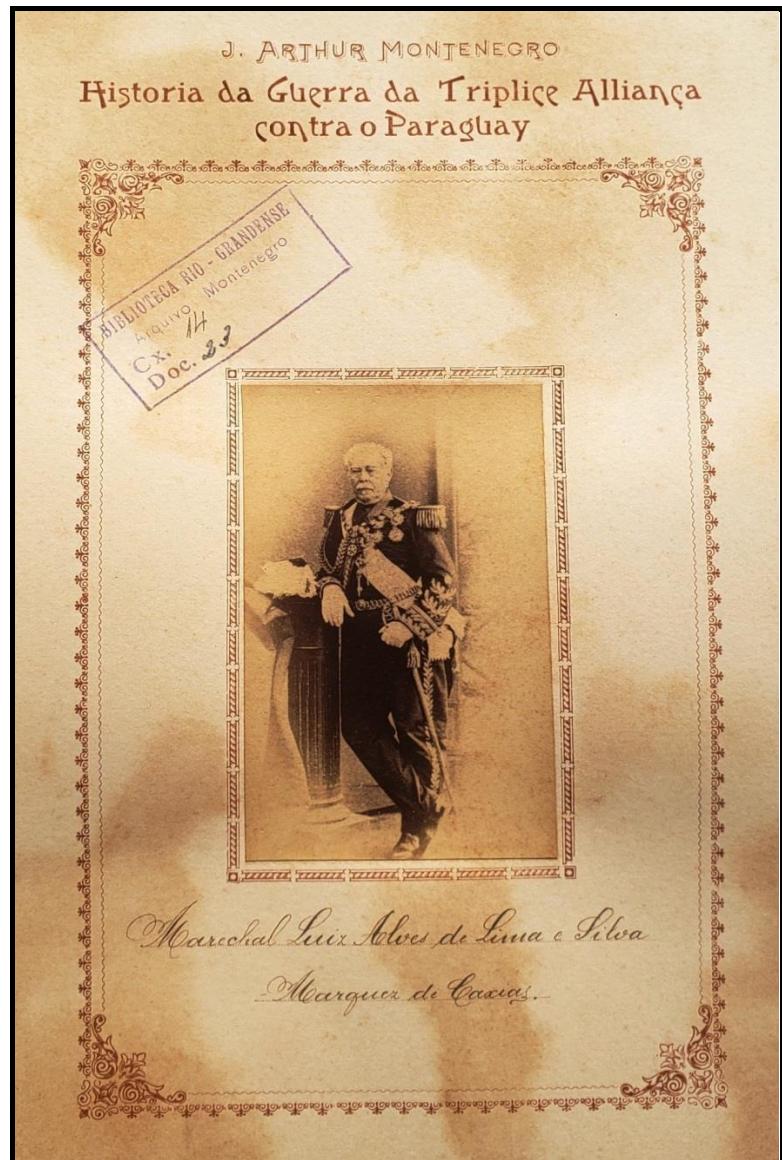


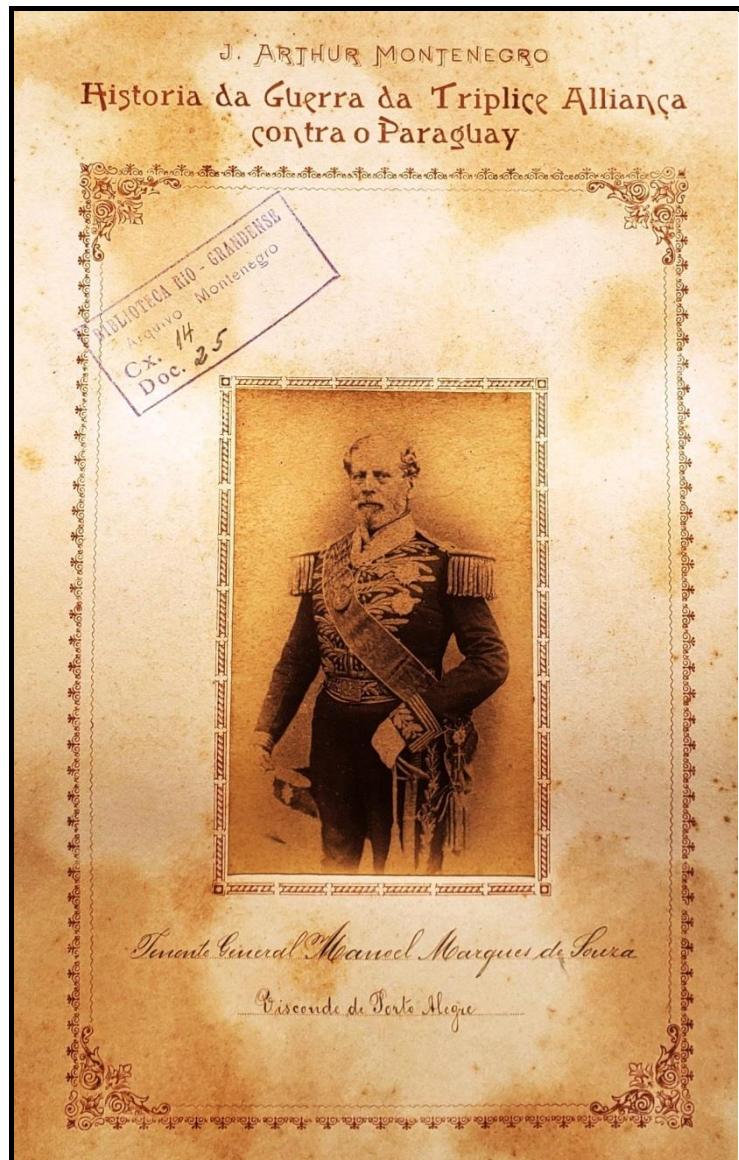


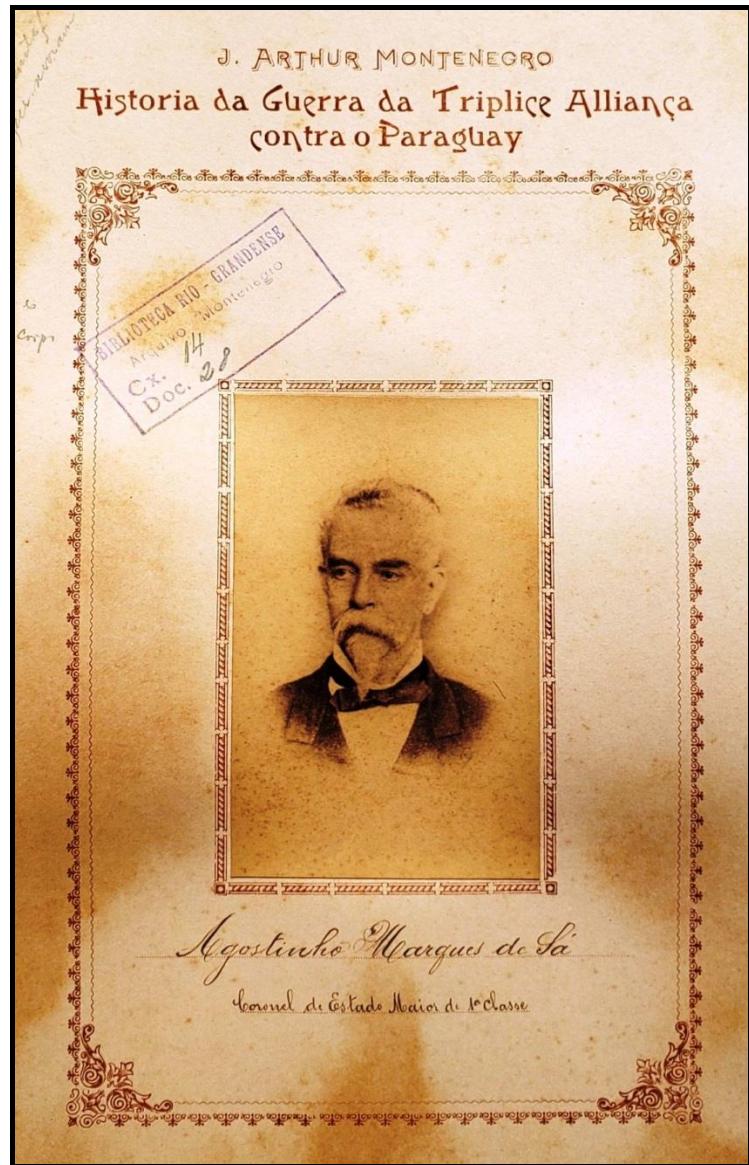


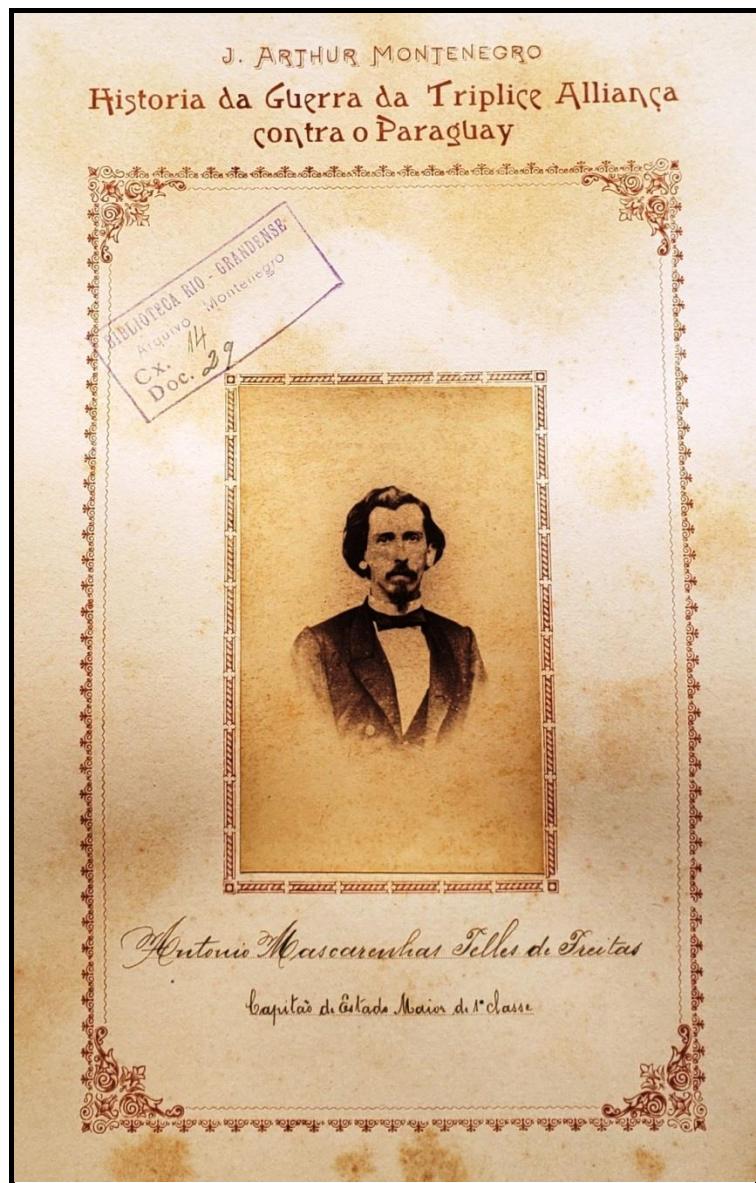


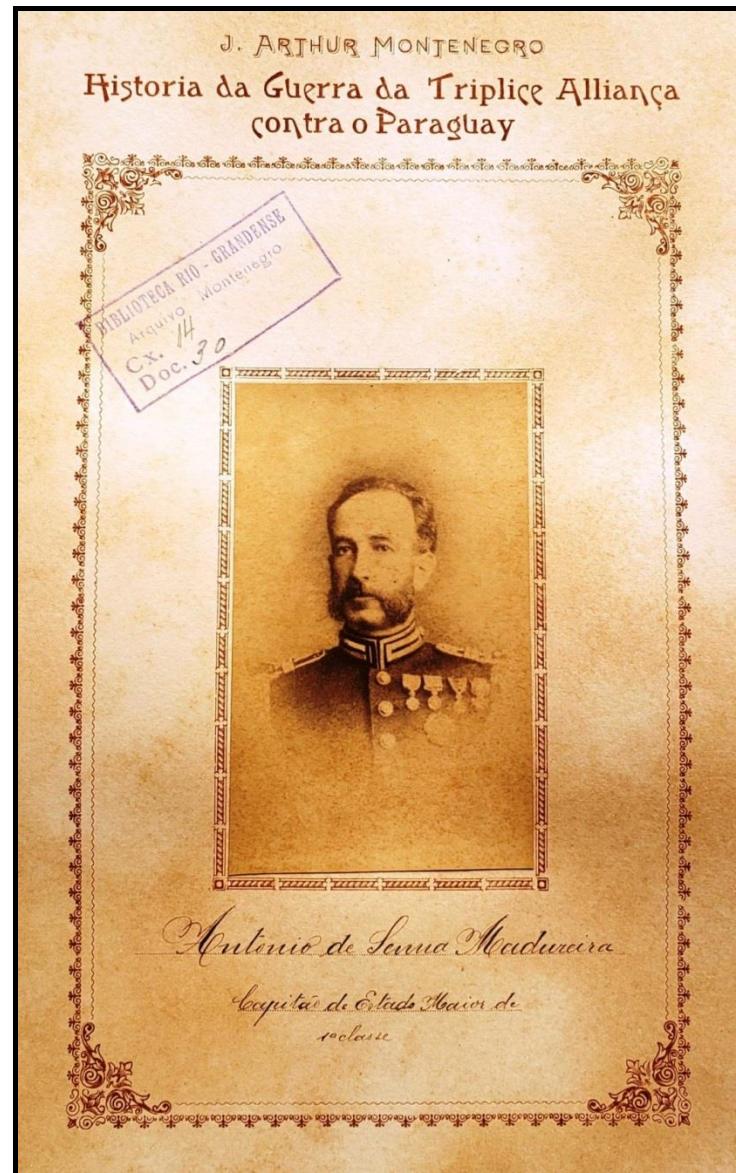




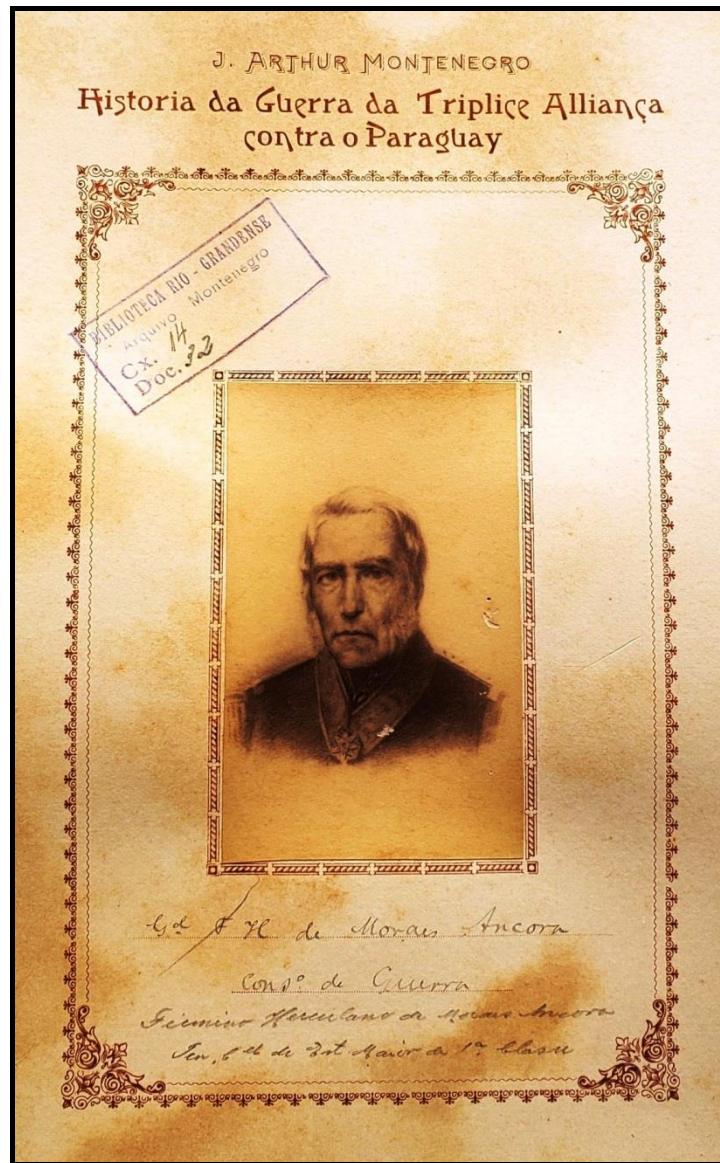


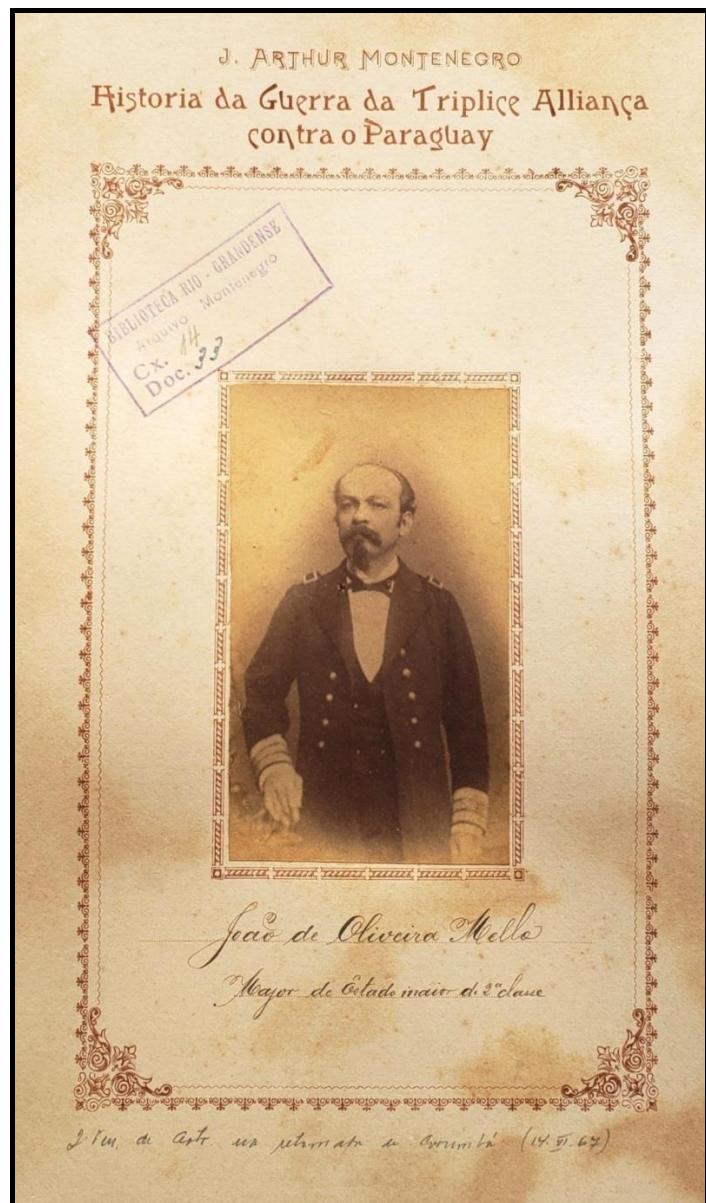


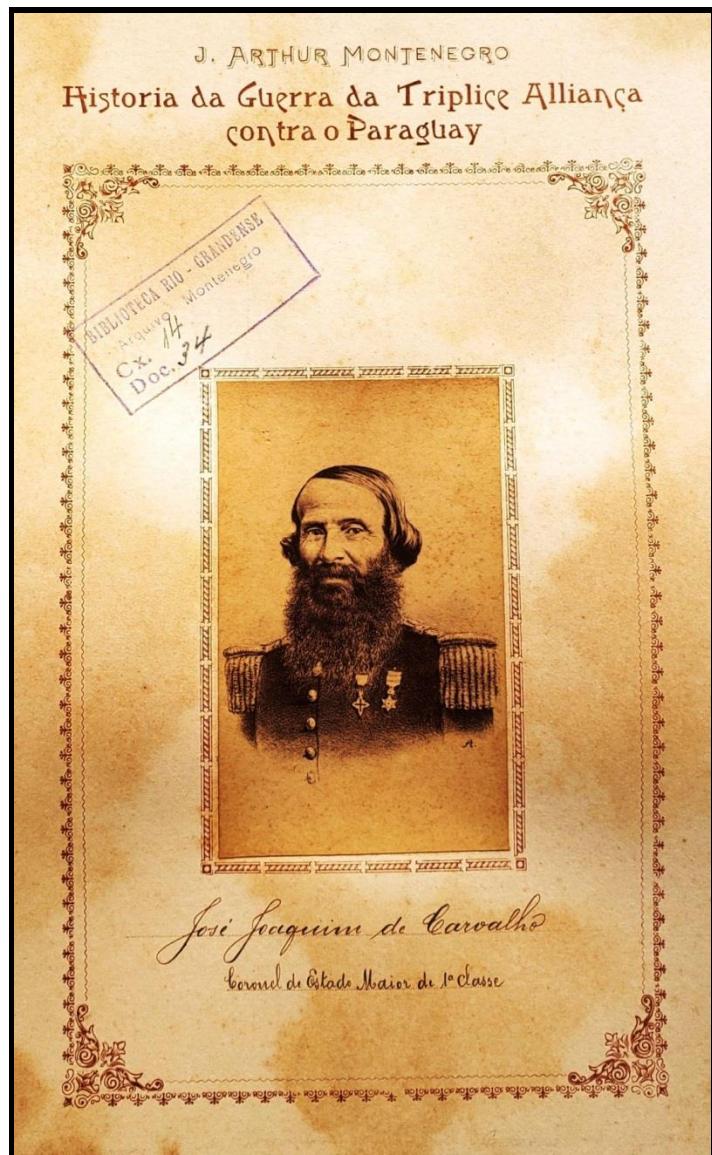


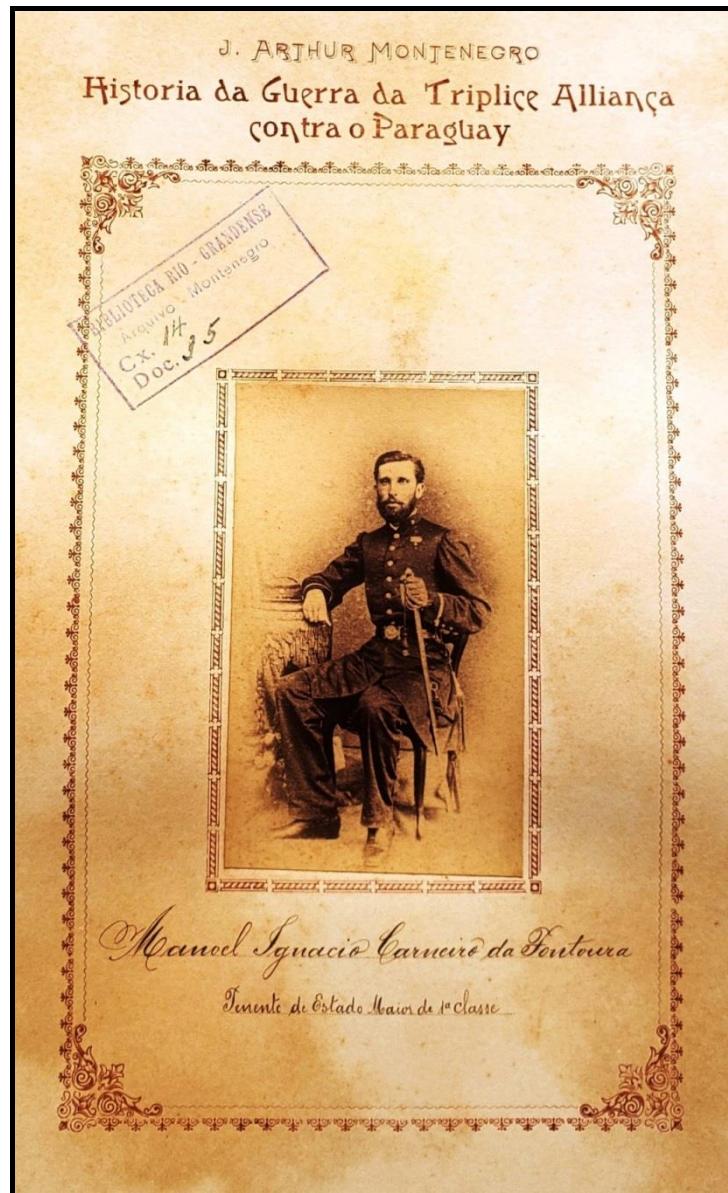


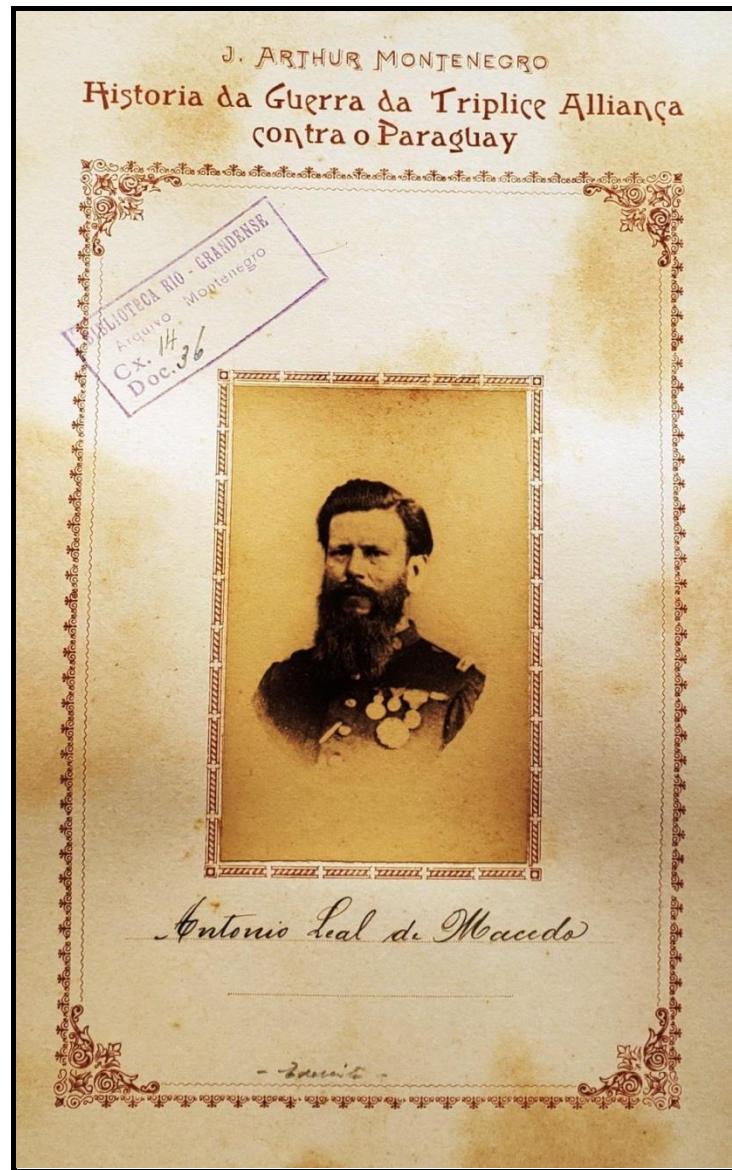


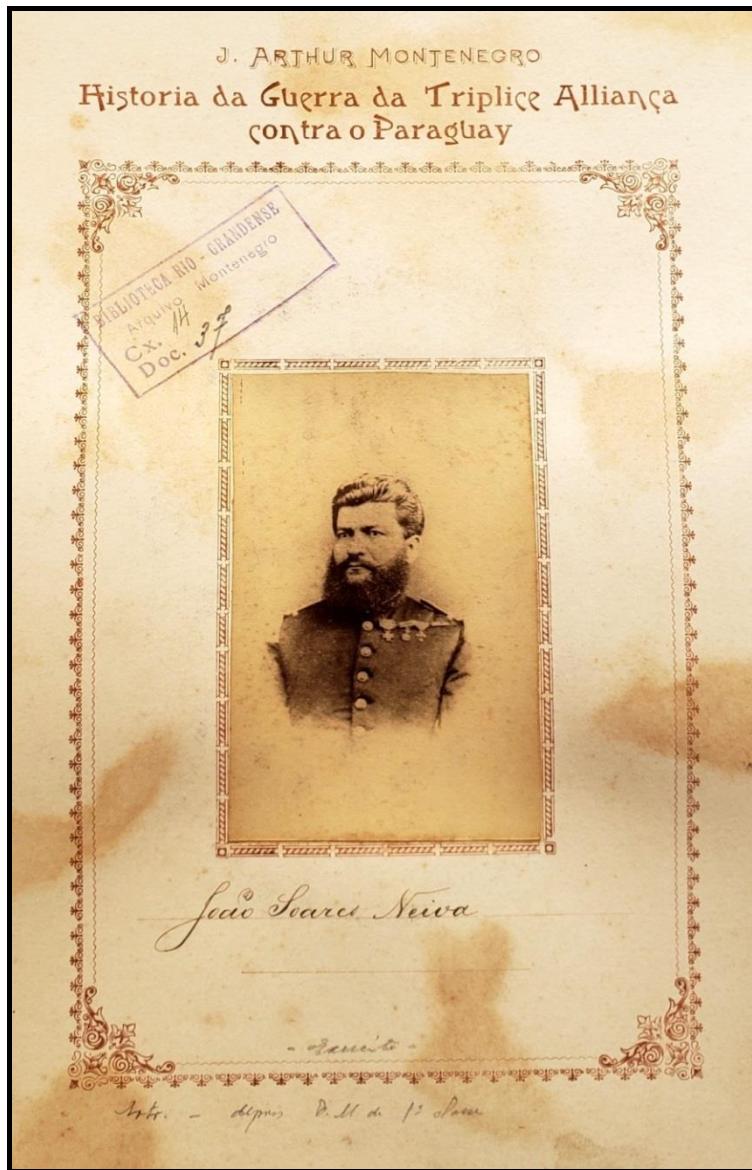


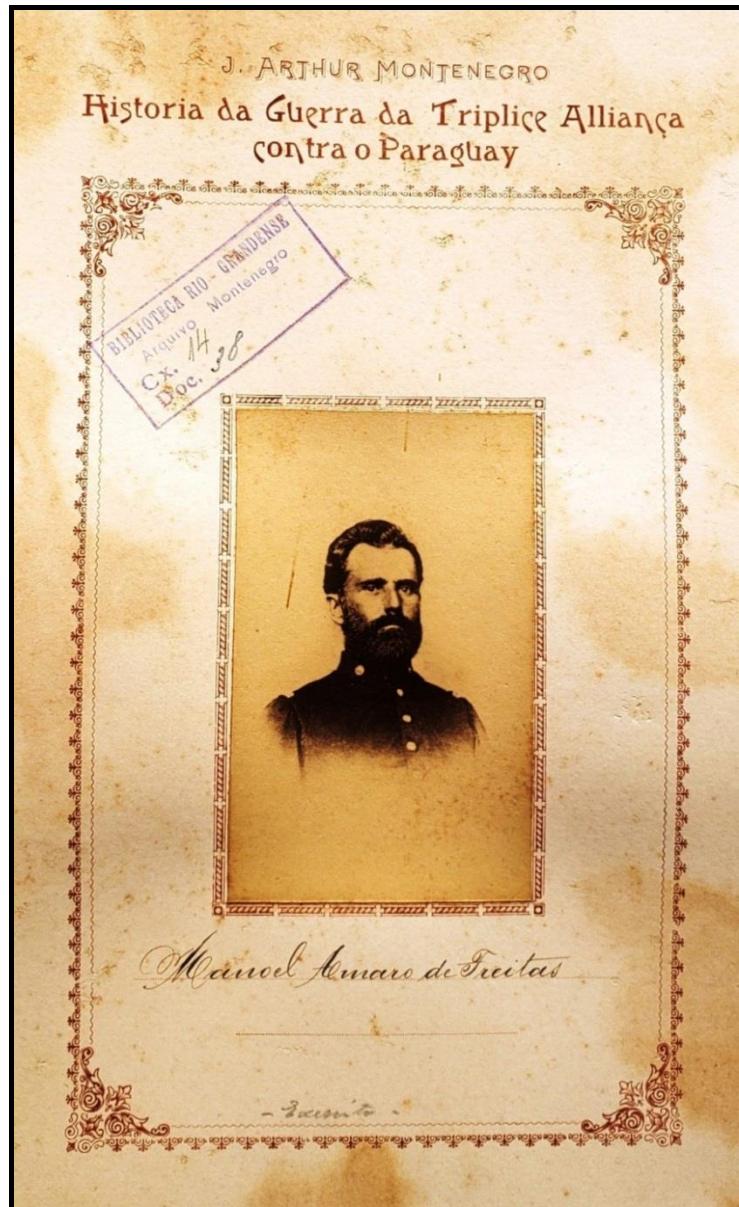


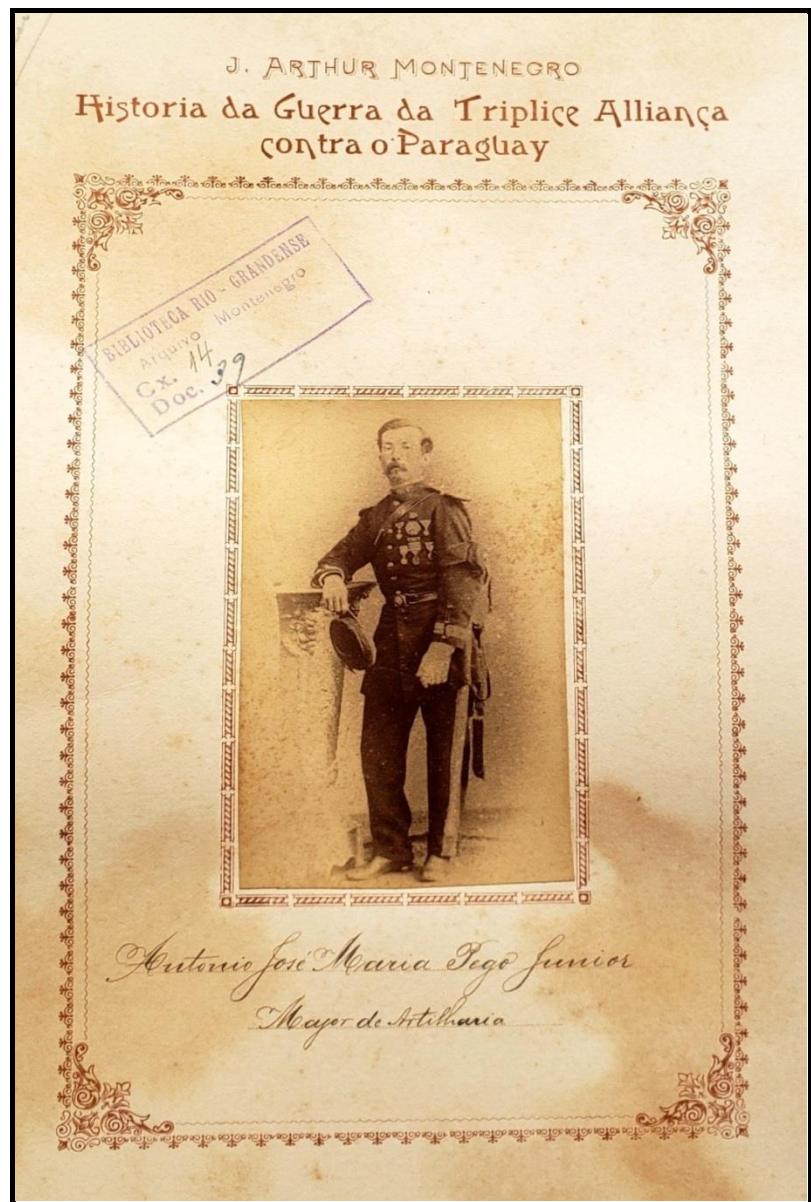


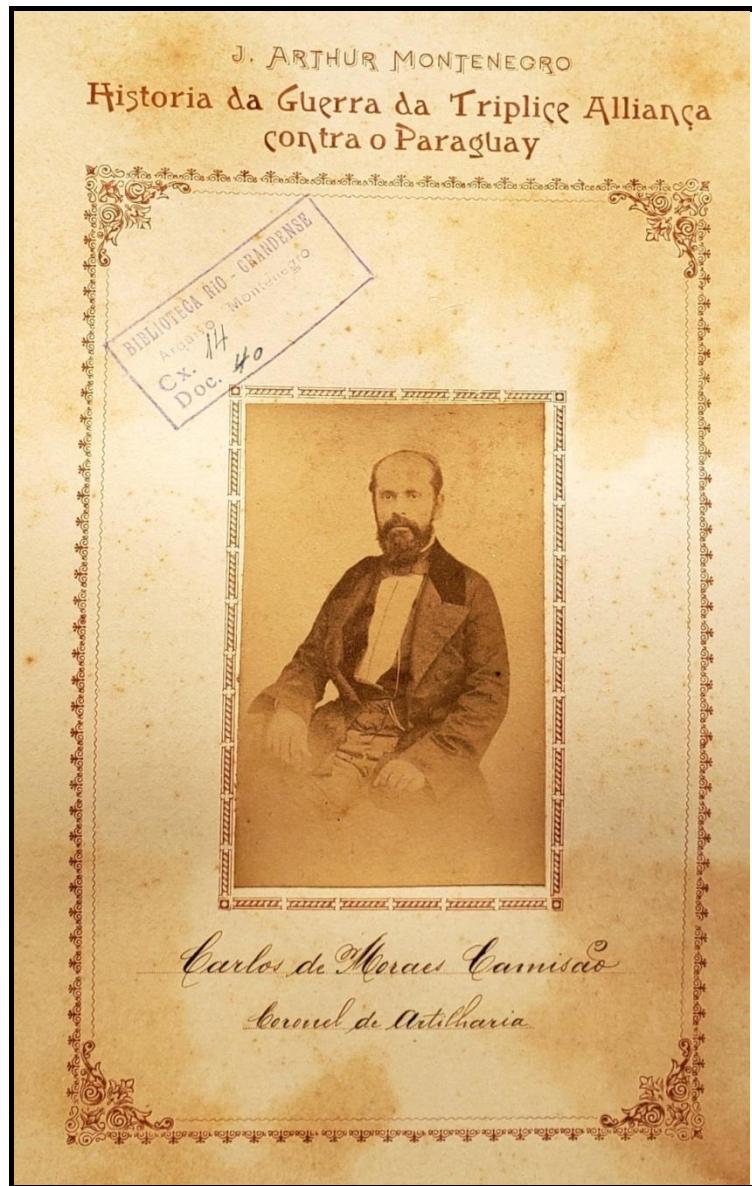


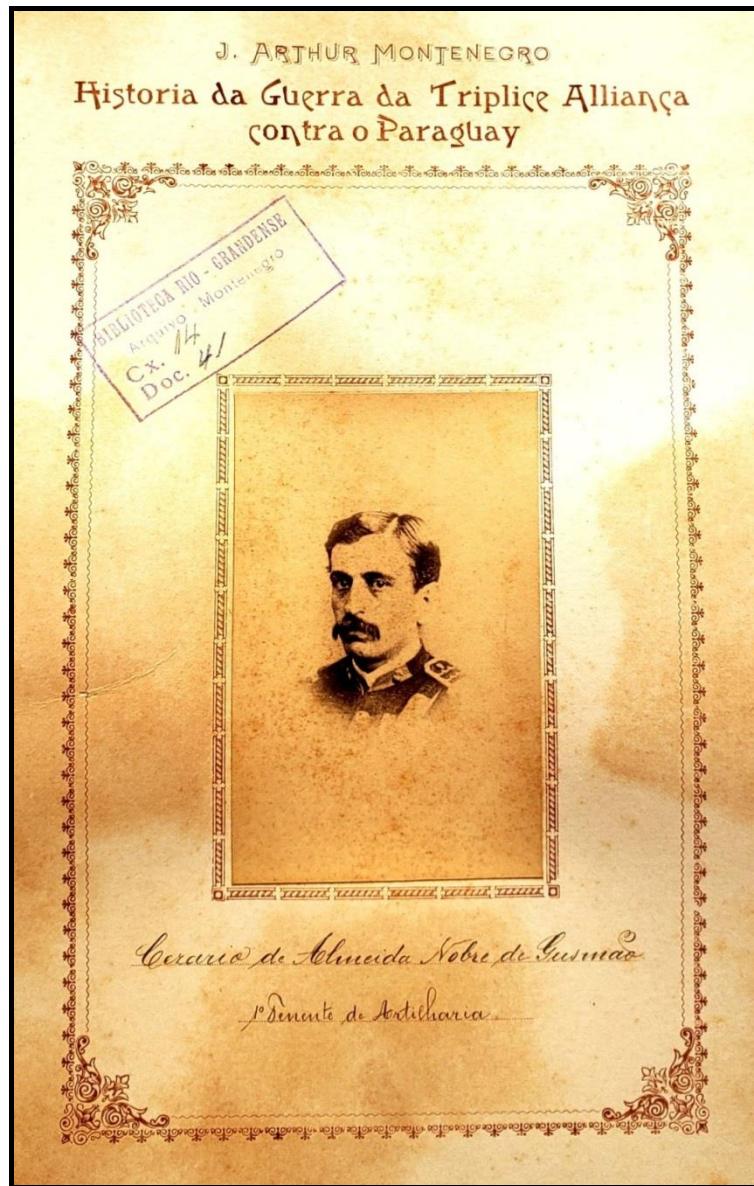


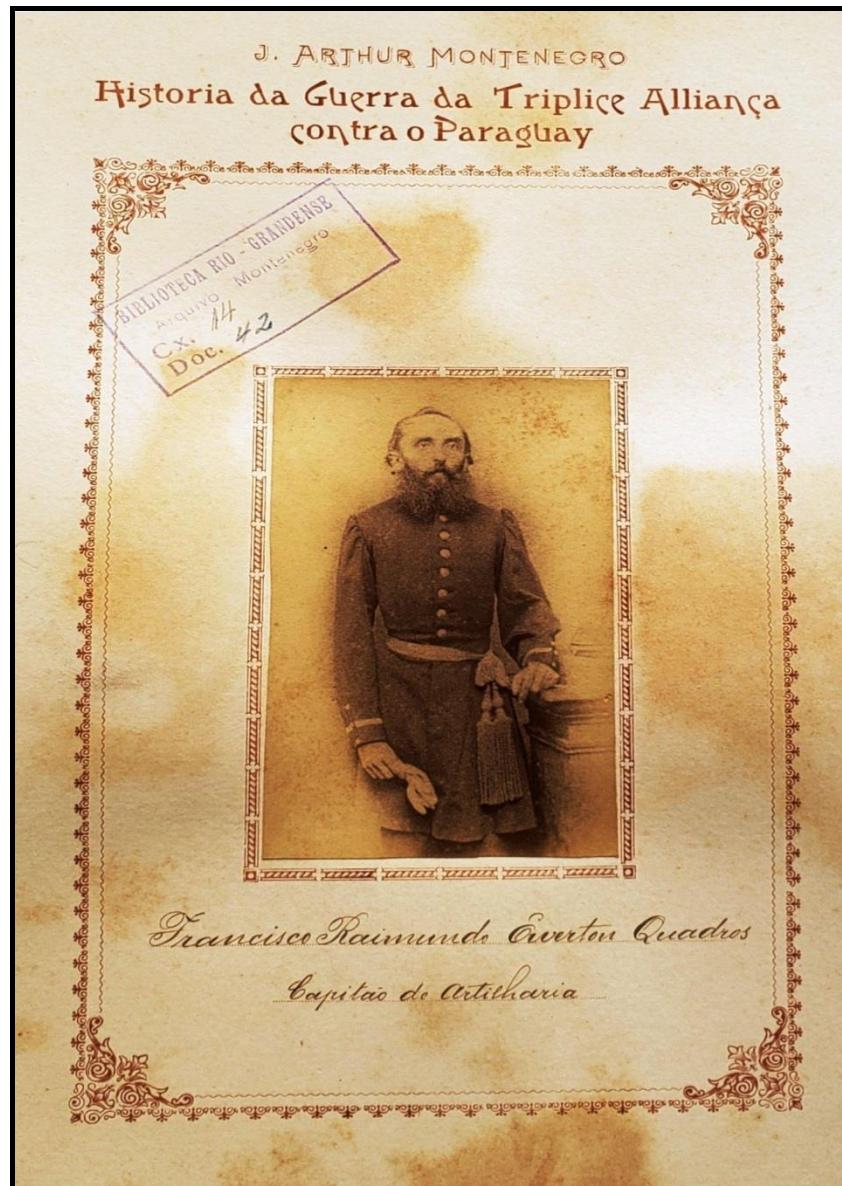


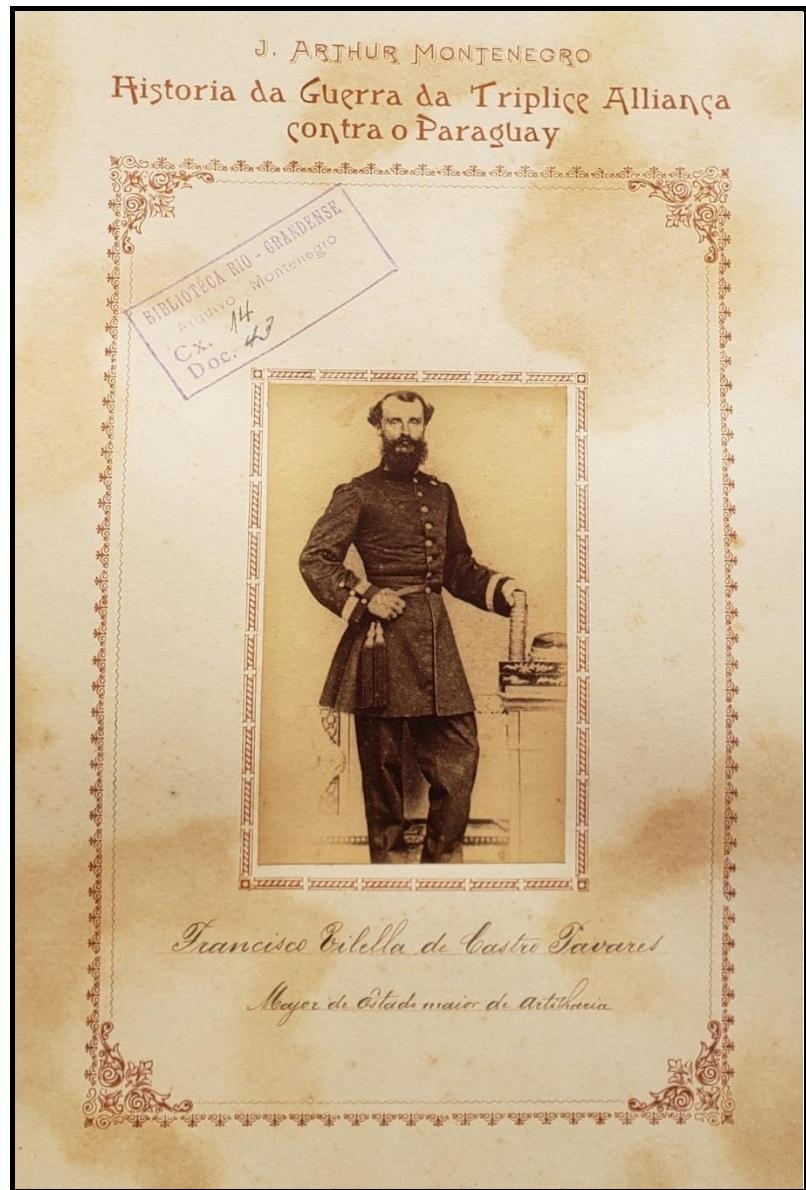


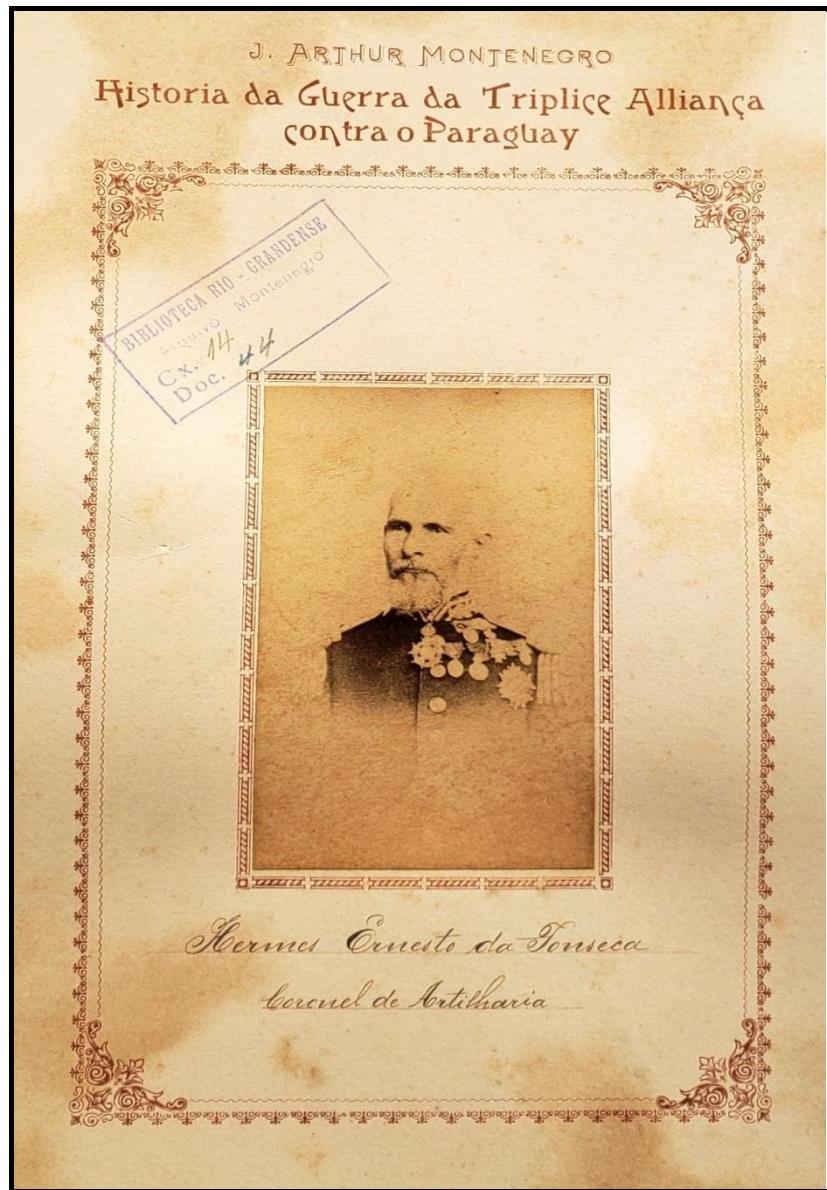


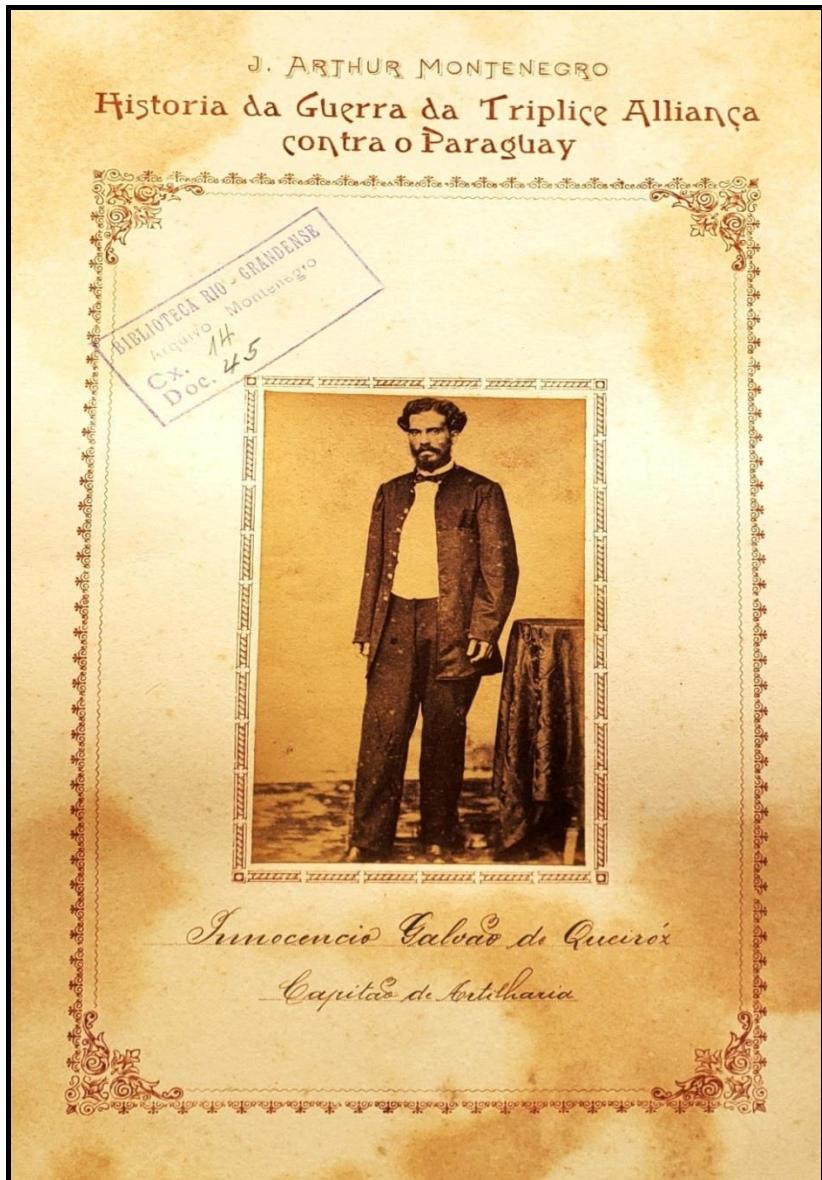


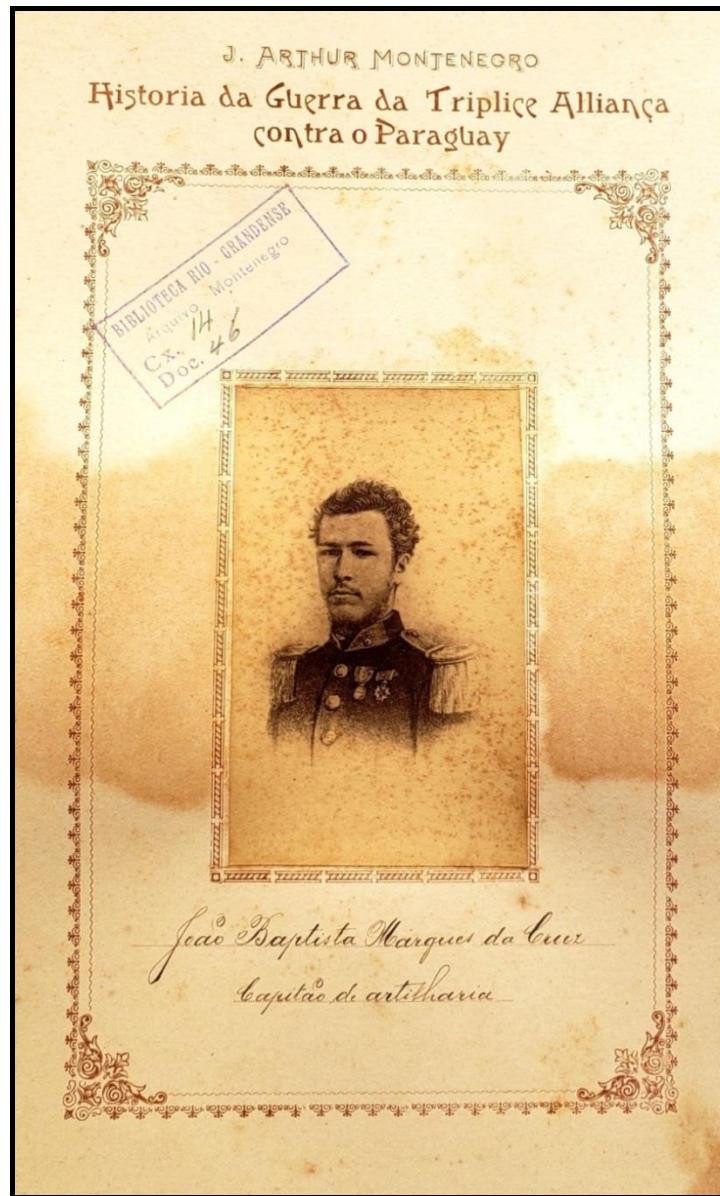


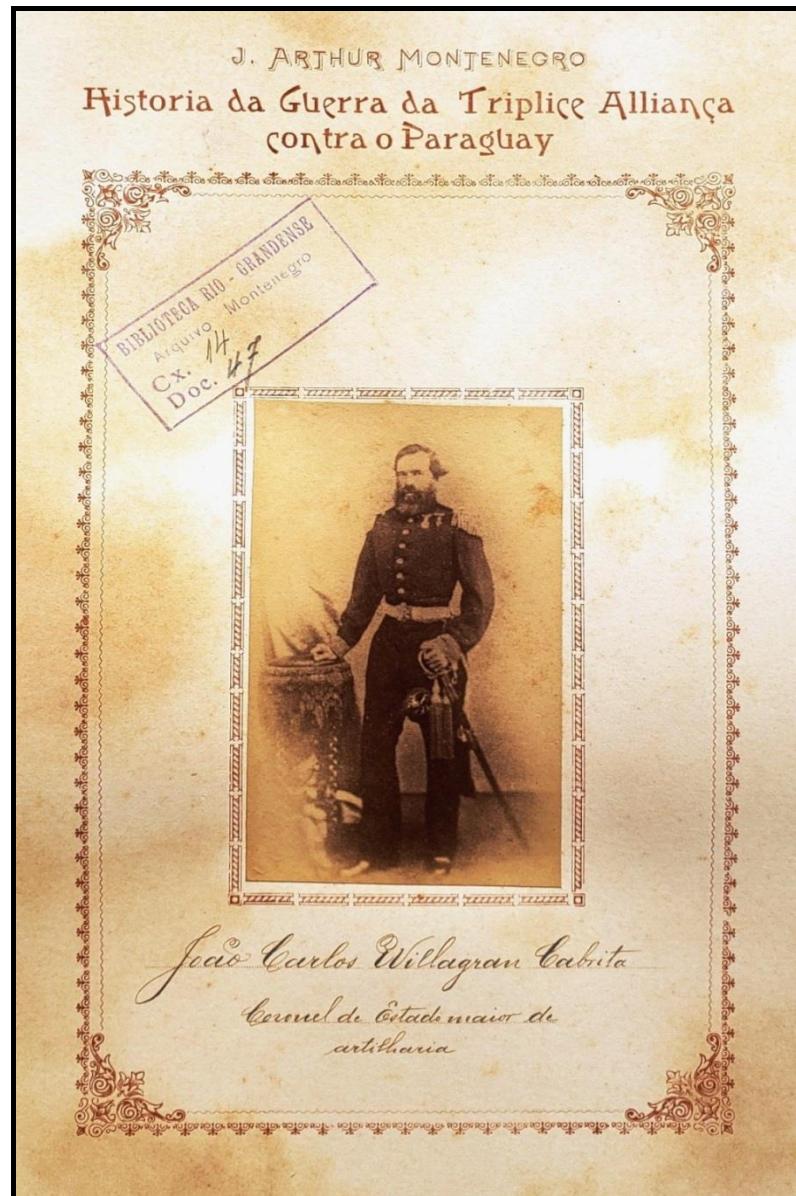


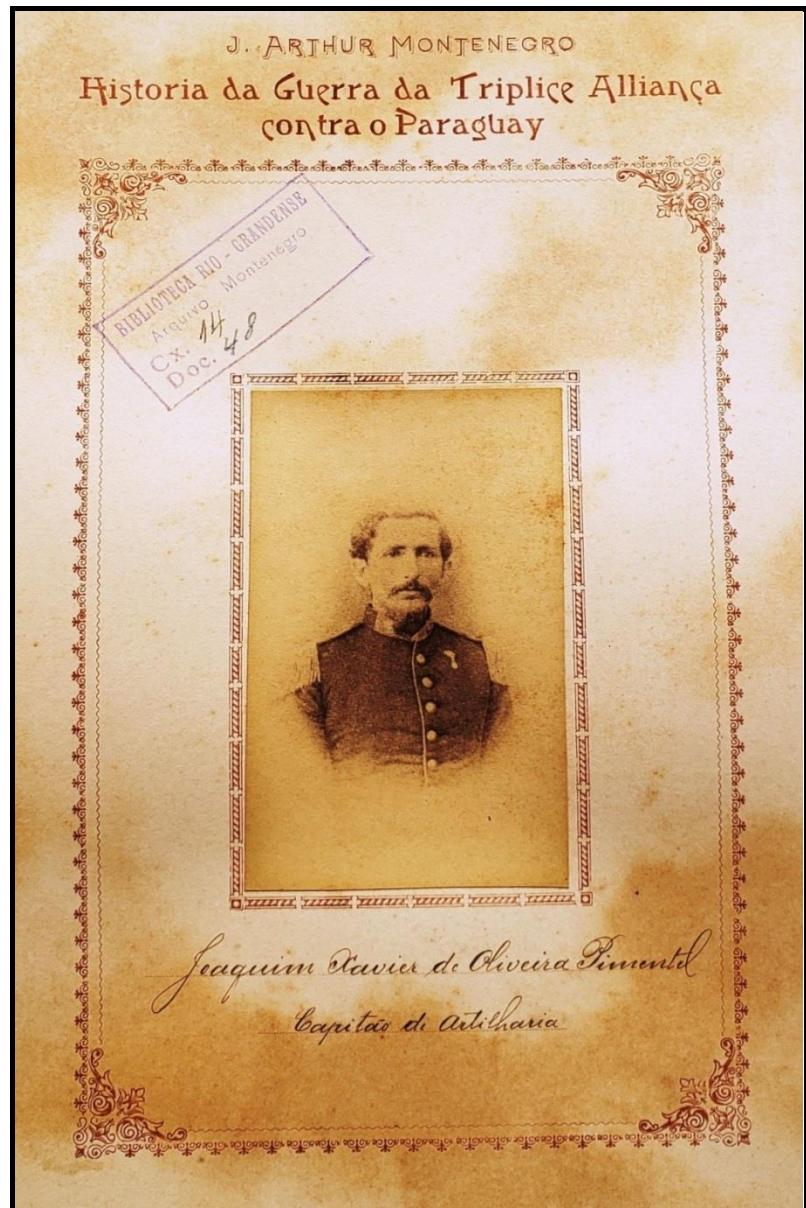




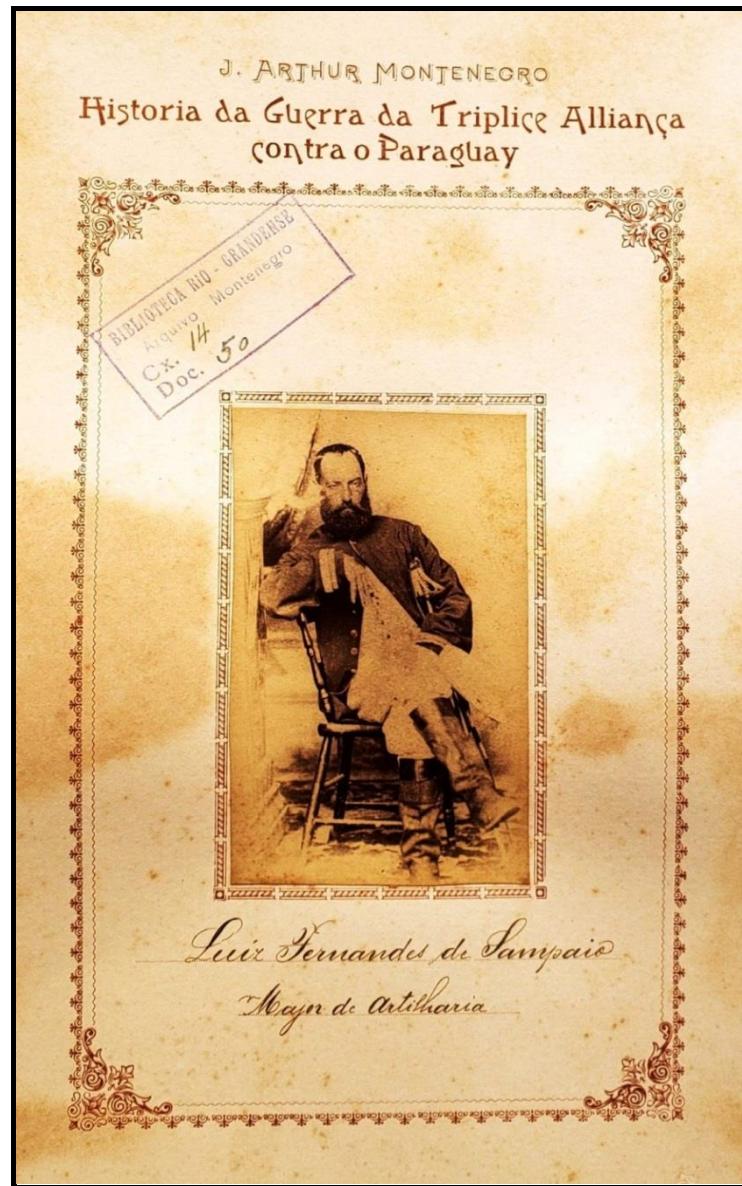


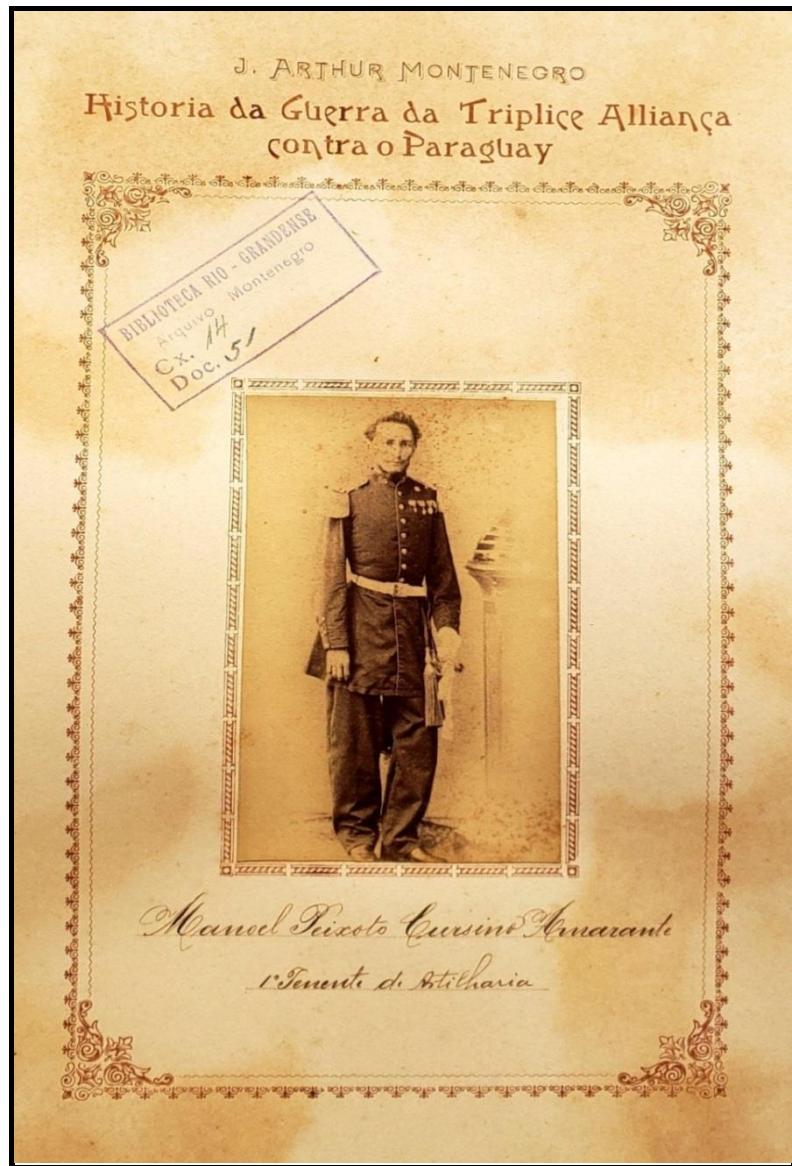


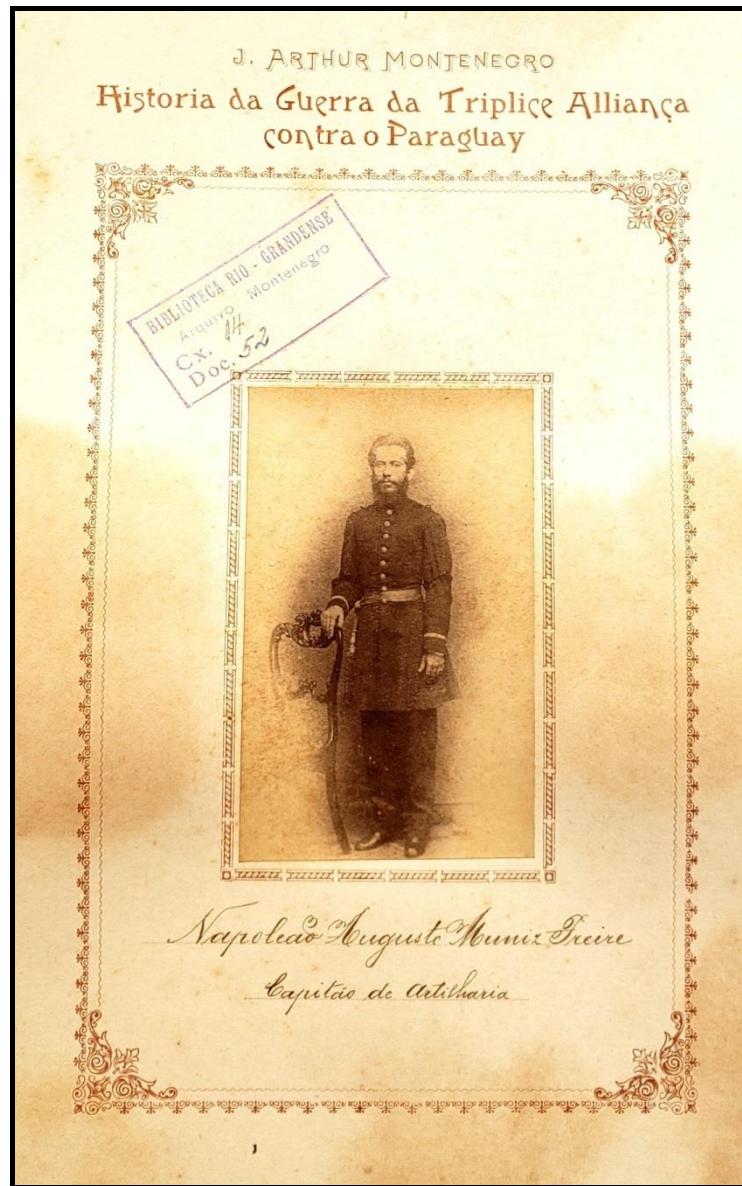


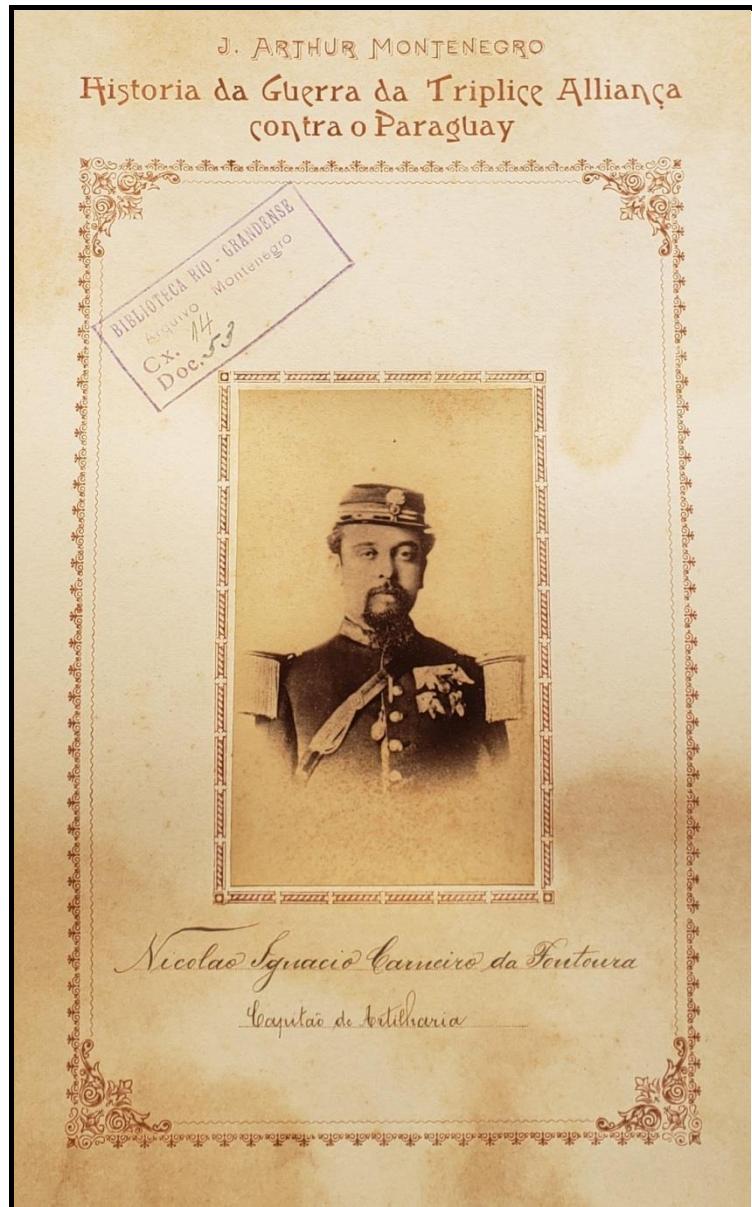


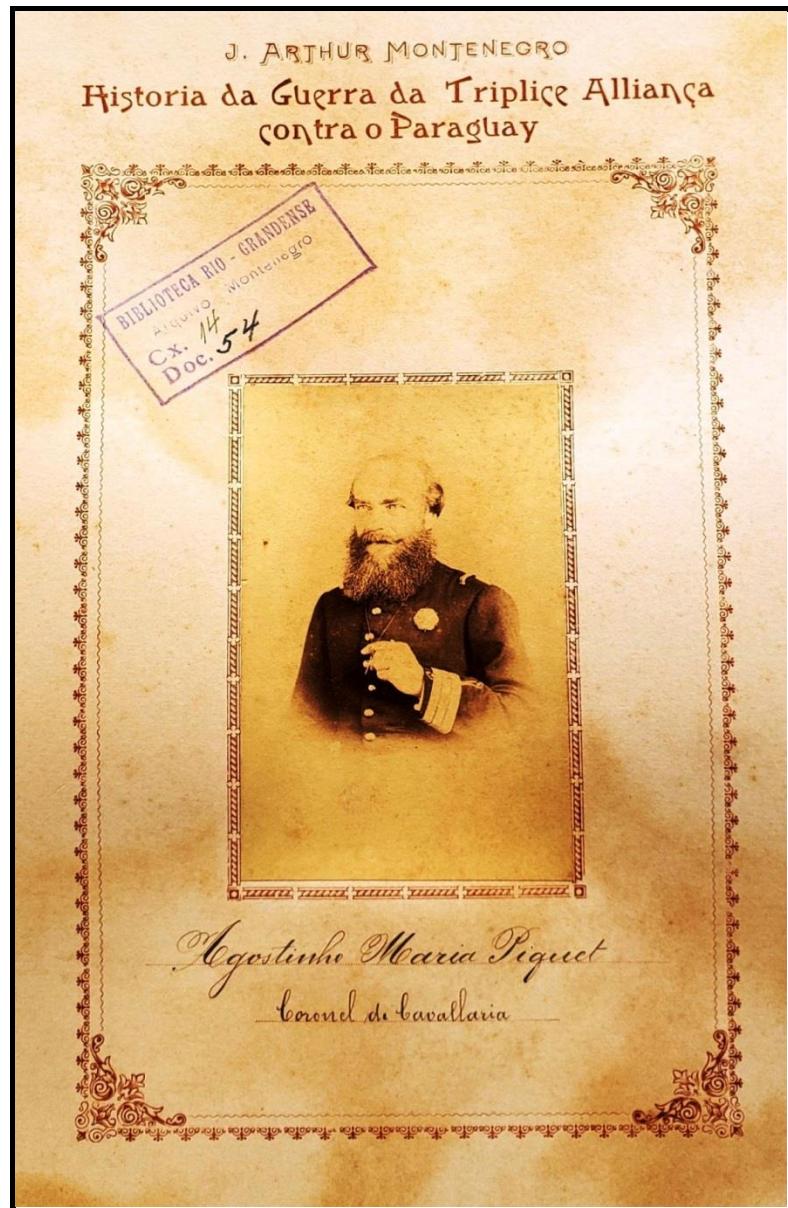


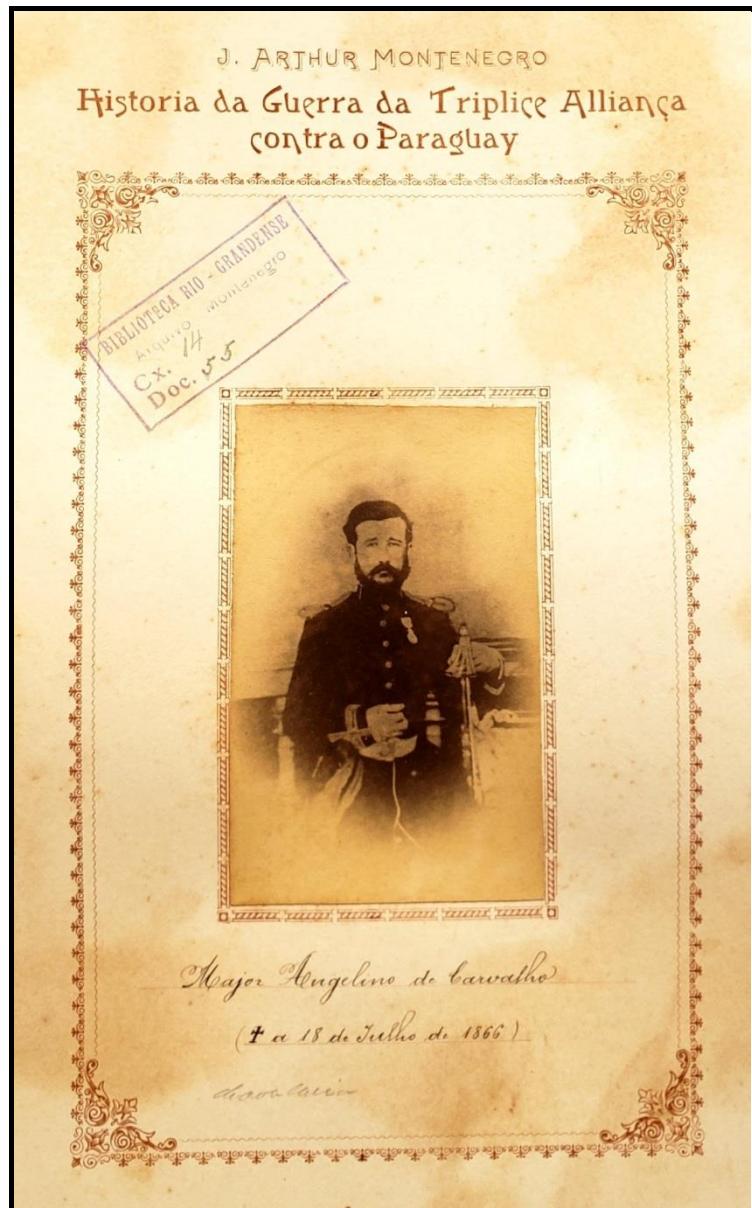


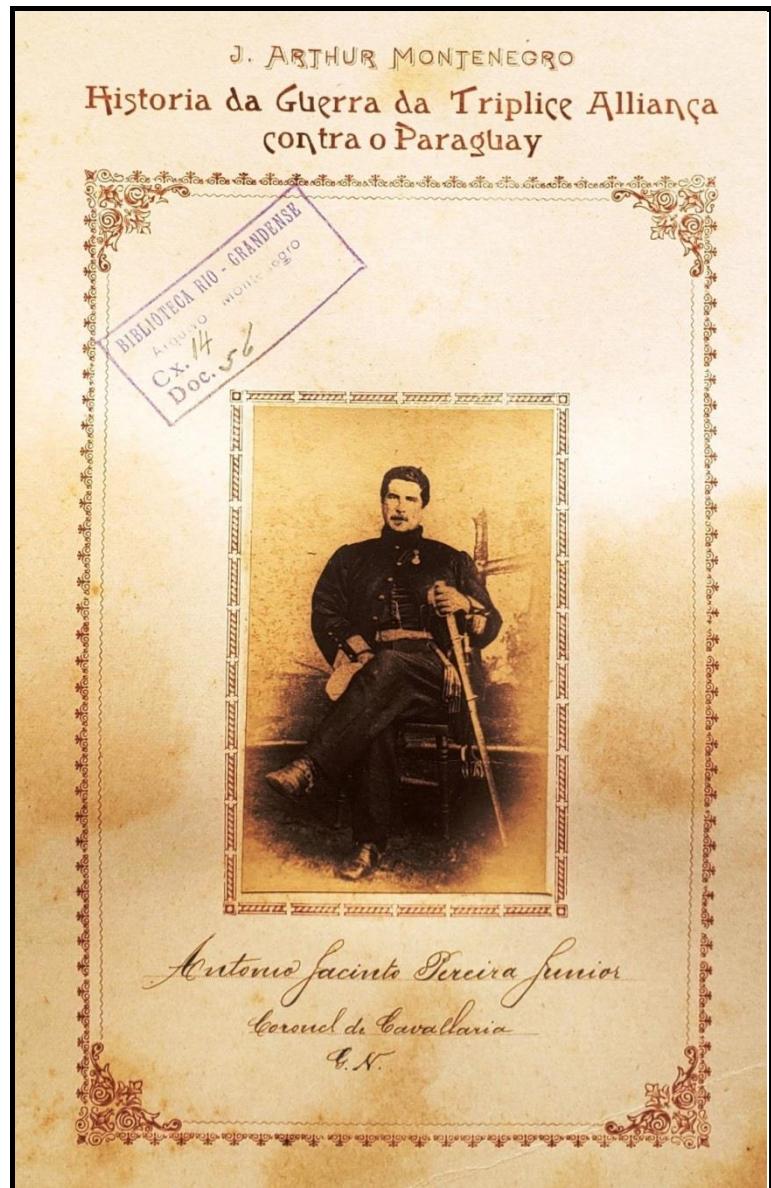




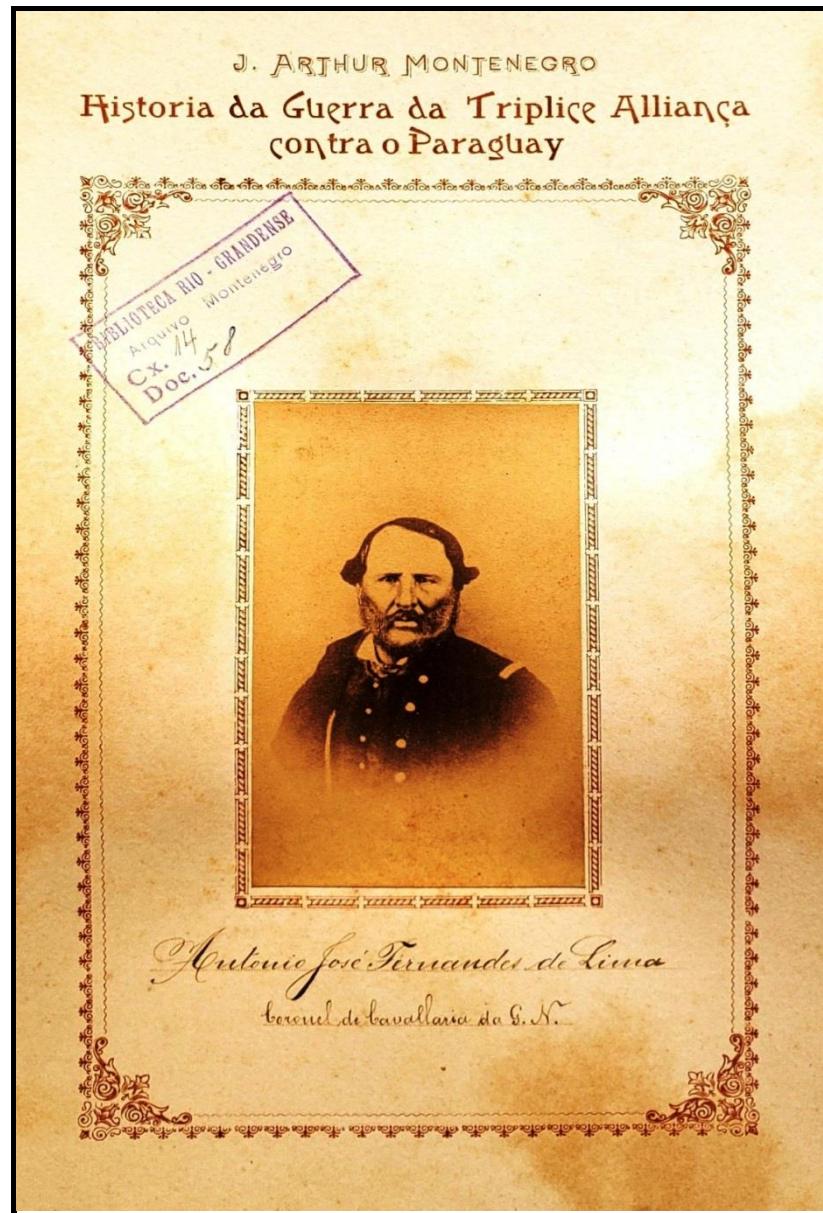


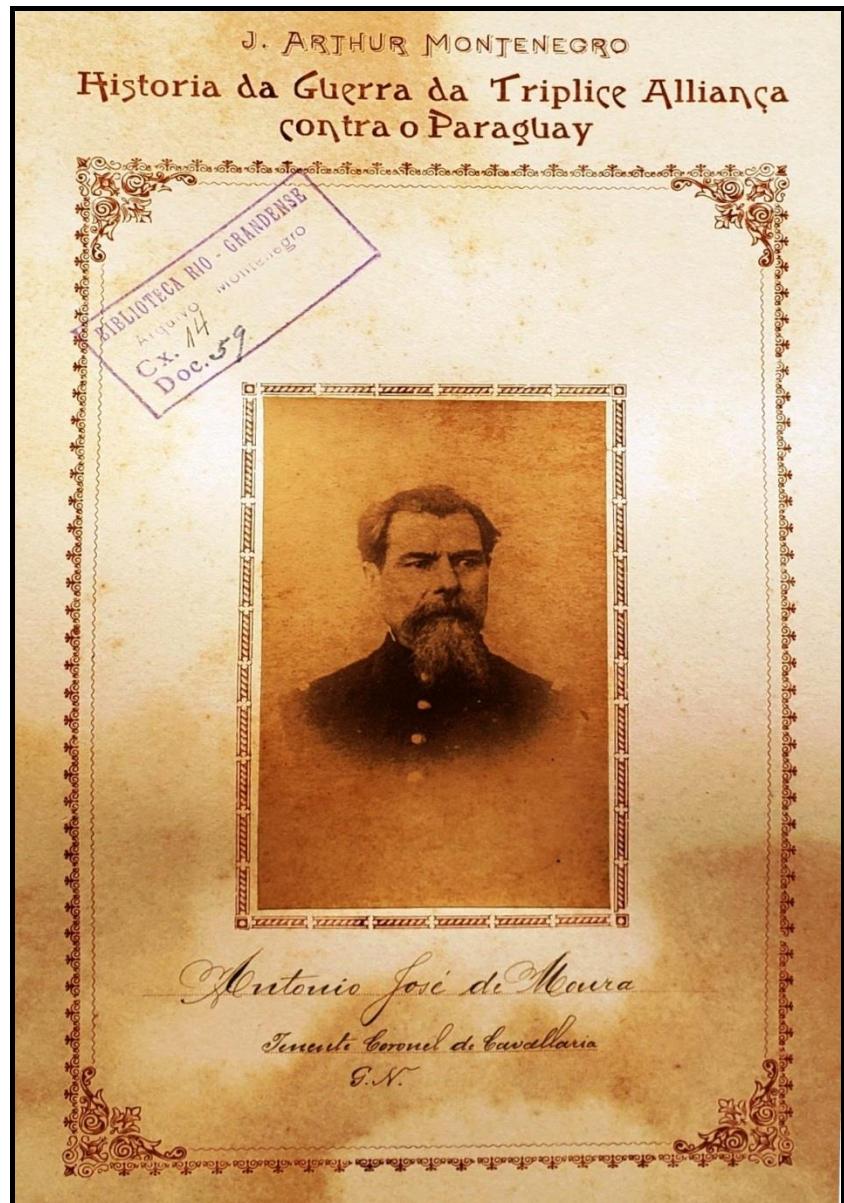




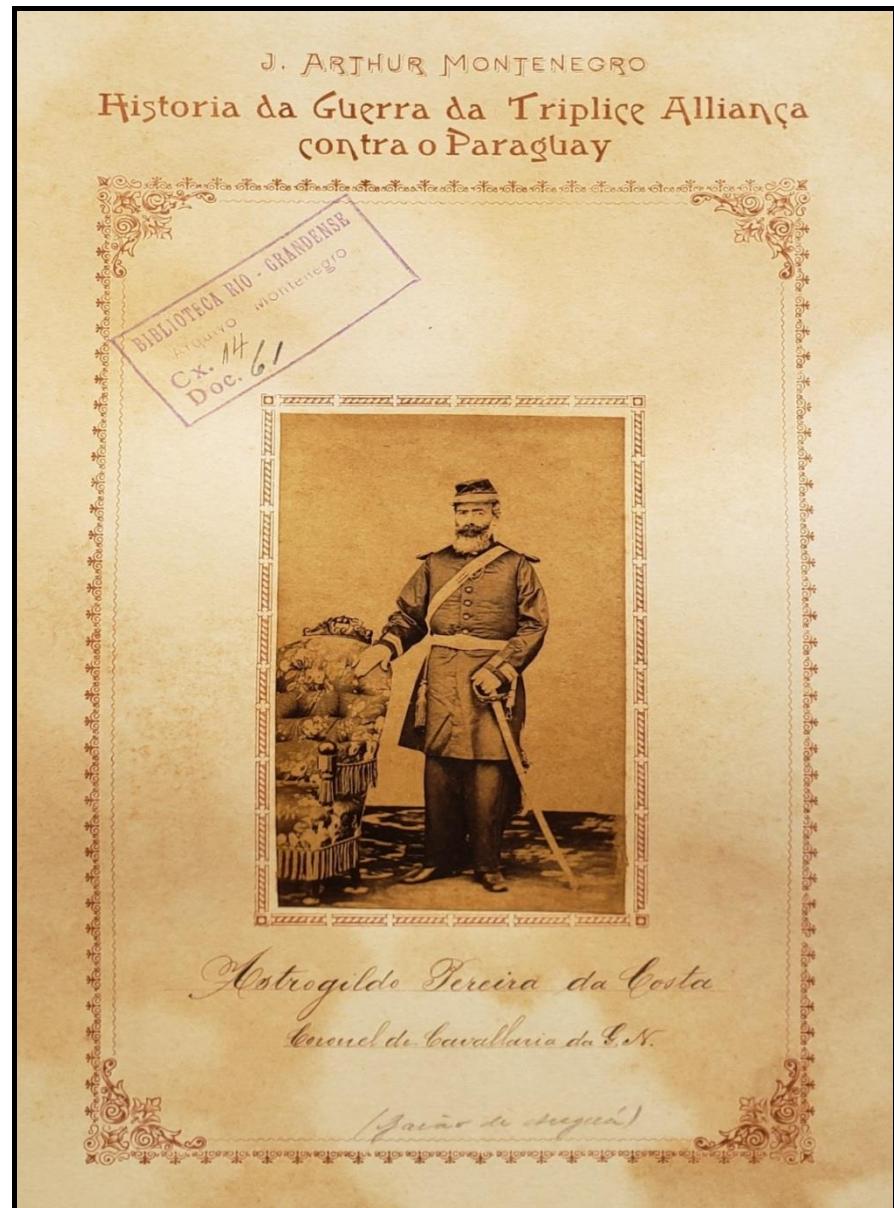


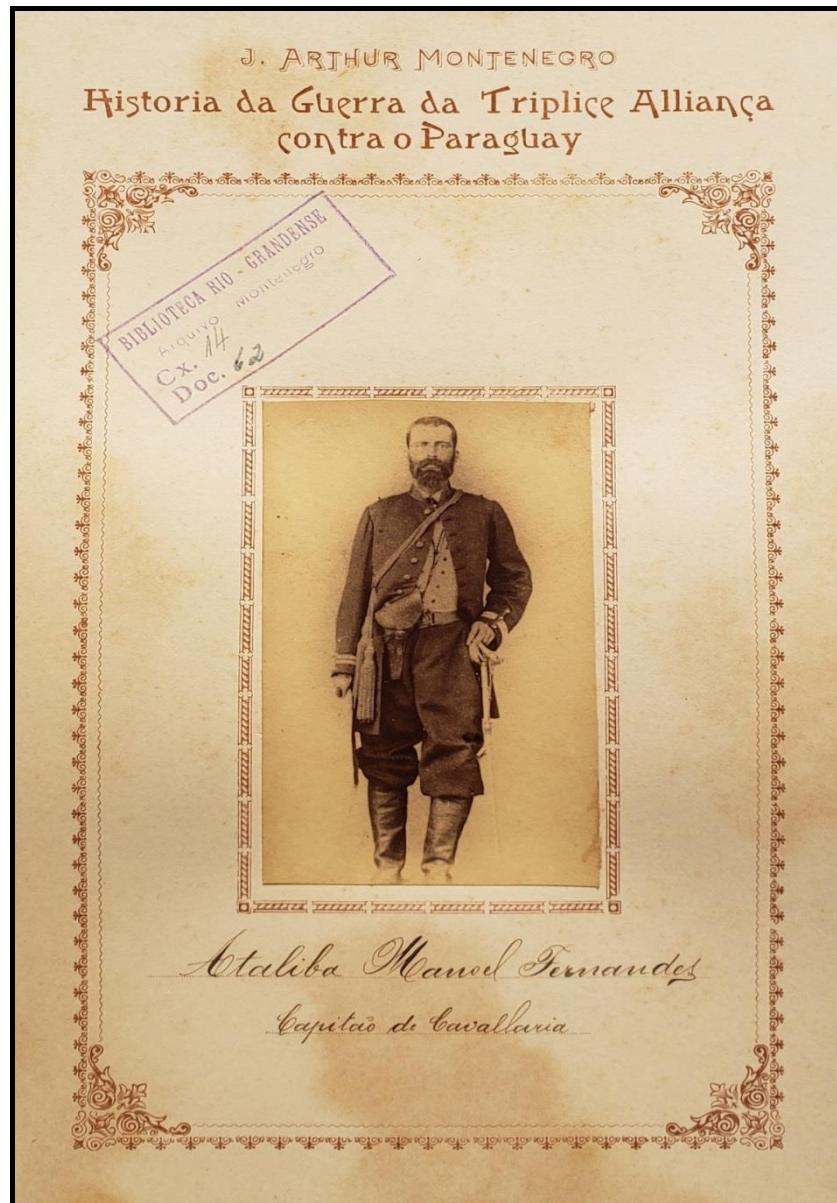


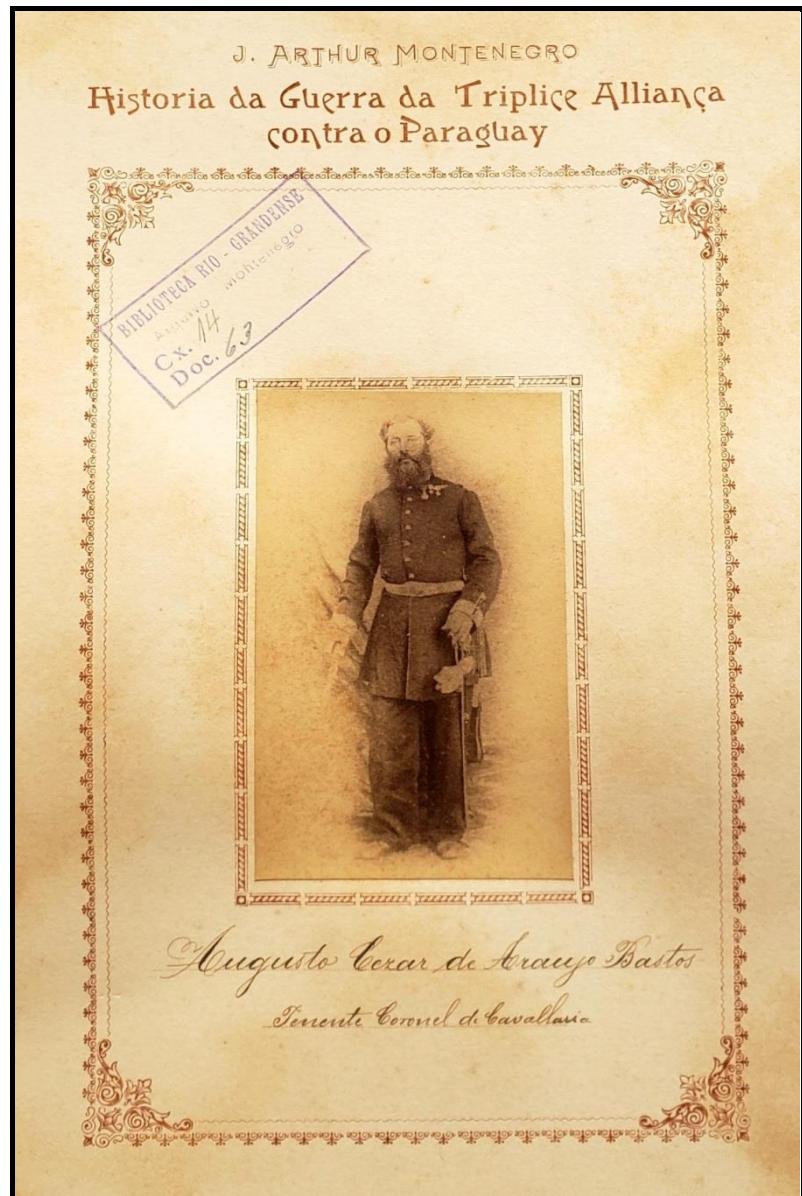


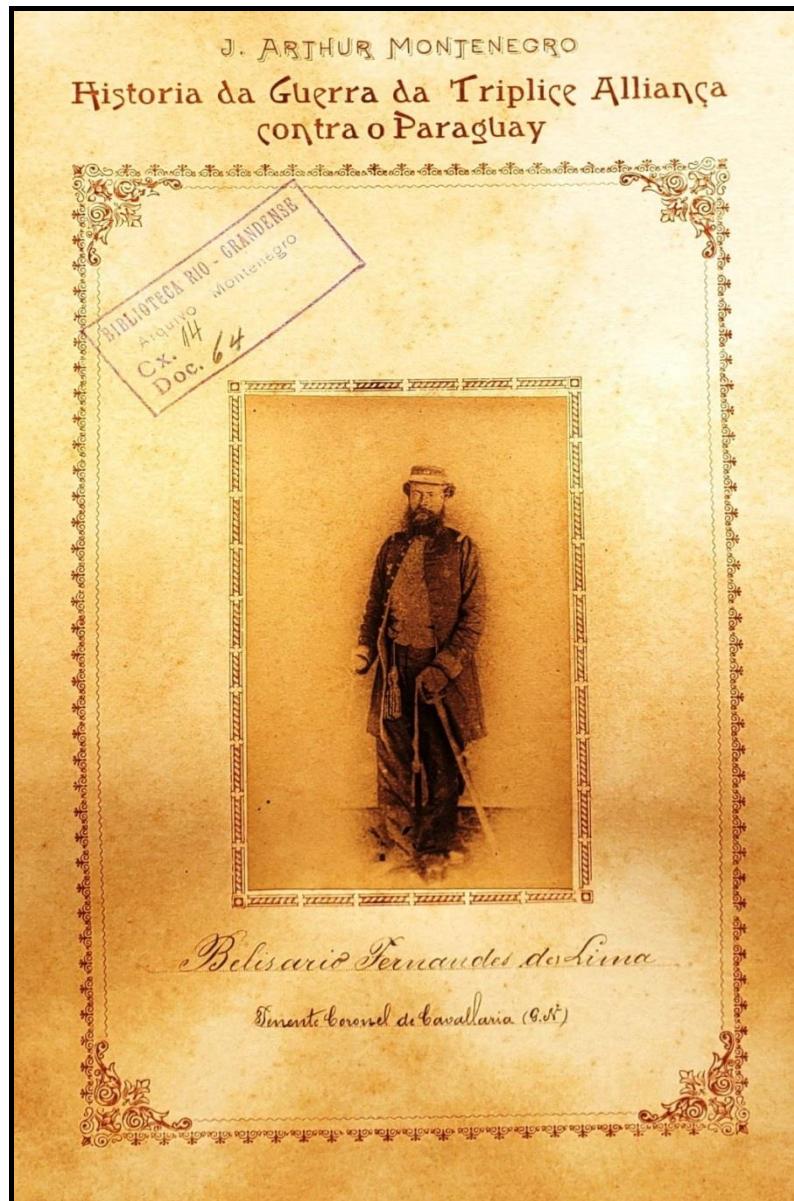


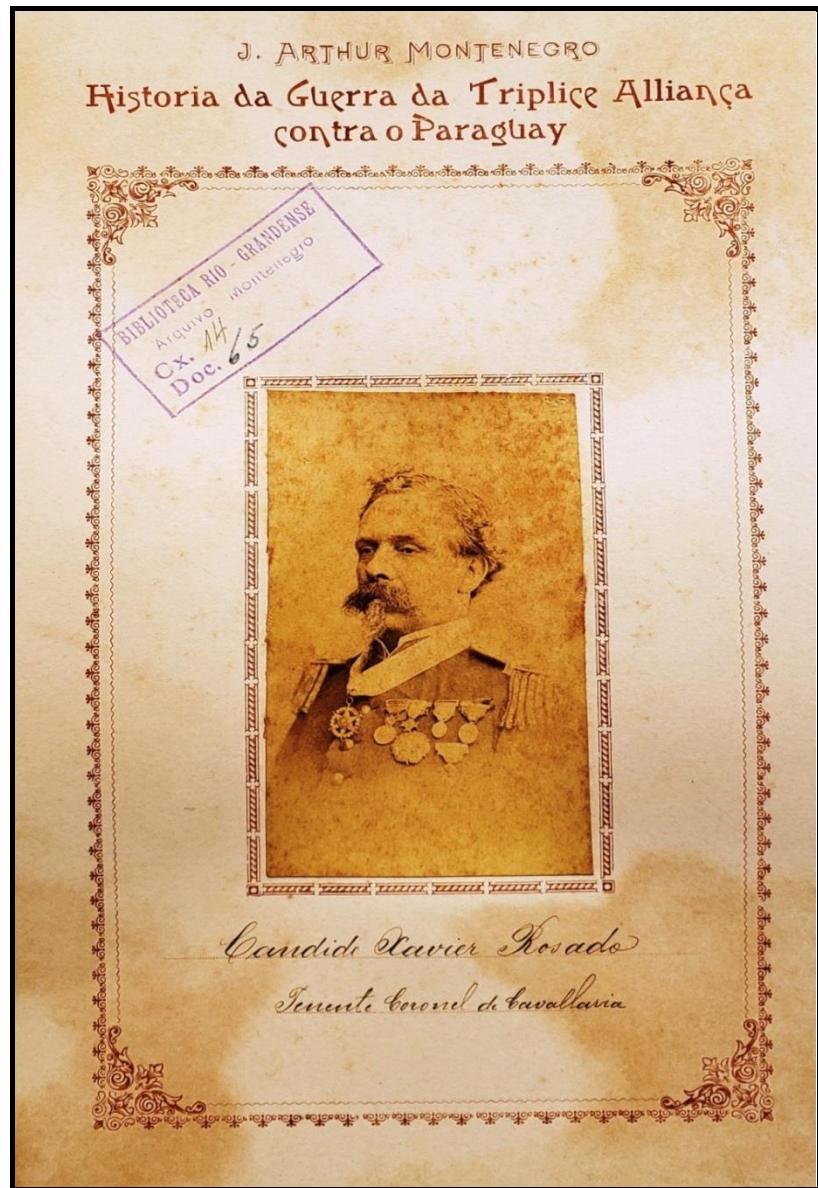


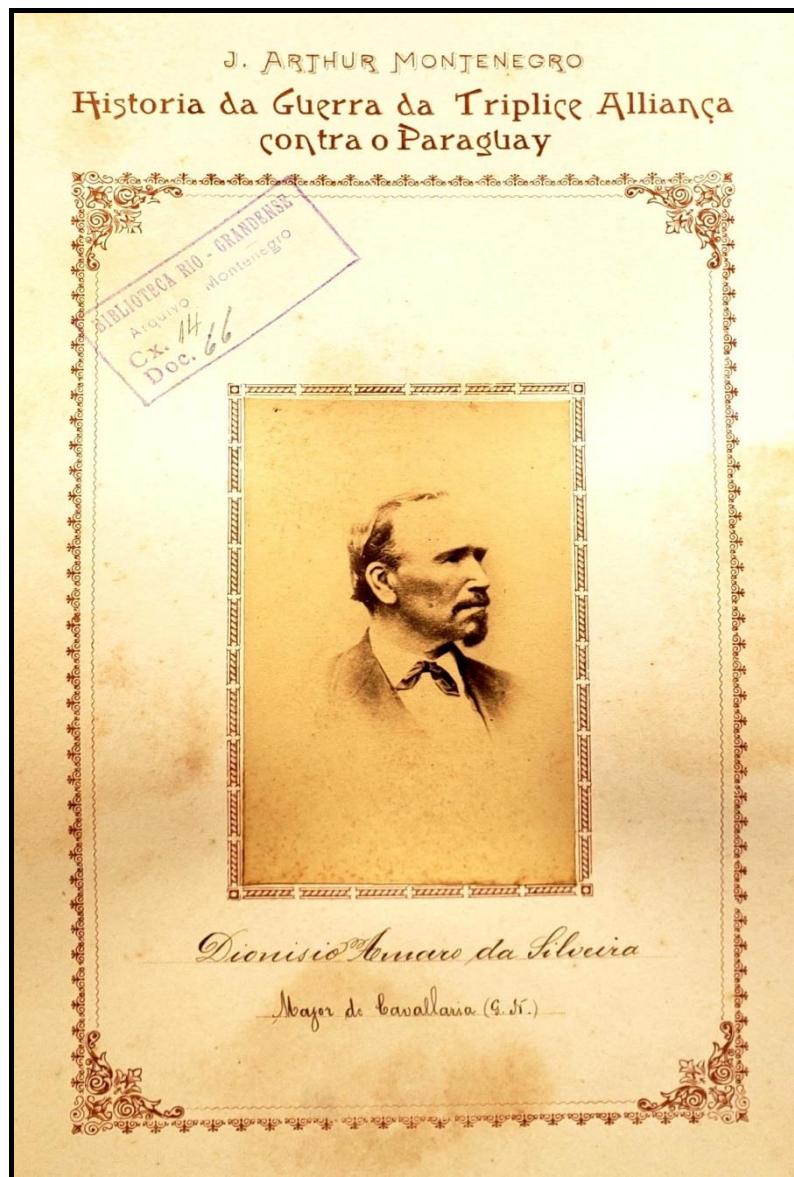


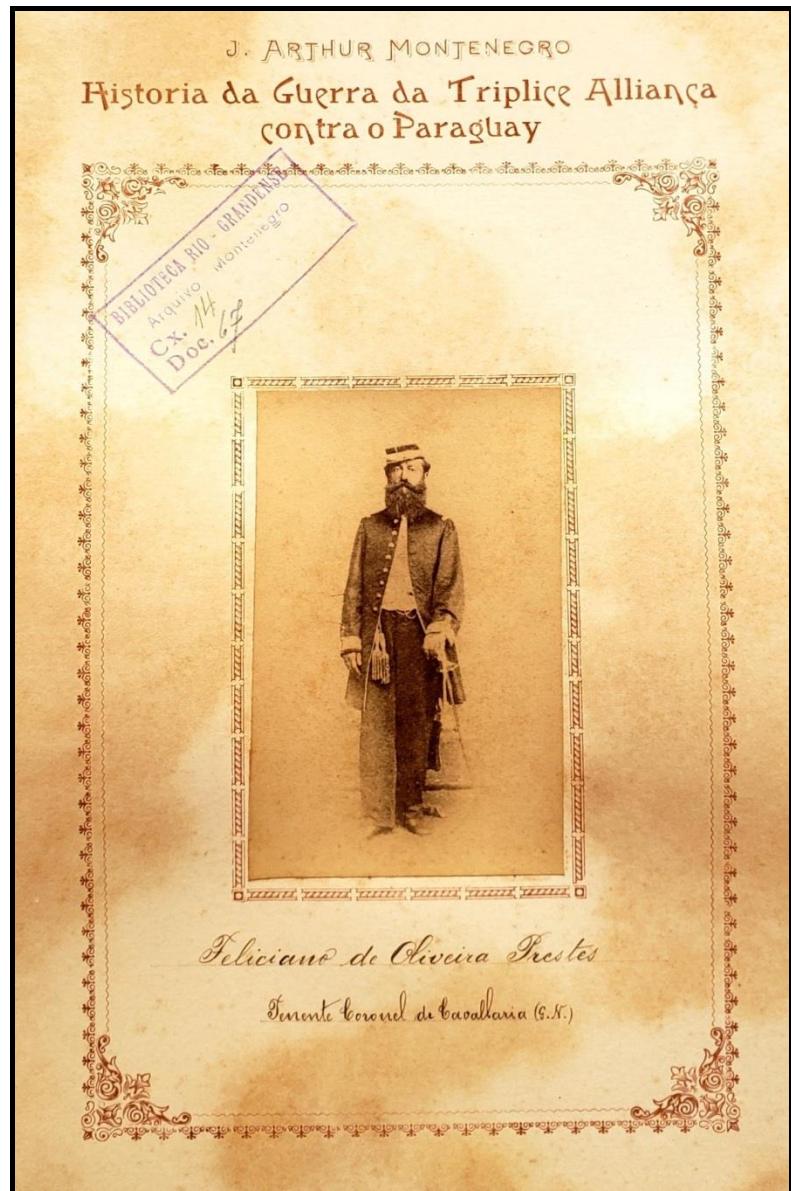


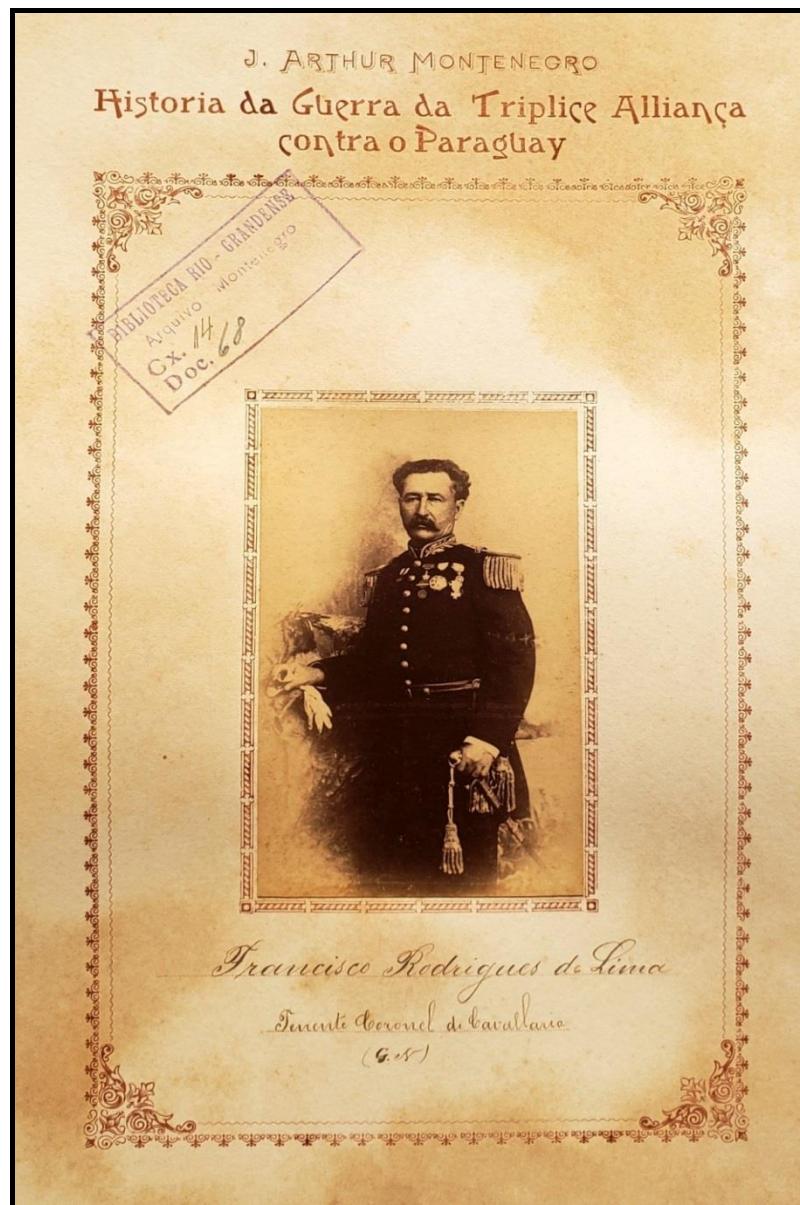


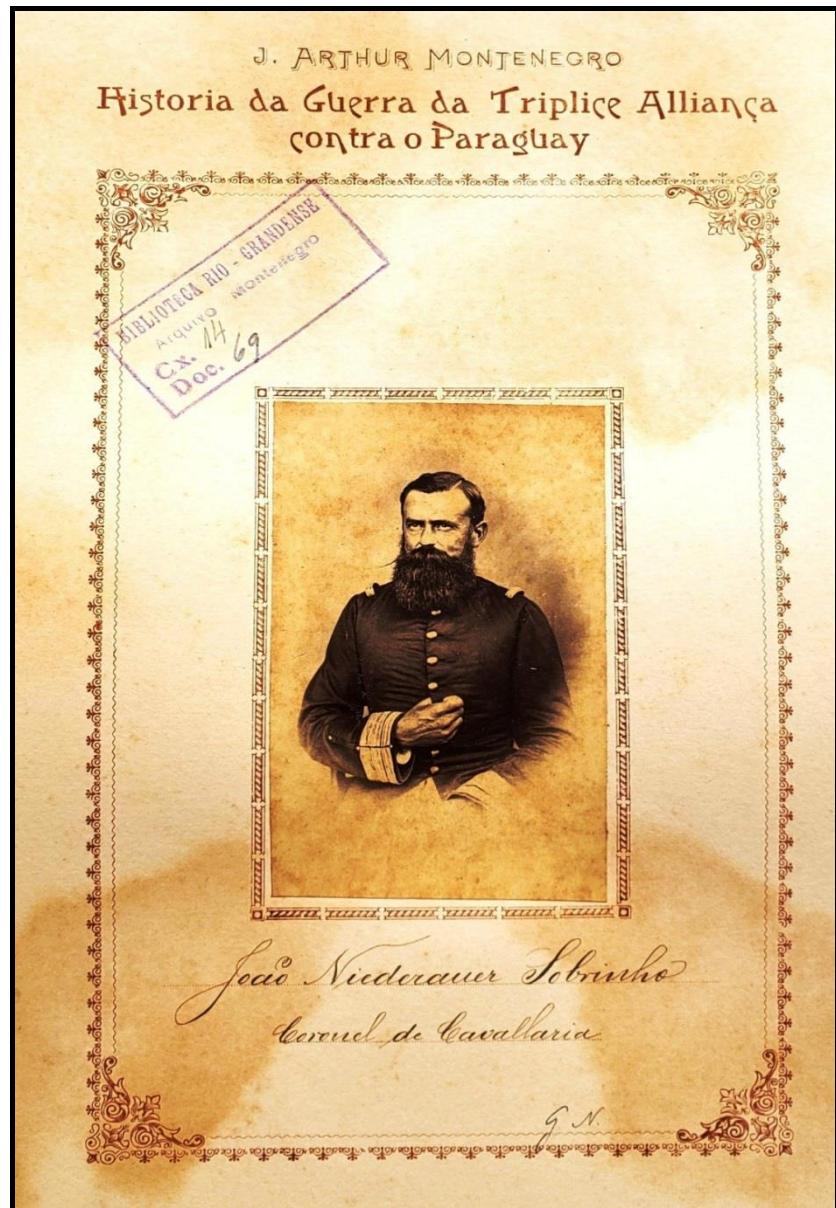


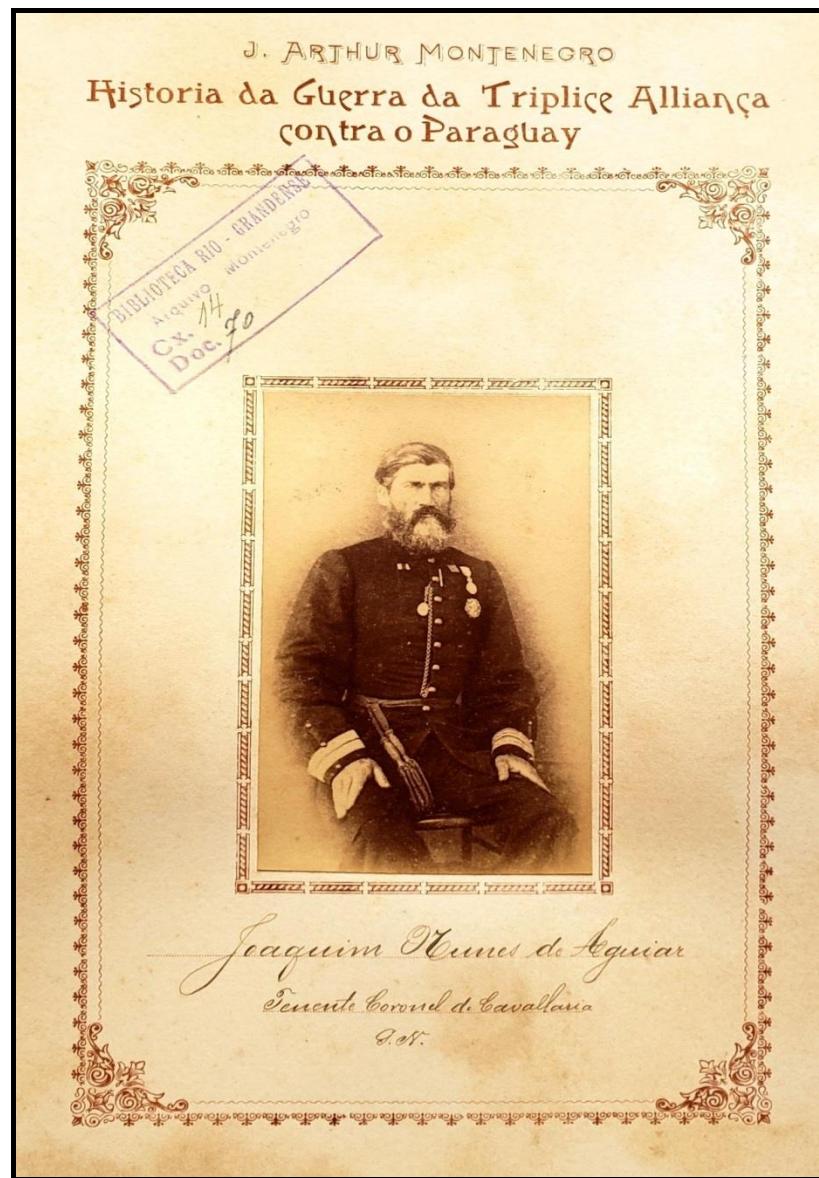


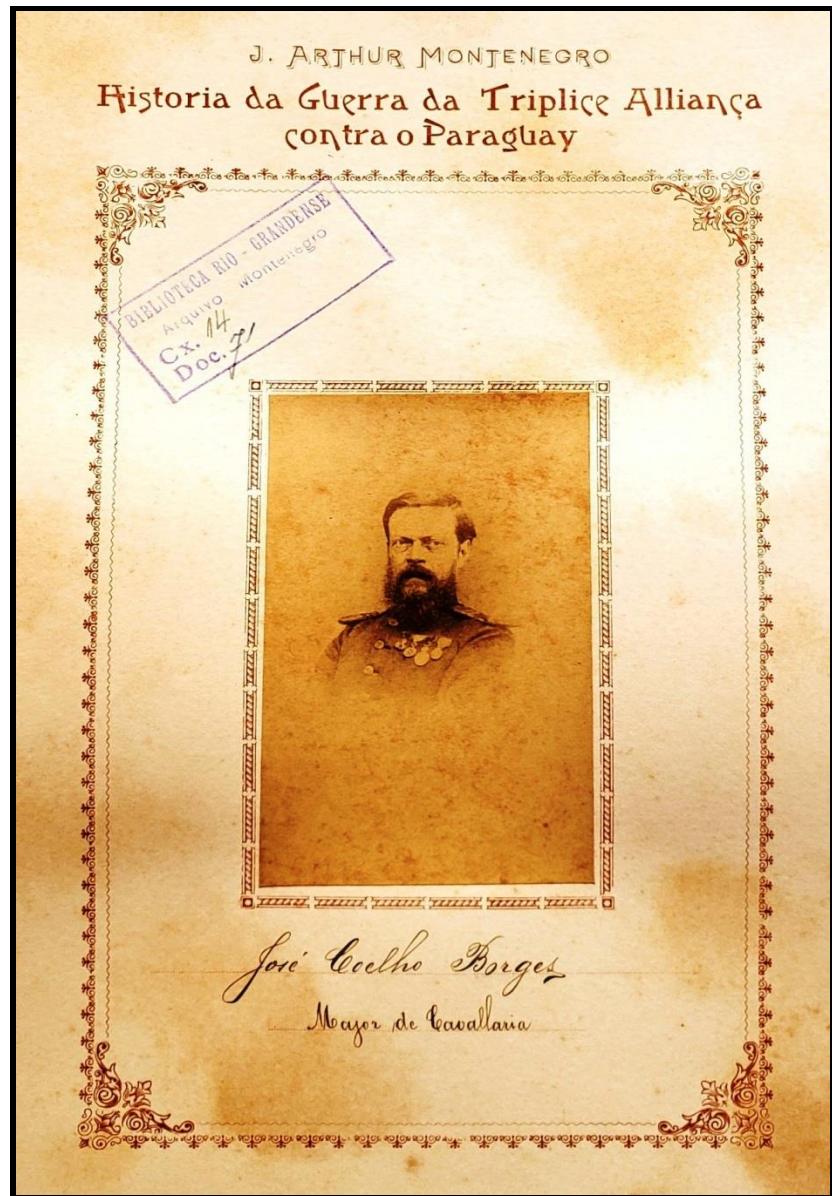


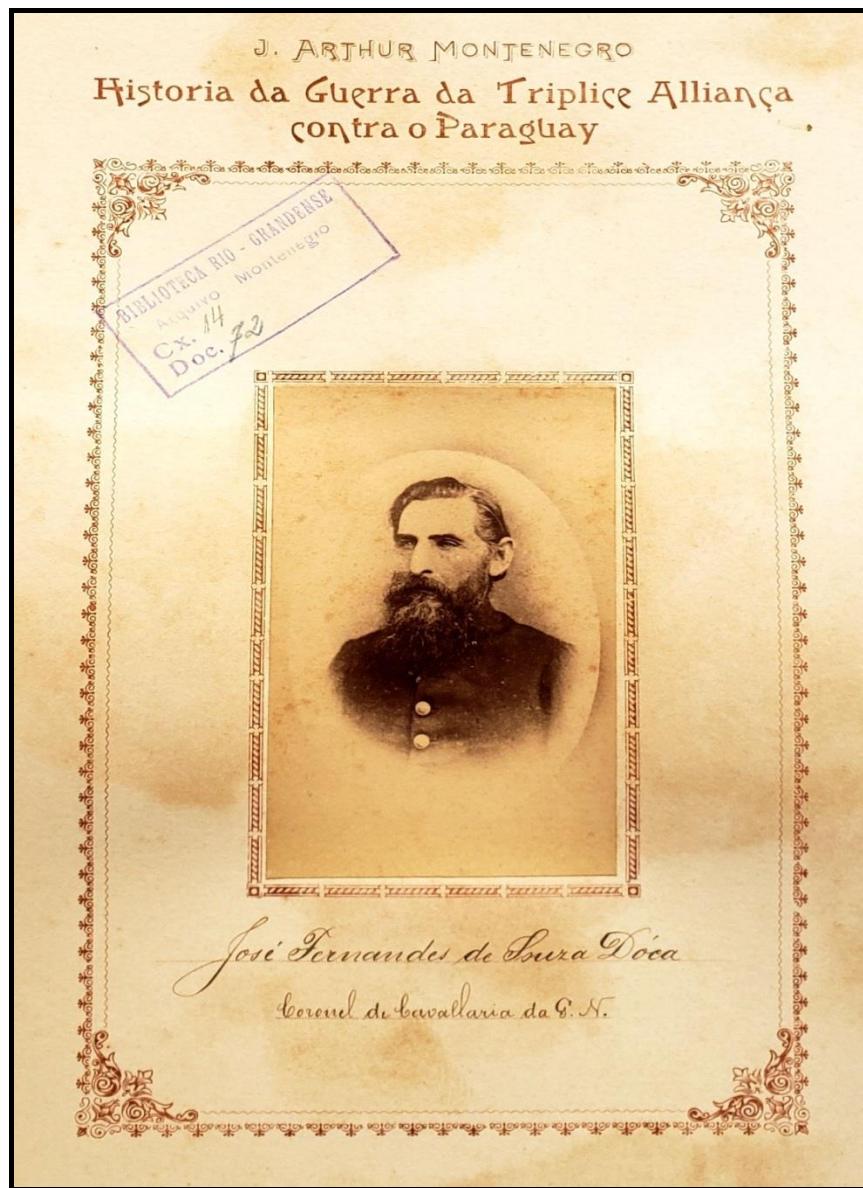


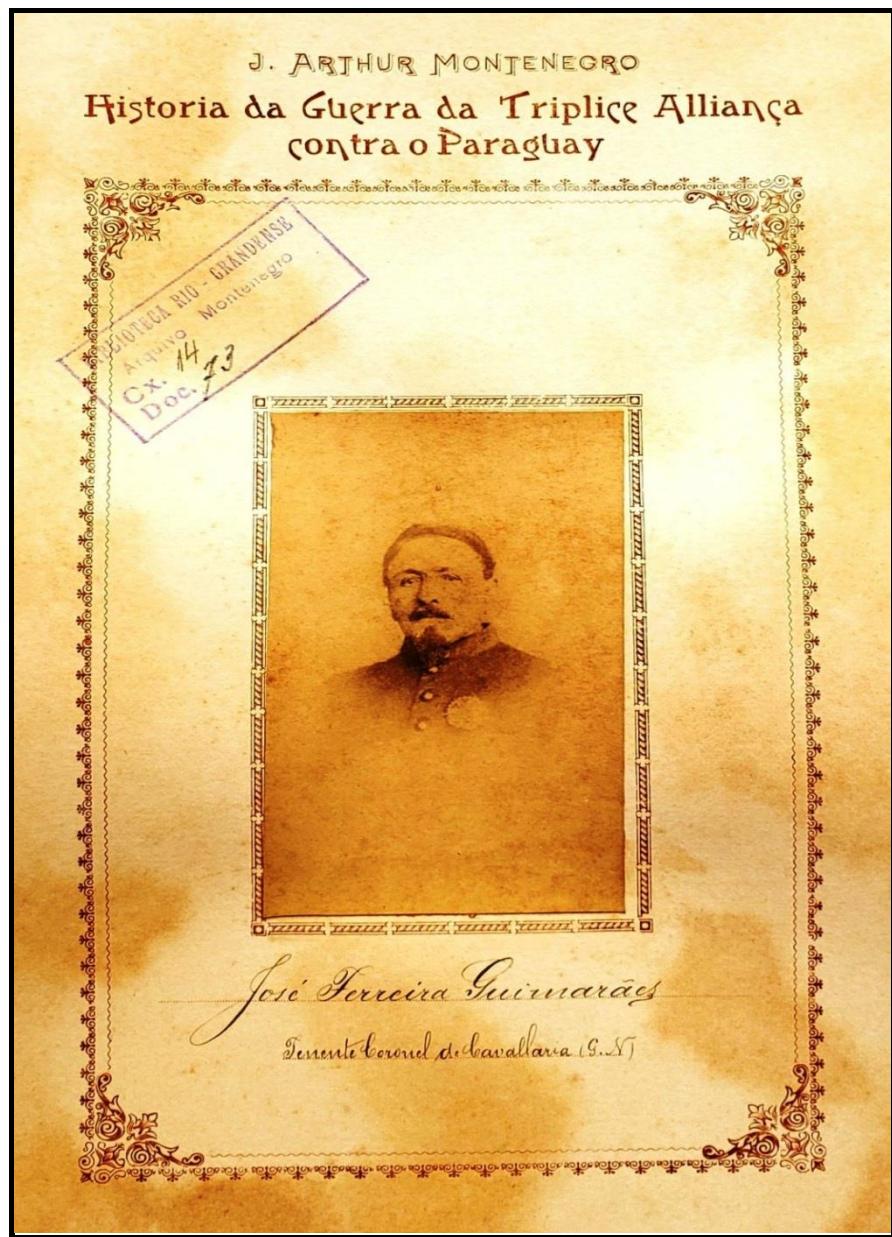


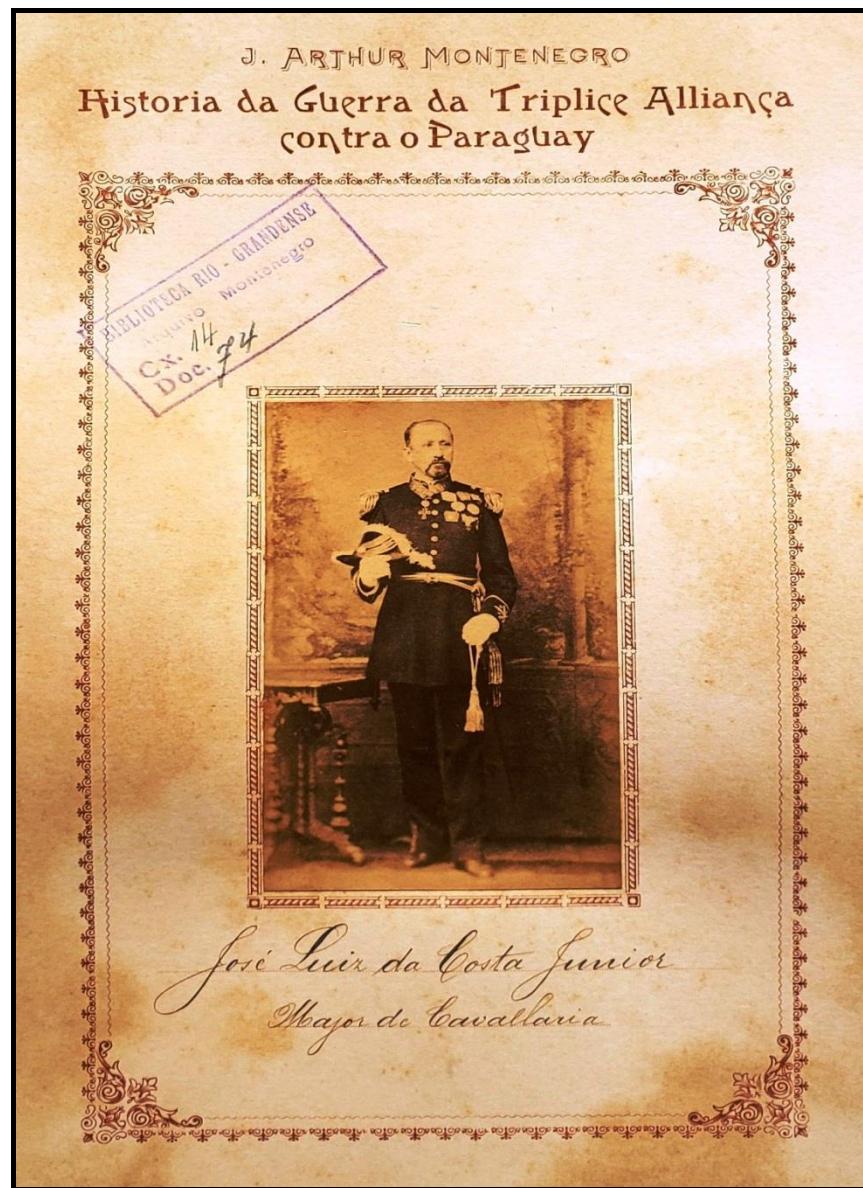


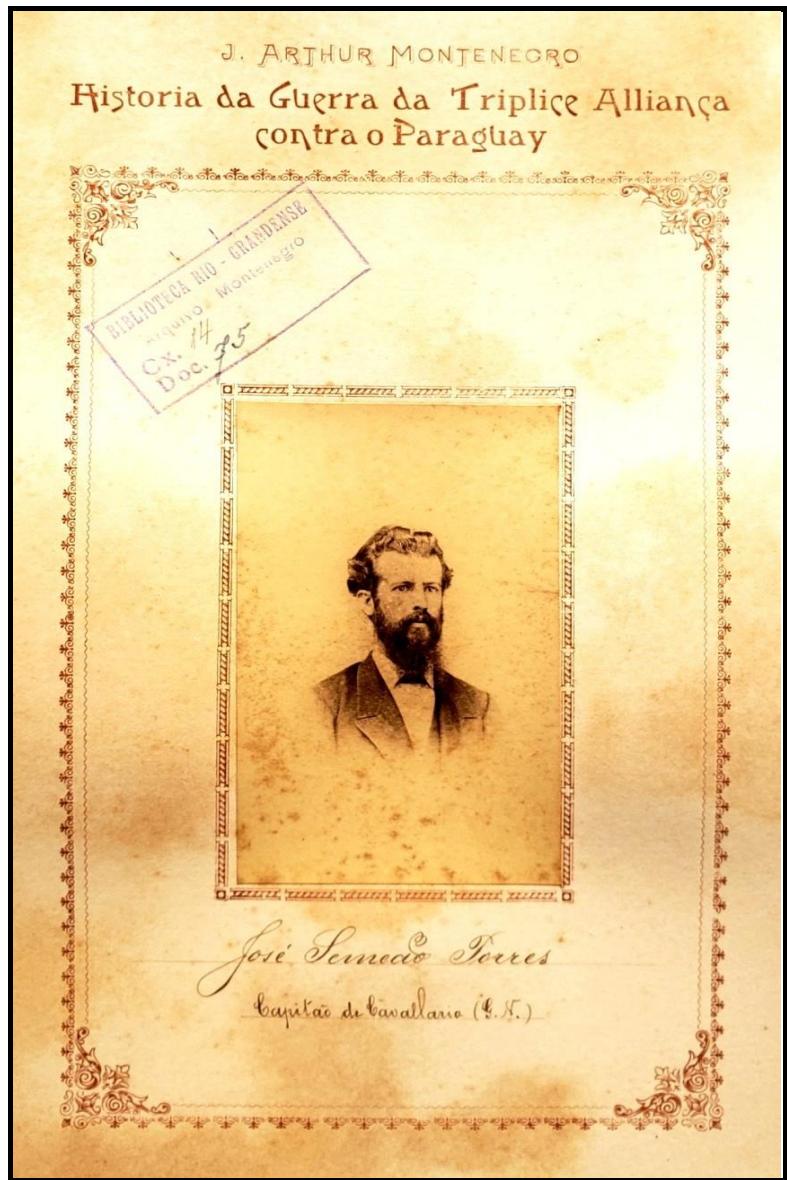




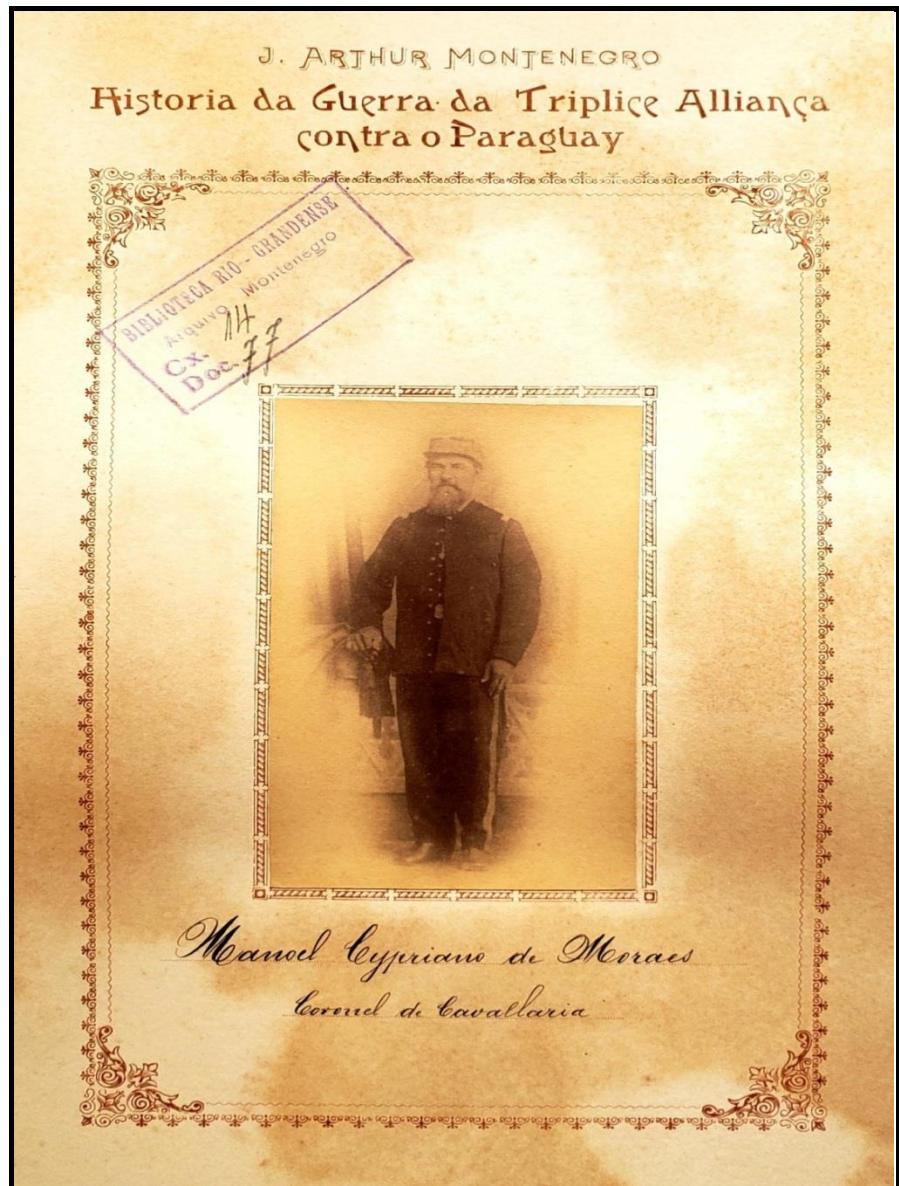


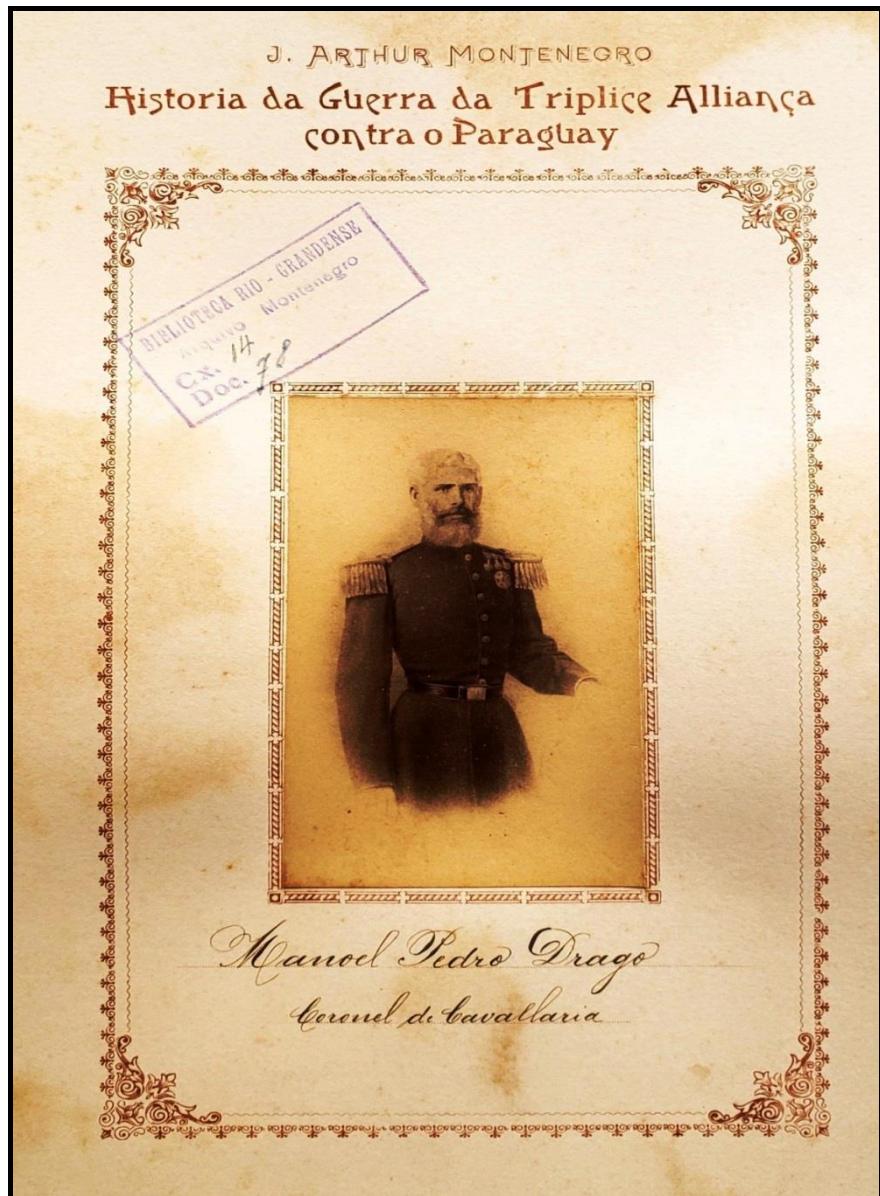


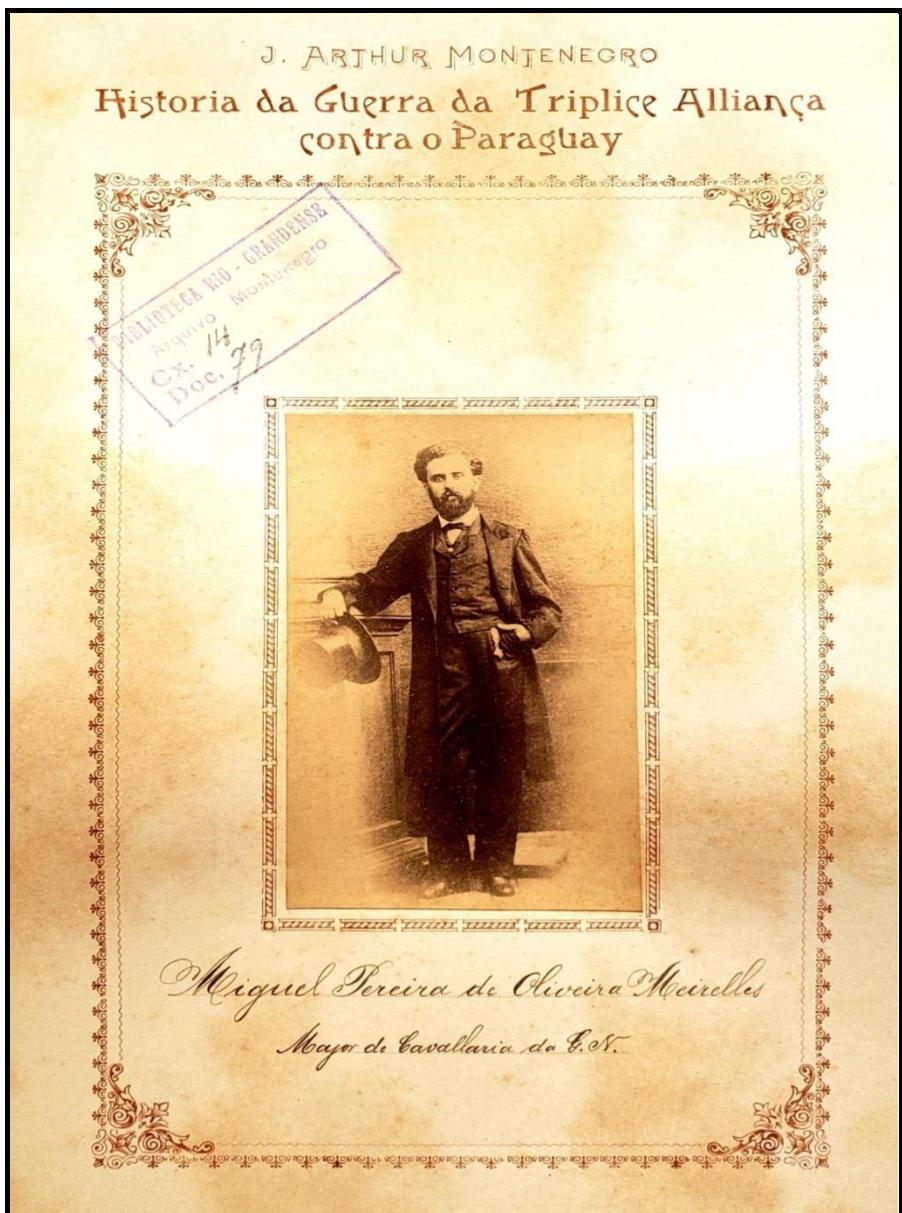


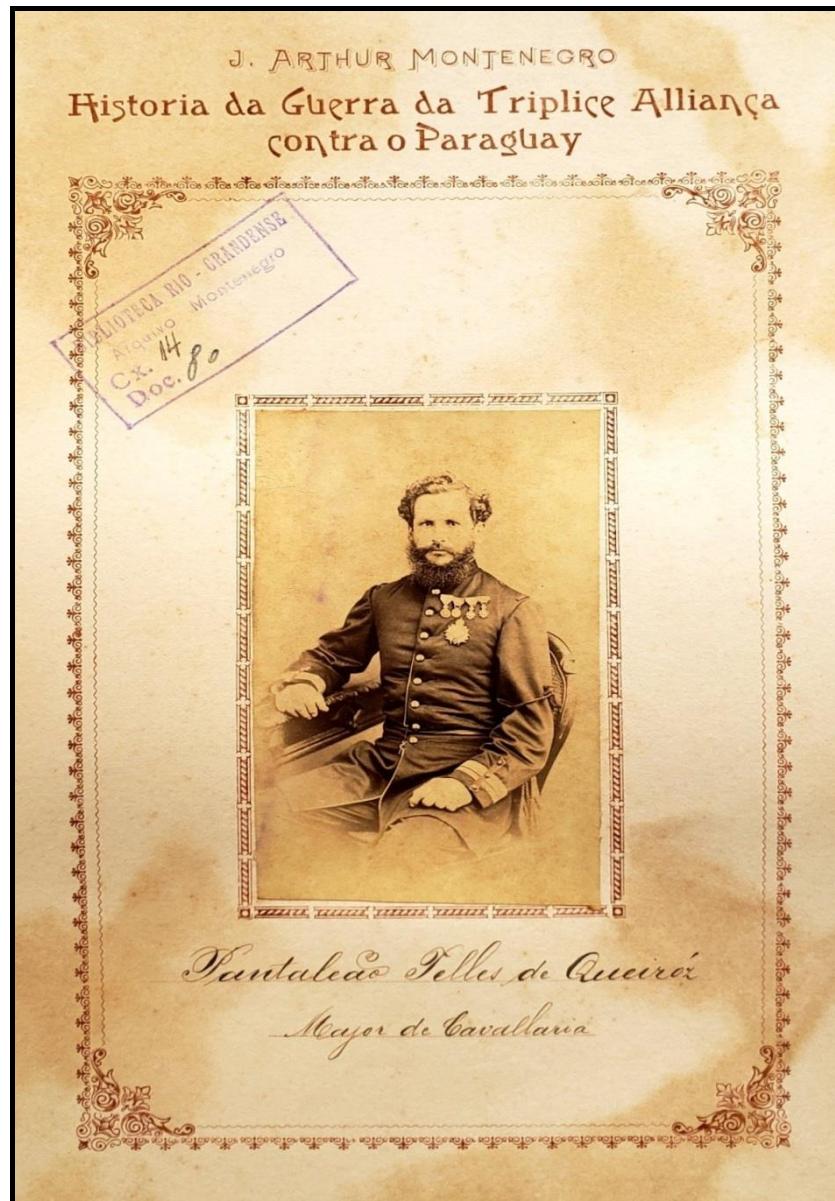


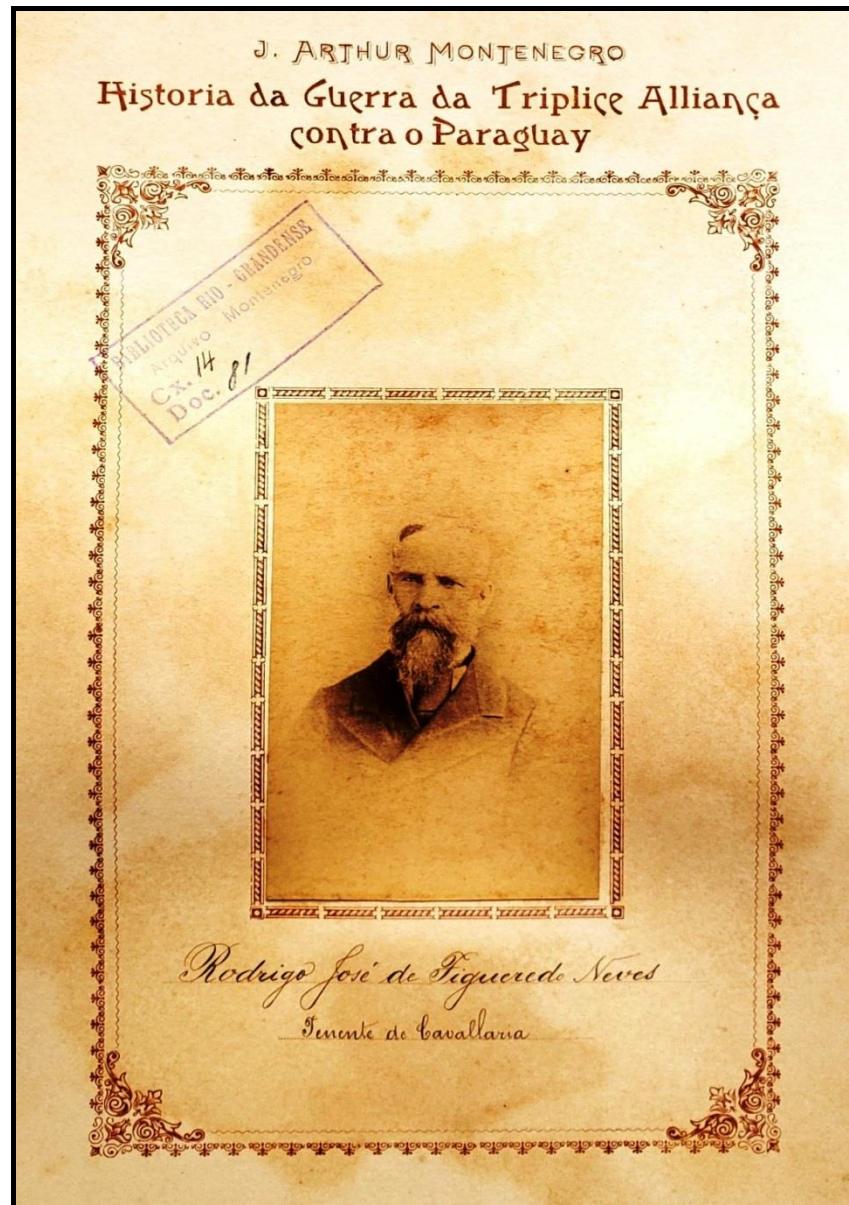


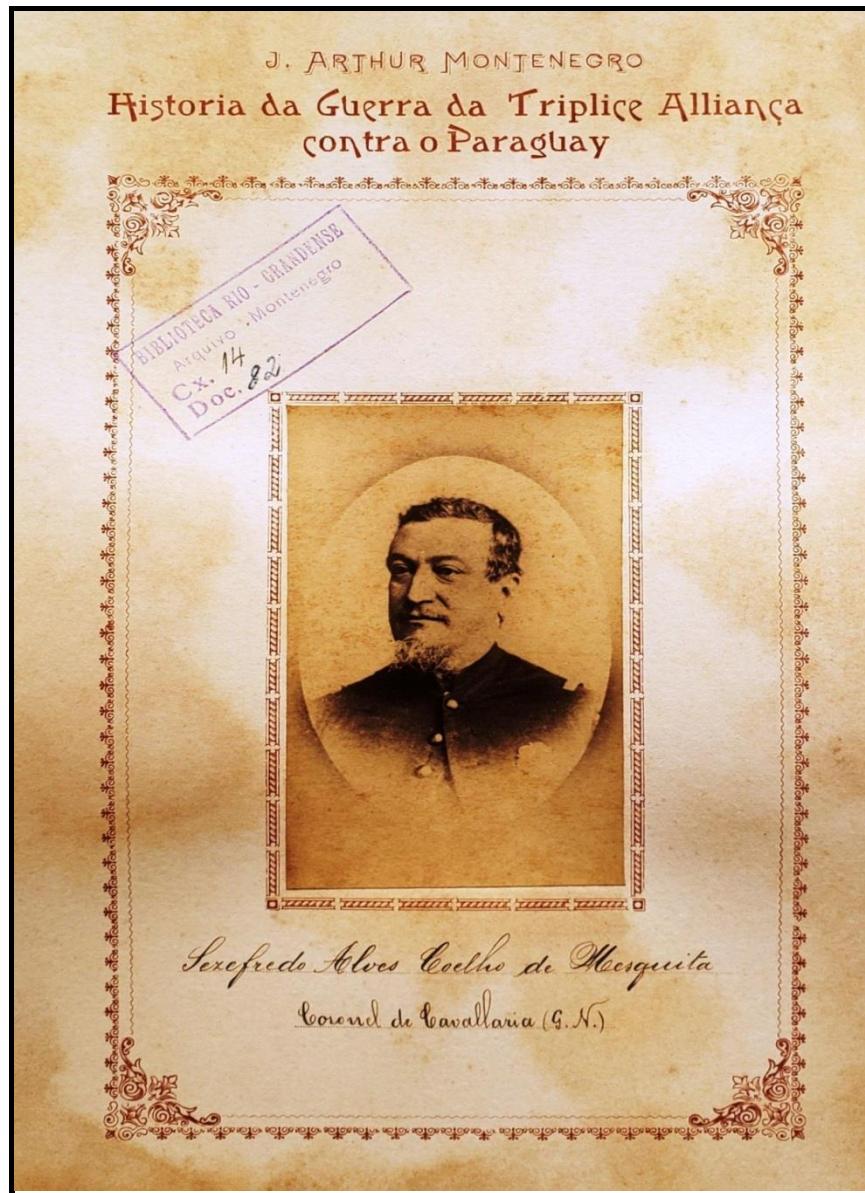


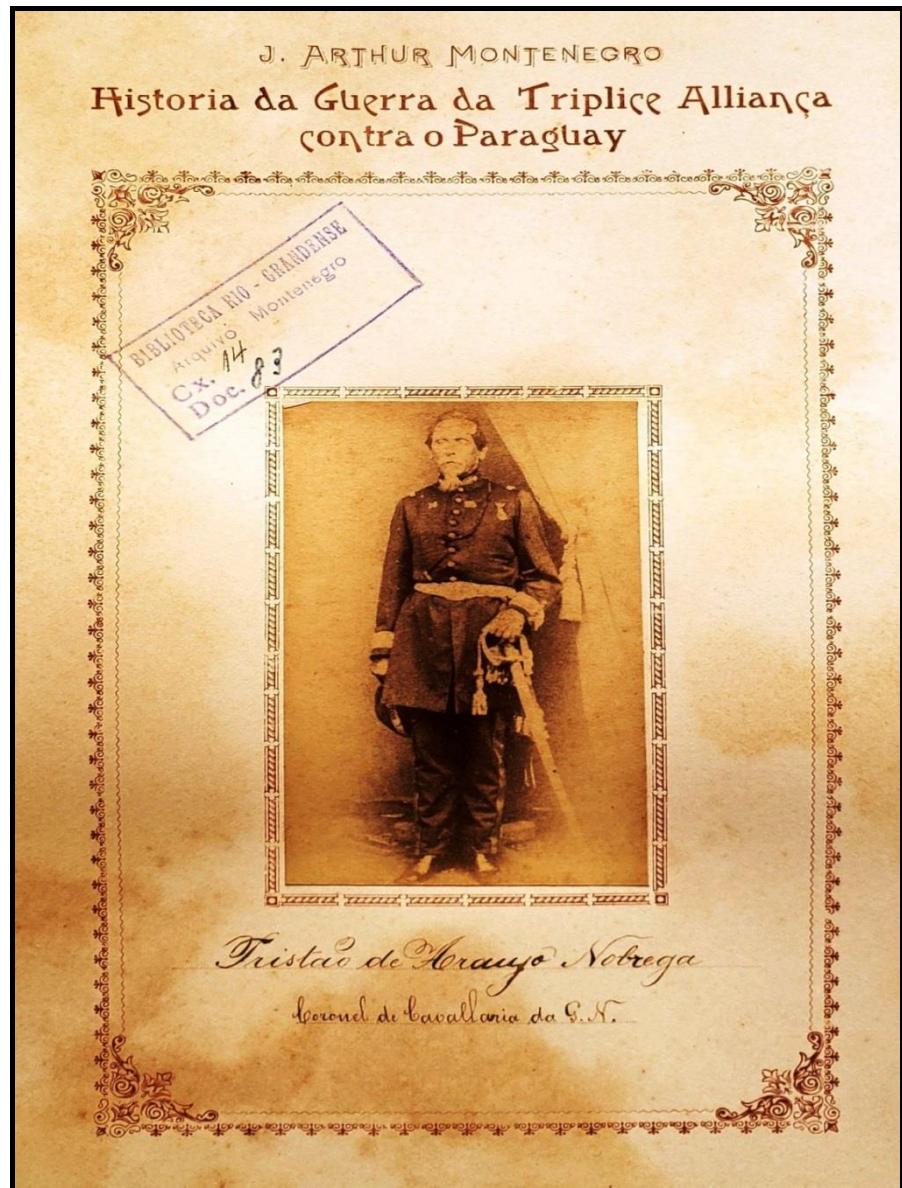


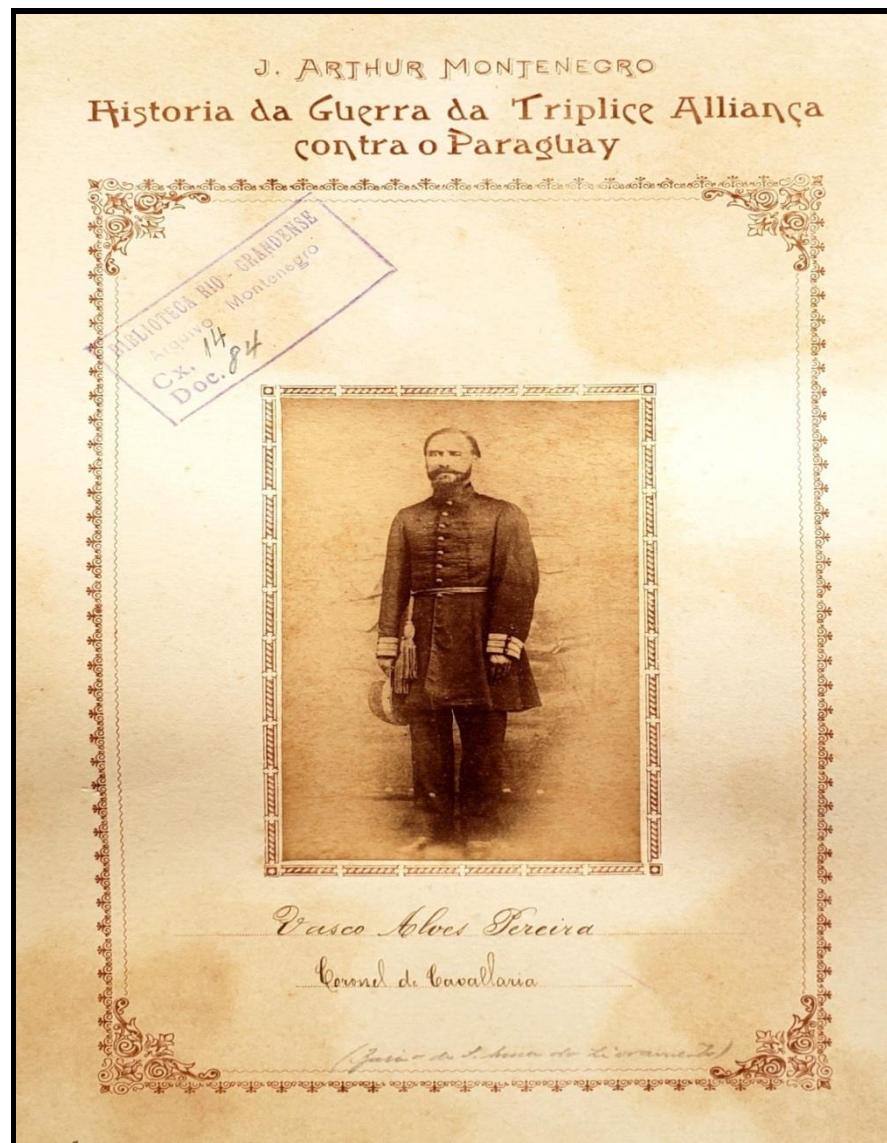






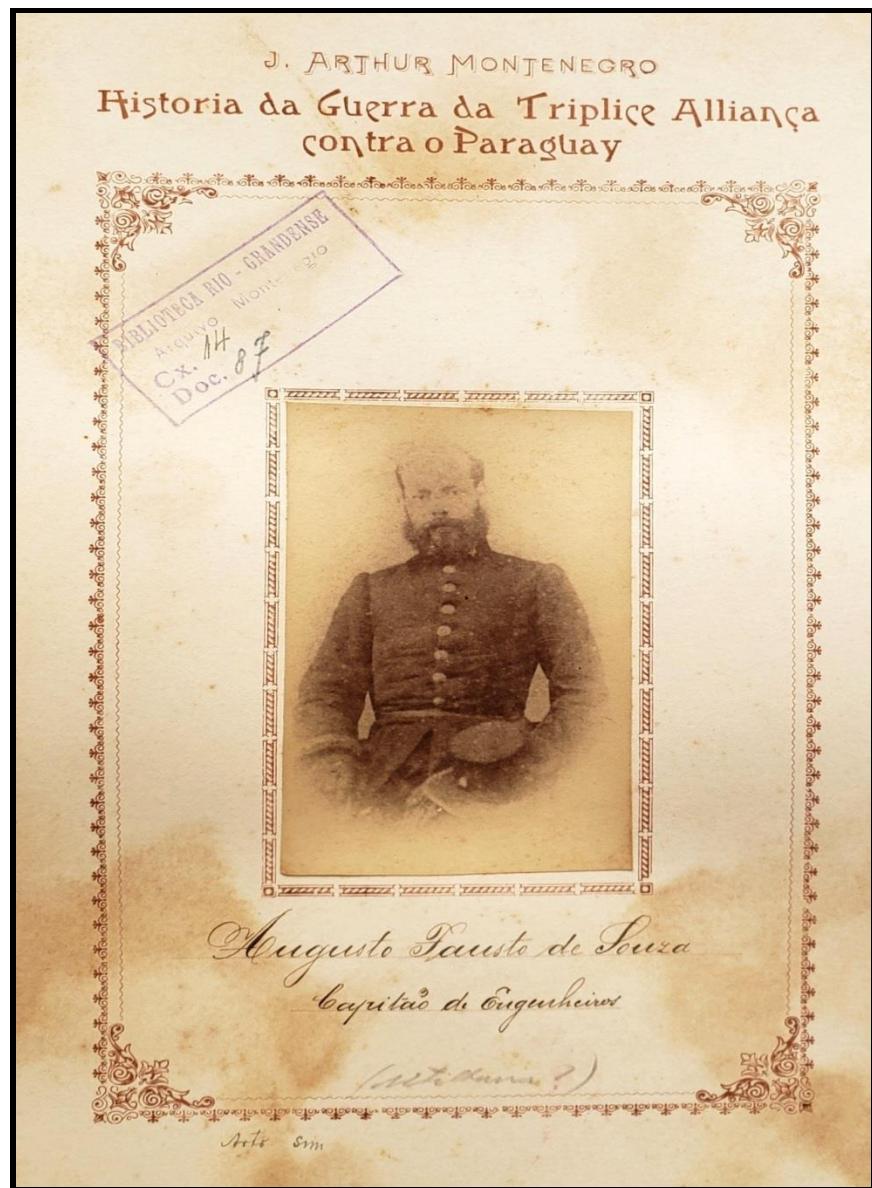




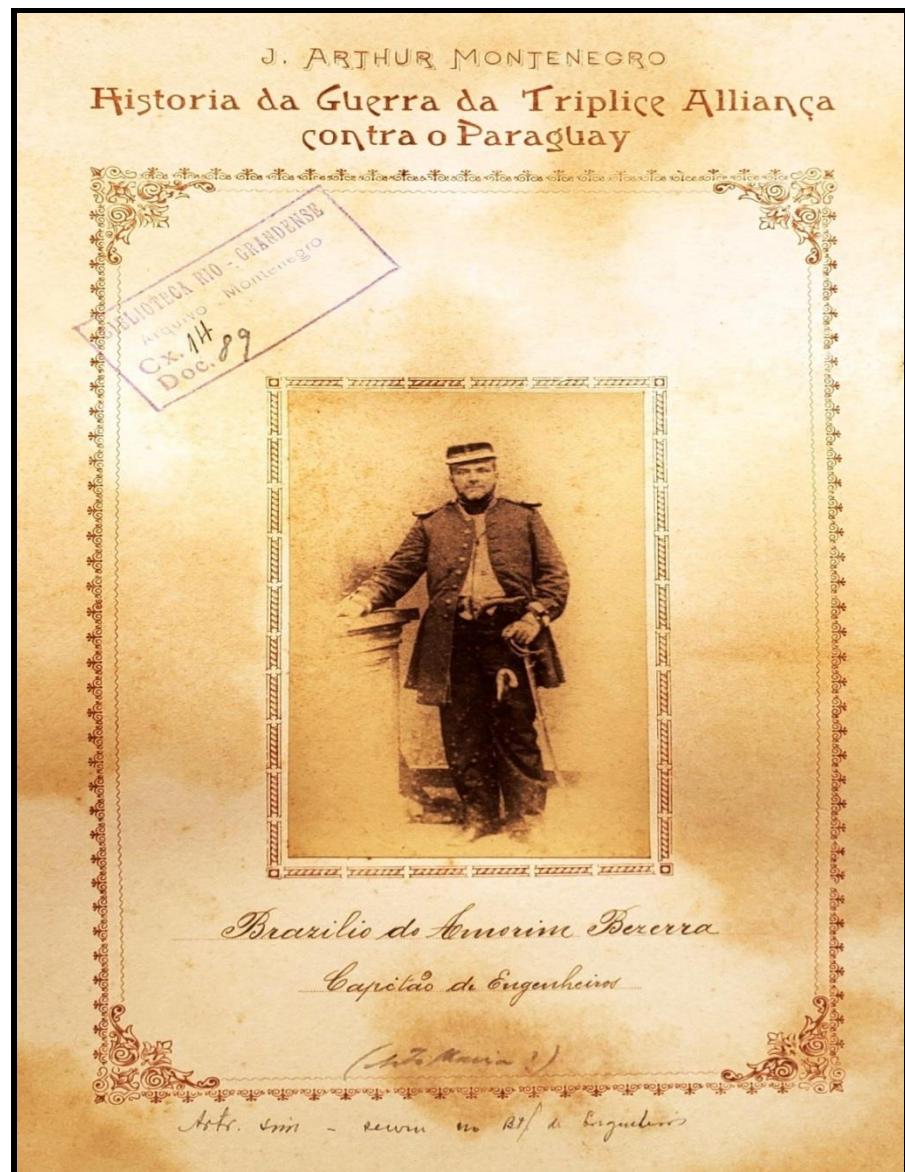


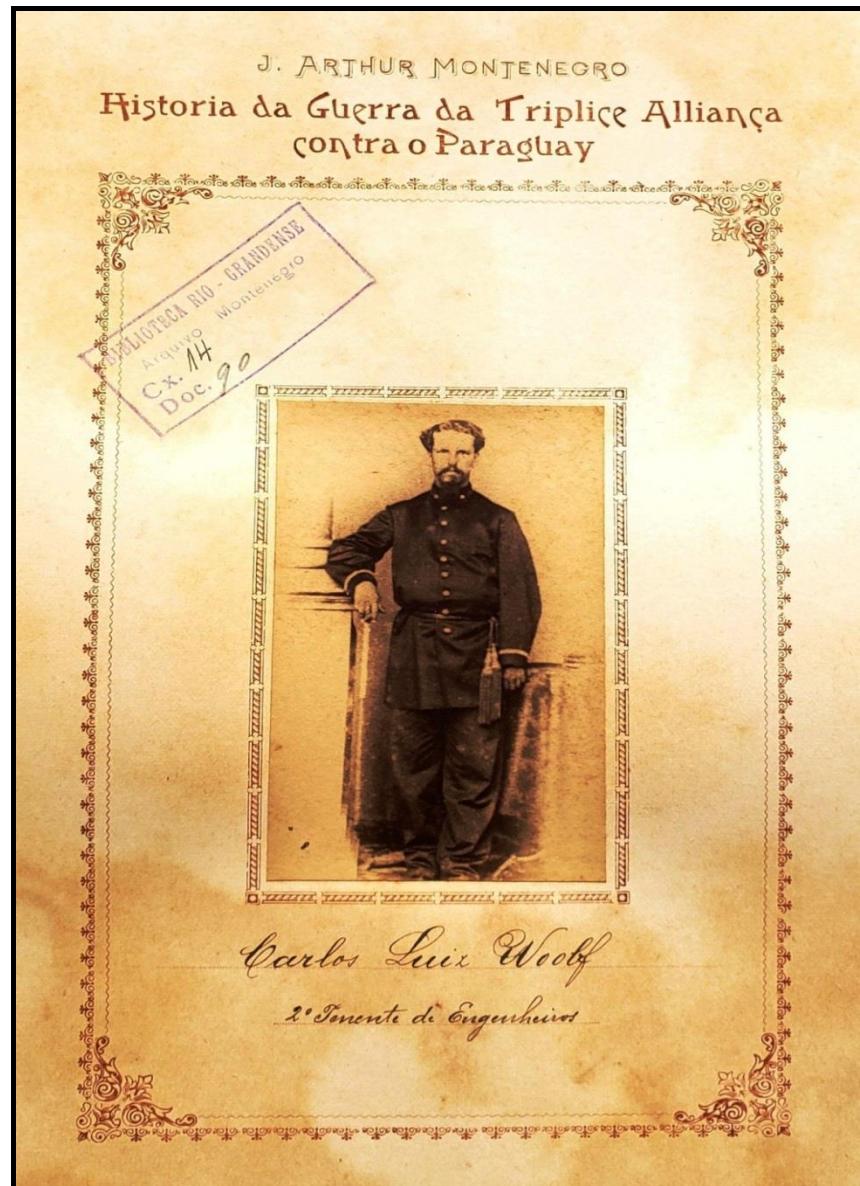


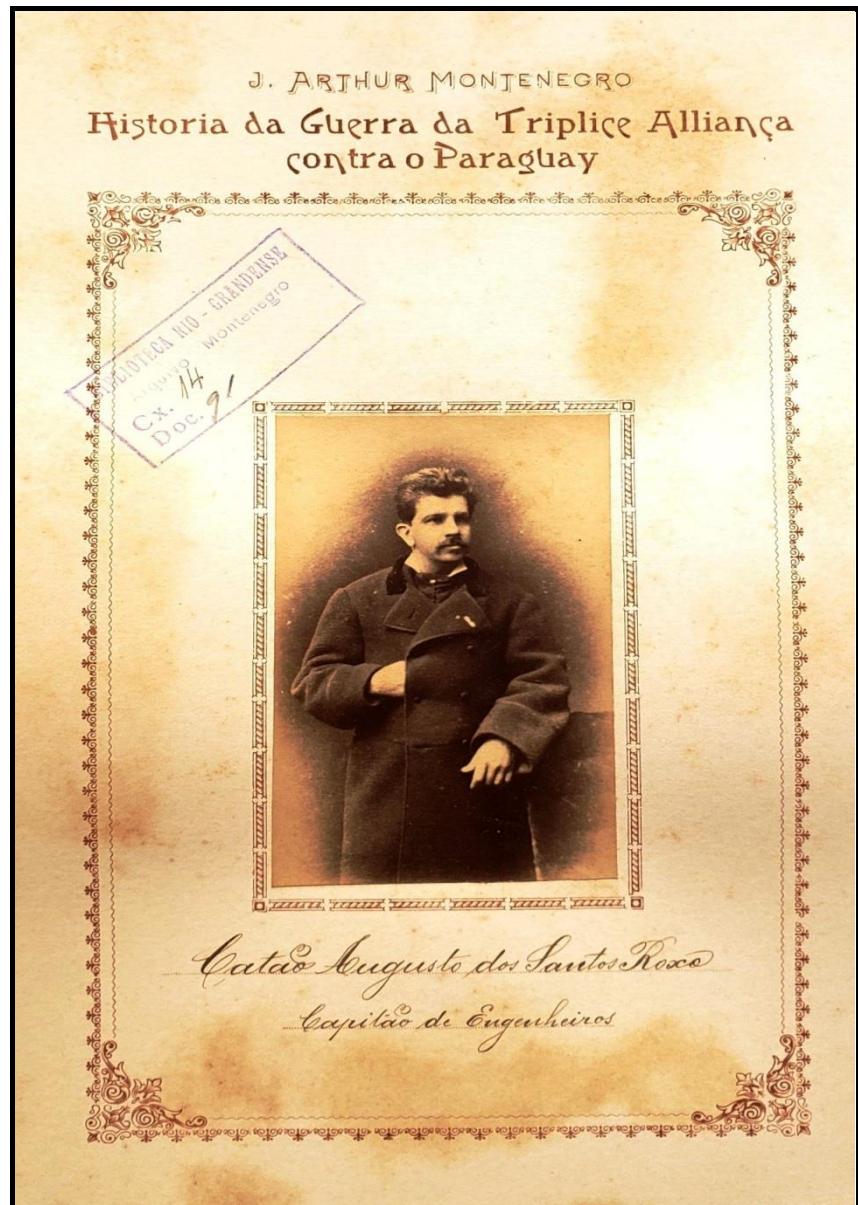


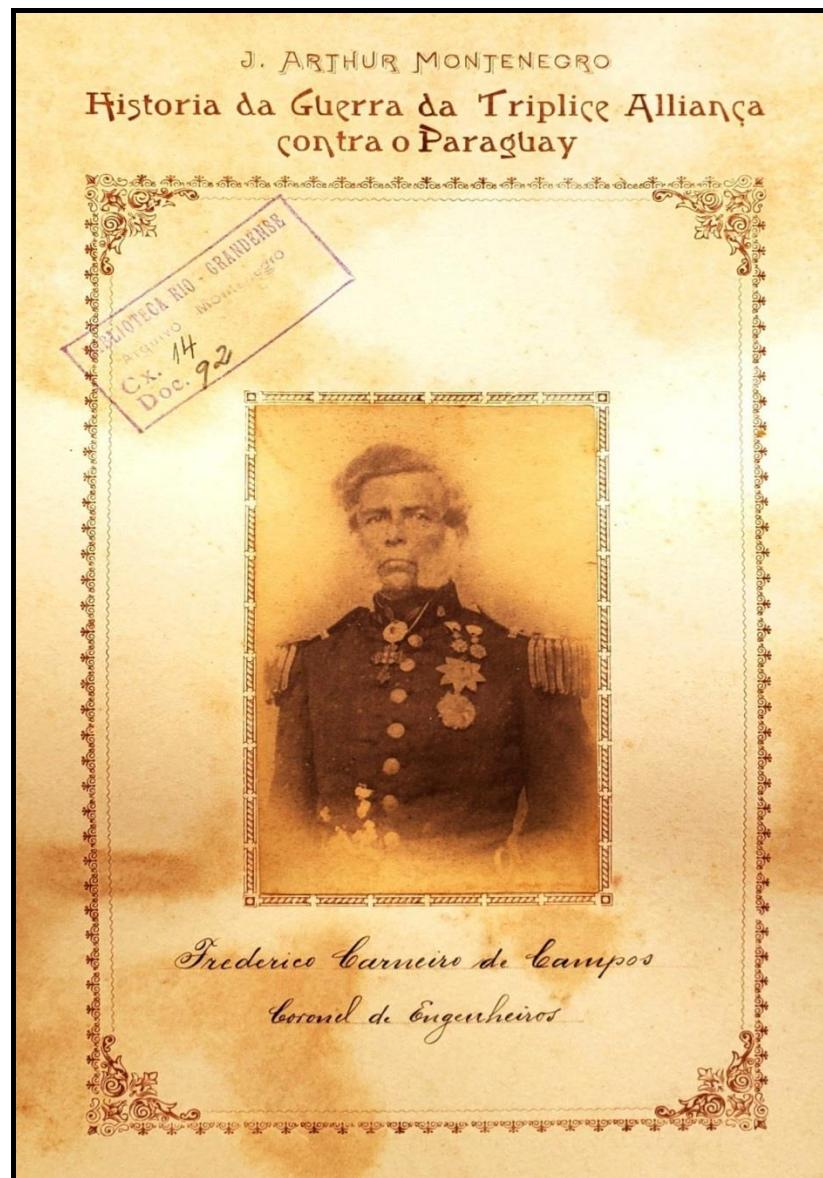


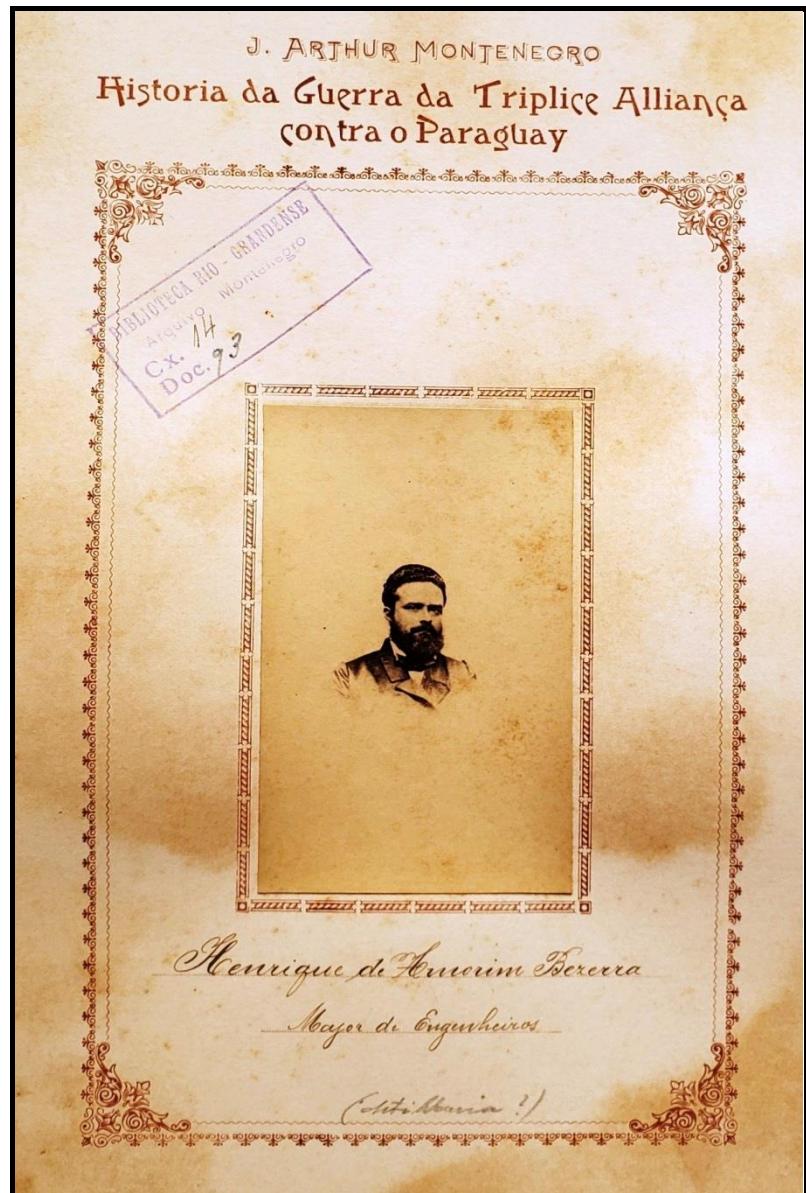


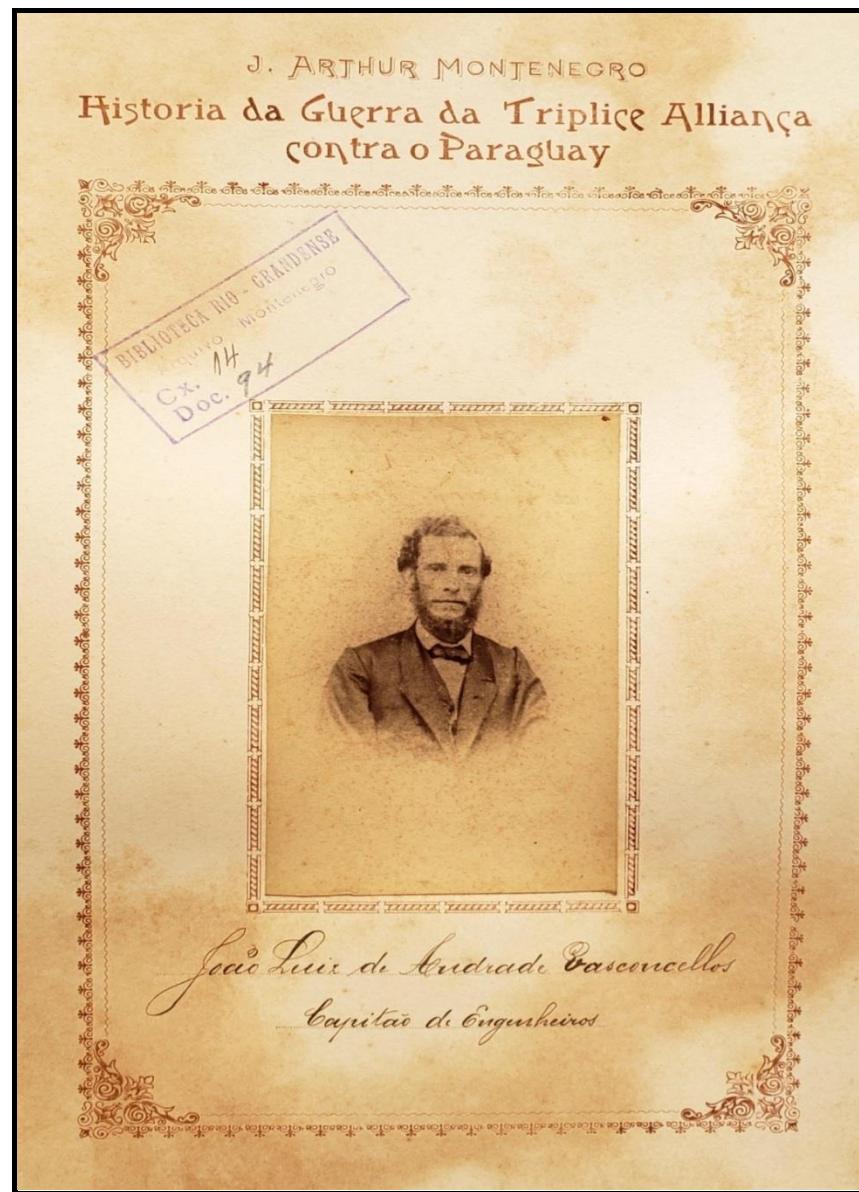


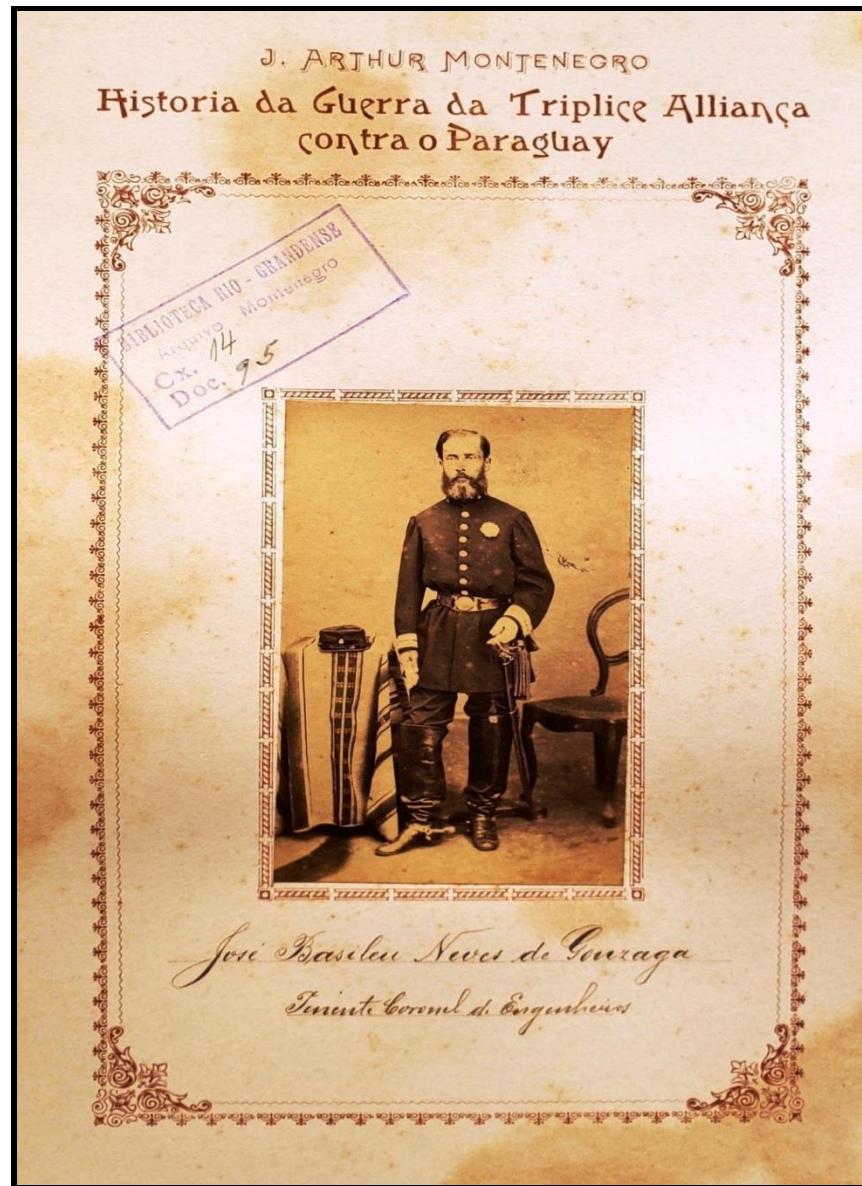


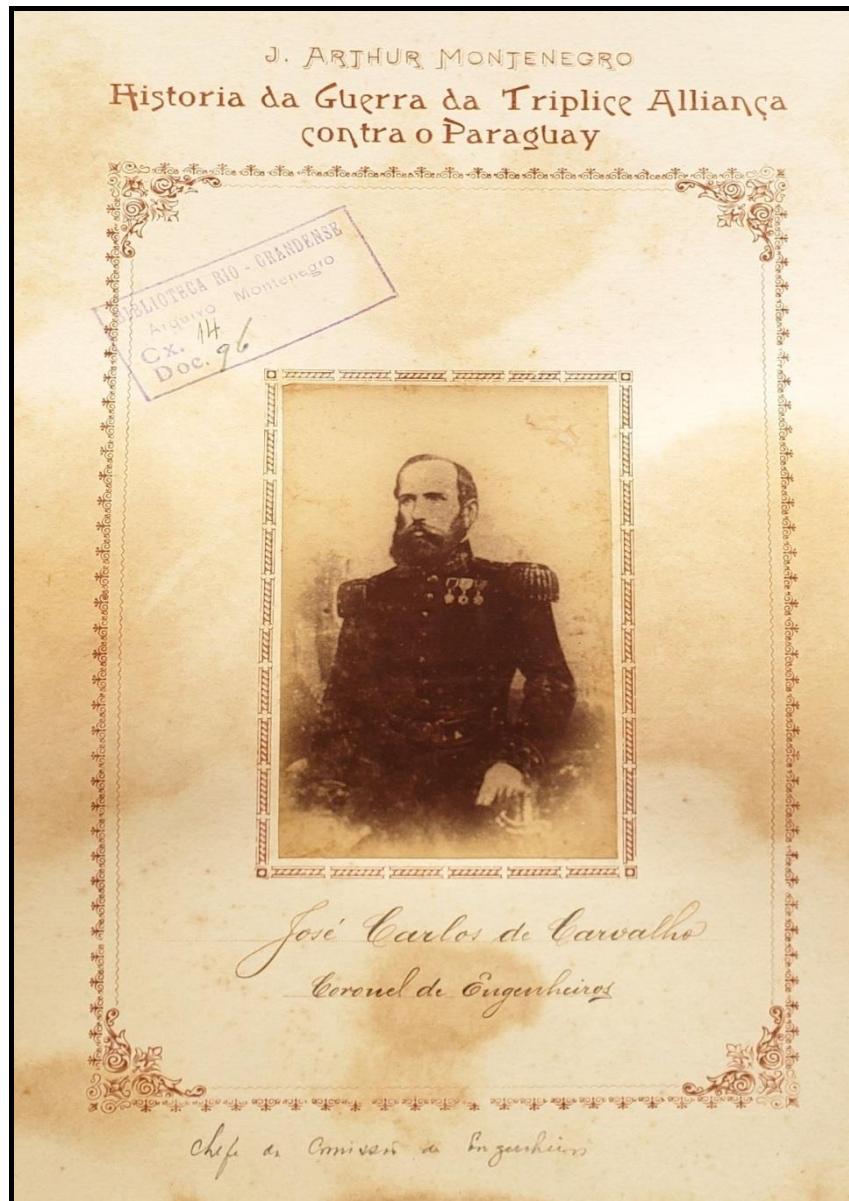


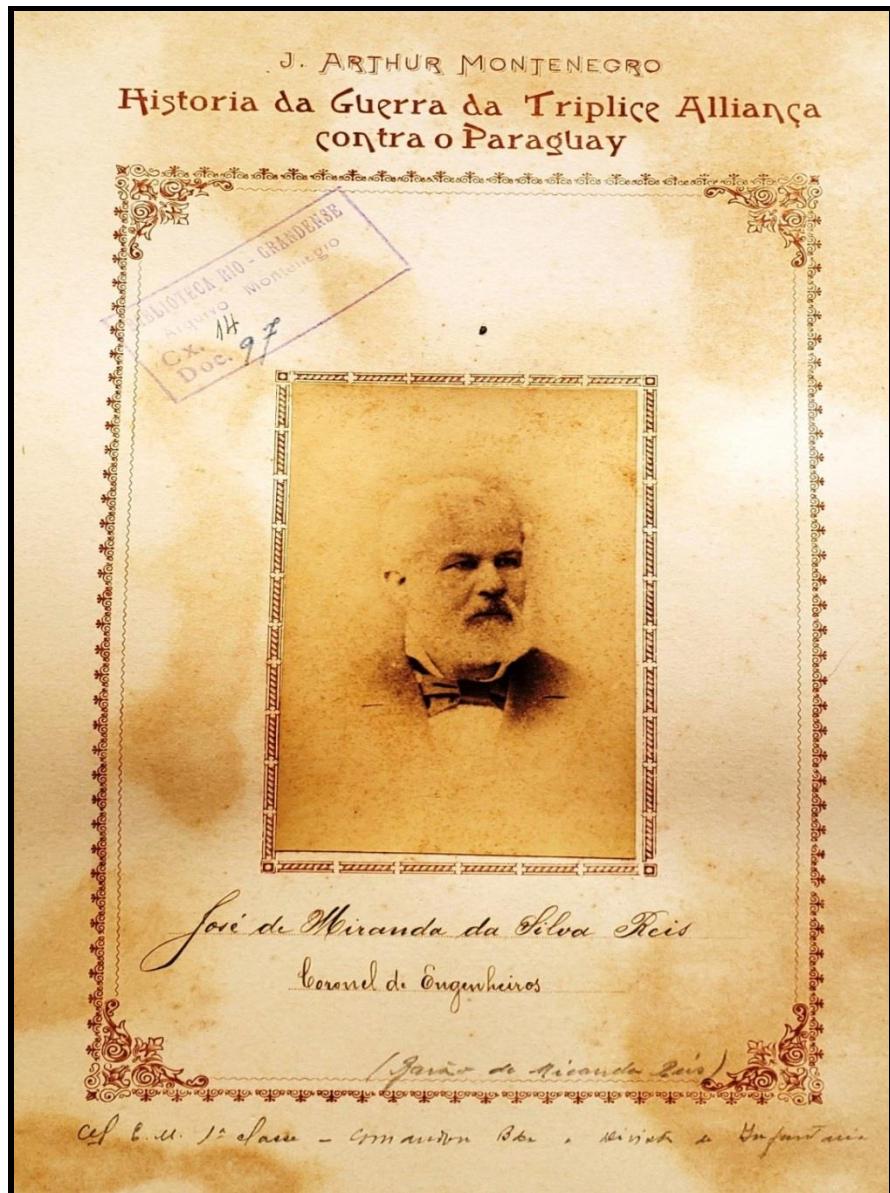


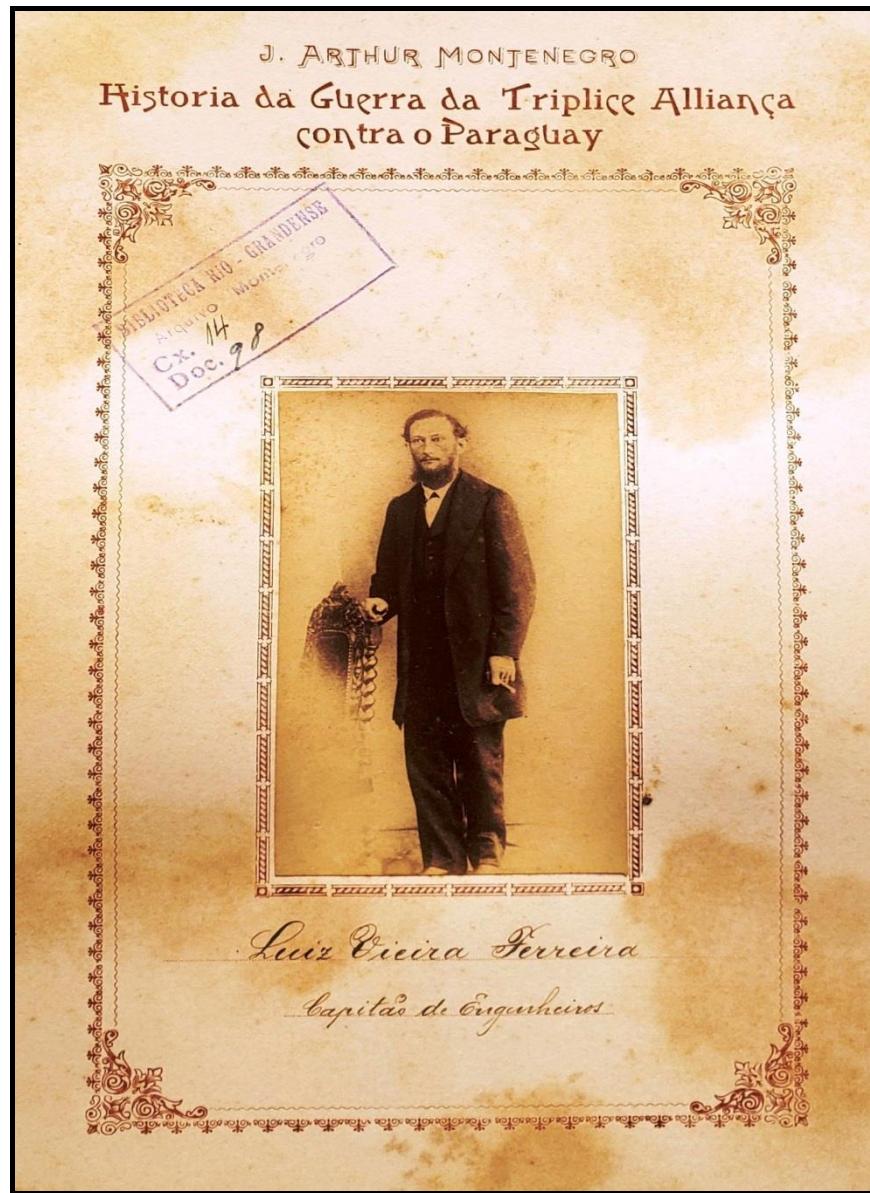


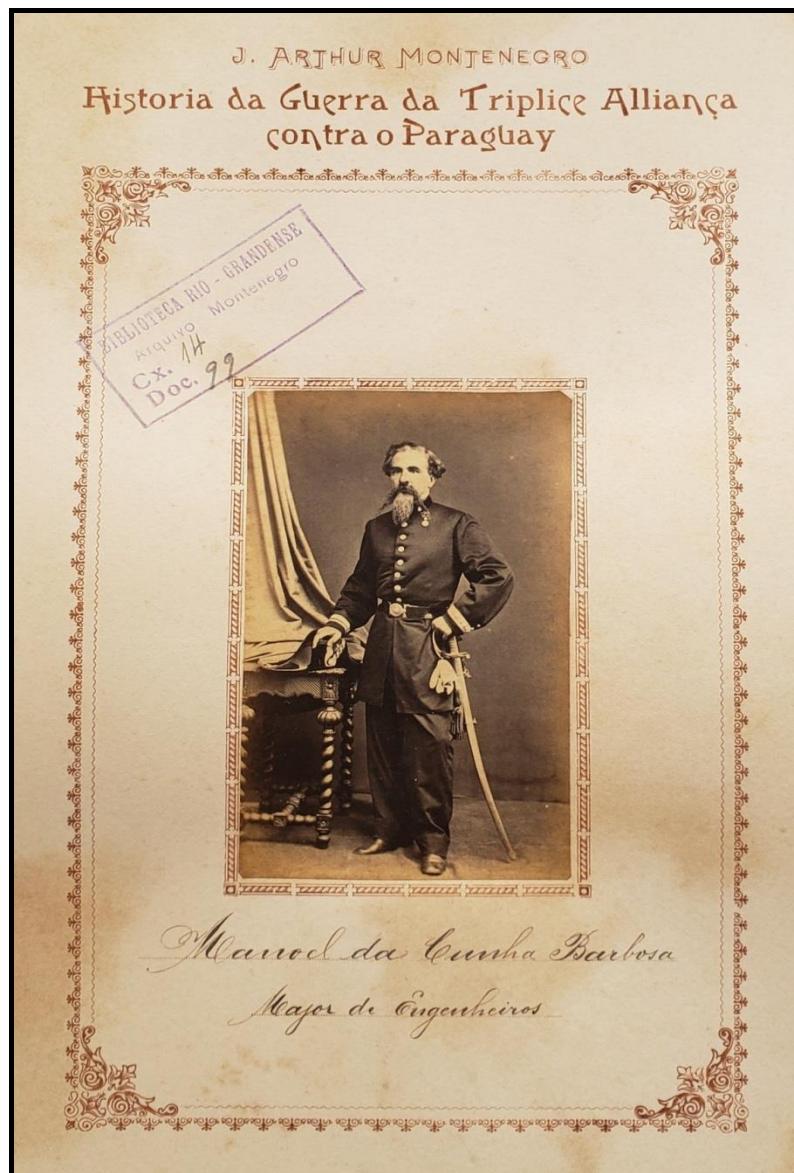


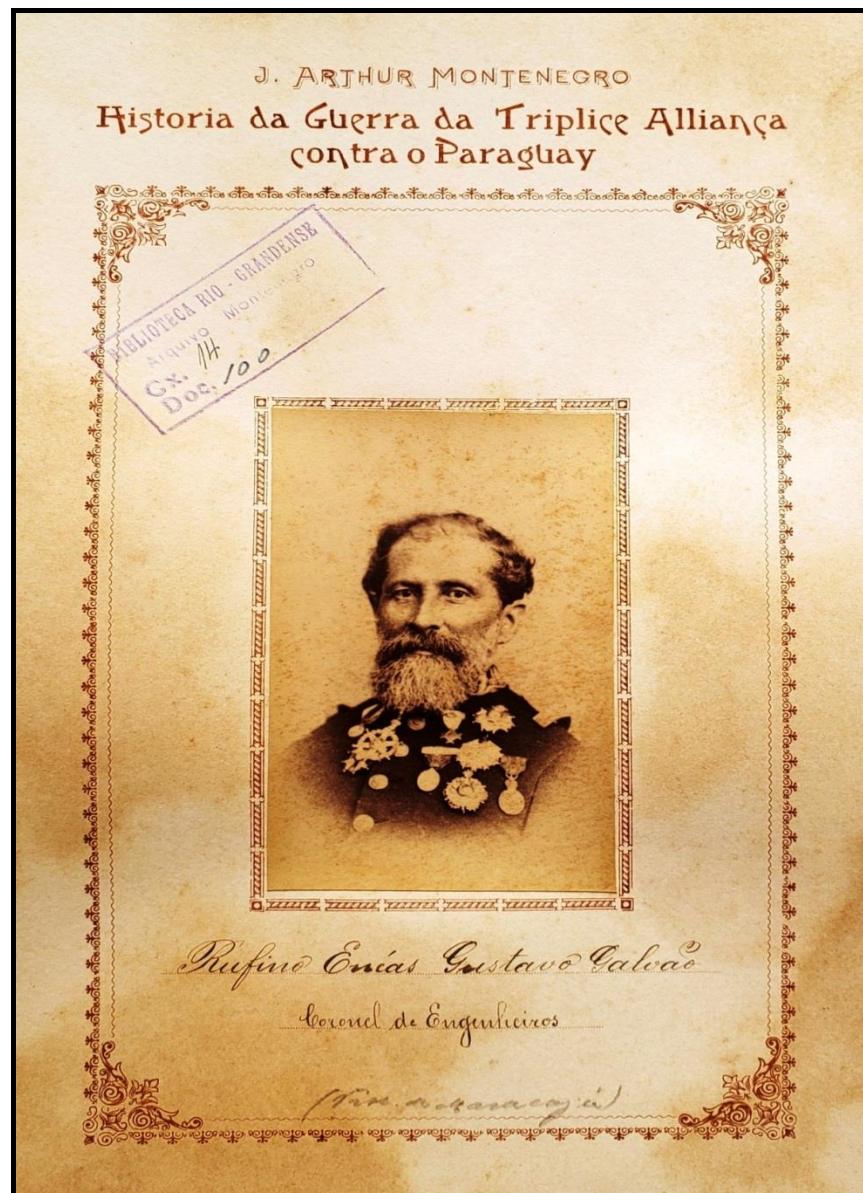


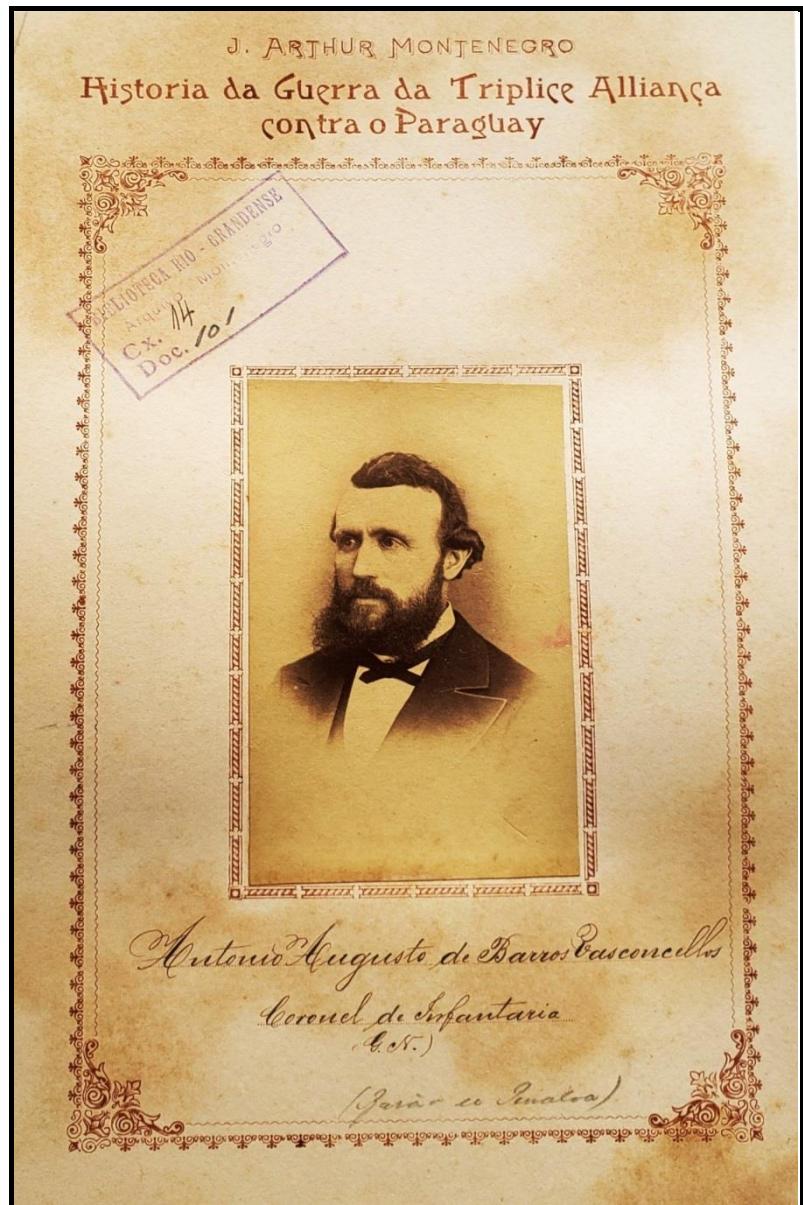


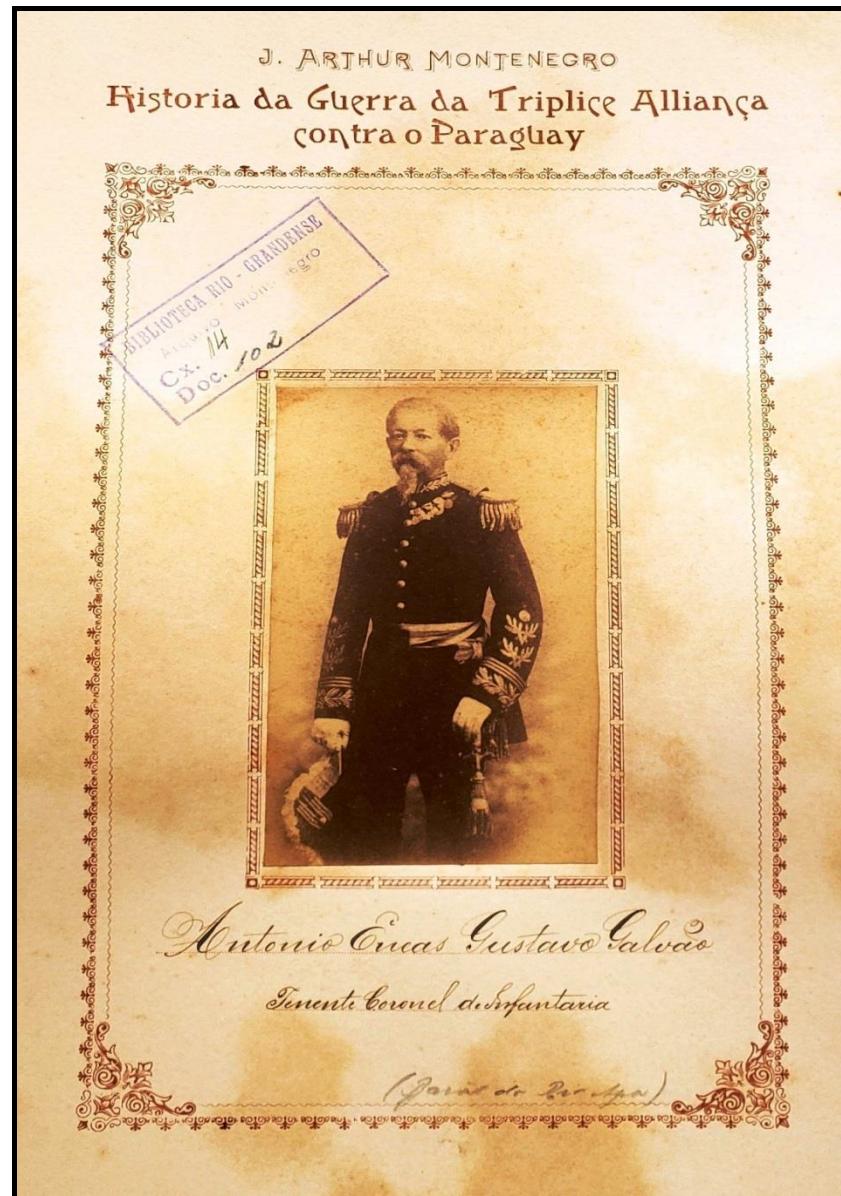


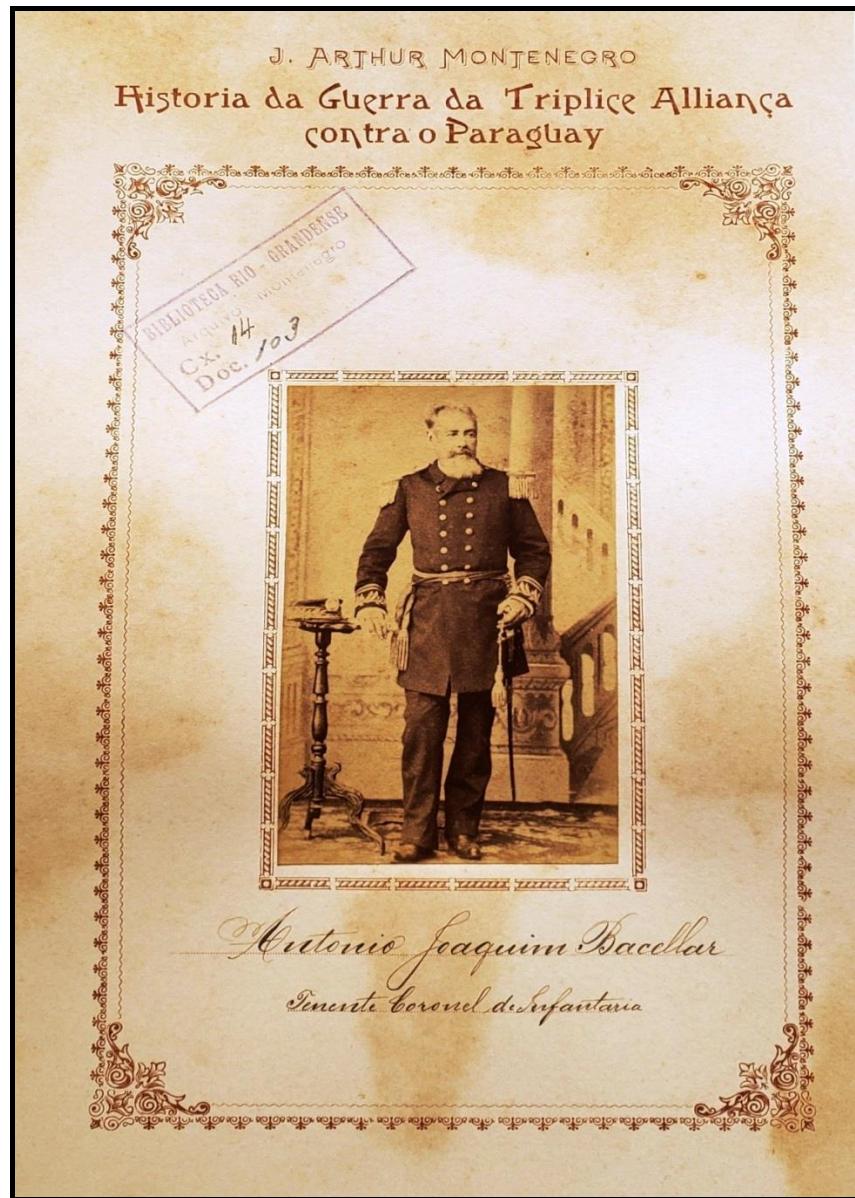


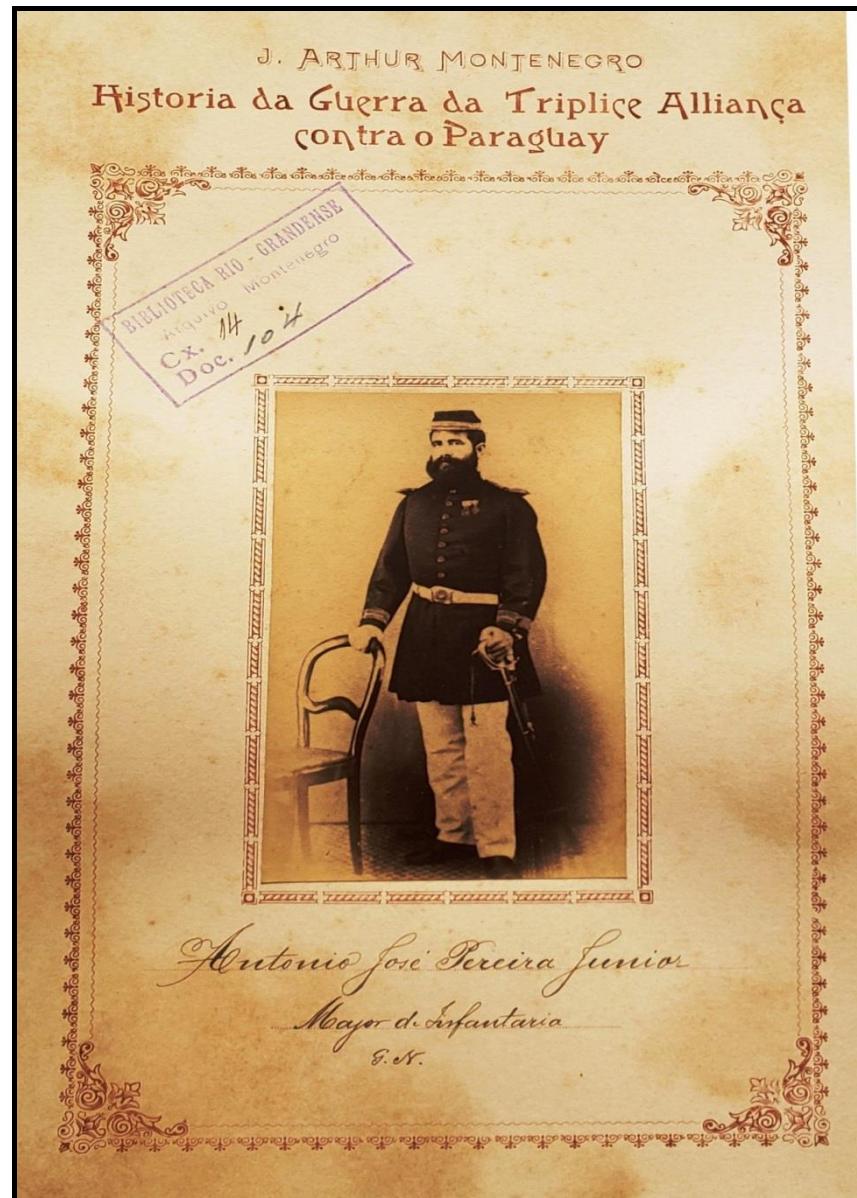


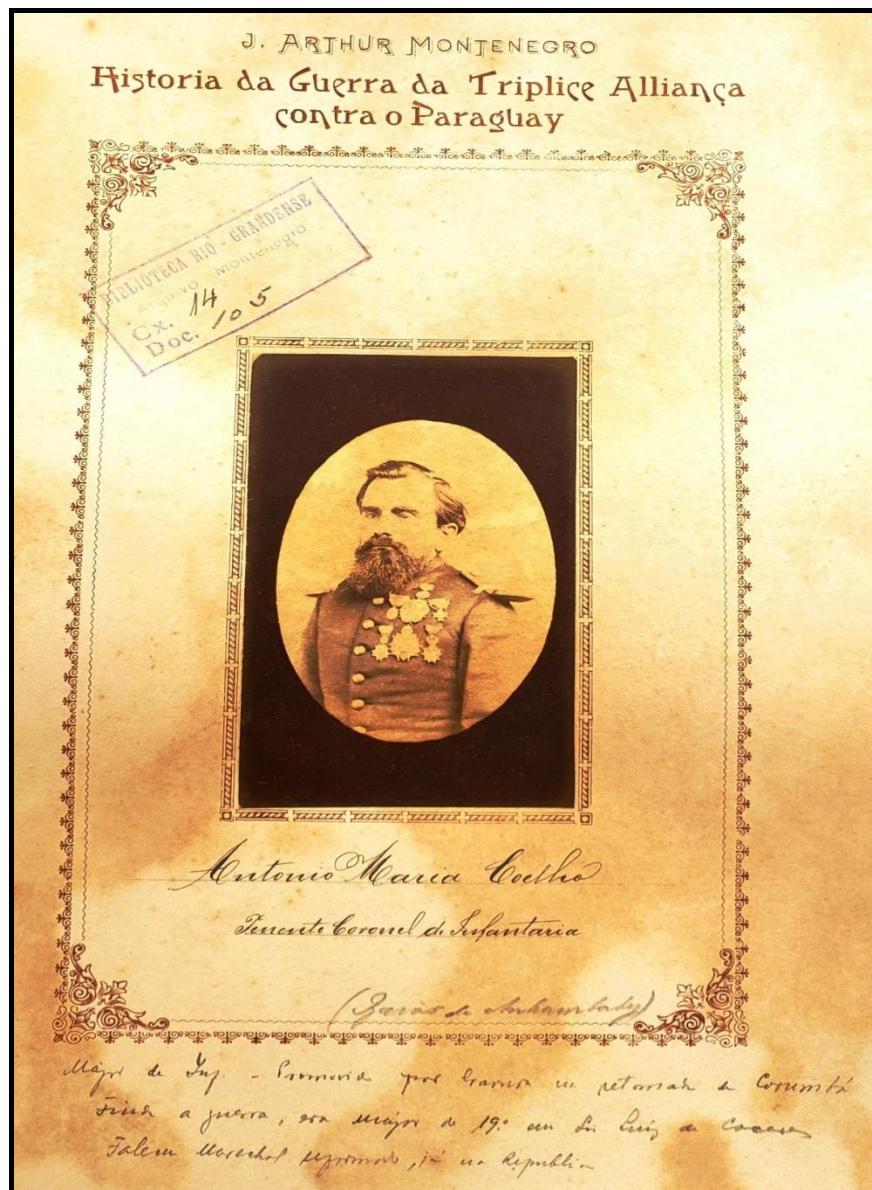


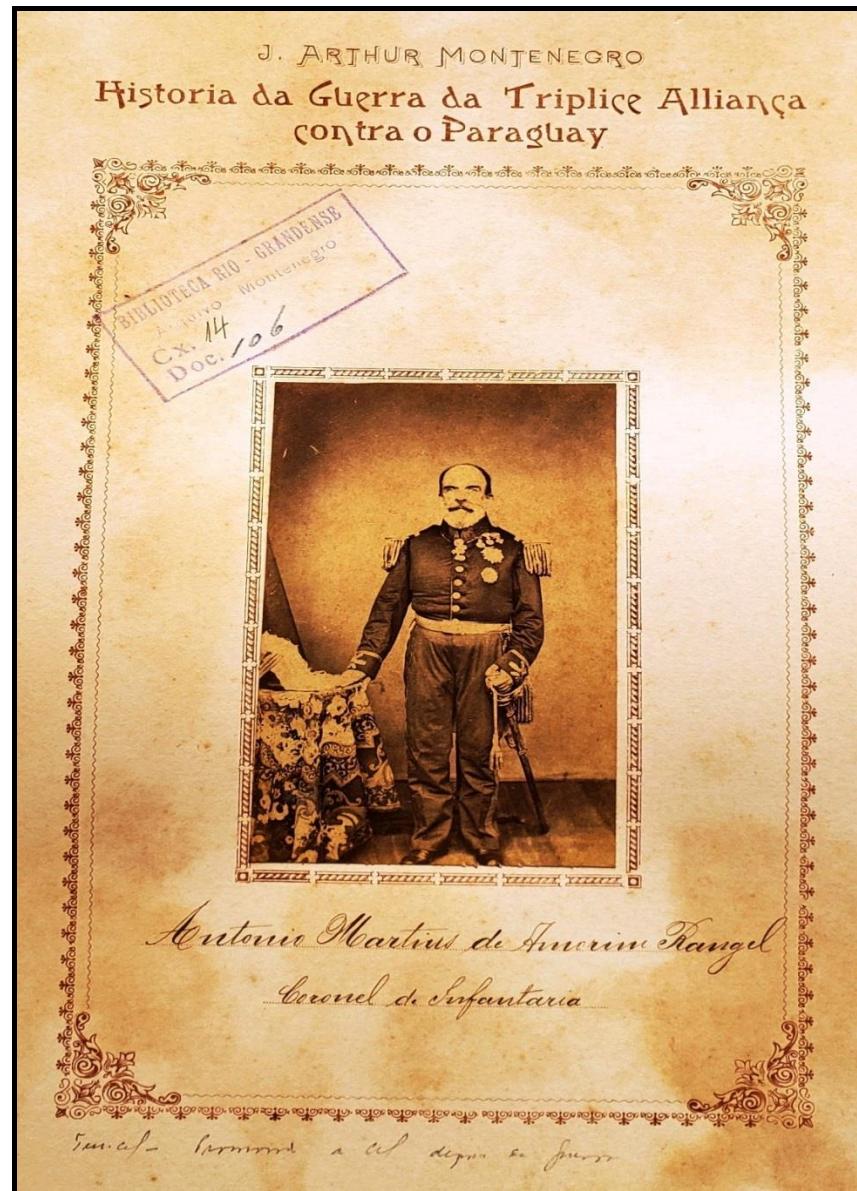




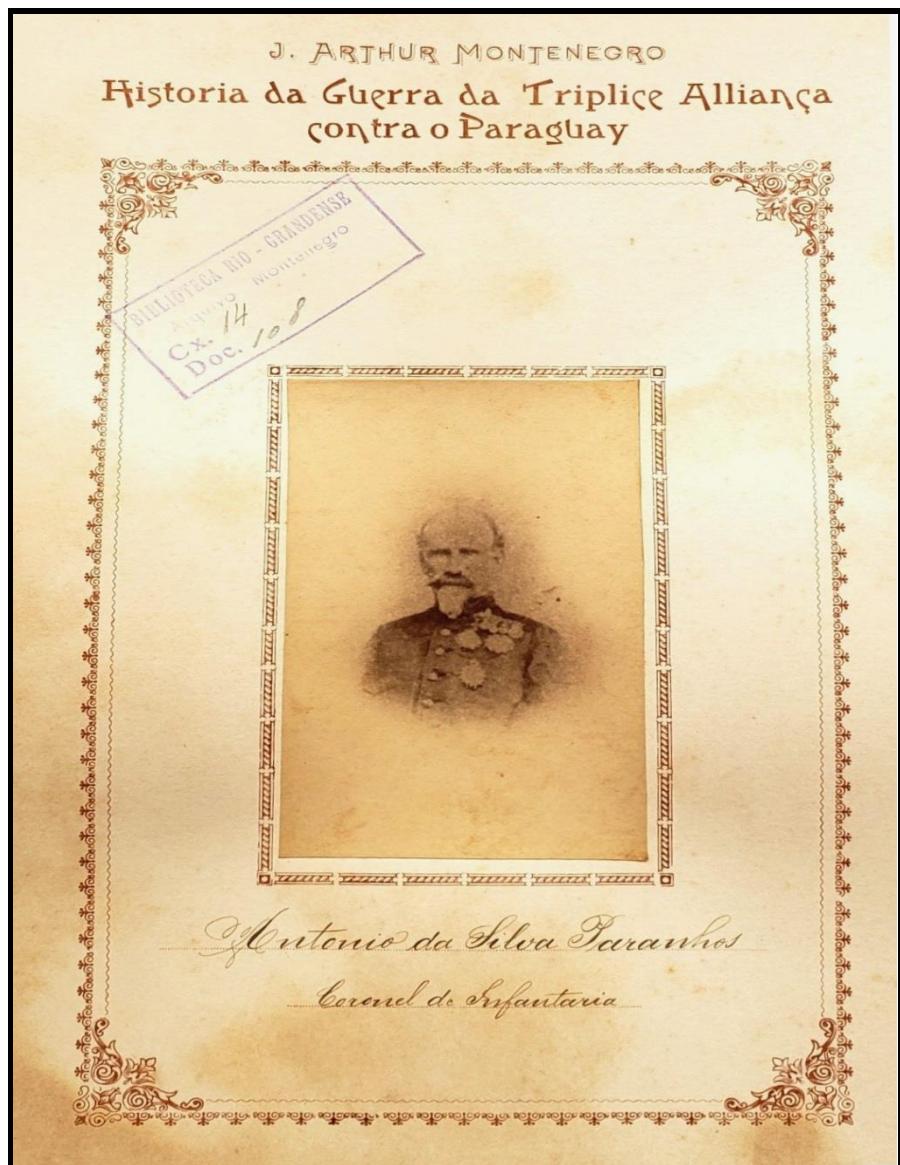


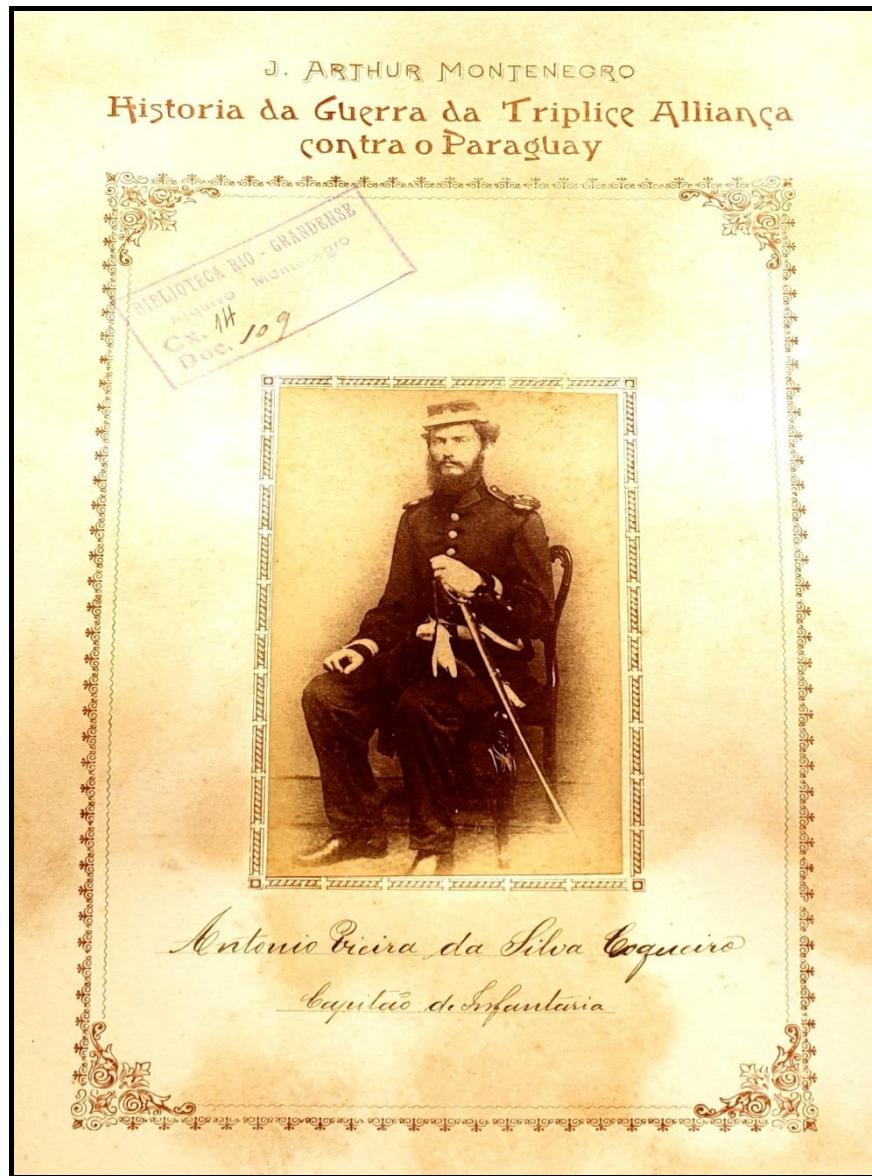


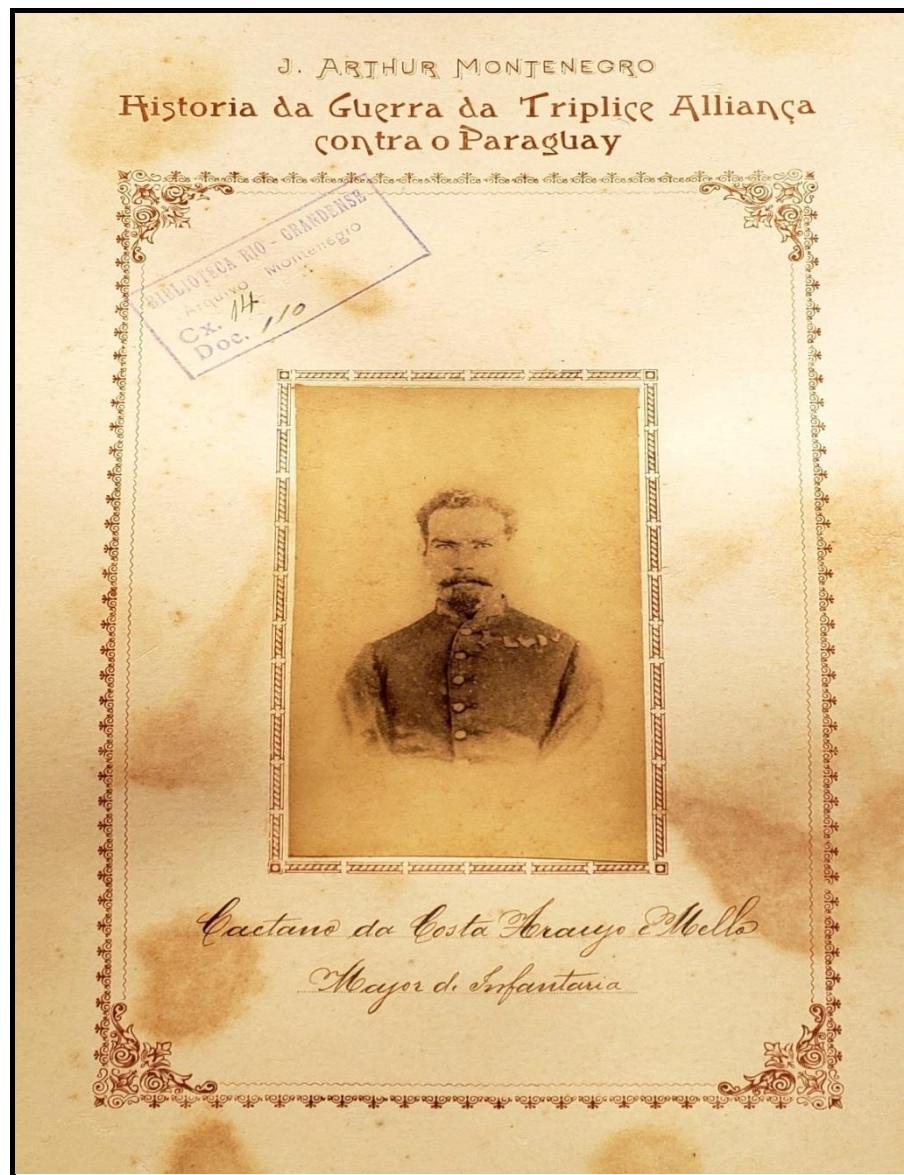


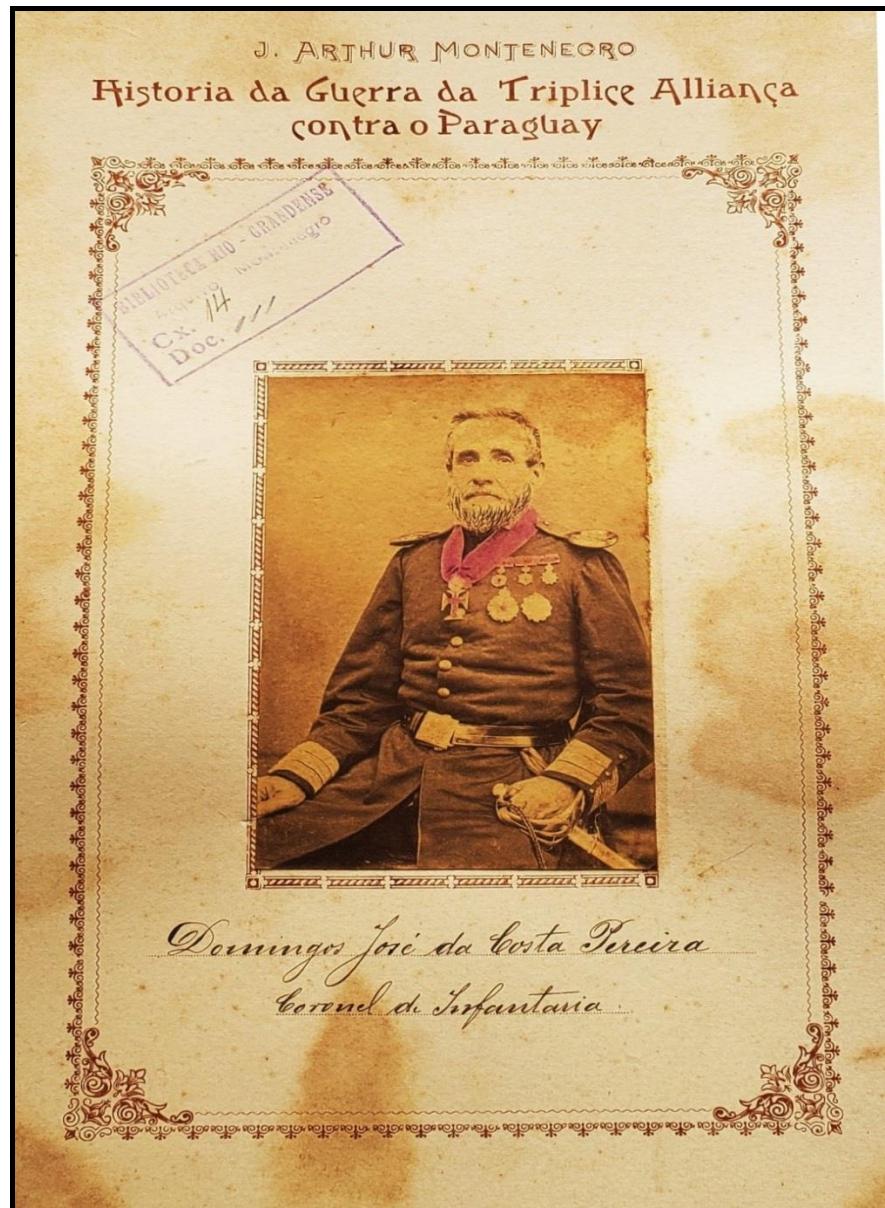


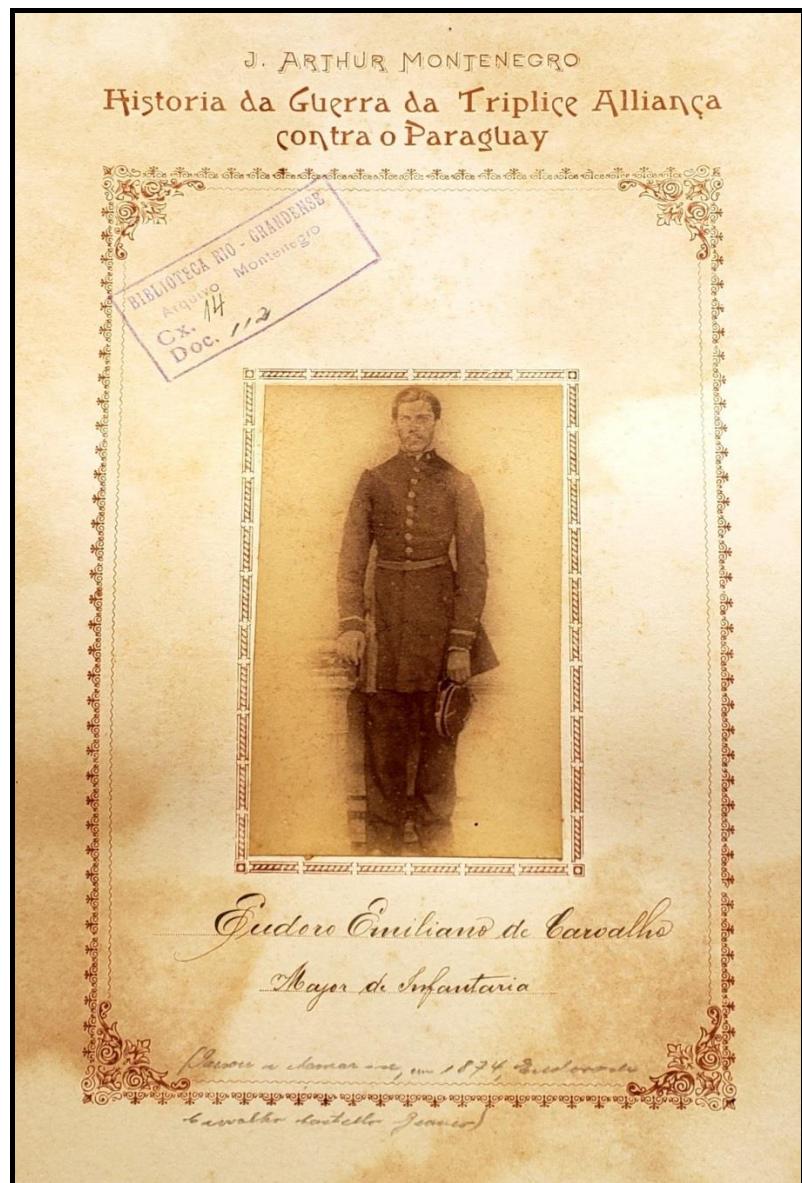


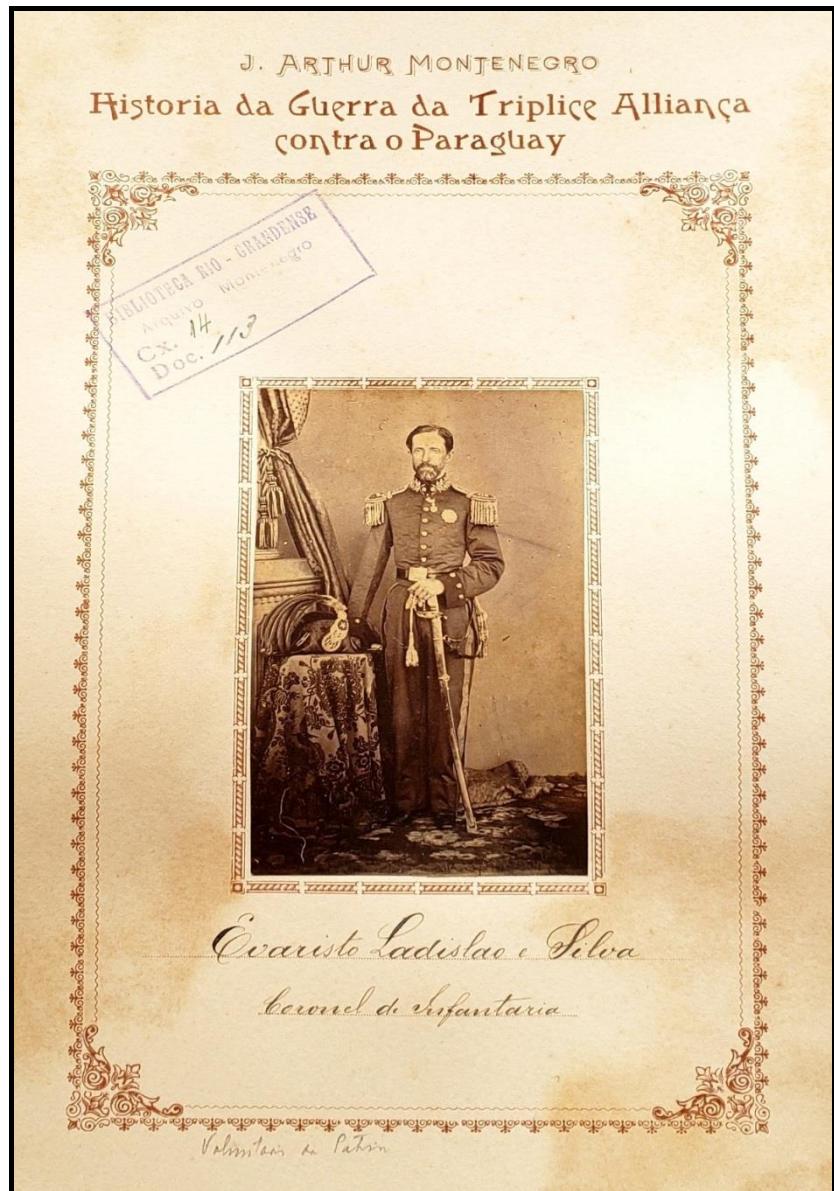


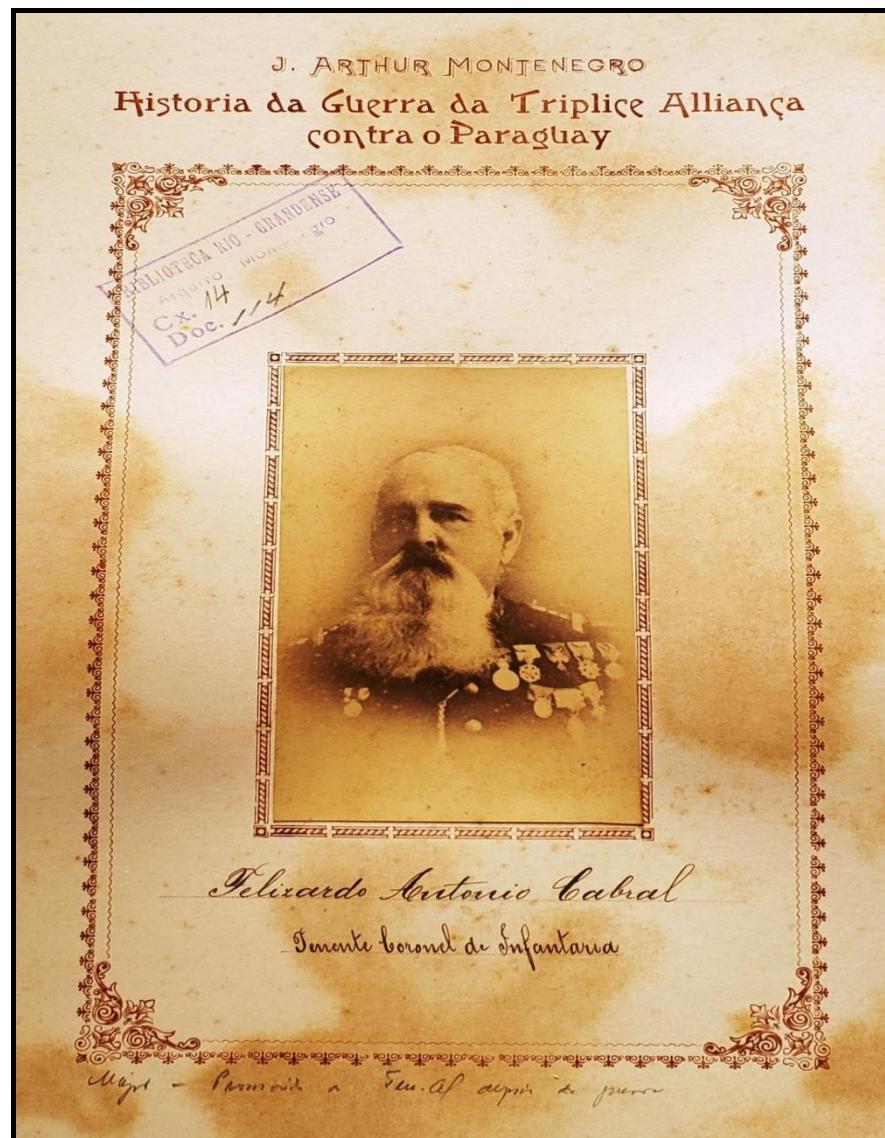


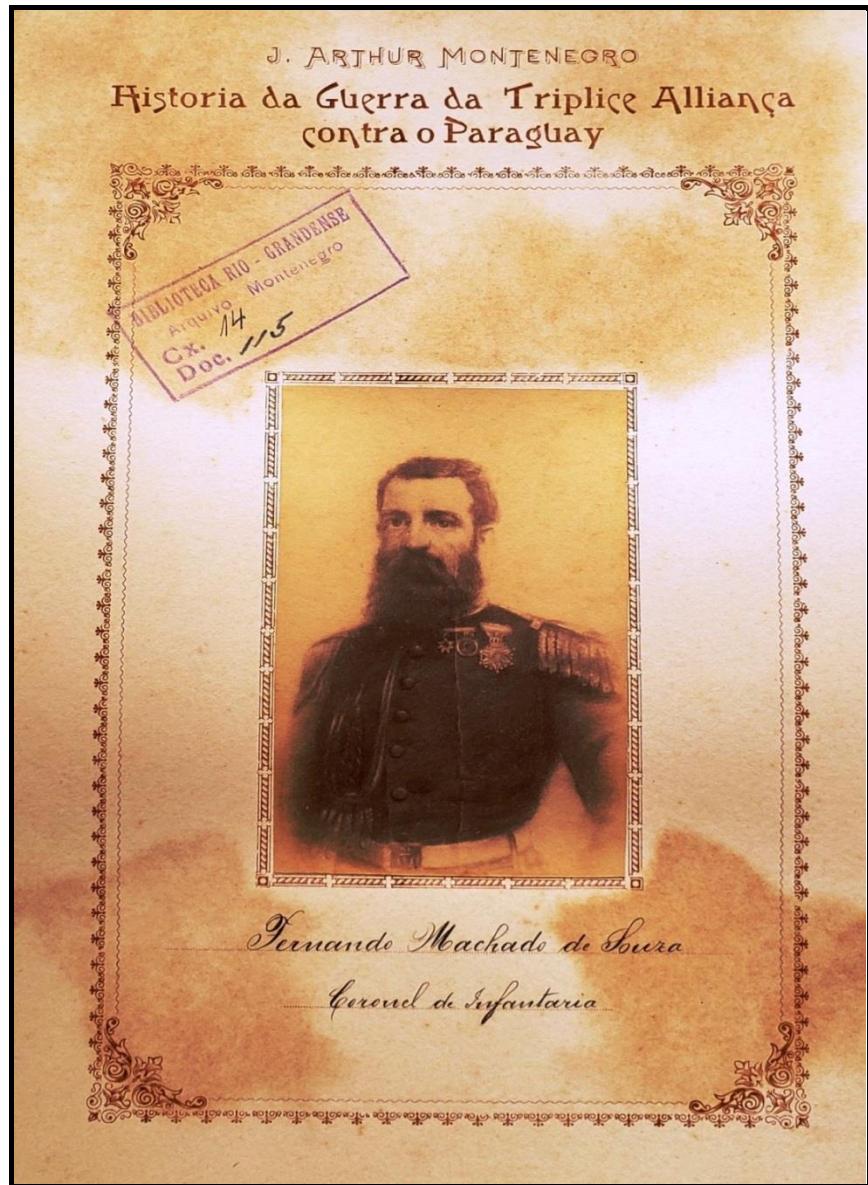


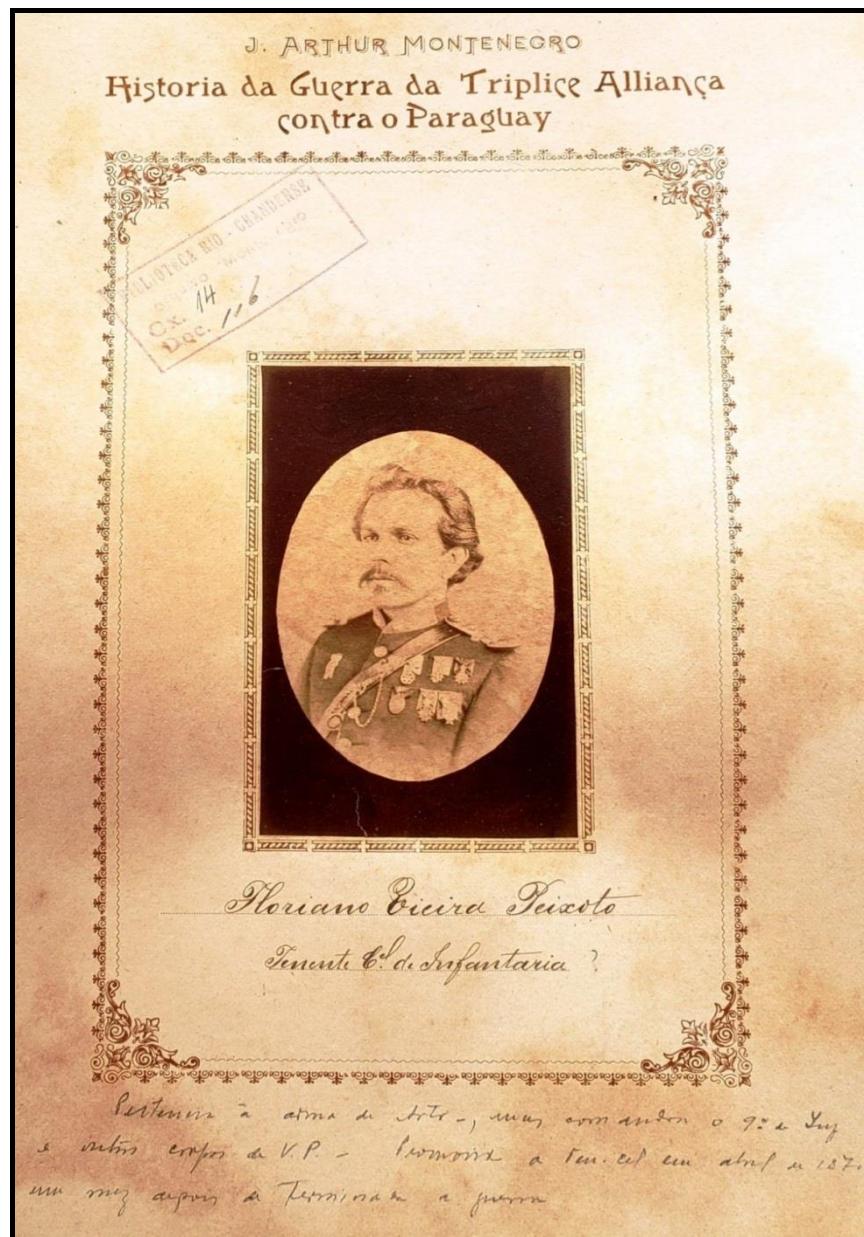




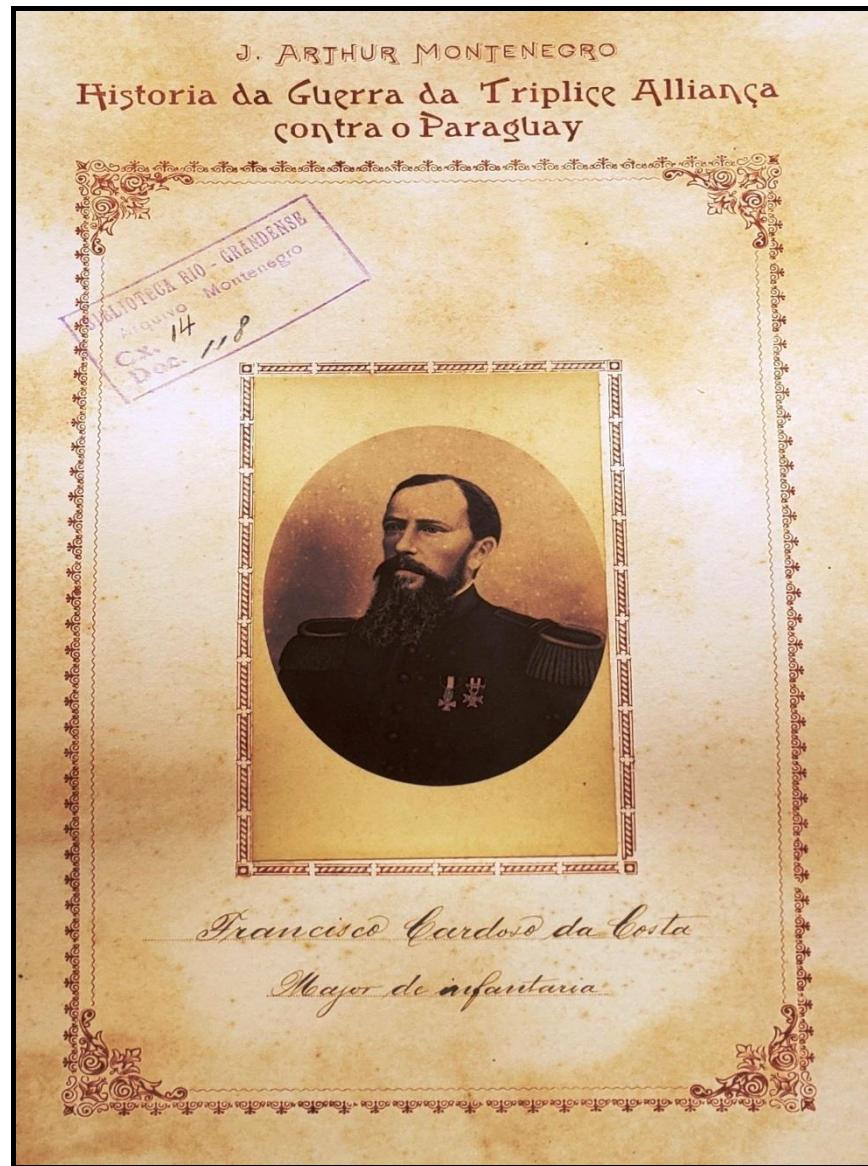


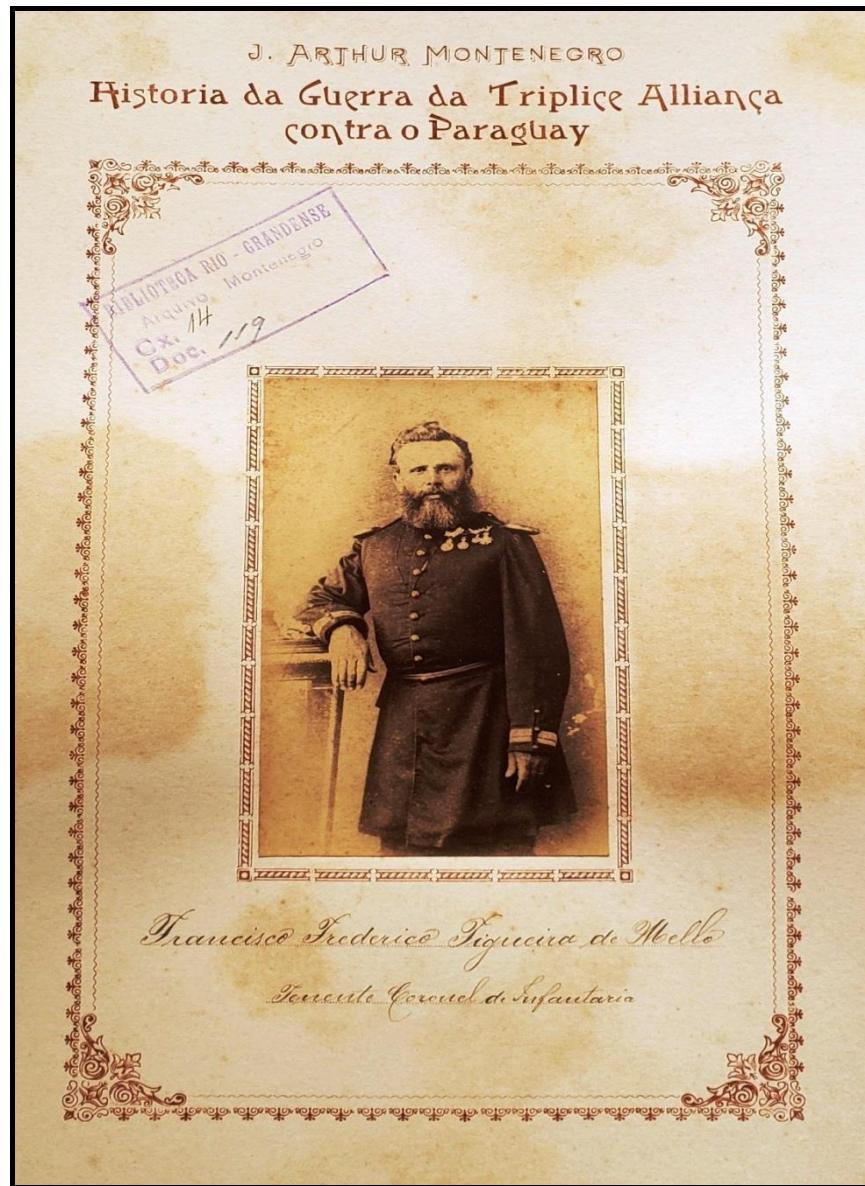


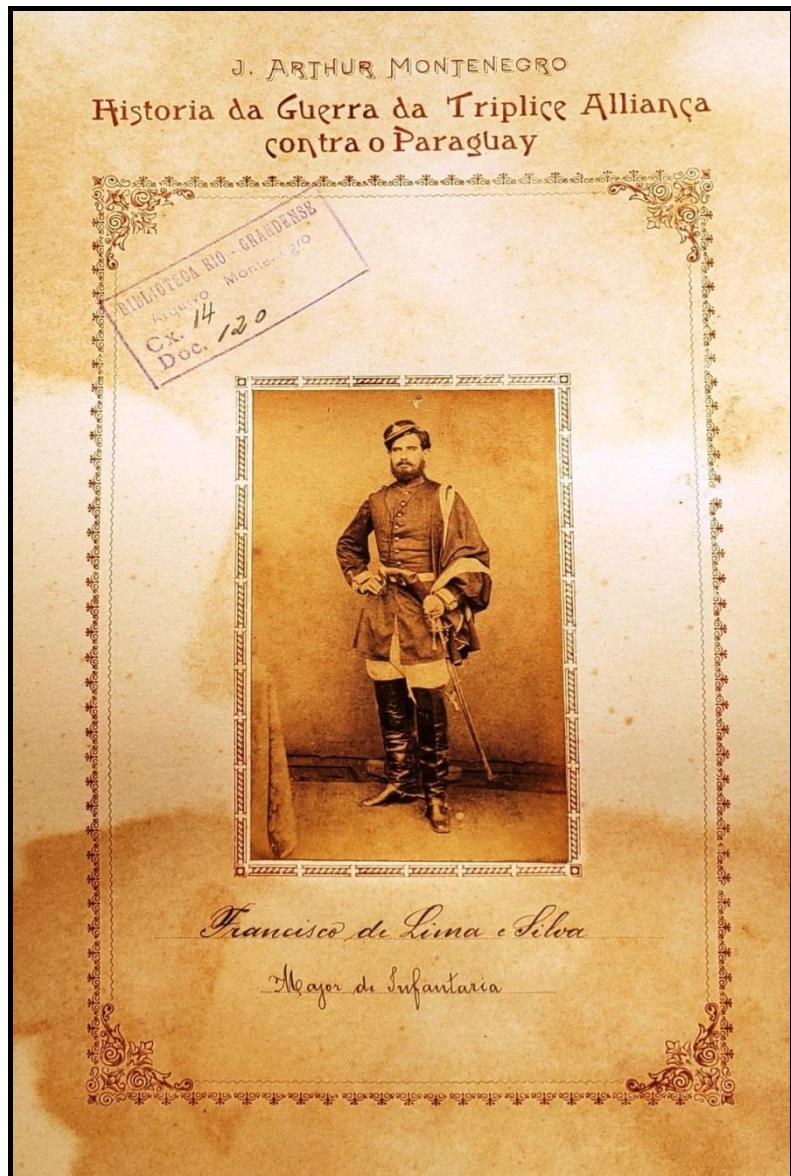


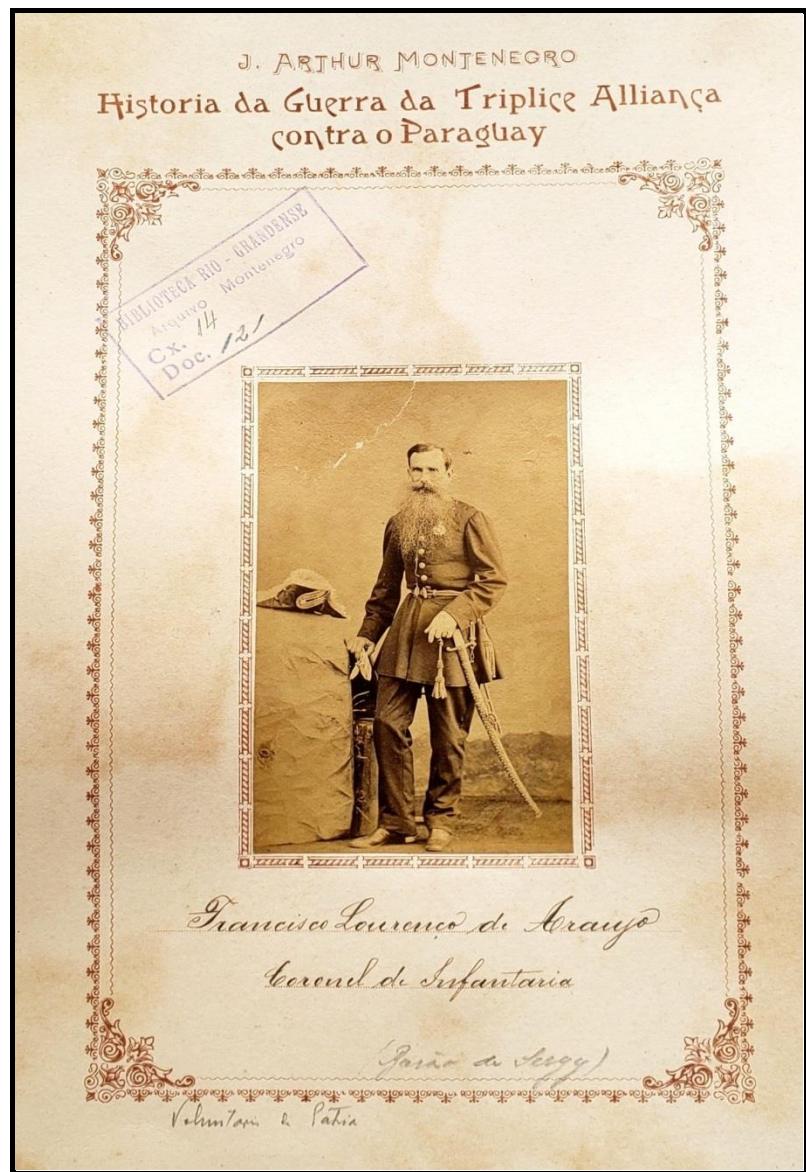


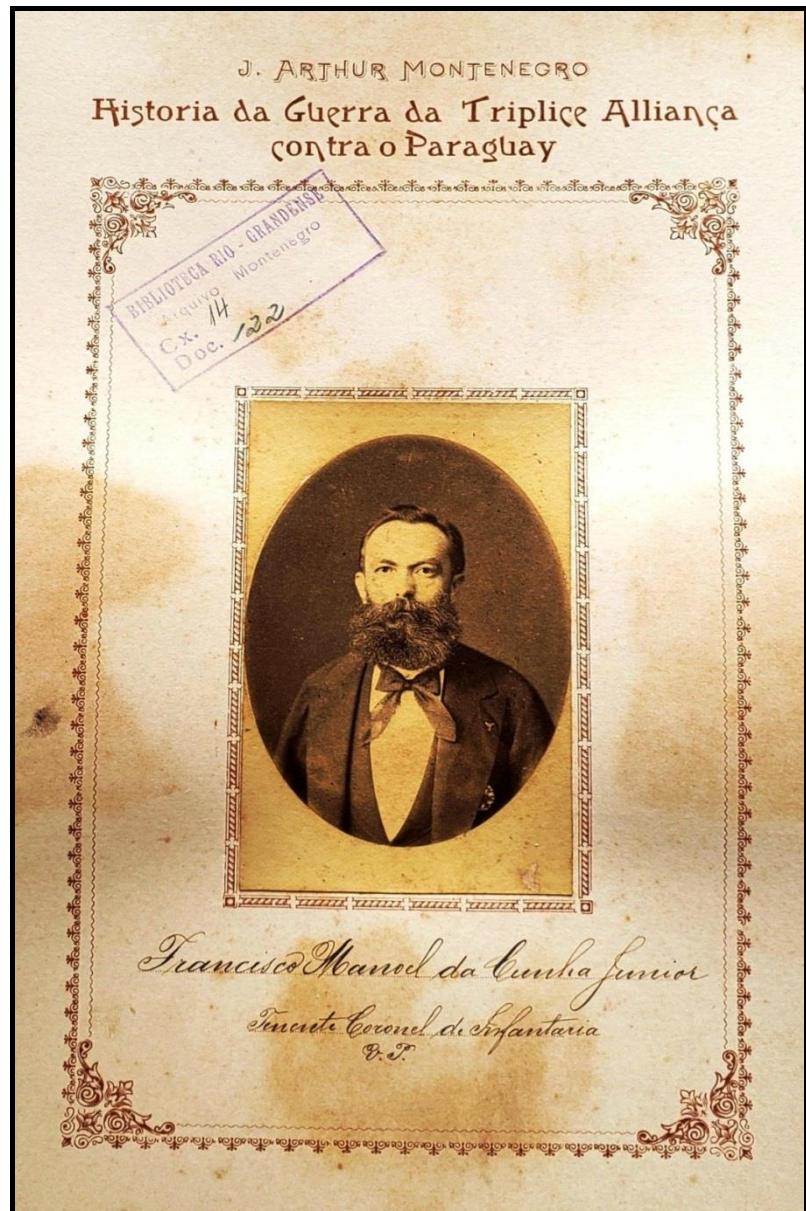


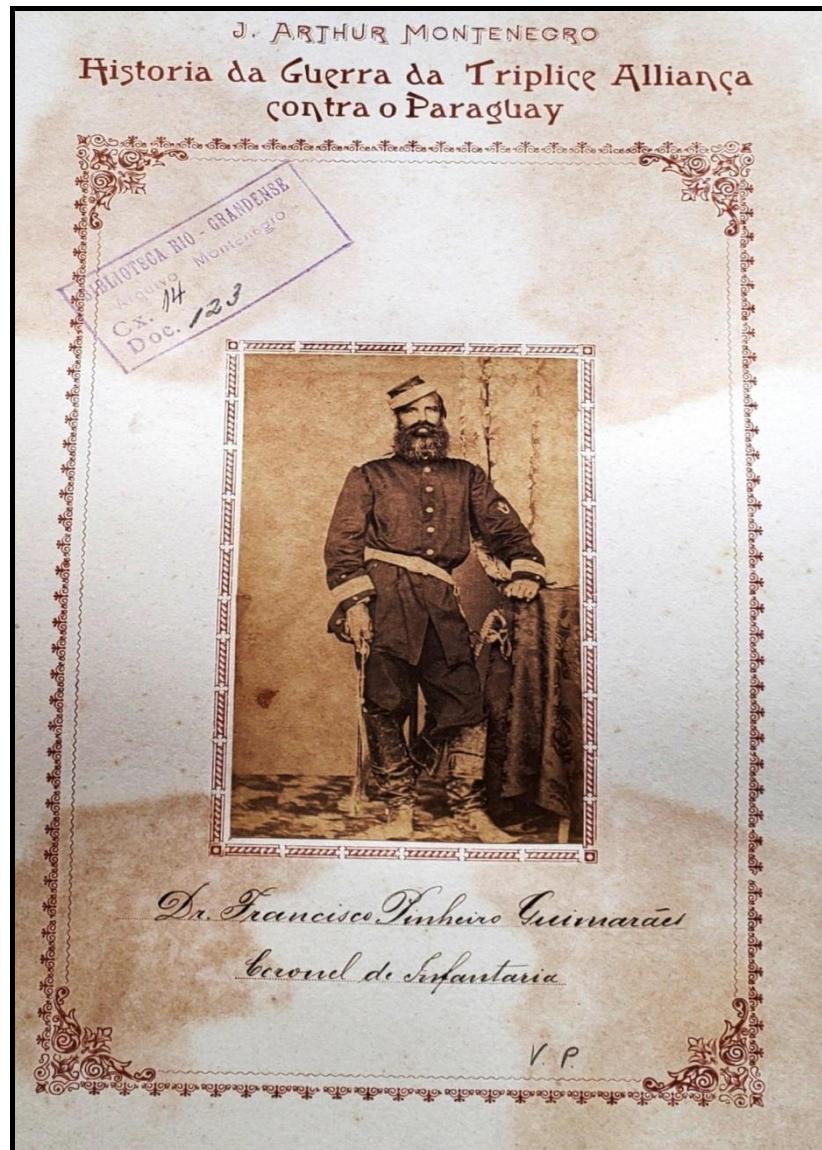




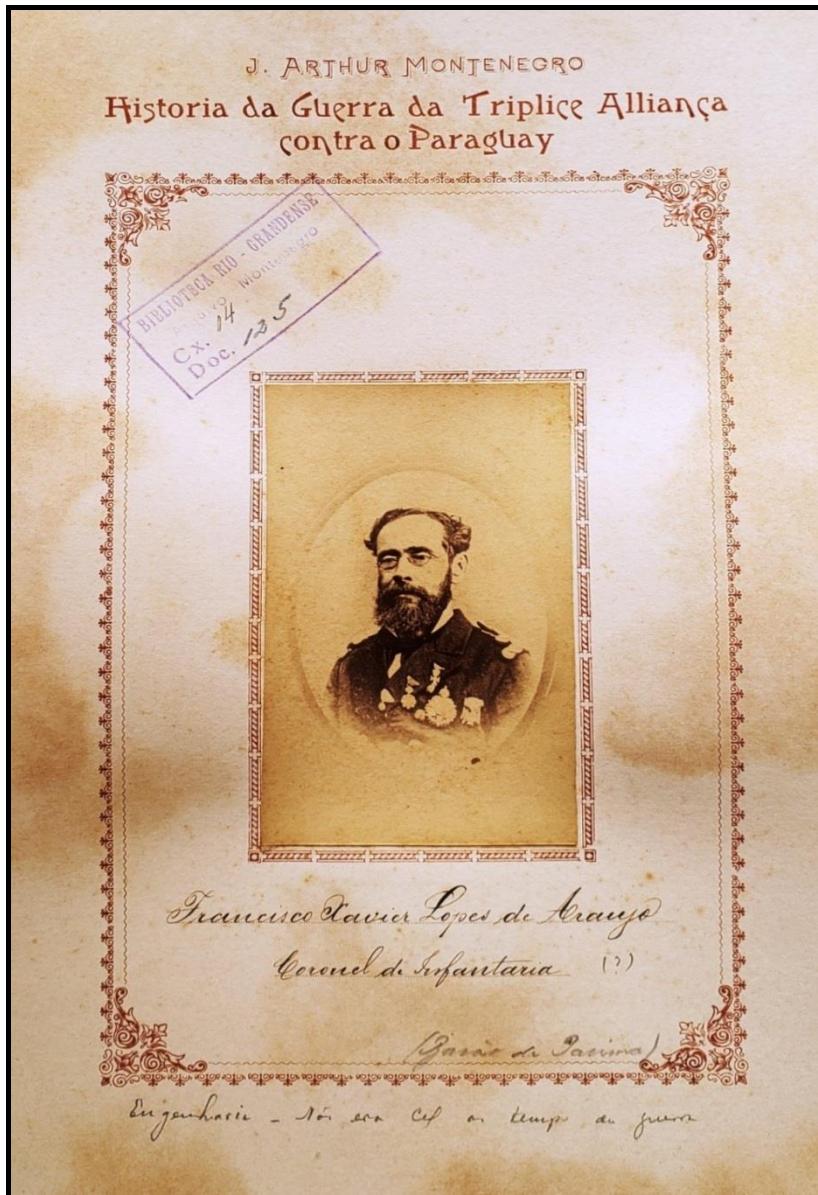


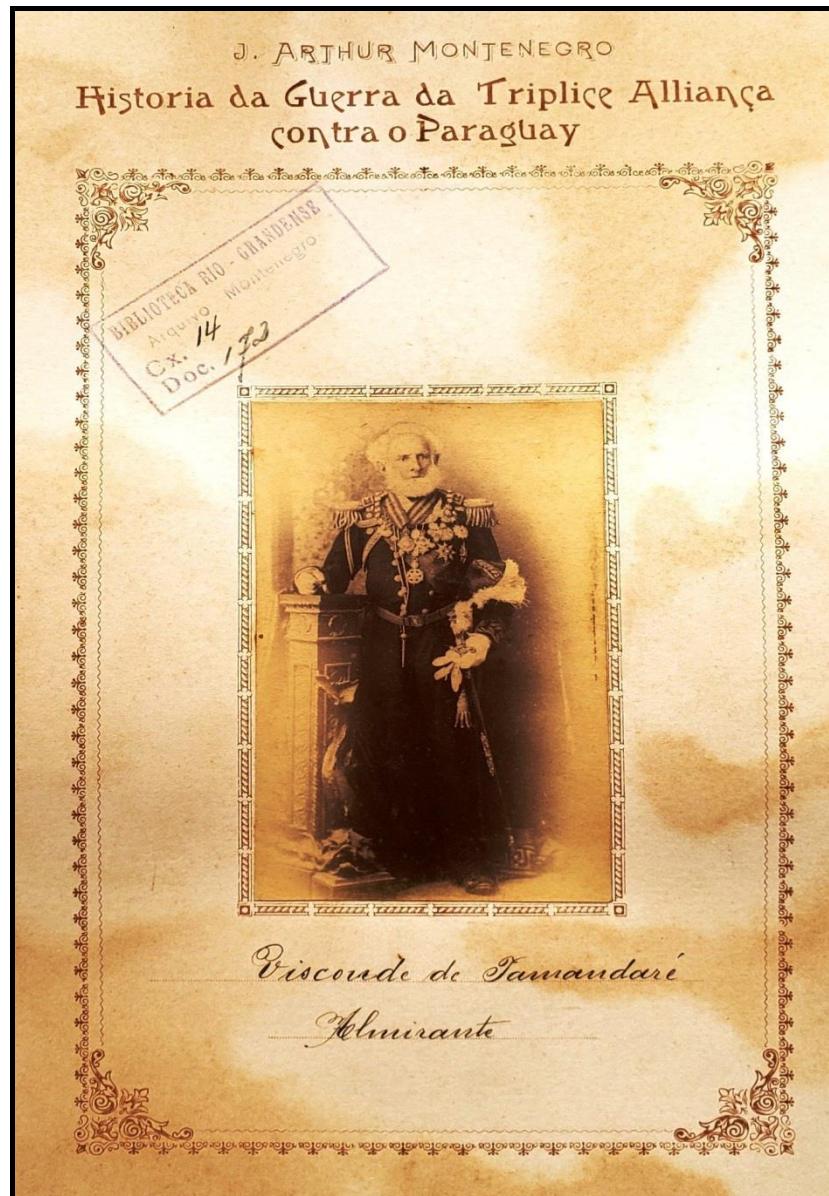


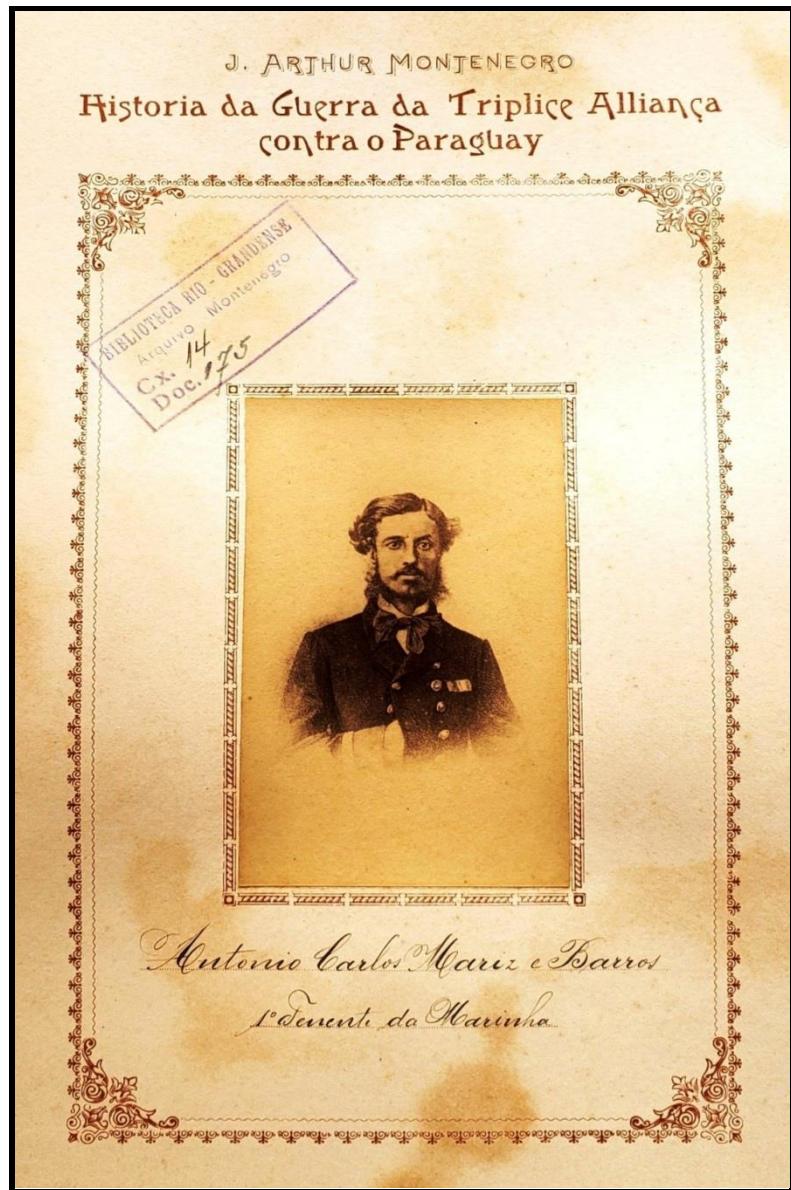


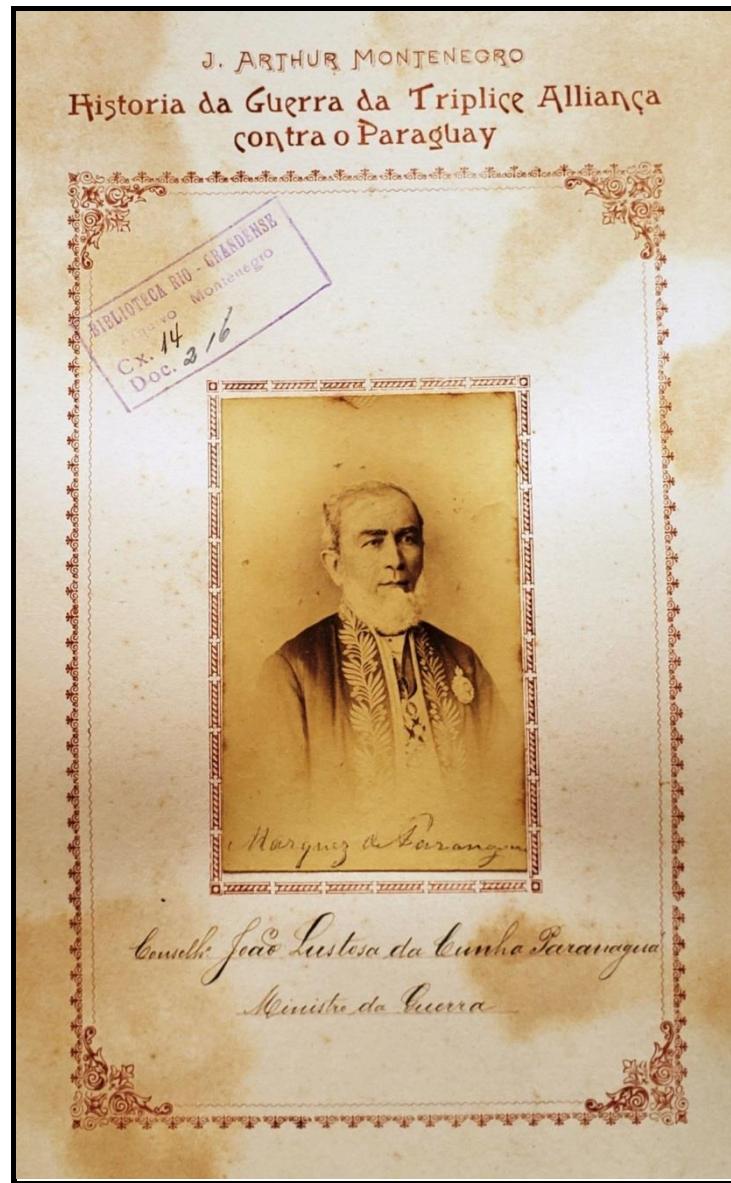


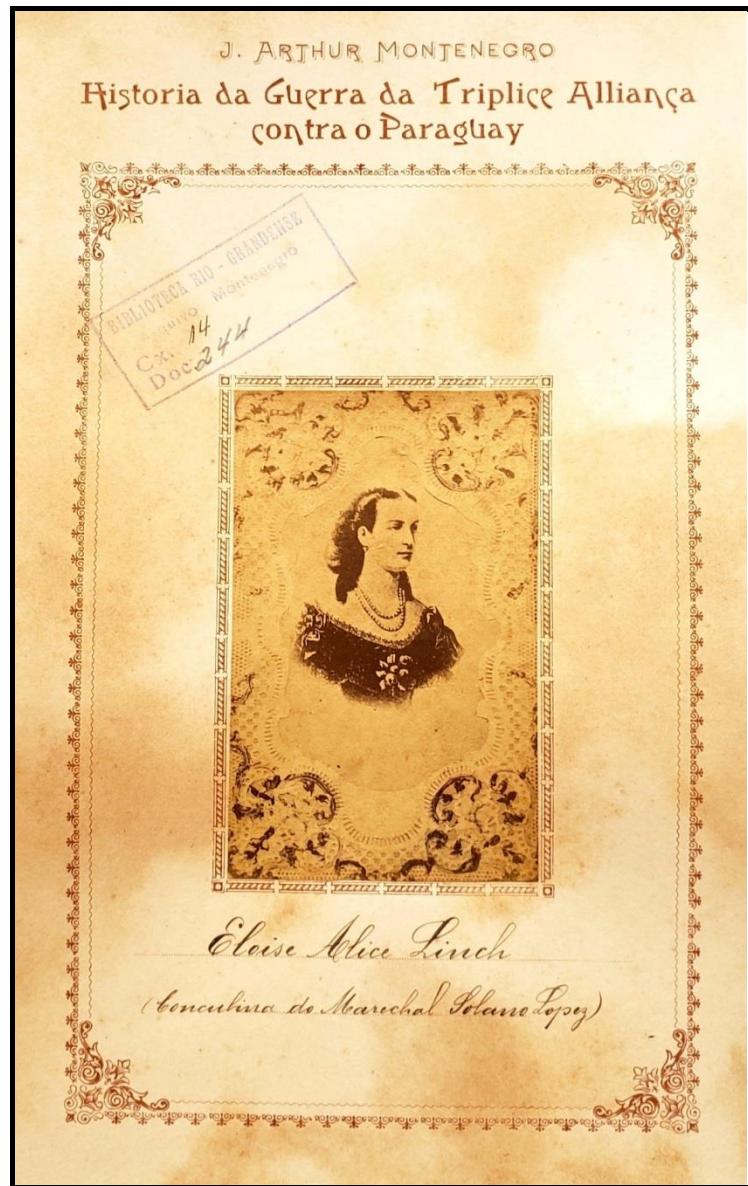


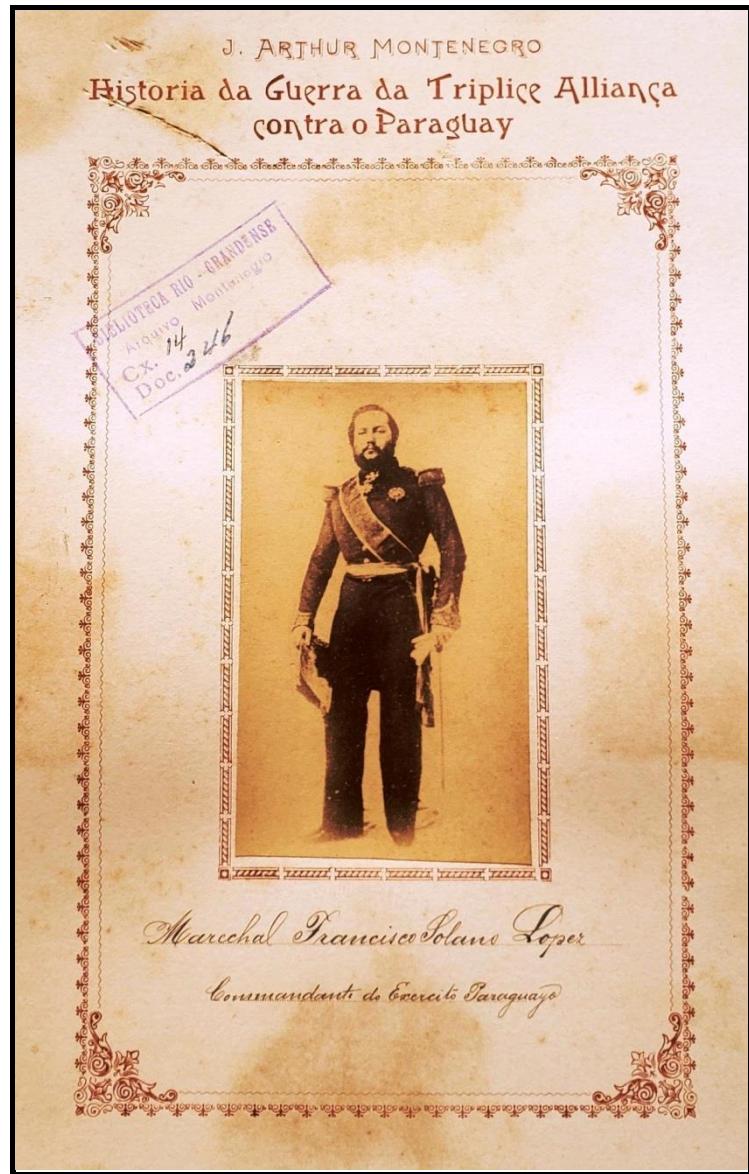


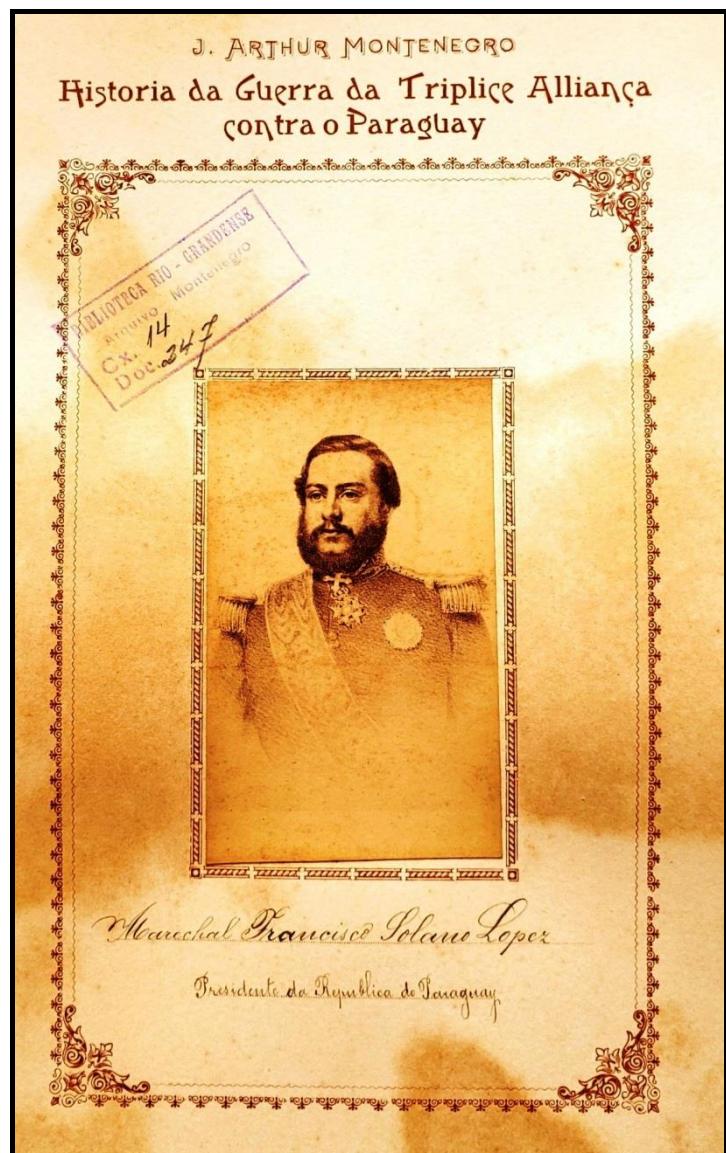














A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.




**Coleção
Documentos**

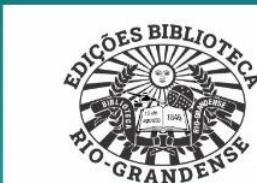
18


CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786587 216003

ISBN: 978-65-87216-00-3